SPIRAL

ALWAYS DO THE THING THAT SCARES YOU



MILA FERRERA



EQUIPE

Disponibilização: **Sidriel Wings**

Tradução: **Herrera Wings e Sidriel Wings**

Revisão Inicial: **Herrera Wings**

Revisão Final: **Thania Christina**

Leitura Final: **Sidriel Wings**

Formatação: **Sidriel Wings**

FEVEREIRO 2020

Comentários da Equipe

Herrera Wings

Este livro remete principalmente ao que chamamos de resiliência. Nessa Cavanaugh demonstra bastante isso, ao passar por diversas circunstâcias que a submetem a algo horrível, mas ela é forte o suficiente pra não baixar a cabeça, e sua resiliência demonstra isso a Aron, ao não desistir dele, e a mostrar que um dia de cada vez é o suficiente para que a vida faça sentido.

Definitivamente é um livro marcante.

Thania Christina

Esse livro traz consigo uma reflexão muito interessante depois que você chega ao final dele. Pode se perceber que, às vezes, estamos tão preocupados em buscar ajuda para os nossos próprios problemas e não percebemos que acabamos por resolver os problemas dos outros. E também por experiência acabamos por ver que o problema em si não é tão grande quanto o problema que os outros estão passando. A menina dessa história se encontra em meio a tantas dúvidas profissionais, e a própria escolha de vida. Ela de início não percebe que é uma excelente psicóloga e que pode ajudar mais a quem ela ama, do que a ela mesma. Porque esse é um amorque vai enxergar defeitos, mas também qualidades e que, no final, salva tanto a ela quanto a ele.

É uma história muito bonita porque nos traz uma lição de vida e nos faz pensar o que é esse amor. O quanto estamos dispostos a fazer e lutar por amor.

Sidriel Wings

Esta história mostra o quanto o amor é importante na vida de todos nós. Aron é amado. Profundamente. E esse amor é uma força vital, a energia que ele necessita sem o saber. Vemos por esta história o quanto o amor é necessário para ajudar a enfrentar qualquer problema. E se esse amor for forte, ele vence tudo.

Esta história é linda, fez bater o meu coração, fez chorar e no fim ficou comigo que ter esperança é indispensável para seguirmos a vida.

SINOPSE

Nessa Cavanaugh, estudante de psicologia, sabe como ficar em pé de igualdade. Apesar da insistência de sua mãe e seu orientador acadêmico para ter uma vida e se divertir, "todo o trabalho e nenhuma diversão" resume seu plano para sobreviver ao árduo ano de estágio em um hospital infantil. Ela não quer acabar como seu pai, cujos constantes altos e baixos quebraram sua família, e evitar envolvimentos emocionais desnecessários é uma obrigação.

Então, ela (literalmente) encontra o Dr. Aron Lindstrom no meio de seu primeiro dia desastroso no trabalho. A atração é instantânea - e aterrorizante. Nessa sabe que deve ficar longe - especialmente quando descobre que ele tem uma reputação de ser jogador -, mas Aron é brilhante, intenso e tão sexy quanto qualquer jogador. Quando ele a desafia a se arriscar, seus planos de se concentrar no trabalho começam a desmoronar.

Mas o que começa como uma paixão atinge um limite perigoso, tornando-se uma montanha-russa emocional, assustadoramente familiar. Enquanto as coisas ficam fora de controle, Nessa deve decidir se deve esperar ou correr... mesmo que isso signifique deixar seu coração para trás.

Capítulo Um

Sempre faça o que te assusta. Essa é a maneira de sair da prisão que você mesma criou. Meu pai costumava dizer isso o tempo todo. Ele morreu quando eu tinha quinze anos e me deixou com muitas lembranças ruins e uma nuvem genética escura pairando sobre minha cabeça, mas o mantra dele é o que escolhi guardar para mim. Isso me dá um pouco de coragem quando eu mais preciso.

Como agora mesmo.

As portas automáticas da unidade de Oncologia Pediátrica balançam largamente, e eu me forço a não hesitar no limiar. Coloco para trás um fio de cabelo solto que cai na minha bochecha novamente um segundo depois. Balanço um pouco nos saltos que comprei no fim de semana, na esperança de parecer profissional… e um pouco mais alta. Aliso minha saia e me certifico de que o crachá que está pendurado no cordão ao redor do meu pescoço esteja voltado para fora. É minha primeira semana de estágio, o último ano de treinamento que preciso para obter meu doutorado em psicologia clínica, e meu primeiro dia nessa rotação. Meu crachá é a única maneira que eu posso provar que deveria estar aqui.

Não que a função de *Estagiária de Psicologia* seja tão reconfortante ou impressionante para qualquer um. Mas quando os pais dos pacientes ficam chateados demais para raciocinar, as enfermeiras ligam para Psicologia, e é sexta-feira às 17h26, então aqui estou.

Eu posso ouvir o pai descontente rosnando daqui. Sua voz é rouca, como se ele estivesse nisso por um tempo. E quando eu entro no átrio, onde peixes coloridos

nadam preguiçosamente ao redor do aquário circular em seu centro, eu o vejo através da ondulante alga marinha de plástico. Ele é um cara grande em uma camiseta manchada, ostentando um tipo de chapéu. Seu rosto está vermelho e seus olhos também estão vermelhos.

Na mesa principal, uma enfermeira gorda e de meia-idade, vestida de lavanda, olha para mim e ergue as sobrancelhas. Caminho até ela.

— Sou Nessa Cavenaugh. — eu digo. — Você ligou para uma consulta psicológica?

Ela cruza os braços sobre os peitos— É como eu disse a você no telefone, nós temos um pai e uma criança que precisam de alguma ajuda. — Ela acena para o pai e me dá um tipo de gesto que significava *comece a se mexer*.

Minhas bochechas ficam quentes enquanto me dirijo para o cara grande e irritado. Dou a volta no final do enorme aquário enquanto ele segura o garoto que está a seus pés, um menino de cerca de quatro ou cinco anos. — Você *vai* pedir desculpas ao seu irmão, Shawn! — Ele grita para o garoto.

— Não! — Grita Shawn. Seu rosto tem um tom rosado como o do seu pai. — Não vou!

— Ele está doente, e você tem que ser legal!

— Eu não me importo!

O pai abre a boca para responder, mas depois me vê parada ali. — O quê? — Ele diz áspero, como se fosse um desafio. Parece um touro pronto para atacar.

— Meu nome é Nessa. Posso ser útil a vocês? — Eu queria que minha voz não estivesse trémula.

O pai me olha, e seus olhos se estreitam quando ele lê meu crachá. — Psicologia? Eles chamaram o psicólogo? E nem mesmo um real. Alguma garota do ensino médio! — Ele revira os olhos. — Muito obrigado, Lynette! — Ele grita para a enfermeira.

Minhas bochechas foram do calor para o fogo total. Eu sei que pareço alguém jovem, mas não *assim* tão jovem. Eu me coloco um pouco mais reta, não que isso ajude muito, já que tenho um e sessenta em meus saltos brilhantes de cinco centímetros. — Talvez ela tenha pensado que você quisesse conversar? Ela sabia que você estava tendo dificuldades.

Ele responde de volta. — Dificuldades? — Ele sussurra, seu rosto se contorcendo. — *É assim* que você chama isso? Um garoto tem câncer, o outro completamente fora de controle, e a mãe deles... — Ele aperta os dentes.

— Não, me desculpe, eu só estava... — *Tornando as coisas piores*.

Ele acena o braço, me enxotando. — Deixe-me em paz. Se você acha que isso é apenas um momento difícil... — Ele está balançando a cabeça enquanto agarra o garotinho pelo braço e o arrasta, empurrando-o, para o quarto 411. A etiqueta ao lado da porta diz FINN BEEMAN, em letras maiúsculas com um marcador azul, como se talvez o garoto tivesse escrito ele mesmo.

Olho por cima do meu ombro, e a enfermeira aponta para a porta, sua boca apertada enquanto os soluços de Shawn ecoam pelo corredor. Respiro fundo, com pavor no estômago. Eu me sinto confusa, já me atrapalhei com esse pai, e tentar

falar com ele de novo tão cedo é arriscado na melhor das hipóteses. Mas a enfermeira vai dizer ao meu supervisor e pior, a todas as outras enfermeiras e médicos sobre esta unidade se eu não tentar, *pelo menos*, consertar isso que aconteceu.

Então eu faço a coisa que mais me assusta e vou para o quarto de Finn.

Deitado na cama está um rapaz que não parece muito mais velho que Shawn. Finn tem uma bandana vermelha amarrada em sua careca, e sua pele amarelada é iluminada pela tela que ele está segurando a alguns centímetros de seu rosto. Seu irmão está encolhido no canto, chorando, e seu pai está na poltrona reclinável de plástico, com a cabeça entre as mãos. E acho que entendi: Shawn queria jogar, Finn não queria desistir do Gameboy, e papai se sente muito culpado para dizer "não" ao filho doente. Quando abro a boca para falar, a cabeça do Sr. Beeman se ergue. — Eu lhe disse que não queria falar com você.

— Eu entendo, mas esperava que pudéssemos…

— Saia! — Ele grita, levantando-se de repente.

Eu dou um passo cambaleante para trás, e o salto do meu calçado pousa diretamente no... pé de alguém. — Ow— diz uma voz masculina profunda.

Eu giro ao redor. E vejo um jaleco sobre uma camisa listrada. Salpicado de café. — Oh meu Deus. — murmuro, estendendo a mão como uma idiota para limpar gotículas marrons do centro do peito da minha vítima, vagamente registrando músculos firmes sob o tecido.

…E o fato de que estou entornando café quente sobre eles e (mais uma vez!) tornando as coisas piores. — Então, me desculpe. Eu levanto o meu olhar para o rosto dele.

Uau.

Eu pisei no cara mais lindo que já vi de perto. E fiz ele derramar seu café. E em sua camisa limpa e bem passada. Ele está a poucos centímetros de um metro e oitenta de altura, magro e de ombros largos, com cabelos loiros escuros e olhos verdejantes. Uma pequena cicatriz em forma de meia-lua logo acima de sua mandíbula angular de alguma forma só o deixa mais atraente.

Ele está olhando para mim como se estivesse esperando uma explicação.

— Uh. — eu digo, buscando freneticamente por palavras e não as encontrando. *Porque: a boca dele*. Eu não consigo parar de encarar isso. — Me desculpe. Você é muito... silencioso.

Sua sobrancelha arqueia, então ele olha por cima da minha cabeça para o Sr. Beeman, me dando a chance de ler o crachá: *Aron Lindstrom, MD.*

Oh droga.

— Ei, Greg— diz o Dr. Lindstrom. — Peguei para você um café quando estava no refeitório. Pensei que pudesse querer. — Ele estende a xícara, agora com apenas três quartos, graças à minha falta de jeito, e os passos de Sr. Beeman cintilam quando ele vem buscá-lo.

— Também tenho algo para Shawn. — diz o Dr. Lindstrom com mais calma. — Se você quiser dar a ele. — Ele segura uma pequena bolsa Dunkin Donuts. De dentro da sala, os soluços de Shawn se calam.

Eu passo para o lado enquanto Greg Beeman aceita os biscoitos do Dr. *Gracioso*.

— Obrigado, doutor. — diz Beeman. — Diga a sua enfermeira para cancelar os psiquiatras, ok? — Ele balança o polegar para mim. — Eu não sou louco.

O médico não se incomoda em olhar na minha direção enquanto toca no ombro do Sr. Beeman. — Claro que não. Tudo bem agora? — Shawn se aproxima do pai cautelosamente, com um sorriso frágil e esperançoso no rosto, e Sr. Beeman ri e entrega a bolsa para ele, como se estivesse aliviado por poder oferecer algo a esse garoto e que Shawn não está mais gritando. O Dr. Lindstrom sorri para ele. — Parece que sim.

Eles começam a falar sobre Finn e sua nutrição intravenosa, e eu recuo lentamente. A enfermeira que ligou para a consulta está fixada na tela do computador, e tudo que eu quero fazer é gritar:— Por que você me ligou aqui se tudo o que ele precisava era café e alguns biscoitos?

Fecho a boca e caminho rapidamente para o corredor dos fundos, em direção ao local onde deveria inserir coisas no prontuário eletrônico. Eu tenho que documentar que estava aqui mesmo que não tenha feito nada além de demonstrar minha incompetência para todos. Desejando a Deus que tivesse escolhido sapatos diferentes esta manhã, subo desajeitadamente no banco alto em frente ao computador no balcão. Meus pés balançam a vários centímetros do chão, e eu

balanço minhas pernas enquanto digito a senha e encontro o gráfico de Finn. Clico na guia *Psicologia / Psiquiatria*. E então olho para a tela por quem sabe por quanto tempo, meus olhos ardendo. O que devo escrever?

Estagiária acidentalmente enfureceu o pai durante situação emocional que foi resolvida pelo médico quente com donuts.

— Posso continuar quando terminar?

Eu quase caio do banquinho. O Dr. Lindstrom está encostado na parede da cabine com uma espécie de graça preguiçosa.

— Claro. — eu digo, em seguida, limpando minha garganta.

— Você é nova. — ele comenta, lendo meu crachá. — Ah. Uma das estagiárias. Eu sabia que havia outra mudança começando.

— Sim. — Estou olhando para o peito manchado de café , o que está fazendo o meu interior se sentir palpitante. Então encontro seu olhar, que embaralha meus pensamentos, exatamente quando preciso de cada ponto de QI que possuo. — A enfermeira me ligou. Ela pensou que o Sr. Beeman precisava de alguma ajuda. Mas eu... então ele.. .

Eu olho para a tela em branco. *A estagiária inadvertidamente banalizou o sofrimento do Sr. Beeman, depois pisou nos dedos do pé do Dr. Lindstrom e arruinou sua camisa. Esfrego minhas mãos sobre a minha saia e desejo ser invisível.*

— Você está chateada porque ele gritou com você, — diz Lindstrom friamente. — Você precisa superar isso. Essas pessoas estão passando muito. Às vezes é demais. Você não pode levar isso para o lado pessoal, especialmente...

— Não é isso *de modo algum*. — A frustração queima através de mim conforme levanto a cabeça. — Estou chateada porque não pude ajudá- lo. Ou aquele garotinho. E é isso que eu deveria fazer. Mas tudo que fiz foi dificultar as coisas para eles.

Todas as minhas dúvidas me atingem de uma vez: *não pertenço aqui*. Este é um dos estágios mais prestigiados do país, e uma das mais difíceis etapas do referido estágio, cheio de médicos conhecidos por serem duros, e eu já estou estragando tudo porque não consigo prestar atenção. Precisando escapar, eu pulo da cadeira e acontece que *não prestar atenção* é o menor dos meus problemas. Meu salto fica preso em um degrau do banco e eu caio com um grito.

Meu rosto bate no peito perfumado de café de Aron, e seus braços de aço me envolvem, impedindo-me de escorregar para o chão.

— Agora eu tenho café e batom na minha camisa. O que eu fiz para merecer esse tipo de tratamento? — Ele diz, mas obviamente está trabalhando duro para não rir. Ele me segura um pouco para longe dele e olha para o seu peito. E então para na minha boca.

E seu olhar permanece. Precisamente. Ali.

Meus dedos seguram sua cintura, que está sulcada de músculos. *Aron Lindstrom claramente faz exercício*, eu acho estupidamente. Ele se inclina, certificando-se de que meu pé direito esteja estável no chão antes de puxar meu calcanhar esquerdo das garras malignas do banco. Seus dedos roçam meu tornozelo nu e causam arrepios. — Aposto que foi uma longa caminhada do departamento de psicologia nesses sapatos— comenta.

— Pode crer.

Ele ri enquanto se endireita e, quando o faz, seu ombro roça meus seios, apenas um toque quase inexistente. Eu suspiro, quase perdendo o equilíbrio de novo enquanto meus nervos enviam *m*ais e mais mensagens zumbindo por todo o meu corpo. Cruzo meus braços sobre o peito porque: *mamilos*. Tenho certeza que ele poderia vê-los através da minha camisa se ele se incomodasse em olhar.

Seus dedos apertam meu bíceps, e eu olho para ele a tempo de ver algo se mexer em seus olhos. Ele se incomodou em procurar?

— Seu tornozelo está bem? — Ele pergunta. Não acho que esteja imaginando a tensão em sua voz.

— Sim. — Estou sem fôlego. Quero pressionar todo o meu corpo contra o dele, o que provavelmente não pareceria profissional.

— Meu nome é Aron. — diz ele, finalmente me deixando ir. — Eu sou um dos colegas. — O que explica por que ele parece apenas alguns anos mais velho do que eu. Ainda está terminando seu treinamento.

— Eu sou Nessa. E, er… você sabe o que eu sou.

Seus lábios se erguem. — Não tenho certeza.

Ele toma meu lugar no banquinho na frente do computador e digita algo na página *Psicologia / Psiquiatria*. Em seguida, ele clica na seção Medicina Geral e escreve outra coisa enquanto eu olho para a cicatriz no lado esquerdo da mandíbula levemente raspada. Estou imaginando como seria a pele dele sob as pontas dos meus dedos, áspera, deliciosamente quente, quando ele se levanta e gesticula

para o banco novamente, oferecendo-o para mim. Seu olhar desliza do meu crachá até o meu rosto, e eu sinto isso na minha pele enquanto se move, um rasto de calor que me faz tremer.

Por favor, me toque novamente. Esse é o meu único pensamento.

Ele lança um sorriso devastador, como se soubesse. — Prazer em conhecê-la, Nessa. Vou mandar minha conta de limpeza a seco.

Ele passa por mim antes que eu possa responder. Inalo o cheiro forte de sua colônia antes de voltar minha atenção para o registro médico. Minhas mãos tremem quando eu clico de volta para a seção de Psicologia e vejo:

A estagiária Cavenaugh auxiliou o Dr. Lindstrom na resolução do conflito familiar e iniciou uma avaliação dos estresses e necessidades dos pais.

— Eu não poderia ter dito nada melhor. — murmuro, fechando o relatório de Finn e virando na direção da voz de Aron. Ele está em um dos quartos no final do corredor, conversando com um paciente, a julgar pelo seu tom gentil. Eu sento por um minuto e ouço. Ele tem um sotaque muito fraco e difícil de identificar, mais outra coisa que o deixa mais quente do que realmente pode ser considerado justo. Cerro os punhos e digo a mim mesma para focar. Não posso passar minha noite de sexta-feira perseguindo o Dr. Aron Lindstrom através da ala de câncer infantil no Hospital Infantil da Filadélfia como uma fã louca. Eu tenho outras coisas para fazer, como...

…Uma avaliação dos estresses e necessidades dos pais.

Certo. Exatamente. Coloco meu cabelo atrás da minha orelha apenas para senti-lo deslizar na minha bochecha novamente quando começo a caminhar de volta para o quarto de Finn. Estou a algumas portas de distância quando o Sr. Beeman sai. Eu posso ouvir Shawn rindo daqui. — Parece que você conseguiu se acalmar— eu digo, me preparando para uma resposta hostil.

Em vez disso, Greg Beeman passa a mão pelo cabelo e parece envergonhado. — Ouça, me desculpe. Sobre mais cedo, você sabe.

— Não precisa se desculpar. Eu não estou aqui para aumentar seu estresse, e sinto muito se o fiz. Não era minha intenção. — Eu me inclino para frente. — E eu não acho que você seja louco. Acho que você é extremamente forte, por lidar com tudo isso.

Ele me dá um sorriso cansado. — Obrigado. Às vezes eu me pergunto... — Ele olha de volta para o quarto de Finn e suspira.

— Sr. Beeman, podemos começar de novo? — Eu ofereço minha mão. — Sou Nessa Cavenaugh. Sou estagiária em psicologia e estou aqui para ajudar os pais a lidar com todo esse estresse. Você não tem que falar comigo ou me dizer nada, mas quero que saiba que se pensar numa maneira em que eu possa ajudar, seja conversar com seus filhos ou resolver problemas ou qualquer outra coisa, eu estou disponível, e ficaria honrada.

Ele pisca para mim e depois aperta minha mão. A sua é áspera e calejada. Eu me pergunto de que trabalho ele teve que se afastar para que pudesse estar aqui. — Você pode me chamar de Greg— diz ele. — E obrigado. Vou pensar sobre isso.

— Fico feliz. Tome cuidado. — Eu me dirijo para a saída da unidade, grata por esta pequena vitória. Aron dá a volta na esquina e para falando com o Sr. Beeman, e eu fico perto das portas duplas, hipnotizada. Enquanto eles conversam em tons baixos, Aron sorri, e isso ilumina seu rosto perfeito e mostra seus dentes retos e brancos. Antes de desviar o olhar, ele olha para cima e me pega encarando-o.

Seu sorriso fica maior.

Eu me empurro para fora da unidade antes de esquecer por que vim aqui em primeiro lugar. Mas então praticamente pulo o corredor do hospital. Considerando a série de humilhações que acabei de experimentar, minha primeira viagem à unidade de oncologia foi um pouco incrível. Comecei a limpar a bagunça que fiz com o Sr. Beeman, e conheci um dos assustadores médicos da onco, que milagrosamente pareceu não me odiar.

Na verdade, ele pareceu *gostar de* mim, apesar do fato de eu ter destruído sua camisa. Ele foi gentil. Mas também é realmente assustador... em um jeito do tipo— *eu vou roubar seu coração, se você me deixar.* Eu não posso permitir que isso aconteça.

Mordo meu lábio enquanto o mantra do meu pai passa pela minha mente antes que possa suprimi-lo.

Sempre faça o que te assusta.

Capítulo Dois

A viagem para Cape May é de apenas uma hora e meia, mas parece mais longa. Minha mãe está tentando não me interrogar e falhando miseravelmente. Eu inclino minha cabeça contra a janela, tentando não pensar em Aron Lindstrom e falhando tão miseravelmente.

— Estou tão feliz em ter você de volta na costa leste! — Ela diz. — Você está? Feliz, quero dizer.

— O quê? — Eu trago minha atenção de volta para o agora. — Certo. Não é a Nova Inglaterra, mas... — Paro de falar quando linhas de expressão se formam em torno de sua boca. No dia em que saí para a faculdade, ela se mudou do subúrbio de Boston onde moramos toda a minha vida para Nova Jersey, onde meus avós moram. A casa em Massachusetts tinha muitas lembranças ruins, ou talvez muitas boas que ela não suportaria encarar sem meu pai. Provavelmente ambos. — Estou feliz que voltei para perto de vocês para o meu estágio.

— Nós também. E talvez você se acalme aqui! — Eu rio.

— É um pouco cedo demais para falar sobre isso!

Ela encolhe os ombros. — Vovó e vovô estão animados para ver você mais vezes. E eu sei que você ama a água. Lembra-se de quão perto sua casa é para o oceano?

Aceno com a cabeça e sinto uma pontada quando uma lembrança distante me atinge: meu pai me acordando antes das cinco da manhã para assistir o sol nascer

sobre as ondas, tão excitado quanto eu estava para testemunhar seu surgimento na água e depois ir tomar o café da manhã. Na calçada. — Sim. Aquela casa de donuts[1] ainda está lá?

— Acho que sim. Seu pai as amava.

Eu puxo meus joelhos para o peito enquanto ouço a tristeza em sua voz. — Eles eram bons. — murmuro. Ela virou a cabeça para longe de mim, então tudo que vejo agora é o cabelo escuro e ondulado dela. É muito parecido com o meu, exceto que é um pouco mais curto e raiado de cinza. — Você está bem?

— Conte-me sobre sua nova casa. — ela diz de repente. — Você tem uma bela vista da Rittenhouse Square. E aquelas grandes janelas...

Estou tão ansiosa para mudar de assunto quanto ela. — Sim, são ótimas. Isso faz com que o espaço pareça maior. — Um apartamento com formato de estúdio era tudo que eu podia pagar sem pedir mais empréstimos estudantis ou morar em uma parte modesta da cidade.

— Você fez algum amigo? — Sua voz é tão esperançosa. — Muitos jovens profissionais no hospital, aposto. E alguns médicos fofos, talvez?

— Eu só estou em Philly há uma semana, mãe! — Mas, claro, Aron sorri para mim assim que fecho meus olhos. — E lembre-se que este ano vai ser intenso - é sobre trabalho, não minha vida social.

— Você vem dizendo isso há quatro anos. — ela repreende. — Eu estava pensando que esse ano marcaria um novo começo.

[1] Roscas.

— É suposto ser um final, mais um ano e eu terei minha graduação. É por isso que estou aqui.

— Bem, ninguém disse que você não poderia ter tudo. — Ela dá um tapinha na minha coxa.

Eu não quero ter tudo isso. Ou talvez eu queira, mas não tenha certeza se posso. — É mais fácil me concentrar em uma coisa de cada vez, sabe? Mais simples assim.

Ela sacode a cabeça. — Você tem que cuidar de si mesma, e um bom sistema de apoio é tão essencial, especialmente com o estresse que você vive.

Aqui vamos nós. — Mãe, estou bem. Eu sempre fico. Você não precisa se preocupar tanto. — Mas ela se preocupa, e é tudo por causa de Peter Cavenaugh. Meu pai. Ela não fala muito sobre ele, mas ele está sempre lá. Particularmente quando ela olha para mim. Está preocupada que eu tenha herdado mais do que seus olhos azuis.

Ele não era como os outros pais. Às vezes não era tão bom assim, como quando ele ficava em seu quarto por duas semanas inteiras, recusando-se a comer ou falar, ou todas aquelas vezes em que estava fora, distante, desaparecido. Mas às vezes era incrível, como quando ele apareceu na minha escola e me levou para o parque de diversões durante o dia, ou quando eu cheguei em casa para descobrir que ele construiu uma casa na árvore palaciana em nosso quintal, sozinho em um único dia. Naquela época, quando o humor dele passava, ele passava horas brincando de ser o temível dragão da minha princesa guerreira. Ele me mantinha acordada até tarde, contando histórias fantásticas de todas as suas aventuras da vida real... o que

mais tarde percebi que não poderia ser verdade, mas na época fez dele um herói aos meus olhos.

Nós não sabíamos que havia um nome para esses altos e baixos. Ele era um sonhador, um pintor e escultor, e minha mãe atribuía seu humor ao seu temperamento artístico. Não foi até que fiz uma aula na faculdade chamada, Psicopatologia[2] que percebi o que estava acontecendo. Meu pai era como o garoto-propaganda do transtorno bipolar, embora às vezes eu me arrependa de compartilhar essa informação com minha mãe, porque uma vez que ela tinha um rótulo, fez uma pesquisa. Acontece que eu tenho cerca de uma chance em cinco de ter transtorno bipolar também, embora, eu a lembro frequentemente, isso também significa que eu tenho uma chance de quatro em cinco de sair bem neste pequeno jogo de roleta russa genética. Mas minha mãe continua se preocupando.

Ela me dá um sorriso. — É meu trabalho me preocupar com você, garota.

— E é o meu trabalho mostrar que não é necessário. — eu digo, cutucando ela. Mas, por mais que eu não admita, também estou preocupada. É por isso que tento manter o foco no trabalho. Pode ser intenso, mas é um tipo diferente de intensidade. Meu trabalho me permite concentrar em outras pessoas, então não me debruço sobre minhas próprias coisas. O que estamos começando a fazer agora, então mudo de assunto mais uma vez. Eu pergunto sobre o trabalho da mamãe, saúde da minha avó, a manutenção da casa de campo, qualquer coisa livre da

[2] Não sabemos qual o termo correto usado nos EUA, mas esta disciplina está relacionada com Transtornos Mentais, sendo essa uma possibilidade de tradução. Outra poderão ser: Psicologia Anómala, Psicologia Anómala e Psicopatologia (a que usamos).

pressão de expectativa e o peso do passado, e é assim que passamos o resto do caminho.

Quando meu celular toca no domingo à tarde, algumas horas depois de minha mãe me deixar no meu apartamento, eu me afasto do computador e mergulho em minha cama para pegá-lo. Reconheço o nome e espero que seja a notícia que eu estava esperando. — Frank?

— Ei, Nessa— diz meu orientador. — Como Philly está tratando você?

— Como uma estagiária empobrecida. — eu digo com uma risada. — Sinto falta do meu casebre em Madison. Pelo menos eu tinha uma sala de estar real.

Ele ri. — Bem, o laboratório não é o mesmo sem você. Estamos sentindo falta da nossa mãe.

O movimentado laboratório do Dr. Frank Rush, no departamento de psicologia da Universidade de Wisconsin, tem sido meu lar nos últimos quatro anos. — Eu sinto saudades de vocês também.

— Mas você tem um novo grupo para fazer parte - de onde são os outros internos? Existem quatro de vocês, certo?

— Sim. Tem um cara da Universidade do Alabama. O nome dele é Justin. E uma mulher da Universidade da Virgínia...

— Esse é um bom time.

— Sim. O nome dela é Lisa e ela é muito legal. — Ela já me ajudou a escapar de uma situação ruim, mas não menciono essa parte. — E tem Nick, que veio de Yal. — Ele era praticamente a situação ruim, mas não mencionei isso também.

— Parece que você tem um grupo competitivo lá. E o trabalho clínico? Você mencionou que escolheu a oncologia como uma das suas etapas. Parece difícil.

Eu caio na minha cama. — Sim. Eu tive minha primeira consulta na noite de sexta-feira. Foi... — Eu suspiro.

— Eu estou bem familiarizado com esse som, Nessa. Você acha que mexeu em algo forte.

Sorrio para mim mesma, ele ouviu meus suspiros em muitas ocasiões. — Bem, acho que sim. Fui resgatada apenas quando um dos médicos associados de Oncologia apareceu e suavizou a situação. Com Munchkins[3].

Sua risada ressoa ao telefone, um som tão reconfortante, que costumava iluminar meus dias difíceis no laboratório. Frank entrava com café para os alunos de pós-graduação e verificava nosso progresso, mas também brincava e tentava fazer com que nós, e eu em particular, nos animassemos. Isso sempre funcionou. — Parece que o médico tem algumas habilidades diplomáticas. — diz ele.

Essa não é a única coisa que Aron tem. — Não posso discordar. Eu gostaria que eles tivessem nos ensinado esse truque na aula de Princípios Terapêuticos Avançados.

— Se eu conheço você sei que está fazendo soar pior do que foi. Você se importa com as pessoas, Nessa. Isso sempre sobressai.

— Não é o suficiente, Frank, especialmente se eu não puder dizer as palavras certas na hora certa.

[3] Munchkins – tipo de donuts (biscoitos)

— Mas se você não tivesse a capacidade de pensar sobre o que realmente está acontecendo para outra pessoa, todas as palavras perfeitas do mundo não ajudariam. As pessoas sentiriam que você não estava realmente lá para elas. E se eles sentirem que você está, eles vão te perdoar por algumas palavras desajeitadas.

Volto a pensar em como Greg Beeman pareceu surpreso por eu ter admitido que causei estresse e como ele estava disposto a me dar outra chance, porque aproveitei o tempo para pedir. — Talvez. Ok, sim. Mas preciso fazer melhor.

Ele ri novamente. — E eu tenho certeza que você não vai desistir até que o faça.

— Obrigada. — Eu mordo o meu lábio inferior. — Eu sei que você não ligou apenas para ver como minha primeira semana de estágio foi, no entanto. Você está ligando porque tem novidades.

É sua vez de suspirar. — Estou ligando porque não sei. O Dr. Eshkol está a caminho de Israel por algumas semanas. Emergência familiar. Ele me pediu para avisar que ainda está considerando os problemas que levantou durante a defesa de sua proposta de dissertação e terá a resposta dele quando ele voltar.

Consigo morder de volta a lista de nomes que adoraria chamar de Dr. Eshkol, presidente do nosso departamento. Eu trabalhei duro na minha proposta, que estabelecia os estudos que queria fazer para a minha dissertação. E minha comissão aprovou tudo isso com exceção do Dr. Eshkol, que disse ter algumas preocupações e negou sua assinatura. Durante o verão, enquanto eu me preparava com todos os dados, o Dr. Eshkol se aproximou de Frank para dizer que achava que seria necessário fazer um estudo adicional. Como Frank é um professor assistente prestes

a assumir o cargo, ele não podia dizer ao Dr. Eshkol exatamente onde ele poderia colocar esse estudo. Então agora estamos esperando. E esperando. — Por que ele está tão obcecado com isso?

— Você é a primeira aluna de pós-graduação que eu tive. — diz Frank. — Infelizmente, acho que isso pode ser mais sobre mim do que você. Ele se acalmará assim que formos postos à prova, e eu estarei te apoiando, não importa o que ele diga. Saberemos o que ele decidiu em algumas semanas, mas não quero que você cheque e-mails obsessivamente. Porque sei que você faria isso.

— Eu não sou assim tão perdedora. — Eu sou, na verdade. Mas sou socialmente experiente o suficiente para não admitir isso.

— Nunca disse que você era uma perdedora. Eu disse que você era obsessiva. E espero que você reserve algum tempo para se divertir e relaxar este ano. Deus sabe que você não teve disso enquanto esteve aqui.

— Ei, ser babá de Colin foi muito divertido!

— Eu vou dizer a Becca que você disse isso. — diz ele, referindo-se a sua esposa. — Mas, por mais charmoso que meu filho de quatro anos seja, ele não é exatamente um colega.

— Ele é mais fácil de estar ao redor do que muitos dos meus colegas. — eu resmungo.

— Estudar as relações humanas é realmente mais fácil do que *ter* um relacionamento, às vezes. — diz ele gentilmente. — Não use seu trabalho como desculpa para evitar viver.

— Você está começando a soar um pouco como a minha mãe, Frank.

— Ela é obviamente uma mulher muito inteligente.

— E você é um ótimo conselheiro. Dê a todos o meu abraço, ok?

Nós desligamos, e eu olho para a tela escura do meu telefone. É assustador o quão fácil ele me pegou. O trabalho é simples. Relacionamentos são loucos, complicados e emocionalmente desgastantes, e eu quero ficar quieta sem altos e baixos desnecessários, muito obrigada. Não quero ser como meu pai. E eu certamente não quero acabar do jeito que ele acabou.

Ainda assim… seria bom ter alguém por perto para se conectar. Não é que eu não queira isso. É que não posso fazer isso *agora*. Mas quando me lembro de um certo médico loiro lindo sorrindo para mim, é tentador tomar o conselho de Frank para o coração. Então olho para a tela do meu computador, onde meu arquivo de dissertação está aberto, o cursor piscando, esperando pelas minhas próximas palavras. Ao lado do computador, há uma pilha de leituras que deveria fazer até amanhã para minhas várias rotações: Oncologia Pediátrica, Avaliação Neuropsicológica, Clínica do Sono e Clínica de Dores. De repente, a realidade de que tenho de fazer minha dissertação, enquanto dou conta desse estágio me congela, e não consigo respirar. É fácil para minha mãe e até para Frank me dizerem para ter uma vida, não são eles que estão com essa lista de afazeres.

Fecho meus olhos. — Um ano, Nessa. Você pode passar este ano, não importa o que isso traga. E no final, você será a Dra. Cavenaugh. Não se distraia e não fique paralisada pelo medo. Continue andando. — Repito essas palavras para mim mesma algumas vezes até meus dedos se desenrolarem sobre o teclado, até que meu peito

se solte e minha respiração fique um pouco mais calma. E então eu me estabeleço e começo a trabalhar.

Capítulo Três

Chego ao hospital na segunda-feira, já me arrependendo de ter pulado a academia. É a válvula de escape perfeita para mim, mas não voltei lá desde que comecei uma semana atrás.

Ao entrar no apertado escritório interno, Nick Samson está de pé no armário de arquivo, examinando algumas edições anteriores de um periódico de psicologia pediátrica. Sua expressão se ilumina quando ele me vê, seu olhar deslizando do meu rosto e deslizando pelo meu corpo. — Ei, Ness. — diz ele, encurtando meu nome de uma maneira que eu odeio, depois de passar o ensino médio sendo chamada de Monstro do Lago Ness. — Tentei ligar para você no sábado. Encontrei um grande clube e pensei que você poderia querer ir. Você recebeu minha mensagem?

Eu aceno e passo por ele no caminho para o meu cubículo, os poucos metros quadrados de espaço que posso chamar de meus. — Desculpa. Fui visitar meus avós. E tive muito trabalho a fazer. Leituras. Dissertação. Você sabe.

Além disso: eu estava evitando-o. Durante o fim de semana de orientação, um grupo de médicos deu uma festa para os novos estagiários. Nós viemos de universidades por todo o país, então nenhum de nós conhecia ninguém na Filadélfia, e eles nos deram as boas-vindas com aperitivos e *muitos* coquetéis. Nervosa em estar em uma nova cidade, com as advertências de minha mãe no meu ouvido, dizendo-me para sair da minha concha workaholic e obter uma vida... Eu cometi um grande erro, um que eu não cometia desde o primeiro ano da faculdade.

— Bem, eu senti sua falta. — diz Nick em voz baixa. — Pensei que talvez pudéssemos sair novamente.

Ugh. Meu grande erro se tornou mil vezes pior porque, para um cara que está a um ano de obter um doutorado em psicologia, Nick parece ter muita dificuldade em aprender a linguagem corporal e as dicas sociais. Ele é muito inteligente, e fofo o suficiente, bem construído, bonitos olhos azuis, cabelo escuro que cai sobre a testa e se enrola na nuca. Quando afunda na cadeira e rola na minha direção, percebo por que, depois de alguns drinques, pensei que beijá-lo seria uma boa ideia.

Poucos minutos de suas mãos agressivas e incapacidade de processar a palavra *não* me curaram disso, no entanto.

— Nick, como eu te disse, realmente preciso me concentrar no trabalho este ano. — Afasto minha cadeira para longe dele, mas corro contra a parede depois de apenas alguns metros. — Eu não estou realmente procurando um... — Deus. Isto é estranho.

Ele sorri. — Eu também não estou.

Então, basicamente, ele quer me foder sem amarras. Eu acho que impediria que as coisas ficassem complicadas, mas quando meu sistema está livre de álcool, ele é muito menos atraente.

— Podemos apenas, hum, manter isso profissional? — Eu gesticulo no espaço entre nós e desejo que fosse maior.

— Ocupada esta noite? — Pergunta ele, ainda avançando lentamente. — Tem um lugarzinho fofo...

— Desculpe, eu a convidei hoje à noite— . uma voz responde por mim. Lisa entra no escritório, sua juba de cachos enrolados em um rabo de cavalo, um saco de tecido no ombro com fios pendurados para o lado. Ela viaja dos subúrbios e tricota no trem. Ela pode ser apenas alguns anos mais velha do que eu, mas, por algum motivo, parece que está anos-luz à frente. — Nessa está me levando às compras.

Eu giro no meu lugar e dou a Lisa um olhar agradecido. Ela e o marido também estavam na festa e foi ela quem me encontrou escondida no banheiro depois de eu me arrancar do aperto dos braços de Nick. Eu estava tão envergonhada, mas ela se importou, com naturalidade me ajudou a regressar de volta nos eixos e fez com que eu chegasse em casa bem. E depois disso, ela ainda parece gostar de mim. Mas acho que também se sente responsável por mim, o que é doce, mas desnecessário. Ela empurra os óculos para cima em seu nariz áspero e sardento e pisca. — Você não me decepcionaria, iria?

Eu sacudo minha cabeça. Nick encolhe os ombros. — Talvez no próximo fim de semana. — diz ele. — Vejo você nas rondas da onco. Estou indo agora para falar com um dos médicos. Soava como um idiota total pelo telefone.

Meu coração bate um pouco mais rápido. — Oh? Quem foi esse?

Lisa se senta em sua mesa e levanta uma sobrancelha ao som vacilante da minha voz.

— Dr. Lindstrom. — Nick pega seu caderno e se levanta. — Ele ligou logo de manhã e pediu um estagiário. Pareceu surpreso ao descobrir que havia mais de um de nós na rotação neste semestre. Não sei por que ele fez a ligação, geralmente os médicos têm as enfermeiras fazendo isso, não é?

Aron ligou. Aqui. Pensando que havia apenas um estagiário. Eu.

Provavelmente foi bom que eu não estivesse no escritório, porque, só imaginando a voz profunda de Aron e o sotaque foi suficiente para me deixar louca. — Então acho que você estará trabalhando com um de seus pacientes… — Nick franze a testa enquanto observa meu rosto, e eu limpo minha garganta. — Vou te ver na ronda, então.

Ele coloca a mão no encosto da minha cadeira e tenta me girar em direção a ele, mas eu planto meus pés e fico parada. — Talvez possamos almoçar depois, — ele sugere.

Eu mexo na minha caneta. — Talvez. Eu tenho muitas coisas para fazer.

— Legal. Mais tarde. — Ele se vira e sai pela porta.

Eu me ajeito na cadeira enquanto Lisa se aproxima. — Você não deveria dizer 'talvez' para ele— diz ela em voz baixa. Nosso escritório fica bem ao lado do labirinto de cabines de pós- doutorado, e conversas em qualquer lugar podem ser facilmente ouvidas. — Ele rasgou seu vestido, pelo amor de Deus.

— Acho que foi mais desajeitado do que propositalmente rasgando o vestido. — Esfrego meus braços enquanto os arrepios se levantam. — E é improvável que ele faça isso na cafeteria do hospital. Eu gostaria que pudéssemos esquecer o que aconteceu. Temos que trabalhar juntos o ano todo! Sou tão idiota às vezes.

Lisa franze a testa. — Se você está pensando que foi sua culpa, precisa se juntar a mim aqui no vigésimo primeiro século. Já devia saber.

Eu sorrio quando ouço sua sinceridade. — Não é minha culpa que ele tenha sido tão agressivo. Eu sei disso. Mas é minha culpa porque o beijei, fiz isso de bom grado e até isso foi um erro.

Ela dá um tapinha no meu ombro e certifica-se de que estou olhando para ela. — Talvez, mas não é um pelo qual você deveria pagar o ano inteiro. — Sua boca se curva em um sorriso de gato. — Estou me perguntando se não há mais peixes cavalheirescos no mar. Talvez até nadando no departamento de oncologia?

— Depois do que aconteceu com Nick, você nem deveria estar sugerindo isso. — murmuro, inclinando a cabeça e deixando meu cabelo cair ao redor do meu rosto. — Agora me deixe em paz e me deixe me recompor para que possa sobreviver ao dia.

Ela ri. — Oh, acho que precisamos conversar mais sobre isso hoje à noite. Eu não estava brincando sobre as compras. Preciso de alguém com estilo para me guiar e decidi que você me orientará.

Eu bufo, pensando na minha catástrofe de sapato na sexta-feira passada. — Eu questiono o seu julgamento.

Lisa ri e volta para seu cubículo, e tento me concentrar em verificar meu e-mail. Mas meus pensamentos já saltaram dos trilhos, e minha próxima meia hora é ocupada meditando sobre a sensação exata dos dedos de Aron na pele sensível acima do meu tornozelo, de seu corpo perto do meu no pequeno espaço da cabine de registros eletrônicos.

Sexualmente frustrada ou não, eu preciso entender direito. Aprendi uma lição importante com Nick: libertar a tensão com um colega é seriamente estúpido,

especialmente quando há muito em jogo este ano. Preciso afastar Aron Lindstrom dos meus pensamentos, mas, a esta altura, será apenas uma ausência temporária: vou vê-lo novamente em algumas horas.

Passo a manhã na Clínica de Dor, trabalhando com meu supervisor, Dr. Ned Krieg. Ele é tão bom em ensinar relaxamento muscular progressivo que, quando chega a hora de eu ir para as rondas de oncologia pediátrica, me esqueci de sentir nervosa. Esse estado feliz e solto evapora quando atravesso as portas automáticas e imediatamente ouço uma criança chorando. Olho para a enfermeira diferente da sexta-feira passada, e mostro meu crachá. — Aqui para rondas— eu digo.

Começo a voltar para a sala de conferências no final do corredor, mas caminho devagar quando percebo que o choro vem do quarto de Finn Beeman. Ando hesitantemente. A cortina está puxada ao redor da cama de Finn e o Sr. Beeman está do outro lado, pálido como um fantasma. Finn está tendo algum tipo de procedimento. Há duas pessoas ao lado de sua cama dentro do círculo da cortina. Antes que eu possa me esquivar, Greg Beeman me vê. Eu fico tensa, pronta para ouvir seu grito, mas ele se levanta e vem em minha direção.

Ele olha para o meu crachá. — Eles ligaram para você?

Eu sacudo minha cabeça. — Estou a caminho de rondas. Não queria incomodá-lo, mas o ouvi chorando.

Ele aperta os olhos fechados. — Ele odeia quando mexem com a intravenosa central, mas essa entrada em seu braço infectou. Eles pensaram que poderia ser melhor se trabalhassem sem mim lá dentro.

— Por quê?

Ele suspira. — Eu gritei com a enfermeira.

— Você realmente quer protegê-lo.

Ele esfrega a mão no rosto. — Eu não quero que ele se machuque. Ele é meu garoto. Mas tudo o que eles fazem aqui parece doer e isso me deixa louco. Eu devia cuidar dele.

Eu escolho cada palavra com cuidado, com medo de ferir em vez de ajudar mais uma vez. — Você está cuidando dele, Greg. Você está aqui.

Ele estremece quando Finn grita, e seus punhos se apertam. Foi assim que ele me olhou na sexta-feira. Como se ele quisesse arrancar a cortina e socar quem está machucando seu filho. — Quanto tempo até você terminar? — Ele grita.

— Quase lá, Greg. — diz Aron por trás da cortina. Meu coração dá um pequeno chute.

— Bem, depressa. — rosna Greg, em seguida, suaviza o tom. — Por favor.

— Finn quer que você esteja lá com ele? — Eu pergunto, ouvindo a voz de Aron, baixa e suave, quando Finn choraminga.

Greg encolhe os ombros carnudos. — Pelo que sei, ele gosta mais do médico. Finn está muito bravo comigo. Ele acha que estou impedindo sua mãe de visitá-lo. Ele não tem ideia de que ela foi embora de novo. Não posso dizer a ele. — Sua boca torce, e parece que ele está tentando não chorar. — Eu não sei como falar com ele sobre isso. — Seus olhos encontram os meus. — Você falaria com ele, talvez? Ver o que está acontecendo em sua cabeça? Você disse que é o que você faz, certo?

Agora meu coração está batendo mais rápido por um motivo totalmente diferente. Eu não quero deixar Greg Beeman para baixo. — Eu posso voltar mais tarde por volta das duas? — Ele me dá um sorriso dolorosamente esperançoso. — Isso seria bom.

— E pronto. — diz Aron, empurrando a cortina com as mãos enluvadas. Seu olhar flerta para mim por um momento, mas então sua atenção se concentra em Greg. Ele dá um tapinha nas costas de Finn enquanto a enfermeira coleta alguns adesivos de gaze ensanguentados e os joga na caixa vermelha de risco biológico. — Finn foi muito corajoso. Você deveria estar orgulhoso dele.

— Eu estou. — diz Greg, então se vira para mim. — Vejo você mais tarde. — Ele entra na sala para falar com Aron, que olha para mim novamente por cima do ombro de Greg. Olhando para o rosto dele, sinto-me um pouco tonta, então me viro para ir embora. Verifico o relógio na parede.

Droga. Estou atrasada para as rondas.

Caminho rapidamente pelo longo corredor e abro a porta da sala de conferências. Cerca de duas dúzias de cabeças se viram na minha direção. A mulher alta e magra na cabeceira da mesa faz uma pausa no meio da frase e dispara lasers em mim. — Você é?

— Nessa Cavenaugh. Sou uma dos novas estagiárias de psicologia. — Eu vejo Nick, mas sua expressão infeliz é o oposto de encorajamento. — Desculpe, estou atrasada.

A mulher magra coloca as mãos nos quadris. Seu cabelo grisalho é puxado em um coque apertado, apenas aumentando a gravidade de sua aparência. — Bem, eu

sou Joanna Feldman. E você acabou de interromper nossa discussão de caso. Mostre aos seus colegas a cortesia de estar no horário na próxima vez.

Eu murmuro minhas desculpas e sigo para uma das poucas cadeiras vazias. Minha supervisora nesta rotação, a Dra. Phaedra Truax, franze a testa para mim do outro lado da sala, e me lembro dela me dizendo como era importante estar na hora de dar a volta nessa ronda. Eu sento muito quieta e tento ficar invisível pelos próximos minutos. Cada cabeça gira novamente quando Aron entra, mas a Dra. Feldman apenas acena para ele e continua com a discussão do caso. Raiva explode dentro de mim no padrão duplo, mas é rapidamente extinta quando uma cadeira raspa o chão a apenas alguns metros de distância.

Tudo dentro de mim está alerta para a presença de Aron, mas eu me forço a não olhar para ele enquanto as palestras prosseguem. Ele apresenta o caso de Finn, e eu fico a saber que o garoto foi diagnosticado com leucemia mielóide aguda[4] e está na segunda semana de quimioterapia de indução para tentar derrubá-lo em remissão. Aron relata que ele ligou para uma consulta de psicologia, e então eu o ouvi dizer meu nome. Quando a sala inteira fica em silêncio, percebo que eles estão esperando que eu me apresente, e assim faço, resumidamente, hesitante, afirmando que estou começando a avaliar a necessidade da família e da criança e que terei mais a relatar na próxima vez, estressores, autocuidado parental e regulação de emoções, e problemas de irmãos saudáveis irão influenciar fortemente o meu trabalho com eles. Dra. Truax acena com a cabeça quando termino, mas não sorri, e suponho que isso significa que não fiz figura de idiota, mas não brilhei. Fico

[4]***Leucemia mielóide aguda*** é um tipo de câncer nas células do sangue e na medula óssea, região em que as células do sangue são produzidas.

aliviada quando a reunião acaba, morrendo de vontade de fugir e me esconder por um tempo.

Eu me levanto enquanto Aron chega ao meu lado. Como na sexta-feira, ele está vestido com calças escuras e uma camisa bem passada que parece ter sido feita para ele. Cheira incrível e parece ainda melhor. — Obrigado por falar com Greg— diz ele. — Ele realmente gostou.

— Fico feliz, — eu digo, tentando não olhar para o rosto dele. — Isso me deixou em um pouco de dificuldade, no entanto.

Seus olhos deslizam para a Dra. Feldman. — Ela te deu uma bronca, não foi? — Eu dou de ombros. — Eu não deveria ter me atrasado.

— Ela pode ser dura com novos estagiários. — Seu tom é cortado, mas então seus olhos verdes se fixam em mim novamente, provocando com malícia. — Você está usando sapatos mais práticos hoje, estagiária Cavenaugh, — ele diz baixinho, inclinando a cabeça enquanto olha para os meus sapatos de salto alto. — Nenhuma chance desses te fazerem tropeçar.

Eu ri. — Você ficaria surpreso.

Ele levanta uma sobrancelha. — Eu deveria estar em guarda, então?

— Por que, para que eu não estrague outra de suas camisas?

Ele se inclina um pouco. — Não, no caso de eu ter que pegar você.

— Oh. — eu grito. *Pense. Pense. Diga algo profissional.* Mas todo o meu corpo está reagindo, o aquecimento da pele, os músculos apertados com o pensamento de

estar em seus braços novamente, não importa qual seja a razão. — Isso é muito… atencioso de você. Estar disposto a... er...

Como ela tem audição biônica, a Dra. Feldman vira a cabeça e olha para nós, e sua atenção é como um balde de água gelada despejado na minha cabeça. — Minha sessão com Finn é às duas. — eu digo, desesperada por uma mudança de tópico.

— Não se surpreenda se ele não falar com você. Finn não fala com ninguém, realmente. Ele é um garotinho muito zangado.

— Parece que ele tem cerca de um milhão de razões para se sentir assim.

Aron procura meu rosto, seu sorriso confuso fazendo meus joelhos vacilarem. Se ele continuar olhando para mim desse jeito, eu talvez precise de seus serviços de captação imediata. — Na verdade ele tem. — ele murmura, então se afasta de mim. — Bem, espero que corra bem, e vou verificar suas anotações no prontuário. — A voz dele se tornou nítida e profissional.

A Dra. Feldman apareceu em seu ombro. — Eu preciso ver você no meu escritório, — diz ela para ele.

— Dê-me um minuto. — diz ele, seu rosto uma máscara em branco.

A Dra. Feldman não olha para mim enquanto se afasta, e estou tão tensa olhando para ela que pulo quando uma mão se fecha no meu ombro. — O que aconteceu com você? Não sabia sobre a coisa de se atrasar? — Diz Nick, que está bem perto de mim. Eu me afasto, mas isso me coloca entre ele e Aron, que olha para Nick por cima da minha cabeça.

Eu recuo enquanto o polegar de Nick acaricia minha omoplata, mas estou enfiada entre esses dois caras em uma sala de reuniões lotada, e não quero bater nele na frente de todo mundo. — Eu sabia que era importante chegar na hora, mas eu estava...

— Conversando com o pai de um dos meus pacientes. — diz Aron enquanto olha para a mão de Nick. — Algo que eu apreciei muito.

Nick aperta meu ombro. — Pronta?

Estou pronta para acertá-lo no rosto com o meu caderno, mas não acho que é disso que ele está falando. — Para quê?

Ele olha para mim como se eu tivesse perdido a cabeça. — Almoço? Cantina?

— Sra. Kendricks disse que gostaria de falar com você de novo. — Aron diz para Nick. Sua voz é gelo. Tão frio que queima. — O início da tarde é melhor.

Nick pisca. — Oh. OK. Vou almoçar com Nessa primeiro e depois volto.

Aron dá um passo para trás e dá a nós dois um olhar especulativo, e a mão de Nick no meu ombro é como um peso de duas toneladas. A última coisa que quero é que alguém pense que Nick e eu somos alguma coisa. Eu torço bruscamente até que a mão dele cai para longe de mim. — Nick, eu tenho que dar uma ronda. Preciso pegar algumas coisas.

A sobrancelha de Nick franze a testa. — Eu poderia pegar alguns sanduíches e encontrá-la no escritório. — Ele dá a Aron um olhar de soslaio. Como se ele estivesse se perguntando por que Aron ainda está lá. Como se ele não percebesse que foi ele quem nos interrompeu.

— Eu não estou com fome. — eu digo, incapaz de manter a irritação fora da minha voz, porque estou morrendo de fome, mas não há nenhuma maneira que eu vá almoçar com Nick. Lisa estava certa talvez fosse muito confusa para ele. — Mas obrigada.

Nick murmura algo ininteligível e se dirige para a porta. A boca de Aron se estende em um canto enquanto ele observa minha expressão. — Preciso voltar ao trabalho. — diz ele, tirando um pedaço de papel do bolso. — Mas eu queria te dar isso.

Eu pego o papel dobrado e meio amarrotado da mão dele. — O que...

— Minha conta de limpeza a seco. — diz ele, um sorriso em sua voz quando ele se afasta. — Deixe-me saber como você gostaria de pagar.

Minha boca abre e fecha algumas vezes, mas Aron já está andando pelo corredor.

Eu desdobro o recibo. É de uma lavanderia a seco na Chestnut. A julgar por quanto custa limpar uma camisa maldita, eles devem esfregar as roupas de seus clientes com pó de diamante. Estou prestes a enfiar o recibo na minha bolsa quando vejo algo manuscrito na parte inferior.

Sento-me rapidamente, olhando para o papel na minha mão.

Aron Lindstrom me deu seu número de telefone.

Capítulo Quatro

Isso é o oposto do que eu deveria estar fazendo. Pela quarta vez na última hora, eu puxo o recibo da minha bolsa e olho para ele, e então o coloco de volta, dizendo a mim mesma que ele realmente só quer que eu pague pela limpeza a seco dele. E isso seria bom. Porque se ele me desse seu número de telefone por algum outro motivo, bem. Eu não estou interessada. Não estou interessada.

Oh cara. Eu não consigo tirar o rosto dele da minha mente.

Antes de ir para a unidade para a minha sessão com Finn, paro no corredor e pego meu telefone novamente, deixando o diabo no meu ombro vencer esta rodada. Meus dedos tremem um pouco enquanto digito um texto:

— *Talvez tenhamos que discutir um plano de pagamento.*

Eu apertei enviar antes que possa pensar isso até à morte. Então fico no corredor do hospital e grito silenciosamente, saltando nos meus calcanhares. Durante meus quatro anos na Universidade de Wisconsin, minha vida social esteve em profunda hibernação, tanto que, aparentemente, até meu orientador sentiu a necessidade de comentá-la. Fora de festas e reuniões de grupo com outros estudantes de pós-graduação, eu não estive em um único encontro desde que terminei com Matt, meu namorado de faculdade. A não ser, claro, que eu conte o meu encontro equivocado e bêbado com o Nick há algumas semanas, e realmente prefiro não fazê-lo. Mas uma coisa é certa: minhas habilidades de flerte estão extremamente enferrujadas, e estou muito fora do meu alcance com Aron, porque ele provavelmente tem mulheres se jogando a seus pés e outras partes dele

em uma base diária. Além disso, este é um jogo que eu nem deveria estar jogando! Eu deveria estar me preparando para a minha próxima sessão.

Quando começo a guardar meu telefone, ele soa como se estivesse me repreendendo. Eu mudo para vibrar e vejo que tenho um novo texto de Aron.

— Se você insistir em pagar em parcelas, eu terei que cobrar juros.

Um grunhido agudo vem da minha garganta bem quando uma enfermeira passa, empurrando uma garotinha pelo corredor em uma cadeira de rodas. Seus olhares assustados confirmam que elas ouviram meu grunhido em uma risada estrangulada. Eu devo parecer insana. Mas não posso evitar. E vejo a mensagem no telefone:

— Se você cobrar juros, talvez eu não consiga pagar. Os salários dos estagiários são tristes. Eu vou acabar sem lar.

Sua resposta vem rapidamente:

— Estou disposto a discutir métodos alternativos de pagamento.

Eu quase grito “O que isso *significa*, Aron Lindstrom?” na tela lisa do telefone, mas... tentar resolver isso é meio divertido. Então envio uma resposta:

— Vamos esclarecer algumas coisas. Eu não vou lavar o seu carro. Ou limpar seu escritório.

E penso: mas eu faria muitas outras coisas. E depois penso: que diabos está errado com você, Nessa Cavenaugh?

Meu telefone vibra com outro texto.

— Está cada vez mais claro que a negociação cara a cara será necessária. Jantar?

MEU DEUS SIM. Excluir. Excluir. Excluir. *Não posso. Seria fácil demais me apaixonar por você.* Excluir. Excluir. Excluir. Eu solto um longo suspiro. O que poderia acontecer? Não estamos falando de relacionamento complicado aqui. Isso é casual. Fácil. Amigável.

Eu suponho que eu poderia fazer isso.

Cauldron às 8?

Isso deve me dar tempo suficiente para ir às compras com Lisa e deixá-la no trem.

Estarei lá.

Coloco meu celular na bolsa, lutando contra o enorme sorriso tentando forçar seu caminho até o meu rosto. *Cauldron*. Eu posso ser nova na cidade, mas eu realmente conheço o lugar. Fui lá com a minha mãe no fim de semana que me ajudou a mudar. Ela ficaria feliz em saber sobre meus planos hoje à noite, mas eu não quero contar a ela. Não posso acreditar que concordei com ele em primeiro lugar. Mas… estou irracionalmente excitada em ver Aron novamente.

Com ele em mente, entro na unidade de oncologia pediátrica. Greg está parado do lado de fora do quarto de Finn, torcendo as mãos. Seu rosto se ilumina com alívio quando me vê. — Vou pegar uma xícara de café, mas não vou demorar muito. — Ele dá alguns passos e se vira para mim. — Só para você saber, ele não está realmente dormindo.

Eu aceno e lentamente me aventuro no quarto de Finn. Está repleto de material esportivo, incluindo um dedo de espuma Phillies e um pôster da Eagles. Há fotos dele na parede, fotos de um garoto de bochechas redondas com cabelos ruivos, sorrindo enquanto fica orgulhoso na caixa do batedor, usando seu uniforme de beisebol listrado. Está sem os dois dentes da frente. Ele é adorável.

Tão diferente da criança careca e amarela deitada na cama do hospital. Eu li o gráfico de Finn. Ele tem na verdade oito, mas é um lutador e parece mais jovem que isso. Tanta coisa mudou tão rapidamente para esse carinha, e nada disso é justo. Apenas dezesseis dias atrás, seu pai o levou ao médico para tratar uma febre, e menos de uma semana depois, ele estava aqui, iniciando uma agressiva rodada de quimioterapia para combater a doença mortal que tomou conta de seu corpo. E na semana passada, sua mãe foi embora, deixando seu pai para gerenciar tudo isso sozinho.

Os olhos de Finn estão fechados, e ele tem um cobertor puxado até às orelhas enquanto se deita de lado. Seu pai disse que não estava dormindo, então acho que ele está tentando evitar falar comigo. Eu me sento na cadeira ao lado da cama. — O Red Sox ganhou na noite passada. — eu digo, esperando que essa estratégia funcione. — Isso coloca dois jogos atrás dos Yankees. Eles estão vindo de trás, mas acho que é quando eles jogam melhor.

Finn muda de lado na cama, mas não abre os olhos.

— Eu pensei que eles poderiam ir até ao final desta temporada. Mas, novamente, digo que a cada temporada, e quase sempre partem meu coração. Estou pensando em torcer pelos Phillies.

Os olhos de Finn se abrem, mas eu mantenho meu olhar longe dele enquanto digo: — Quero dizer, eu gosto de ser leal, então esta é uma decisão difícil. Eu cresci torcendo pelo Sox. — Eu engulo um nó na garganta e digo: — Meu pai me levou para o dia de abertura no Fenway Park, é onde eles jogam a cada temporada.

— Meu pai me levou para um jogo de Phillies. — Finn sussurra.

— Eles ganharam? — Pergunto.

— Não. Eles foram massacrados pelos Braves.

Eu abro um sorriso. — Eu acho que isso significa que ele vai ter que te levar de volta algum dia. Você tem que vê-los vencer.

Ele fica quieto por alguns minutos, como se estivesse pensando sobre isso. Eu tomo uma chance e encontro seus olhos por um momento. — Qual é o recorde deles até agora este ano?

— Sessenta e quatro e setenta da noite passada. — diz ele, puxando o cobertor do rosto. — Eles perderam.

— Parece que você está torcendo por um time destruidor de corações também. Como eu. — Finn Beeman me dá um sorriso frágil e esperançoso que faz com que ele pareça o seu pai, apesar do fato de que seu pai é construído como um urso e esse garoto é mais como um beija-flor. Passamos os quinze minutos seguintes falando sobre os méritos e desvantagens de rebatedores designados. Sem falar de sua mãe, sem falar de seu pai ou seu irmão mais novo, sem falar de seu câncer. Mas no final, quando Greg volta com café e aquele mesmo sorriso esperançoso, Finn me diz que deveria visitá-lo novamente amanhã, e eu considero isso como uma vitória.

Termino meu dia indo às compras com Lisa para uma roupa para o casamento de sua irmã. À medida que saímos da boutique em Center City, triunfantes, a brisa do início do Outono sopra folhas ao redor de nossos tornozelos e levanta os fios de meu cabelo, puxando o nó na parte de trás da minha cabeça até que desisto e retiro o prendedor. As ondas escuras se soltam ao redor dos meus ombros e deslizam pelo meu rosto enquanto tento empurrá-las para trás.

Lisa muda a bolsa de uma das mãos para a outra e me lança um olhar curioso. — Eu tenho que pegar o trem das 7:42, então é melhor pegar o bonde. E no caminho, você deve manter sua promessa de me contar sobre o cavalheiro.

— Oh, isso. — eu digo, meu coração batendo um pouco mais rápido. — Acontece que vou encontrá-lo daqui por cerca de uma hora. Apenas para jantar.

Lisa ri. — Parece que este será um ano emocionante para Nessa Cavenaugh.

Inclino minha cabeça enquanto o calor do constrangimento se arrasta pelo meu pescoço. — Eu não quero que seja emocionante. Eu quero passar por isso de uma só vez. O Dr. Cavenaugh tem um bom toque nisso. E Lisa. — acrescento — acho que posso ter dado a impressão de que sou uma festeira...

Ela dá um tapinha no meu braço. — Você é inteligente, talentosa, jovem, bonita e solteira. E está cercada por outros jovens profissionais solteiros. A festa vai te procurar, querida. Talvez você encontre *o tal* este ano!

— Oh. Ha Sim. Eu não estou realmente... *o tal* não é exatamente o que eu estou... errr… procurando…

Chegamos ao trem e ela me lança um olhar de olhos estreitos. — Esse é o resmungo de uma garota que foi machucada.

Eu rolo meus olhos enquanto nos arrastamos para o bonde. Ele ressoa para a frente quando um raio de luz distante pisca dentro das nuvens pesadas. — Foi há muito tempo. E meio que um desastre. E fui eu quem causou o incêndio. Matt se ajoelhou alguns dias antes da formatura, tão certo do meu *sim* depois de dois anos juntos, e foi aí que eu dei a notícia de que este era o fim da fila para nós. Parecia tão opressivo, a promessa de *para sempre*. Eu tinha apenas vinte e um anos, e recentemente percebi que minha mente poderia ser uma bomba-relógio. Esse foi o começo das coisas, eu acho. No momento em que dei a volta emocional e fiz da minha carreira meu único foco. Acabei de completar 26 anos, Lisa. E apesar de sua vida de sonho suburbana bem casada parecer atraente em alguns aspectos, isso está muito longe para mim.

Ela me cutuca com o ombro. — Desculpe por importuná-la como uma velha senhora casada. Espero que você se divirta esta noite, sem pressão.

— Exatamente. Isso é o que eu quero.

— Mas é melhor ele não te tratar como Nick fez. Meu marido queria bater nele. Eu nunca vi Josh tão bravo.

Eu sorrio. — Parece que você sabe uma coisa ou duas sobre ser uma dama.

Seu rosto se ilumina. — Com certeza sei.

Caminho com ela do bonde até à estação de trem e me encolho quando algumas gotas de chuva atingem minhas bochechas. Eu esqueci meu guarda-chuva

esta manhã. E tenho quinze minutos para caminhar até ao Cauldron em minhas sandálias, que, apesar de sua cativante falta de saltos altos, estão começando a morder meus pés. Eu poderia enviar uma mensagem para Aron e dar uma desculpa. Tenho algumas horas de trabalho esperando por mim no apartamento. Mas… eu quero vê-lo e, mais uma vez, esse desejo vence o dia. Puxo meu suéter fino de cardigan em volta de mim e caminho pela Universidade da Cidade, passando pelo hospital, meus passos acelerando toda vez que ouço trovões. Eu faço isso enquanto o céu se abre e me enfio no restaurante escuro, sacudindo as gotas dos meus dedos.

Eu falo com alguém em frente à mesa da recepcionista. Aron gira e agarra meus braços quando solto um chiado assustado. Ele sorri quando vê que sou eu. — Então eu tive que te pegar depois de tudo.

— Fez um excelente trabalho. — eu digo sem fôlego. — Você cobra por este serviço também?

Seu olhar permanece na minha boca e o calor se enrola na minha barriga. — Posso ter que começar a cobrar.

— Vou adicioná-lo à nossa agenda de negociação.

Ele ri e solta meus braços. Quando mais pessoas chegam para solicitar mesas, nós avançamos para um canto. Ele se inclina contra a parede, alto, forte e lindo, e eu fico perto, desejando ter o direito de colocar minhas mãos nele. Parece que quase foi pego no aguaceiro também e passou os dedos pelo cabelo para afastar as gotas. Estou tão tentada a levantar e alisar as pontas louros escuros e bagunçados. — Há quanto tempo você mora na Filadélfia? — Pergunto.

— Faz um tempo. Eu fui para Penn para a escola de medicina e fiz a minha residência aqui. Este é meu primeiro ano de associado.

— E antes disso? — Ele levanta uma sobrancelha.

— Seu sotaque. — eu digo. — Você não é dos Estados Unidos, não é?

— Droga. — diz ele. — Eu pensei que poderia enganar as pessoas.

— É sutil. — E muito quente, como o resto dele. — Então você provavelmente engana muita gente.

— Mas não você. — Seu olhar em mim é como o toque de um dedo, e eu tremo quando me puxa com força como uma corda de arco. — Porque você percebe as coisas.

— Eu tenho que perceber, certo? Eu não seria muito boa nesse trabalho se não o fizesse.

— Parece que seria útil em outras partes de sua vida também. — Ele está usando um sorriso divertido agora, e eu tenho que desviar o olhar.

— Bem, essa é a parte da minha vida que mais importa para mim.

Ele se aproxima, causando arrepios que me percorrem o corpo pela perda de espaço entre nós. — Você sempre quis ser uma psicóloga?

Sacudo minha cabeça. — Eu escolhi ser psicóloga porque queria me concentrar em outras pessoas e não em mim mesma. — O que parece mais desinteressado do que realmente é. — Você sempre quis se tornar um médico?

— Sim. Minha mãe, meu pai e meu irmão mais velho são todos médicos no mesmo hospital. Eu acho que é uma coisa de família.

Meu estômago aperta. Melhor que o que corre na minha família. — Eles são oncologistas pediátricos também?

— Minha mãe é. Quando eu era jovem, ela me levava ao hospital de férias para ajudar a distribuir presentes ou guloseimas aos pacientes. Lembro-me de passar tempo com aquelas crianças, muitas delas com idades próximas a mim, muitas delas mais jovens, e achando o quanto isso era injusto. Quando terminava no hospital, eu poderia sair e jogar hóquei ou esquiar com meus amigos, e eles não poderiam. Talvez eles nunca tenham saído do hospital. — Ele encolhe os ombros, sua expressão solene. — Eu decidi que queria tornar o mundo mais justo. Foi por isso que escolhi essa especialidade, eu acho.

Então ele é lindo *e* nobre. Uh oh.

— Estou apenas no começo. — acrescenta ele. — Minha bolsa de estudos é de três anos de treinamento adicional, tanto diretamente com os pacientes quanto fazendo pesquisa.

Whoa. — E eu pensei que tinha que passar por muito treinamento. Assim que eu terminar o estágio, talvez sejam dois anos de pós-doutorado, então posso conseguir minha licença para praticar.

O canto da boca dele levanta. — Eu não acho que alguém diria que não é muito treinamento. As pessoas devem pensar que somos loucos, passar todos os nossos vinte anos como estudantes.

Eu rio. — Eu ouvi isso uma vez ou duas. Minha tia Kathy me disse que estava perdendo meus "anos de beleza" na carreira.

Seu olhar dança sobre mim. — Ainda bem que você tem mais do que a sua quota, então. — Ele deixa isso penetrar como um elogio e oh, faz isso sempre... Eu sinto essas palavras como uma carícia quente e então ele acrescenta:— Mas quem diz que não podemos realmente ter vida enquanto nos escravizamos?

A anfitriã chama o nosso número, evitando que eu tenha que responder. Ela parece quase tão deslumbrada quanto eu quando avista Aron. Ela continua olhando por cima do ombro para ele enquanto nos leva a uma mesa nas traseiras. Está lotado aqui, cheio de casais e algumas famílias, assim como muitos estudantes da Penn[5]. O cheiro de couro molhado com o cheiro de alho e cebola predominam. Aron puxa minha cadeira para mim e quando eu afundo nela, ele se inclina para a frente, e eu sinto seu calor perto da minha bochecha, como se ele estivesse me respirando.

— Eu sou originalmente da Suécia, para responder a sua pergunta anterior. — diz ele enquanto se senta. — Decidi ser aventureiro e vir para a faculdade de medicina, mas minha família mora em Estocolmo.

— Você se parece um pouco com um viking[6] — digo antes de pensar melhor.

Calor imediatamente cobre minhas bochechas, mas ele ri. — Isso é um elogio?

Oh sim. — Posso cobrar mais sobre isso?

Seus olhos brilham com diversão. — Isso vai te custar.

— Estamos de volta a isso? Quanto você está me cobrando agora?

[5]Faculdade Penn
[6] Viking – pessoa nascida nos países nórdicos.

Sua boca se ergue enquanto ele considera. — Vamos jantar e depois decidirei.

E é isso que fazemos. Nós falamos sobre o hospital, e minha pesquisa de dissertação, e ele realmente parece interessado. Explica os meandros dos diferentes tipos de leucemia, e isso podia ser completamente deprimente ou meio entediante, mas de alguma forma é o oposto. Ele me conta um pouco sobre Estocolmo[7] e pergunta sobre onde eu cresci. Eu conto a parte boa, mas escondo o drama que fazia parte da vida com meu pai. É uma conversa básica sobre o assunto, mas quando termino minha sopa de manjericão, estou encantada com tanta força que mal posso pensar além do momento. Tudo sobre ele, sua voz, seu sorriso perverso, seus longos dedos, seu cabelo bagunçado, a maneira como ele prefere o chá ao café, o jeito que ele olha para mim e para mais ninguém... tudo me atrai. Eu esqueço todo o trabalho que tenho. Esqueço de me preocupar com as coisas ficando complicadas. Esqueço de pensar em qualquer coisa menos ele.

A garçonete traz a conta muito antes de eu estar pronta para a noite terminar, e ele a pega da mesa. — Hey! — Eu digo. — Se eu pagar isso, estamos praticamente quites!

Ele sorri enquanto tira a carteira do bolso. — Exatamente.

— Você é malvado. — E com isso, claro, quero dizer *incrível*.

— Você não tem ideia, — diz ele, e mais uma vez fico me perguntando como ele faz coisas para o meu corpo sem sequer tocá-lo. Deus me ajude se ele realmente tocar.

[7] Refere-se à Universidade de Estocolmo e ao curso de Psicologia.

Estamos prestes a levantar quando olho para o outro lado do restaurante e vejo Nick, entre todas as pessoas. — Oh não. — murmuro, procurando uma saída. Eu não quero lidar com ele esta noite. Ele está com Justin, o outro estagiário do sexo masculino, que tem uma aparência jovem e desajeitada que combina com sua maneira desajeitada e tranquila. Eles estão bebendo cerveja e têm tigelas de sopa vazias na frente deles. Não parece que nos tenham visto, e eu gostaria de continuar assim.

Aron vem ao redor da mesa e segue a direção do meu olhar. — Ah, seu colega estagiário. Sr. Samson. — Sua voz fica fria. — Ele parece gostar muito de você. Eu realmente me perguntei se vocês estavam juntos até que vi o olhar em seu rosto no final das rondas.

— Nós? Juntos? Ah não. Não. Não está acontecendo. Nunca. — Eu mantenho minha boca fechada enquanto sua sobrancelha arqueia. — Eu... — não quero passar por ele. Eu só posso imaginar o que ele pensaria. E *diria*. Meus olhos percorrem a parede, procurando uma saída.

Aron se inclina e fala no meu ouvido. — Vamos fazer a nossa fuga. — Seus dedos se fecham sobre os meus, e ele me puxa pelo corredor em direção aos banheiros. Eu me agarro a sua mão, qualquer pensamento de Nick evaporando enquanto me concentro no calor da pele de Aron. Ele me reboca ao longo de um corredor escuro, com painéis de madeira , e me dá um olhar de soslaio cheio de malícia. — Parece que você sabe para onde está indo. — diz ele em voz baixa.

Então ele me leva para a cozinha. Calor rola sobre mim em uma onda fumegante enquanto alguns cozinheiros assustados olham para nós, mas Aron

caminha direto para a saída traseira como se ele possuísse o lugar. Ninguém diz uma palavra quando ele abre a porta.

O som da chuva faz com que ele pare. Seus dedos apertam minha mão e ele olha por cima do ombro para mim. — Ponto de não retorno, Nessa. — ele sussurra. — O que vai ser?

Eu não hesito. — Vamos lá.

Ele sorri. Então me puxa para a tempestade.

Num simples segundo, estou encharcada. Grandes gotas deslizam pelo meu cabelo e pelo meu rosto. Estamos em um beco sem iluminação. A faixa estreita que leva à rua está quase inundada de poças d'água. Aron olha para os meus pés e franze as sobrancelhas e, pela primeira vez, vejo a incerteza brilhar em sua expressão. — Está tudo bem, — eu digo, rindo enquanto a água dos canos espirra sobre os meus pés descalços. — Talvez isso vai descontar alguns dólares fora do que eu lhe devo?

Ele se vira para mim, a chuva escorrendo por suas bochechas. — Eu acho que é hora de negociações sérias. — diz ele. Seu polegar acaricia as costas da minha mão enquanto me observa com cuidado, como se estivesse procurando por um sinal. Quando eu não me afasto, ele me puxa para a frente até meus seios roçarem seu peito. Instantaneamente meus mamilos apertam e o resto de mim fica macio, molhado e quente. Seu braço desliza ao redor da minha cintura, me trazendo contra seu corpo magro. Eu pisco para ele, gotas de chuva grudadas nos meus cílios e fluindo pelos belos ângulos de seu rosto, tensão e antecipação se formando dentro de mim.

Então nós dois nos movemos ao mesmo tempo. Ele abaixa a cabeça e eu me levanto na ponta dos pés e colidimos. Seus lábios têm gosto de chuva e eu sou uma mulher perdida no mar, tão sedenta. Minhas mãos estão em seu peito, os dedos enrolando sobre os músculos, e ele desliza a mão no meu cabelo para que possa me segurar perto. Sua língua acaricia ao longo da minha boca, e eu ofego com o calor quando abro para ele. Ele tem gosto de especiarias e chá, completamente delicioso. Uma voz nos recessos da minha mente sussurra *tenha cuidado.* Eu me agarro a esse pensamento até ele me apoiar contra o prédio e sinto o longo e duro comprimento dele contra a minha barriga. Ele envia um chocante e formigante desejo de necessidade direto para o meu interior, tão intenso que minhas pernas começam a tremer. Ele engole meu gemido.

A chuva cai sobre nós enquanto nos beijamos, mas Aron me protege quando ele se inclina sobre mim. Sua barba raspando contra a minha pele e meus dedos se enterram em seu cabelo. Eu toco cada centímetro de pele exposta, desesperada por mais enquanto sua mão percorre meu lado para pressionar meus quadris contra os dele. Estamos ofegando, nossa respiração irregular afiada enquanto nos devoramos.

Eu nunca tive um caso de uma só noite. Na verdade, a única pessoa que permiti que estivesse perto de mim foi Matt. Mas agora, sou feita de luxúria e calor. Estou escorregadia e molhada e morrendo por Aron. Eu o quero e não me importo com mais nada. É assustador e incrível ao mesmo tempo.

Ele finalmente se afasta e coloca a testa na minha, com o peito arfando. Eu levanto meu queixo para capturar seus lábios novamente, mas ele tira a cabeça do

meu alcance. — Sinto muito. — diz ele, sua voz áspera. — Eu tenho vontade de fazer isso desde que você manchou de batom a minha camisa.

— Eu estava querendo que você fizesse isso desde antes disso, então está tudo bem. — eu respondo, imaginando se ele está prestes a me dizer que foi um erro, me perguntando se concordaria.

Seus dedos acariciam minha bochecha enquanto gotas de chuva espirram das pontas de seu cabelo dourado na minha testa. — Eu *gosto de* você, Nessa. — Ele soa confuso. Como se o pegasse desprevenido.

Eu sei que *me* pegou de surpresa. — Eu também gosto de você, Aron. — Tanto que todo o meu corpo está doendo com isso. Tanto que, se ele levantasse minha saia agora, eu colocaria minhas pernas em torno de sua cintura e seguraria firme.

Ele sorri. — Então, talvez você faça isso comigo de novo?

Eu ri. — Isso? — Eu olho para a chuva caindo através da luz de uma lâmpada de rua.

— Bem. Jantar. Mas isso… sim, eu faria isso de novo também.

— Assim como eu. — Assim que essas palavras saem, eu aperto a boca para evitar que me puxem mais fundo para o que quer que seja. Mas então ele enfia uma mecha molhada de cabelo atrás da minha orelha e abaixa a cabeça para me beijar, um toque persistente de seus lábios quentes que inclinam o meu mundo e me faz subir na ponta dos pés, querendo mais.

Depois de mais alguns minutos selvagens, ele puxa novamente com uma risada. — Uau. OK. Precisamos sair desse beco antes de esquecer completamente meu lado civilizado.

Quando ele recua, meu olhar desliza para suas calças, onde a evidência de seu desejo é bastante... proeminente. Ele tira um suspiro de aprovação da minha boca, mas Aron está com os olhos fechados como se estivesse pensando em linfoblastos[8] e promielócitos[9] e qualquer outra coisa a não ser me beijar. Eu meio que amo o jeito que o afetei. É intoxicante. Nunca me senti tão desejável quanto agora, com esse cara lindo parado na chuva, tentando conter a ereção que ele tem por minha causa. — Você está bem aí?

Ele solta uma risada trêmula. — Isto vai doer. Mas não é realmente o seu problema.

— E se eu quiser que seja? — Minha boca se fecha *novamente*. *Pensar* é uma coisa. Mas *dizendo* isso? Eu nunca fui tão avançada. Mas também nunca me senti tão atraída por alguém.

Ele abre os olhos e me cega com um olhar aquecido. — Não diga isso para mim agora, Nessa. Eu só tenho muita tesão. — Ele beija a ponta do meu nariz. — Vamos. Acho que estou pronto para me mostrar em público novamente, e você precisa ir para casa.

Ele me conduz pela mão e nós mergulhamos na calçada. Fico imaginando se ele vai se oferecer para me levar e se devo dizer sim quando sairmos do beco.

---

[8]***Linfoblastos*** - é uma célula precursora linfóide imatura, diferindo do linfócito maduro. Linfoblastos são encontrados em medulas ósseas normais, em pequena porcentagem.
[9]***Promielócitos*** - precursor de granulócitos, desenvolvendo-se a partir de mieloblastos para dar origem a mielócitos.

Assim que Nick e Justin saem do restaurante. Eles param por baixo do toldo, e os olhos de Nick se arregalam quando ele me vê parada ali com Aron, nós dois encharcados até aos ossos. — Ness? — Ele diz em uma voz estrangulada. — Você está com…

— Sim. — diz Aron friamente, de pé ao meu lado.

O olhar de desgosto no rosto de Nick vira meu estômago. — Então é assim que é? Você vai usar este ano para sair com o máximo de caras que puder? Justin aqui será o próximo?

Estou muito chocada com a grosseria dele para formar palavras, e Aron parece muito surpreso também. — Desculpe-me, — diz ele, dando um passo em direção a Nick com os olhos estreitados.

Justin sacode a cabeça em direção ao canto e murmura: — Vamos embora, Nick. — Nick o ignora, a mandíbula apertada. — Não pense que você pode vir rastejando de volta para mim quando terminar, Ness.

Aron se vira para mim, percebendo a realidade. — Você… e *ele* ? Mas você disse...

— Não, — eu gaguejo.

— *Sim,* — diz Nick, uma imitação desagradável da resposta de Aron de um segundo atrás.

Eu puxo minha mão do aperto de Aron, incapaz de suportar o modo como qualquer um desses caras está olhando para mim, meus pensamentos em curto-circuito, o pânico se instalando. As luzes piscam na rua. O bonde é minha fuga. — Eu

tenho que ir. — murmuro. — Tenho trabalho a fazer... leituras... obrigada pelo jantar.

Atravesso a rua enquanto tremo até parar. Eu acho que alguém chama meu nome da calçada, mas não me viro para ver quem, e mal posso ouvi-lo através da chuva sibilante. Subo as escadas e empurro alguns dólares para o motorista. Recuso-me a olhar para os rapazes enquanto tropeço e sento no primeiro lugar vazio. O bonde entra em movimento, atravessa o rio em direção a Center City, eu coloco minha cabeça em minhas mãos e me esforço muito para não chorar.

Capítulo Cinco

Jogo minha bolsa no sofá, tomo um banho rápido e frio, e mergulho na cama, sabendo que não vou conseguir fazer nada se tentar trabalhar agora. Eu me mexo e viro e fico acordada, ouvindo o trovão, revivendo aqueles minutos frenéticos e carregados no beco e os terríveis minutos depois. Eu me empolguei completamente, e talvez encontrar Nick foi o empurrão que eu precisava para estar de volta à realidade. Não estou aqui para me conectar com os caras. Eu preciso manter minhas prioridades em ordem. Mesmo assim, a perda e o desapontamento sopram seu veneno até o meu cérebro: compartilhei meu primeiro e último beijo com Aron, de quem estava gostando muito mais do que a sua aparência, e tenho certeza que ele decidiu não querer nada comigo depois do meu comportamento maluco. Não deve ser um grande negócio. Eu mal conheço o cara. E os céus sabem que não estou procurando um relacionamento agora. Eu continuo dizendo a mim mesma isso, esperando que em algum momento, seja absorvido.

Por volta das cinco da manhã, saio cambaleante da cama, sufocada pela frustração que encontra seu alvo instantaneamente. Eu puxo o vestido de verão do armário, o azul com a alça rasgada. Assim que faço isso, outros minutos voltam à minha memória, as mãos de Nick em mim, ásperas, desajeitadas e insistentes. Com um arrepio, arranco o vestido e jogo no lixo. E quando isso não é suficiente, puxo o saco da lata, aperto-o bem e levo-o para o lixo no final do corredor. Eu tinha planejado consertar o vestido pois era um dos meus favoritos antes daquela festa, mas agora eu sei que teria sempre associado isso a ele.

Com isso feito, percebo que estou de bem. Olho no espelho para os círculos sob os meus olhos, a palidez da minha pele. Vai ser um longo dia em pânico. Amarro meu cabelo em um rabo de cavalo alto, coloco shorts e uma camiseta, e enfio um monte de coisas na minha mochila. Um treino vai me ajudar a limpar minha mente. Há uma sala de academia neste prédio de apartamentos, mas nos últimos quatro anos eu percebi que sou melhor quando alguém me diz como me movimentar, então me juntei a uma academia a alguns quarteirões de distância, uma com aulas de aeróbica e kickboxing.

Para de chover no momento em que eu saio na calçada. O ar úmido carrega um toque de frio, e arrepios saem das minhas pernas nuas enquanto eu ando os poucos quarteirões até à academia. Não são nem seis, mas as luzes estão acesas e sei que há uma aula que prestes a começar. É a coisa perfeita para aliviar parte dessa frustração miserável e colocar minha cabeça em linha reta para o dia.

Eu vou direto para o vestiário e arrumo minha bolsa, depois me junto às poucas almas intrépidas da sala de aeróbica. O instrutor é esse cara negro de aparência feroz que se encaixa totalmente no papel de instrutor de treinamento. Durante a hora seguinte, deixo que ele me guie através de um treino que me deixa pingando e exausta, mas mais resolvida também. Respirando fundo, dizendo a mim mesma que vou passar hoje, eu me arrasto de volta para o vestiário, através da sala de ginástica principal.

— Nessa?

Congelo, esse sentimento pós-treino afugentado pelo horror. Lentamente, eu me viro. Aron vem na minha direção, vindo dos pesos livres. Ele está vestindo shorts

e uma daquelas camisas de treino sem mangas que abraça cada centímetro de seu físico magro. E eu estou de pé aqui, parecendo desgrenhada e patética e provavelmente fedendo. — Eu não sabia que você malhava aqui. — murmuro.

— Eu te mandei uma mensagem ontem à noite. — diz ele.

Meu estômago aperta. — Ok. — Eu lembro de ter colocado meu telefone para vibrar ontem e eu estava muito cansada na noite passada para checar as mensagens. Isso é provavelmente uma coisa boa, a julgar pela maneira como ele está olhando para mim, sua expressão firme e apenas esse lado da raiva. Eu tiro meu olhar do rosto dele e olho para seus pés. — Eu estou, hum... atrasada. — Eu giro e fujo para o vestiário antes que ele tenha a chance de dizer qualquer outra coisa.

Eu tomo banho, batendo minha cabeça contra os azulejos algumas vezes enquanto a água quente acalma meus músculos doloridos. De todas as academias da cidade, escolhi aquela em que Aron é membro. É muito ruim. Eu realmente gosto deste lugar, e agora a minha taxa de adesão vai ser desperdiçada, porque eu nunca mais vou voltar.

Eu tomo meu tempo me preparando, e então sento em um banco e puxo meu telefone da bolsa, me preparando para ler os textos de Aron...

22:01 Por favor, deixe-me saber que você chegou em casa ok

22:22 Nessa, eu não gosto de como deixamos as coisas. Posso ligar?

22:30 Por favor, me ligue?

E às 22:45, eu tenho uma chamada perdida dele. Hã. Volto para as mensagens de texto e olho as palavras. Ele não parece zangado ou desdenhoso, mas é impossível dizer pelos textos, na verdade. Coloco meu celular de volta na bolsa e saio para pegar um ônibus para o hospital.

Aron está encostado na parede do lado de fora do vestiário. Ele tomou banho e está vestido para o trabalho; sua bolsa de ginástica está pendurada em seu ombro e seu cabelo ainda está molhado. Minha mão aperta a alça da minha mochila e olho para a porta, desejando escapar. — Ei.

Ele franze a testa. — *Hey*? — Ele se afasta da parede e bloqueia o meu caminho. — Nem pense em fugir novamente, Nessa. Eu estava preocupado com você na noite passada.

— Você não precisa se preocupar comigo.

Um ruído frustrado rola de sua garganta, e ele gira e coloca a mão na parede, me cercando. — Conte-me sobre Nick.

Minha mandíbula se aperta enquanto olho para o peito de Aron. — Tenho certeza que ele te disse um pouco ele mesmo.

Seus longos dedos cutucam meu queixo, e eu olho distraída para o lindo rosto dele. — Quero ouvir isso de você. Você está envolvida com ele? Porque eu não gostaria de entrar no meio de...

— Você acha que eu estaria beijando você se estivesse com outra pessoa? Deus! — Eu tento me esquivar, mas a outra mão de Aron bate na parede ao lado do meu ombro, me prendendo. Não é forte. Eu sei que poderia fugir. E parte de

mim está desesperada para fazer exatamente isso mas o resto de mim está presa dentro da gaiola de seus braços.

Ele se inclina sobre mim. — Isso é um não? — Ele pergunta baixinho.

Ele está tão perto que eu sinto o calor do seu corpo, e isso traz de volta a noite passada, presos na chuva, apenas algumas camadas de roupas entre nós. Isso torna difícil recuperar o fôlego. — Escute. Eu não sei o que ele disse para você, mas... — A memória das mãos de Nick em mim me bate como um soco no estômago. — Eu o beijei em uma festa, e ficou fora de controle, e isso foi tudo.

Eu me movo para me abaixar sob o braço dele, meus reflexos de fuga assumindo o controle, mas ele se ajusta rapidamente. — Ainda não, Nessa. — Sua voz é de ferro, mas seu toque é gentil. — Diga-me o que significa *fora de controle.*

Eu inclino minha cabeça. — Ele só… ele… eu não deveria ter... — respiro fundo. — Eu dei a ele a ideia errada, mas depois que ele rasgou o meu vestido, eu fugi muito rapidamente e...

— Ele rasgou seu *vestido*? — Ele sussurra. — Esse merda. Ele te machucou?

Eu sacudo minha cabeça. — Nós tomamos algumas bebidas, e eu não queria que fosse tão longe. Eu não acho que ele teria na verdade... você sabe...

A expressão de Aron é lívida. — Então ele joga tão baixo, mas você não acredita que ele realmente estupraria você. Isso é bastante típico de seu caráter. — Seus braços caem e ele passa a mão pelo cabelo enquanto um sorriso amargo brinca em seus lábios. — E sabe, eu pensei que poderia ter sido algo assim. Não posso

acreditar que deixei você ir ontem à noite. — Seus olhos encontram os meus, e estou chocada ao ver o arrependimento lá. — Me perdoa?

— Perdoar *você*?

Ele me dá um olhar de dor e alcança minha mão. — A pior parte disso é que essas palavras são uma surpresa para você.

— Eu provavelmente deveria ter confessado assim que o vimos no restaurante.

Ele balança a cabeça. — Você não teve muita chance. As coisas estavam acontecendo muito rápido. — Essa adorável incerteza brilha em seus olhos. — Para ambos de nós, parecia que sim.

— Você não está errado. — eu digo, olhando com admiração para os nossos dedos emaranhados. — Mas eu... — Eu tento empurrar as desculpas da minha língua: — *estou muito ocupada para isso... eu não posso me dar ao luxo de esquecer minhas prioridades.. .* — mas nada vem.

Um sorriso aparece em seu rosto enquanto seu olhar permanece na minha boca. — Você... o quê? — Seu telefone vibra em seu cinto. — Segure esse pensamento. — Ele olha para o telefone e franze a testa. — Tenho rondas de hematologia esta manhã e preciso ir. Nós vamos falar sobre isso mais tarde?

— Sim. — eu sussurro, minha respiração travando quando ele puxa a minha mão para os lábios e planta um beijo macio em meus dedos. Ele se afasta e eu o vejo ir, a esperança e o terror rodopiando dentro de mim. Eu não tenho ideia de até onde isso vai ou onde termina, mas sei de uma coisa: ser capaz de manter Aron

Lindstrom à distância é quase tão provável quanto os Phillies vencendo a World Series.

Vou para o trabalho e consigo chegar cedo na Clínica do Sono. Eu amo a agitação dessa rotina. Nós vemos dezoito pacientes em apenas algumas horas, e eu vejo meu supervisor, aprendendo a fazer parte da equipe multidisciplinar. Os médicos nessa ronda, pneumologistas e neurologistas, são brilhantes e divertidos, e a atmosfera é muito mais relaxada do que no departamento de oncologia. Mas, novamente, isso pode ser porque nenhum dos pacientes da Clínica Terapêutica está com problemas terminais.

Eu tomo a longa caminhada da pulmonologia para a cafeteria para encontrar Lisa para o almoço antes da minha sessão da tarde com Finn.

Ela já está em uma mesa, comendo uma salada enquanto se debruça sobre um artigo. Ela não olha para cima até eu colocar minha bandeja em frente a ela. — Dia agitado? — Eu pergunto.

Ela acena com a cabeça. — Estou começando a pensar que quero me especializar em coisas da UTI neonatal. Tem sido incrível. — Ela passa alguns minutos me dizendo como é intenso, quanto medo e esperança está envolvido naqueles bebês, e eu ouço com interesse, porque estou pensando em fazer essa ronda no próximo semestre. Finalmente ela diz:— Então. Falei com o Nick esta manhã.

Eu instantaneamente perco o meu apetite. — Oh?

Ela sacode a cabeça. — Eu sabia que Nick era super inteligente, mas não fazia ideia de que ele era tão… não sei. Emocionalmente sem noção. Ele me contou sobre

encontrar você e o Dr. Lindstrom ontem à noite. Ele parece pensar que você está dormindo por aí, e ele está louco por não ser com quem você está fazendo isso.

Eu gemo quando meu rosto cai nas mãos. — Ele está completamente louco. Mas se ele está espalhando esta história... isso não pode ser bom. Ele está fazendo parecer muito pior do que foi. Ou tão incrível, mas eu estou tentando esquecer essa parte. Eu não dormi com o Dr. Lindstrom. Eu não estou dormindo com ninguém!

— Nessa, na verdade não acreditei que você estava fodendo com um dos médicos em um beco ontem à noite. Dê-me algum crédito. Mas como foi?

Minhas mãos saem do meu rosto. — O quê?

Ela olha para mim severamente por cima de seus óculos. — Seu *encontro.*

— Eu não sei se diria isso. Foi só um jantar. E provavelmente não vou fazer isso de novo. — Eu não quero que as pessoas pensem que estou mais focada na minha vida social do que no meu trabalho. E não quero gostar mais de Aron do que já gosto.

Os olhos de Lisa se estreitam enquanto ela observa minha expressão. — Bem. Foi só o jantar. — ela diz lentamente, — e você provavelmente não fará isso de novo. Mas me *fale* sobre isso. Ele era um idiota? Ele...

— Foi incrível, — eu digo. — Eu não me divertia assim há muito tempo.

— Pobrezinha. Parece horrível.

— Pode ter sido a primeira conversa que tive com um cara que não continha pausas mais difíceis do que palavras.

— Deve ter sido torturante, — diz ela, seus lábios se contorcendo. — Eu posso ver porque você não iria querer fazer isso mais uma vez. Eu imagino que ele é um beijador terrível também.

— Nem me faça começar a falar sobre isso. — Eu não posso esconder meu sorriso enquanto penso nele. — Ele é da Suécia. E ele tem esse sotaque...

Ela se inclina para frente. — E? Ele é bonito? Ele foi cavalheiresco? Me conte mais sobre ele!

Eu ri. — Oh. Sim. Muito gentil. E ele tem lindas... barbatanas? — Minhas bochechas esquentam quando a sobrancelha dela arqueia. — Ou... guelras? — Agora estou rindo. — Não consigo pensar em um bom eufemismo aqui. — Que tal eu deixar em: ele é lindo, e eu tenho pavor dele.

— Pavor por quem? — Pergunta Aron, fazendo-me saltar pelo menos um metro da minha cadeira. Eu olho por cima do meu ombro para vê-lo segurando um sanduíche embrulhado e ao lado de um bonitão asiático com cabelo preto espetado cujo crachá diz *Mark Kwan, MD.*

— Oh, ei, Aron, — eu digo com uma voz embargada. — Eu estava falando sobre um dos participantes. Na minha… alguma outra ronda que tenho. Dr. Bass.

Na minha frente, Lisa bufa. Então ela se levanta e estende a mão. — Oi. Eu sou Lisa Holden. — Ela me lança um olhar quando aperta a mão de Aron, e eu quase consigo ler seus pensamentos: ela pode ser casada, mas não é *cega*.

Aron nos apresenta a Mark, que acaba por ser outro companheiro de oncologia. Finalmente ele diz para o cara: — E esta é Nessa. Ela está me ajudando com um dos meus casos.

Mark sorri quando ouve meu nome. — Prazer em conhecê-la, Nessa. — Ele diz isso de uma maneira que me diz que Aron já me mencionou, e de repente estou morrendo de vontade de saber o que ele disse. — Falando de casos, Nessa, posso falar com você por um minuto? — Aron diz, acotovelando Mark quando ele sorri.

— Sim, claro. — Nós nos desculpamos e eu sigo Aron para o corredor do lado de fora do refeitório. — Está tudo bem?

Ele sorri timidamente. — Eu realmente não preciso discutir um caso. Eu queria saber se você sairia comigo sexta-feira. Eu não queria te perguntar via texto novamente. Então aqui estou.

— Aqui está você. — Esta é a minha chance de dizer a ele que estou ocupada, para dizer que não estou interessada em sair com alguém agora. Esta é minha chance de tornar tudo isso mais fácil, para acabar com isso antes que fique mais complicado. Mas tudo o que sai da minha boca é:— E eu adoraria.

Capítulo Seis

Quando entro na unidade na quinta-feira de manhã para verificar Finn, posso dizer imediatamente que algo está errado. Carol, a enfermeira normalmente alegre na recepção, está com os olhos vermelhos e franzindo a testa. Olho para o quarto de Finn. Está vazio. Quando dou a Carol um olhar alarmado, ela diz:— Finn está bem. Ele estava se sentindo bem, na verdade, então o especialista em vida infantil o levou para dar uma volta. Ele estará de volta daqui a pouco.

— Você *está* bem, Carol?

Seus lábios pressionam juntos, e então ela balança a cabeça. — Perdemos um cedo esta manhã. Um rapazinho chamado Davonte.

— Eu sinto muito. — eu murmuro.

— Infecção. Ele estava em remissão, mas o sistema imunológico dessas crianças está tão comprometido... — Ela pega um lenço de papel quando o rosto dela se enruga. — Ele foi re-admitido há alguns dias atrás, e nós pensamos que ele ia ultrapassar isso, mas na noite passada piorou muito rápido. — Ela enxuga uma lágrima de sua bochecha e assoa o nariz, em seguida, pega o desinfetante para as mãos. — Este nos atingiu com força. Especialmente.

Nick espreita pelas pesadas portas automáticas, chamando a atenção de Carol. — A Sra. Kendricks está com o padre, mas o doutor Lindstrom quer falar com você, — ela diz para ele. Deve ser o caso que Aron pediu uma consulta no início desta semana.

Nick concorda com a cabeça e caminha pelo corredor. Carol aperta a língua na boca. — Isso não vai ser bonito. — ela murmura.

Intensamente curiosa, vou até à cabine de registros eletrônicos para revisar a tabela de Ursula Crandall, uma paciente da Dra. Feldman, a quem ela se referiu para uma consulta. Passo pelos aposentos de todas aquelas crianças que ficaram com o palito mais pequeno do destino, algumas crianças, alguns adolescentes, todos desesperadamente doentes, e lembro o que Aron disse sobre querer tornar o mundo mais justo. Não consigo pensar em uma razão melhor para querer fazer esse trabalho.

Quando chego ao quiosque de registros, ouço vozes argumentando. Elas estão vindo da sala de conferências. É Aron e Nick. Incapaz de me conter, desço do banquinho e me aproximo um pouco mais, fingindo verificar meu telefone.

— Quando lhe peço para trabalhar com um dos meus pacientes, confio em você para levar essa responsabilidade a sério. — repreende Aron.

— E eu levei, — diz Nick. — Mas não posso aparecer às seis da manhã só porque…

— Só porque o quê? Eu estava aqui às quatro da manhã, porque meu paciente precisava de mim. — A voz de Aron falha e ele fica em silêncio por um momento antes de continuar.

— E a mãe de Davonte precisava de *você*, e foi por isso que eu liguei para você. Ela estava perdendo seu único filho, e sabia disso. Como você acha que foi para ela, especialmente quando você não respondeu?

— Meu supervisor está de plantão para momentos como esse, — diz Nick. — Estagiários não estão de plantão.

Eu franzi a testa. Tecnicamente, Nick está certo sobre isso. Os psicólogos e pós-doutores que o acompanham rodam sobre as responsabilidades da chamada. Mas se alguém me ligasse para dizer que Finn estava morrendo e Greg precisava falar, eu sei que estaria no primeiro ônibus de volta ao hospital.

— Mas a Sra. Kendricks conhecia *você*, Sr. Samson. Ela gostava de você e confiava em você, por mais deslocada que fosse a confiança.

— Isso é um pouco duro, você não acha? Eu sou um estagiário de psicologia, não um milagreiro! Tem certeza de que não está me dando bronca porque eu e Ness...

— Pare aí. — diz Aron friamente. — Sugerir que a preocupação com meu paciente moribundo não era a *única* coisa em minha mente esta manhã é insultante e pouco profissional. Mas já que você levantou o assunto a respeito da Sra. Cavenaugh, permita-me sugerir que você seja muito, mas muito cuidadoso com o modo como trata sua colega de estágio. Já estou tentado a tornar essa ronda extremamente desagradável para você, e o tratamento desrespeitoso com ela pode tornar impossível a tentação de resistir.

Nick murmura algo ininteligível.

— Estou feliz por nos entendermos. Agora eu recomendo fortemente que você ache a Sra. Kendricks e ofereça suas condolências. O corpo de seu filho será retirado da unidade dentro de uma hora, então é sua última chance de mostrar a ela sua *preocupação.*

Um segundo depois, Nick sai da sala de conferências. Ele me vê parada ali antes que eu possa pensar em voltar para a cabine de gravação. Com o caderno dele debaixo do braço, ele se aproxima de mim, seu lábio contorcido de raiva. — Parece que você tem Lindstrom pelo pau. — ele sussurra uma vez que chega perto o suficiente para garantir que eu sou a única que pode ouvi-lo. — Aproveite enquanto durar. Ouvi dizer que ele está em todas. — Ele ri. — Parece que vocês dois foram feitos um para o outro.

Ele começa a passar por mim, mas eu agarro seu braço, meus dedos cavando porque estou tão puta de raiva. — Um garotinho *morreu*, Nick. Sua mãe está arrasada. E *este* é o lugar onde sua mente está? Que tipo de porcaria insignificante e imatura é essa?

Nick olha para mim.

Eu sacudo minha cabeça. — Ouça, eu não quero brigar com você. E eu sei que é difícil ser chamado à atenção, mas as emoções aumentam quando as crianças não conseguem superar. Você sabia disso quando escolheu esse estágio.

— Escolhi este estágio porque é um dos mais prestigiados do país. E eu não preciso de médicos idiotas criticando-me por coisas que não são meu trabalho! — Nick tira a mão do meu aperto e se afasta, com os ombros tensos. Eu caio contra a parede por um minuto, mas então lentamente caminho pelo corredor em direção à sala de conferências, porque Aron ainda não saiu. Nervosamente passo a mão pela minha cabeça, Aron e eu poderíamos ter nos beijado, mas isso não significa que o conheço muito bem, e ele soou muito assustador quando falou com Nick.

Toda essa reserva gelada parece ter desaparecido agora, deixando apenas tristeza. Ele está sentado à mesa com a cabeça entre as mãos. Seus longos dedos estão enrolados em seu cabelo loiro. O mais silenciosamente que posso, eu entro na ponta dos pés no quarto. Aron olha para cima quando ouve a porta se fechar. Aposto que ele não dormiu a noite passada; há sombras sob seus olhos e pequenas linhas de tensão ao redor de sua boca. Ele olha para mim quando eu me aproximo, enquanto me sento ao lado dele. Há um nó na garganta quando digo:— Ouvi falar de Davonte. Sinto muito, Aron.

Ele olha para longe. — Eu pensei que ia fazê-lo passar por isso, — diz ele em voz baixa. — Eu realmente acreditei.

Com cuidado, eu toco seu braço. — Não tenho dúvidas de que você fez tudo o que poderia ser feito.

— Joanna disse o mesmo. — Ele inclina a cabeça. — Mas eu sempre me pergunto se isso é verdade. Especialmente quando falho. — Ele faz uma careta. — Você deveria ter visto a mãe dele quando eu tive que lhe dizer que ele provavelmente não iria conseguir.

Eu tenho uma chance e coloco meu braço sobre seus ombros. Eu sei que isso não é completamente profissional, e ficaria mal se alguém entrasse e nos visse agora. Mas sinto a dor na voz de Aron como se estivesse dentro do meu próprio corpo. E ao meu toque, seus músculos rígidos se afrouxam levemente. — Eu não posso imaginar ter que entregar esse tipo de notícia — eu digo baixinho. — É uma responsabilidade terrível. Mas Davonte teve a sorte de ter você como seu médico.

Ele olha para mim com o canto do olho. — Sua mãe teria concordado com você. Até ontem à noite, pelo menos.

— Se parece que ela mudou de ideia, é porque perdeu o bebê. Ela não será capaz de dizer tudo o que sente ou até mesmo entender. Agora ela está apenas tentando sobreviver. — Meus olhos estão queimando e eu pisco para afastar as lágrimas.

— Eu odeio-o. — sussurra Aron. — O câncer. É uma coisa insidiosa e má.

— E você ajuda essas crianças a derrotá-lo e tornar o mundo mais justo. — Eu acaricio seu braço, rezando para que ele me ouça. — Mas você também se preocupa com eles, mesmo que entenda o quanto vai doer se eles não vencerem no final.

— Eu não tenho escolha nisso.

— Claro que você tem. Você poderia desconectar, e você poderia tratá-los como corpos em vez de pessoas. Mas você não faz isso. Eu posso ouvir em sua voz toda vez que você fala com um deles. Eu te admiro por isso.

Ele vira a cabeça. — Você está nessa ronda há quanto tempo? — Ele diz, o mais fraco dos sorrisos brincando nos cantos de sua boca.

— Cinco dias inteiros, — eu digo. — Mas, obviamente, eu sou muito sábia. — Eu digo isso como uma piada, mas ele concorda.

E então ele fecha os olhos e se inclina um pouco, e eu também. Nossas testas se tocam. — Obrigado, Nessa.

Eu olho para o rosto dele, a tristeza gravada lá, e um desejo cresce dentro de mim, mais poderoso que a atração. Mais do que querer beijá-lo novamente, quero

conhecê-lo. Quero entendê-lo. Eu quero passar tempo com ele e ouvir mais sobre o que está em sua cabeça. Eu quero mais do que qualquer coisa que queria em um tempo. É mais perigoso do que uma simples paixão, muito mais propenso a me distrair do meu trabalho, me complicar, me machucar quando acabar. Mas apesar desse risco, eu absolutamente quero dizer isso quando digo:— A qualquer hora, Aron.

Na manhã seguinte, eu pulo a academia em favor de uma quantidade ridícula de tempo gasto na frente do espelho. Aron e eu não estamos fazendo nada chique, só jantar, então eu acabo me decidindo por uma blusa com cinto e uma saia lápis que faz o meu traseiro parecer muito bom, se me é permitido dizê-lo. Depois de mexer em meu cabelo e maquiagem e rezar para que ambos suportem o dia, eu vou para o hospital e visito todos os meus pacientes antes de retornar ao escritório para passar a tarde escrevendo minha primeira avaliação neuropsicológica. Lisa chega por volta das cinco e meia , parecendo exausta e infeliz. Ela afunda um pouco quando me vê. — Estive procurando por você. Deveria saber que você estaria no lugar mais óbvio!

— Uau. Está tudo bem?

Ela fecha a porta e se senta em sua cadeira. — Eu queria te ver. Eu sei que você vai sair com Aron hoje à noite.

— Sim...? — Eu não consigo entender porque ela está me olhando desse jeito.

Ela suspira. — Eu estava conversando com um dos bolsistas de medicina paliativa esta manhã, e acontece que ela o conhece.

— Sim? — Minha garganta aperta. Eu *odeio* o jeito que ela está olhando para mim. Essa mistura de pena e aviso.

— Ela disse que estava longe de ser a única. — Lisa se inclina para a frente um pouco. — Acontece que *muitas* mulheres o conhecem. E quando digo *conhecem*, quero dizer...

Sento-me de volta, lembrando de repente as palavras de ódio de Nick de ontem:— *Ouvi dizer que ele está em todas.* — Eu completamente desconsiderei essa informação por causa da fonte. Mas para ouvir isso de Lisa… — Pare. O que quer que você esteja tentando me dizer, simplesmente pare.

Ela faz uma careta. — Nessa, eu não quero que você se machuque! Aparentemente, ele conquistou toda uma *lista* no último semestre e deixou muitos corações partidos e sentimentos ruins. Esqueça o "cavalheiresco", esse cara é um tubarão total! Quer dizer, eu vi ele, então eu entendi, mas...

— Pare! — Eu pisco rápido, porque não quero chorar. Isso seria estúpido, porque eu saí com Aron *uma vez*. Um olhar para ele foi o suficiente para me dizer que outras mulheres o queriam também. Eu não deveria estar surpresa por ele estar com algumas. E além disso, não estou à procura de um relacionamento! Exceto, percebo com tristeza... com ele, eu poderia estar disposta a fazer uma exceção.

— Parei, — diz Lisa, levantando as mãos em sinal de rendição. — Eu só estou cuidando de você. Eu poderia dizer que você realmente gostou dele.

— Eu aprecio você tentando me proteger. — eu digo, tentando engolir a miséria que está crescendo dentro de mim.

Ela me dá um sorriso de desculpas. — É para isso que os amigos servem. E sinto muito.

Nós duas nos voltamos para a batida na porta, e meio atordoadas, eu abro. Aron está de pé no corredor, sua bolsa pendurada em seu ombro, e seu rosto se ilumina quando me vê. — Está pronta?

Eu fico ali por um segundo, completamente paralisada pela beleza do sorriso dele. — Estou pronta. — eu finalmente digo. Mas quando pego minha bolsa e me despeço de Lisa, nada pode estar mais longe da verdade.

Capítulo Sete

Eu me junto a Aron no corredor, fechando a porta do escritório interno. Não quero ser vigiada. Aron franze a testa quando vê minha expressão. — Dia difícil?

Fecho meus olhos e aceno. Eu deveria ligar para a coisa toda agora, mas não quero fazer isso aqui, no hospital, quando qualquer um dos meus colegas poderia passar. Não é que eu ache que Aron não lidaria bem com isso. É como *eu* lidaria com isso. Porque agora que ele está na minha frente, tudo que eu quero fazer é estar com ele, e parece que sinto um aperto em volta do meu coração. — Onde estamos indo? — Eu pergunto, minha voz um pouco rouca.

Seus dedos roçam minha bochecha, tão gentil e quente. — Consegui reservas em Buddakan. Você ouviu falar?

Sacudo minha cabeça. — Indiano?

— Asiático. Nessa, tem certeza de que está bem?

— Sim. — Eu arrisco um olhar para o rosto dele. Há um sorriso hesitante puxando os cantos da sua boca. Ela cai sobre mim como uma onda, minha falta dele, e eu juro que vejo a mesma coisa refletida em seus olhos. Poderia ser apenas o seu desejo de me riscar de sua lista de coisas a fazer, no entanto. E… essa não seria a definição de *manter as coisas simples*? Eu sou uma adulta. Posso fazer isso. Vamos lá.

Ele pega minha mão e nós caminhamos até o estacionamento. Ele me leva a um Volvo azul que parece velho o suficiente para eu suspeitar que ele tenha

conseguido quando veio pela primeira vez aqui para a faculdade de medicina. O interior dele cheira a sua colônia, chá verde e um leve toque de suor, o que me faz sorrir. Pelo menos ele não é completamente perfeito. Ele dirige como alguém que conhece a cidade como apalma de sua mão e desliza suavemente para uma vaga de estacionamento do tamanho do meu cubículo. — Eu poderia usar estacionamento com manobrista — diz ele, olhando para os meus sapatos.

— Está tudo bem — eu digo, olhando para os meus saltos altos de madeira. — Eu estou usando meu calçado prático hoje.

Ele levanta uma sobrancelha. — Sua ideia de prática e a minha são bem diferentes. — E então ele mostra aquele sorriso malicioso. — Mas eu vou pegar você se me pedir com gentileza.

Ele abre a porta para mim e nós caminhamos até o restaurante com sua mão nas minhas costas. Mesmo esse pequeno ponto de contato está fazendo coisas para mim, enviando choques de prazer para todos os meus pontos sensíveis. Não é justo. E de repente me pergunto: é assim que ele toca e todas as suas conquistas? É assim que começa? Como ele espera que esta noite termine?

É quando eu sei que não posso suportar. Fazer coisas que me assustam é uma coisa, mas fazer coisas que são ruins para mim é outra. Eu não quero cair (talvez literalmente) de ponta-cabeça quando tudo o que ele quer é uma noite só. Pode ser simples para ele, mas para mim não seria. Eu não quero ser uma conquista, para ser um nome em uma *lista*, como Lisa a chamou. Não quando passei a semana toda pensando em vê-lo sorrir e ouvir a voz dele. Não quando o vi sofrer por perder um

paciente; não quando tenho vindo a admirá-lo. — Espere. — eu digo, me afastando de seu toque. — Nós não temos que fazer isso.

— Do que você está falando?

— Ouça, estou muito ocupada agora e... — Eu pareço uma completa perdedora. — Não tenho certeza se posso...

— Comer? Porque esse era o plano.

— Eu não posso. Eu... não estou muito a fim de comida asiática. Verdade: os cheiros que saem daquele restaurante estão me deixando agoniada.

— Por que você não disse? Nós podemos ir a outro lugar. Há um lugar...

Eu dou outro passo para longe dele. — Está tudo bem. Você não precisa me levar para jantar.

Seu rosto se contorce de confusão. — Eu não *preciso*? Quando lhe dei a impressão de que estava fazendo isso por causa de um sentimento de obrigação?

— Eu sinto muito. Foi muito legal da sua parte me convidar para sair, mas...

Ele pega meu braço e me puxa em direção a uma rua histórica pavimentada de pedra que fica entre os prédios. Com mãos firmes e seguras, ele me guia até que minhas costas estejam contra o granito, e eu o deixo porque não quero fazer uma cena. Mas estou de olho nos ônibus que surgem, imaginando qual deles me levará para casa.

— Olhe para mim. — diz ele asperamente. Quando eu olho, ele continua. — Eu estive pensando em você a semana toda - você tem sido o único ponto brilhante no que tem sido um dia absolutamente miserável. E por alguma razão, achei que você

sentia o mesmo. Você pode me dizer como eu entendi errado? Eu não sou geralmente tão idiota.

— Você não é um idiota, — eu digo miseravelmente. — Eu não acho que posso lidar com isso. Quero dizer... acho que não tenho tempo para isso.

Ele esconde a dor em sua expressão sob um sorriso encantador. — Tudo o que eu queria fazer era jantar com você.

— Só isso?

Ele considera isso por um momento. — Bem, não, se estivermos sendo honestos.

— Honestidade é bom. — eu digo, cruzando os braços sobre o peito. — Eu não acho que posso acompanhar você, Aron. Queremos coisas diferentes. — *Quero evitar que meu coração se parta.*

Seus olhos se estreitam. — Como você sabe o que eu quero?

— Sua reputação precede você, Dr. Lindstrom. — O tom da minha voz sai estrangulado e soa tão triste quanto eu me sinto.

Ele olha para mim por um longo minuto, deixando essas palavras afundarem, e então ele amaldiçoa e esfrega a mão sobre o rosto. — Claro que sim, — ele murmura, cravando-me com um olhar tão intenso que eu sinto como uma mão na minha garganta. — Então você ouviu alguns rumores e chegou à conclusão de que estou interessado apenas em uma foda rápida, não foi? — Ele acena com a mão em direção ao restaurante. — E que isso é apenas um truque, apenas o embrulho de fantasia em meus planos para entrar em suas calças?

— Isso resume tudo. — eu sussurro.

— Uau, você deve pensar que eu sou tão idiota. — Ele dá alguns passos para trás e inclina-se, entrelaçando os dedos atrás da cabeça e soprando pelos lábios franzidos, como se estivesse tentando se manter calmo.

Eu odeio a dor e irritação em seus olhos, e odeio saber que fui eu quem colocou lá. Mas também odeio a ideia dele me usar e descartar. — Os rumores são verdadeiros?

Ele olha para um ponto nos tijolos acima da minha cabeça. — Provavelmente.

Eu estremeço. Quando ele vê minha expressão, se aproxima de mim rapidamente, sem tirar os olhos do meu rosto. — Eu vou te dizer, se você quiser saber, — ele oferece. — Você pode ouvir isso de mim.

Eu olho para longe, incapaz de suportar a intensidade em seu olhar. — Por quê, porque você quer me machucar? — Agora eu estou sendo muito honesta.

— Não. — diz ele. — Porque eu quero outra coisa completamente diferente.

Algo no jeito que ele diz me atrai de volta para ele. Nós fixamos os olhos um no outro. — Ok. — eu digo, mentalmente me preparando.

— Eu cometi alguns erros no início deste ano. Eu estava sob muita pressão, e estava chegando ao fim da minha residência, e eu... passei por uma fase.

Minhas sobrancelhas se erguem. — Uma fase?

— Não estou orgulhoso disso, de modo algum. Desde que cheguei neste país, meu único foco era me tornar um bom médico. Eu suponho que todo o estresse... uma vez que vi o fim à vista, e fui aceito para este programa de bolsas, fiquei um

pouco selvagem. Depois de cerca de um mês, percebi o estrago que estava fazendo e o quanto estava me tornando infeliz, e foi isso.

Eu franzir a testa. — Foi isso?

Seu olhar é cheio de aviso. — Não pense que sou melhor do que realmente sou, Nessa. Eu não quero te desapontar. Mas não estive com ninguém desde então. Você é a primeira mulher que eu pedi convidei pra sair em muito tempo. — Ele me dá um olhar irônico. — E tão atraído quanto eu estou por você, minhas intenções são na sua maioria honrosas, eu garanto.

— Na sua maioria honrosas. — Esperança estúpida gira dentro de mim. Isto é como andar de montanha-russa, emocionante e aterrorizante.

O canto da boca dele se contorce. — Posso fazer uma sugestão, à luz das nossas indiscrições do passado? — Pergunta ele.

É um lembrete gentil de Nick, do fato de que nós dois fizemos coisas que lamentamos. — Estou ouvindo.

Ele pega meu queixo entre os dedos e inclina meu rosto para o dele. — Vamosnos conhecer melhor. — Seu nariz toca o meu. — Vamos devagar. — Ele inclina a cabeça e passa os lábios sobre minha bochecha. — E vamos ver o que acontece.

— Eu não sei, Aron. — *Esta é sua chance. Empurre-o para longe. Termine agora.*

Ele traça o dedo por uma mecha do meu cabelo. — Eu não estou pedindo para você se casar comigo, — diz ele com um sorriso divertido. — Só estou pedindo para

você jantar comigo. Me conhecer. E então você pode decidir se quer me ver novamente.

— Eu sei disso, mas... — *Eu não posso arriscar conhecer você.* Mas também não posso dizer essas palavras.

Seu corpo está a poucos centímetros do meu e eu descruzo meus braços, derrubando a barreira entre nós, permitindo que ele se aproxime. Eu estou presa na atração gravitacional de Aron, e acho que ele pode sentir isso, porque ele parece saber até onde pode me pressionar, o quão perto pode ficar.

— Dê uma chance, Nessa. — Lenta e cuidadosamente, ele abaixa a boca na minha. Seus lábios são quentes, macios, uma repetição tátil de seu pedido e, embora minha mente não tenha decidido, meu corpo está pronto para se render. Meus dedos se levantam para tocar seu rosto e encontrar a cicatriz curva em sua mandíbula. Eu deslizo a ponta do meu dedo ao longo de seu comprimento, e ele geme suavemente e levanta a cabeça. — Me dê uma chance.

Há algo tão vulnerável, tão despojado em sua expressão enquanto ele espera pela minha resposta. Eu sou atraída por isso, pelo pensamento de que esse homem bonito está pedindo isso para mim. Eu estive tão aos altos e baixos hoje à noite, de um lado para outro, mas agora, estou completamente contente no círculo de seus braços. E embora isso seja assustador o suficiente para fazer meu coração disparar, sei que ele me pegaria se eu tropeçasse. — Lento…— É a única palavra que me ocorre além de *SIM*.

Ele me beija de novo, tão diferente dos nossos beijos na chuva, mais doce de alguma forma, mais íntimo. Eu quase posso sentir o seu sorriso quando ele sussurra: — Lento.

Acontece que Aron Lindstrom é um *mestre* de lentidão. Depois de três semanas, sinto-me prisioneira vivendo de pão e água. Eu tenho o suficiente para me manter viva, mas estou sempre morrendo de fome, sempre querendo mais. Eu não o vejo mais do que algumas vezes por semana. Eu deveria estar feliz com isso, sua agenda é tão intensa que eu não tenho que me preocupar com ele me distraindo do meu trabalho. Mas em vez disso sinto falta dele. E as vezes que eu o vejo são inebriantes e sempre me deixam contando os segundos até que isso aconteça novamente.

Eu estou fazendo exatamente isso naquela manhã de sexta-feira quando meu telefone toca e meu coração dispara quando vejo o número. — Ei, Frank.

— Oi, Nessa. Eu preferi ligar para você em vez de enviar e-mail.

Meu estômago afunda com o som desgastado de sua voz. — Você ouviu do Dr. Eshkol.

— Ouvi. Ele disse que só pode assinar sua proposta de dissertação se você concordar em incluir o estudo adicional de que falamos.

Eu levanto a cabeça e olho em volta do escritório interno. Justin é a única outra pessoa aqui, e ele me dá um olhar curioso. Eu fico de pé e vou para o corredor, minha garganta apertada. — Frank, estou trabalhando sessenta horas por semana aqui. — eu digo.

— Eu sei, eu sei. Ouça, eu vou te ajudar. Não acho que seja um pedido razoável, mas eles estão votando em meu pedido de posse em algumas semanas, e eu não posso exatamente...

— Eu entendo, — eu sussurro, lágrimas surgindo em meus olhos. — Eu só... eu não sei como vou fazer isso.

— Se você puder escrever o pedido do Conselho de Revisão Institucional, eu o aprovarei e obterei a aprovação. Talvez você possa tirar uma semana ou duas para voar aqui e coletar os dados?

Eu respiro pelo nariz, tentando não começar a soluçar no meio do corredor. — Eu acho que não tenho escolha, certo?

— Sinto muito. — diz ele.

Nós desligamos, porque eu não quero surtar enquanto estou no telefone com ele. Em vez disso, chamo a minha mãe. — Você tem um segundo? — Eu pergunto quando ela responde, caminhando pelo corredor para lugar nenhum em particular. O escritório interno fica no porão do hospital de reabilitação próximo ao prédio principal, então tudo o que está aqui é o lar do zelador e a sala de trituração de papel. Eu me abaixo, esperando que ninguém decida se livrar de seus documentos confidenciais enquanto estou usando esse espaço para surtar.

— Para você, eu tenho muitos segundos — diz ela. — O que há, garota? Você está bem?

— Meu orientador acabou de ligar e me disse que eu tenho que fazer um outro estudo para a minha dissertação. — Eu me inclino contra a parede. — Isso poderia

me impedir de me formar na hora. — Imagens flutuam na frente dos meus olhos. Pode levar mais um ano para fazer tudo. Meus pensamentos giram com imagens de contas de ensino, pedidos de empréstimo, a grande bandeira vermelha no meu currículo...

— Respire, Nessa. — ela diz baixinho. — Eu queria estar aí. Você parece tão chateada, e eu sei o quão duro está trabalhando.

— E agora eu tenho que fazer isso! Eu tenho pacientes pelo resto do dia. Eu não posso nem pensar nisso até chegar em casa.

— Quantas horas você trabalhou até agora esta semana?

Eu aperto meus olhos fechados. — Nenhuma ideia.

— Eu tenho a sensação de que sei o que você vai dizer sobre isso, mas… eu acho que você pode estar melhor se você fizer uma pausa hoje à noite. Talvez tenha um novo começo amanhã? — Ela faz uma pausa por um segundo e depois acrescenta: — Você ainda está saindo com Aron?

Eu baixo a cabeça. — Sim, mas com este estudo em cima de tudo…

— Nessa, não faça isso. Não corte todos os seus suportes só porque...

— Só porque? Mãe, eu *Posso. Não. Graduar*. Depois de todos esses anos. Não há 'só porque'! — Eu fungo e fico em pé. — Eu tenho um cliente em poucos minutos. Tenho que ir.

— Ok — ela diz hesitante. — Tenho certeza que você vai descobrir o que fazer. Por favor, me ligue mais tarde, se precisar?

— Obrigada, mãe. — Eu desligo e me permito alguns minutos para organizar-me, enxugar minhas lágrimas, checar meu rímel no espelho de bolso da minha bolsa e ir para a unidade de oncologia. Eu deveria me encontrar com Ursula agora, a paciente que compartilho com a Dra. Feldman. Ontem eles obtiveram os resultados de uma bateria de testes diagnósticos, mas seus pais não querem que ela saiba o quanto é ruim, e eles instruíram todos nós a guardar as informações de Ursula. Eles estão com medo de que deixá-la saber o quão doente ela está realmente vai roubar sua esperança. Eu me sinto desconfortável em manter informações dessa criança, ela tem catorze anos, mas seus pais conseguem fazer a ligação.

A caminhada entre o consultório de psicologia e o hospital principal é uma que faço várias vezes por dia. E agora que Outubro está chegando, eu mudei de saltos e sandálias para botas até o joelho, então é um pouco mais confortável. Ao passar pela passagem elevada entre o centro de reabilitação e o hospital principal, olho para o céu azul brilhante e ensolarado, e meus pensamentos vagam para Aron. Eu estava esperando que pudéssemos sair hoje à noite, mas agora não há chance disso. Eu vou estar gastando todo o meu tempo livre no futuro próximo tentando me certificar de que vou me graduar no prazo.

Ursula está deitada em sua cama de hospital quando entro em seu quarto. Ao contrário de muitas das crianças nesta unidade, Ursula tem o cabelo dela, e isso é porque ela ainda não raspou ou perdeu. Ainda. Ela era uma paciente aqui anos atrás, quando estava apenas na pré-escola. Leucemia linfoblástica aguda. Ela passou três anos dentro e fora do tratamento, e com quimio e um transplante de medula óssea, ela foi finalmente declarada livre de câncer. Mas algumas semanas atrás, voltou para um check-up depois de se sentir cansada e perder peso. Testes

confirmaram que o câncer estava de volta, e ainda pior do que isso, era metastatizado[10], tornando suas chances de longo prazo de sobrevivência extremamente pequenas. Transplante não é uma opção neste momento. Na verdade, apenas ensaios clínicos de fase I para testar dosagens máximas de certas drogas quimioterápicas são oferecidos. É uma escolha terrível, mas os pais dela sabem o que querem para ela.

Eu só tive uma conversa com Ursula, quando a Dra. Feldman me trouxe e me apresentou a ela e seus pais, mas depois de passar apenas alguns minutos com ela, não estou convencida de que esse tratamento doloroso e cansativo seja o que Ursula escolheria por si mesma se ela estivesse tomando as decisões.

— Hey, — eu digo baixinho quando me aproximo da cama dela.

Suas pálpebras vibram, finalmente revelando seus adoráveis olhos castanhos escuros. Ela me dá um sorriso corajoso. — Você é a psicóloga, certo?

— Sim. Nessa. Eu queria conversar com você por um tempo. Sei que você foi internada para alguns testes. — Estou esperando que seus pais cedam e lhe digam o que está acontecendo.

Ela olha pela janela para o canteiro de obras do outro lado da rua do hospital. — Você sabe o que eu mais me lembro sobre ser uma criança? — Ela pergunta.

— Diga-me.

— Estar aqui.

[10] ***Metastatizado*** – que desenvolveu Metástases. **Metástase** (do grego *metastatis* – mudanças de lugar, transferência) é a formação de uma nova lesão tumoral a partir de outra, mas sem continuidade entre as duas. Isto implica que as células neoplásicas se desprendem do tumor primário, caminhando através do interstício - ganham assim uma via de disseminação - sendo levadas para um local distante onde formam uma nova colônia neoplásica.

Meu coração se aperta. — Quaisquer memórias específicas que você deseja compartilhar?

— Tínhamos festas de raspar a cabeça do início de uma nova rodada de quimioterapia. — disse ela. — As enfermeiras tentaram me divertir. Havia essa garota, Kendra, e nós fizemos isso juntas uma vez. Foi como uma festa do pijama. Nós tínhamos picolés depois.

— Isso soa bem legal.

Ela olha para mim. — Kendra não chegou ao décimo aniversário.

Eu engulo em seco. — Sinto muito, Ursula.

Os belos olhos da menina enchem-se de lágrimas. — Eu vou morrer também. Eu sei isso. Eles não estão me dizendo, mas não precisam.

Meus próprios olhos começam a arder. Eu já estou desgastada e isso está me matando. — Você falou com sua mãe e seu pai sobre seus medos?

Ela sacode a cabeça. — Eu não quero machucá-los, e eles não querem me machucar também. Mas eles não vão me dizer o que está acontecendo. Você sabe?

— Eu… eu não sou médica, Ursula. Eu não sou realmente a pessoa para...

— Você sabe, no entanto. Você pode me dizer? Não vou contar a ninguém que você disse, mas tenho o direito de saber. — Ela se senta um pouco, e parece que é preciso muito esforço.

Eu coloco outro travesseiro atrás das costas dela. — Você perguntou a seus pais?

— Eles me dizem que ainda não têm certeza, e eu não quero brigar com eles. — A frustração cai em cima de mim. Eu me levanto.

— Eles estão aqui agora? — Eu pergunto a ela.

— Eles foram almoçar, eu acho. — Ela me observa de perto, parecendo esperançosa.

— Você vai descobrir, Nessa? Descubra e me diga. Eu mereço saber. — Seus dedos úmidos tocam meu pulso.

— Eu acho que você merece, — eu digo a ela. — Vou ver se consigo algumas respostas.

Eu me viro para a porta. Dra. Feldman está me observando do corredor. — Posso vê-la no meu escritório, por favor, senhorita Cavenaugh? — Pergunta ela com uma voz monótona, depois segue pelo corredor sem esperar pela minha resposta.

Dei um rosto corajoso, dei adeus a Ursula e segui a Dra. Feldman até ao corredor da equipe e vou até seu escritório. Ela gira ficando de frente assim que eu entro.

— O que você acha que está fazendo? — ela diz.

— Eu... estava dizendo a uma paciente que vou falar com os pais dela?

— Você disse a ela que merece ter respostas. — diz a Dra. Feldman. Sua voz é uma navalha, tão severa quanto seu corpo magro e seus olhos cinzentos. — Ocorreu a você que talvez ela não saiba? Ela é menor de idade e seus pais decidiram não contar a ela sobre seu prognóstico.

Eu cruzo meus braços sobre o peito, como se isso fosse me proteger. — Eu não quis dizer nada para criar mais conflitos, mas eu discordo que ela não merece saber. Na verdade, — digo a ela, minha voz começando a subir, — ela já sabe. Ela me disse que acha que vai morrer. Ela está certa?

Dra. Feldman faz uma careta. — É impossível dizer. Se ela participar deste ensaio da Fase I, ela poderá...

— E se ela não quiser isso? Se o prognóstico dela é tão sombrio quanto eu acho, ela não deveria ter alguma opinião sobre o que você vai fazer com ela?

Se olhares pudessem matar, eu seria estripada. — Tome cuidado, senhorita Cavenaugh. O que eu vou *fazer com ela*? Você parece uma criança. Como se você achasse que eu faço isso porque gosto de machucar crianças. E se é assim que se sente, você não pertence a um ambiente pediátrico.

Mais uma vez, eu disse exatamente a coisa errada, mas não recuo. Isso não é sobre mim é sobre Ursula.

— Eu não quis dizer isso. Eu quis dizer que ela não é uma criança, e não deveria ser tratada como uma. E seus pais... eles acham que estão fazendo isso por ela, mas não estão. Eles estão fazendo isso por si mesmos e eu...

— Como você se atreve, — rosna a Dra. Feldman. — Eles são boas pessoas. Acusá-los de egoísmo é muito baixo.

— Eu nunca disse que eles estavam sendo egoístas! — Mas então percebi que soava assim, fechei meus olhos e tentei novamente, desejando que pudesse fazer *uma* coisa certa hoje. — Eu acho que dói muito para eles pensarem que ela

está com medo, e então eles estão tentando poupá-la, mas ela é perspicaz demais. Se eu pudesse falar com eles...

— A melhor opção pode ser remover você deste caso completamente.

Eu balanço de volta. — O quê?

Ela se inclina para a frente. — Eu ouvi algumas coisas perturbadoras sobre sua conduta, Sra. Cavenaugh, e estou sentindo que você se sente no direito de fazer o que quiser. — Ela me olha de cima a baixo. — Agora estou vendo por mim mesma e não gosto disso.

— Do que você está falando? — Eu pergunto, mas não há ar atrás das minhas palavras. Eu me agarro a uma cadeira próxima para me manter em pé. Possibilidades se agitam em minha cabeça, todas as maneiras que eu poderia ter estragado tudo.

— Eu não costumo prestar atenção aos rumores. E normalmente não me importo com os estagiários e seus comportamentos pessoais. — Seus olhos se estreitaram. — Exceto na medida em que reflete sobre sua ética e hábitos profissionais.

— Eu não sou... eu não sei o que você ouviu... — Mas eu sei. Nick provavelmente está sussurrando para quem quer que ouça. Eu não posso parar as lágrimas que cobrem meus olhos, e qualquer lógica que eu possa ter me deserta. Dra. Feldman está olhando para mim com essa expressão impiedosa e desgostosa. — *Não é digna de estar aqui,* diz. *Não vale a pena.*

— Com licença, por favor. — eu sussurro, em seguida, giro no meu calcanhar e ando o mais rápido que posso para o elevador pessoal. Eu me inclino contra a parede, apontando o botão para baixo até ouvir um *som* suave.

E, claro, quando as portas se abrem, Aron e Mark estão lá, segurando xícaras de café. Seus rostos sorridentes congelam quando me vêem.

Eu mergulho na escada, desesperada por fuga.

Capítulo Oito

Eu dou os passos tão rapidamente que quase caio.

— Nessa! — Aron chama correndo acima de mim. — Espere!

O som de sua voz me deixa ainda mais frenética. As pessoas sobem as escadas passando por mim, tentando não olhar. Especialmente porque estou sendo perseguida por um médico sueco que grita para eu diminuir a velocidade. Finalmente, chego ao andar de baixo, onde estão a praça de alimentação e a lanchonete, e atravesso as portas.

— Ah, não, não vai. — Aron coloca seus dedos ao redor do meu braço antes que eu possa chegar ao banheiro das mulheres, e ele nos leva rapidamente em direção ao auditório Stokes, que, felizmente, está vazio no momento. Ele mantém um aperto firme em mim enquanto me guia através das portas e as fecha atrás de nós. — Você está me assustando. — diz ele quando se vira para mim, e faz uma careta quando vê meu rosto manchado de lágrimas. — Nessa... — Ele abre os braços, me convidando para entrar.

— Eu não posso. — Eu coloco minhas mãos para afastá-lo.

Seus braços caem para os lados. — OK. Você pelo menos vai me dizer o que está acontecendo? — Eu pisco rápido, tentando recuperar a compostura... e falhando. — Eu não tenho certeza se posso fazer isso também. — eu sufoco.

— Por quê? — Ele pergunta, a frustração se aproximando.

Eu recuo até meus ombros baterem na parede. — Eu preciso descobrir isso sozinha. E é tudo muito confuso agora.

Ele se move em minha direção lentamente. — Se for demais, você poderia me deixar carregar um pouco disso.

— Eu deveria ser capaz de fazer isso sozinha. E se eu não puder...

— Isso significaria que você é humana. — Ele faz uma pausa a poucos metros de distância. — Nessa, se você me disser para deixar você em paz, eu vou. Eu não presumo que tenho o direito de saber o que está acontecendo na sua cabeça. Mas isso não tem que ser apenas conversa casual e beijos fantásticos. — diz ele, gesticulando entre nós.

— Isso é o que eu tenho medo. — eu gemo, cobrindo meu rosto com as mãos. — Então esqueça o que acabei de dizer. Foi estúpido de qualquer maneira.

Eu olho para ele entre os meus dedos e vejo a exasperação de boa índole em sua expressão. — Estou tendo um dia muito ruim. — sussurro, lágrimas surgindo novamente.

— Vamos manter isso de forma simples, então. Eu vou abraçar você agora.

Estou muito magoada para recuar ou resistir quando ele se aproxima e me envolve. Antes que eu possa pensar em parar, estou envolvendo meus braços em volta de sua cintura e pressionando o lado do meu rosto em seu peito, inalando seu perfume, absorvendo seu calor. E então eu começo a soluçar. Não posso mais segurar isso. Ele vai pensar que eu sou uma maluca. Quer dizer, nós saímos em talvez quatro encontros, e sim, eles foram perfeitos e divertidos, mas...

Ele me guia até às cadeiras na fileira de trás do auditório e nos sentamos. Ele coloca o braço sobre meus ombros e afasta meu cabelo do meu rosto molhado, passando uma lágrima com a ponta de seu polegar. — Está bem? Posso ajudar?

Eu olho para a parede mais distante, tentando controlar os estremecimentos. — Eu não penso assim. — Eu acho que o meu relacionamento com ele é parte do problema, mas a ideia de deixá-lo ir é o suficiente para enviar novas lágrimas escorrendo pelo meu rosto. — Eu vou ficar bem. Eu só preciso de alguns minutos.

— Eu tenho tempo.

Solto uma risada rouca. — Não, você não tem.

Ele acaricia minha bochecha e guia meu rosto de volta para ele. — Eu *arranjo* tempo. Conte-me.

Entre soluços, eu conto. Eu conto a ele sobre o telefonema de Frank e o que tenho que fazer, e então conto a ele sobre Ursula. E a Dra. Feldman. Sua expressão fica mais irritada quando ele ouve. — Nick tem trabalhado duro. — ele diz, mortalmente quieto.

— Eu não quero pensar sobre o que ele está dizendo para as pessoas. — Eu cruzo meus braços. — Eu não sei como consegui estragar tudo.

— Não parece que você tenha estragado tudo. Parece que você teve azar com seu trabalho de pós-graduação e que está sendo ativamente ferrada por um colega vingativo e imaturo.

Eu fecho meus olhos. — Não precisei da ajuda dele. Quer dizer, a Dra. Feldman obviamente acha que há algo nesses rumores, mas você deveria ter me ouvido,

Aron. Cada frase da minha boca piorou as coisas. E agora ela quer me tirar do caso porque acha que sou algum tipo de bomba relógio. — Eu rio amargamente. — Bomba sendo a palavra certa.

Ele endurece, e então, lentamente, puxa os braços e cruza-os sobre o peito. — Isso não é justo para você. — diz ele em uma voz firme.

Eu tremo com a perda de seu calor, mas estou com medo de pedir para ele se aproximar, com medo de quanto quero. Ainda pior, quanto eu preciso disso. Eu não quero precisar disso. — Me desculpe, eu sou uma bagunça. Você me conheceu em um momento intenso da minha vida, e não tenho certeza se posso lidar com tudo isso...

— Eu não me importo com a bagunça. — Ele pega minha mão. — Mas eu me importaria se você me afastasse.

Eu olho para as nossas mãos unidas e, em seguida, levanto o meu olhar para o rosto dele, apenas a alguns centímetros do meu. Eu posso sentir o cheiro do chá verde em sua respiração. — Você se importaria?

O canto da boca dele levanta. — Definitivamente. Eu gosto de você.

Eu rio. — Eu gostaria que Joanna Feldman gostasse de mim.

— Pelo que você me disse, este caso chegou a ela. Ela sabe que Ursula provavelmente não vai conseguir, e ela é louca demais por isso. Ela pegou em você. Não é justo, mas meu palpite seria que é uma boa parte disso. — Ele acaricia as costas da minha mão. — Espere até que ela se acalme e você se acalme e vá falar com ela novamente. Certifique-se de que saiba que você entende o que ela está

tentando fazer e que a vida de Ursula é importante para ela. Ela virá de volta. Joanna é uma pessoa razoável. A maior parte do tempo.

Eu inclino minha cabeça contra seu ombro. — Perfeito. Agora tudo o que tenho que fazer é me *acalmar.*

Seus dedos deslizam pelo meu cabelo. — Você tem trinta minutos?

— Eu acho que sim. Quero dizer, não, não tenho tempo, mas...

Ele pega meu rosto nas mãos dele. — Escute-me. Você *nunca* terá tempo. Você é uma profissional ocupada, e sempre haverá coisas que você precisa fazer. Mas você fará muito mais se estiver relaxada e feliz em vez de à beira das lágrimas, certo?

— Quem é o psicólogo, aqui?

Ele sorri. — Você vem a um lugar comigo? Não vai demorar muito.

— Sim. — Eu não estou sorrindo, mas estou chegando lá. Ele me puxa para cima e, com a mão firme na dele, ele me tira do auditório e saímos do hospital. Caminhamos pela praça enquanto uma brisa fresca sopra em nossos cabelos, soprando algumas folhas laranja e marrons. É um dia lindo, e o sol aquece meu rosto enquanto atravessamos o complexo científico da Penn e atravessamos a Curie Boulevard.

— Estamos indo para um parque? — Eu pergunto, olhando para o oásis de árvores que nos espia de entre os edifícios à frente.

Ele me dá um sorriso malicioso. — Espere e veja. — Caminhamos ao longo de uma calçada até chegarmos a um caminho que desaparece na floresta.

Eu olho ao redor, maravilhada, enquanto seguimos pelo caminho de pedra. Estamos no meio de Filadélfia, o centro do campus da Penn, e é como se tivéssemos sido engolidos por uma floresta. Finalmente, chegamos a um lago. — É parte do departamento de bio. — diz Aron. — Usado para pesquisa botânica. É um segredo bem guardado. Eu amo vir aqui.

Não posso segurar meu riso. — Isso são tartarugas?

— Sim, são, — diz ele, observando meu rosto. — E elas fizeram você sorrir. — Uma das tartarugas se afunda na água acastanhada do pequeno lago, desaparecendo na escuridão quando um enorme pássaro aparece por trás de um emaranhado de galhos. É uma garça. E há peixes Koi gordos e multicoloridos perto da pedra ao redor da lagoa, e uma cachoeira que espirra suavemente… — Boa escolha.

Ele me atrai para perto dele, olhos verdes repousando em mim com um peso sensual e tangível. — Eu nunca trouxe ninguém aqui antes. Costumo vir aqui para ficar sozinho.

Eu estou caindo nisso, em seu olhar, e é quase demais para aguentar. — Não me diga isso — eu sussurro, olhando para longe. Eu não deveria sentir o que sinto, especialmente com os rumores girando e tudo desmoronando. Eu não posso fazer isso agora…

— Você joga xadrez? — Ele pergunta, tirando-me dos meus pensamentos confusos. — Hã?

— Venha. — Ele me puxa para uma mesa com um tabuleiro de xadrez embutido. Há uma caixa na mesa com algumas peças antigas de xadrez de

plástico. — Meu pai e meu irmão Max jogavam todos os domingos à tarde, e eu sentava à mesa, observando-os. Eles pensavam que eu era muito jovem para entender, mas eu peguei rapidamente.

— Quantos anos você tinha?

— Quatro. — Quando minha boca cai aberta, sua expressão se torna esperta e travessa. — Eu amo este jogo. As estratégias são úteis na vida também.

— Oh, realmente? — Um sorriso surge em meus lábios.

— Mmm. Estou usando uma agora, na verdade.

Eu rio, mas é sem fôlego quando ele me olha de cima a baixo. — Você vai me dizer o que está fazendo?

— E ceder minha vantagem? Nunca. — Ele me dá um sorriso absolutamente perverso. Apanhada em sua atração gravitacional mais uma vez, eu afundo no banco.

— Eu não jogo há anos. — murmuro. — Meu pai tentou me ensinar quando eu estava no ensino fundamental, mas mal me lembro de qual peça é qual. Ele amava o jogo, no entanto.

O sorriso de Aron desaparece. — Amava?

— Morreu quando eu tinha quinze anos. Ele se suicidou. — Não sei por que senti a necessidade de lhe dizer isso.

— Nessa. — diz ele suavemente, colocando o braço em volta de mim. — Eu sinto muito.

— Já faz anos. Estou bem. Eu… — Eu não quero acabar como ele. Eu quero ficar bem, estar em equilíbrio. E eu estava pensando que manter as pessoas à distância era como eu poderia fazer isso, mas agora, parece o contrário, e não sei como pensar sobre isso. — Vamos apenas jogar, ok? Eu preciso tirar minha mente das coisas.

Ele dá um leve beijo na minha testa e retira o braço. — Eu prometo conter minha tendência competitiva já que você está tendo um dia difícil. — Ele pega um peão. — O xadrez é tudo sobre estratégia. Cada movimento não é sobre si mesmo tanto quanto é sobre a criação de movimentos futuros. — Seus olhos encontram os meus. — Durante o jogo de abertura, pelo menos.

Algo morno se agita dentro de mim, e eu sei que ele não está falando apenas sobre mais xadrez. Eu deveria estar preocupada com isso, mas ao invés disso me sinto atraída. — Parece que é preciso paciência.

— E é. — Ele pega uma das peças maiores. A rainha, eu acho. Ele toca o rosto dela com a ponta do dedo enquanto seus lábios se levantam em um sorriso secreto. — Mas vale a pena.

E então Aron começa explicando as regras de xadrez e montando o tabuleiro. Eu o observo, imaginando como ele conseguiu se virar neste dia para mim. Todos os meus problemas ainda estão lá, e meu peito aperta um pouco com o pensamento deles, mas a cada minuto que passa, com cada sorriso, parece um pouco mais administrável. Como se o mundo não estivesse acabando, como eu posso passar por isso, e como tenho coisas me esperando no futuro.

O tempo passa rapidamente e temos que sair do meio do jogo para voltar ao hospital. Aron tira uma foto da placa com o celular. — Da próxima vez que chegarmos aqui, — diz ele, levantando-se e colocando os pedaços de volta na caixa. — Porque eu estava ganhando.

Ele estende a mão e eu deslizo a minha na sua. — Obrigada. — eu digo. — Acho que você impediu minha cabeça de explodir.

— Eu tive que te dar uma razão para me manter por perto. — Seu tom é leve, mas há algo sombrio sob ele que atrai meus olhos para os dele.

— Eu não ia... — Tudo bem, eu estava, mas agora é a coisa mais distante da minha mente.

— Eu não estou pronto para que isso termine ainda. — Ele levanta minha mão e a coloca em seu peito, então segura minha palma lá. — Eu sei que você tem muito a fazer. Eu sei que você sente que não pode lidar com isso, mas algo me diz que você pode. — Ele abaixa a cabeça. — Eu vejo você, sabe.

— Você me vê? — Eu abro minha boca, e meu coração está acelerado enquanto os dedos dele roçam minha garganta.

Ele concorda. — Em rondas e com Finn e seu pai. Você é tão... não sei. Tão presente. Toda vez que eu vejo isso, eu... quero isso. — Ele ri quando sinto seu coração bater sob a minha palma. — Ouça, eu entendo as demandas de sua agenda melhor do que a maioria dos caras, porque eu estou tão ocupado quanto você. Mas passar tempo com você me faz sentir mais leve, não mais pesado. Mais descontraído e menos frenético. E eu acho que é o mesmo para você. Então, quando você precisar de xadrez, ou tartarugas, ou... Ele se inclina para frente, e eu

fecho meus olhos enquanto seus lábios quentes tocam os meus. Meus dedos se enroscam em sua camisa e eu subo na ponta dos pés. Calor formigando na minha barriga enquanto seu braço desliza ao redor da minha cintura, quando seus dedos se enterram no meu cabelo. E quando estou me tornando líquido macio sob o seu toque, ele levanta a cabeça e beija minha testa. — Eu vou embora enquanto estou na frente. Mas estou aqui.

Ele me puxa para um abraço, e eu o aperto de volta, maravilhada com a felicidade que está girando dentro de mim. Não há como expressar o que estou sentindo em relação a Aron; é tão intenso e tão rápido que eu não tenho palavras para isso. Mas não posso afastá-lo agora, porque ele é o bote salva-vidas no meio do meu mar tempestuoso. Então fico ali naquele pequeno parque, aquele oásis no meio de todo o aço e cimento, e absorvo o conforto de seu toque. Qualquer que seja a estratégia que ele esteja usando... está funcionando.

Capítulo Nove

Eu olho para as minhas peças de xadrez, tremendo quando uma rajada de vento do final de Outubro corta meu cardigan. Nas últimas quatro semanas, Aron e eu viemos para o lago quase todos os dias, e mesmo que nunca tenhamos mais de vinte minutos de cada vez, tem sido minha salvação, como se nada do meu estresse pudesse me encontrar aqui.

Eu ainda não dominei exatamente o jogo que estamos jogando. — Eu não tenho ideia do que fazer em seguida.

— Considerando a minha estrutura de peões no momento, você pode querer considerar um ataque minoritário. — Aron chega do outro lado da mesa e pega a minha mão, em seguida, roça meus dedos com os lábios. — O meio do jogo é sobre agressão controlada e estratégica.

Olho para ele, formigando com o duplo sentido que eu sei que está lá. Ele está intencionalmente me deixando louca, e tem estado no mês passado. Além de ir ao lago, saímos para tomar café ou jantar pelo menos uma vez por semana. Ele me leva até à minha porta e me dá beijos demorados que me deixam sem fôlego e desejando mais. Nós nos encontramos na biblioteca médica em algumas tardes de domingo, e esses são meus momentos favoritos, roubando olhares para ele enquanto lê. Ele sempre sente isso, mas ao invés de olhar por cima de seu livro, ele simplesmente pega minha mão ou toca minha coxa debaixo da mesa, um sorriso quase no rosto. Ele nunca me afasta do que preciso fazer, nunca exige mais tempo do que eu dou. Eu já fiz tanto, até entreguei minha inscrição ao Institutional Review

Board[11] alguns dias atrás e nunca me senti melhor. Estou tão ocupada, mas estou feliz e há uma razão pela qual me sinto assim. Ele está sorrindo para mim do outro lado da mesa enquanto move seu bispo.

Aron está ganhando e ele sabe disso.

Mas esta noite vou virar a mesa. Talvez seja a hora *de eu* mostrar um pouco de agressão estratégica.

Tenho que passar por este dia primeiro, no entanto. — Eu vou te atacar mais tarde. — eu digo. — Primeiro eu tenho que passar por esta sessão. — Estou morrendo de medo - com algum treinamento de Aron, voltei para a Dra. Feldman e pedi outra chance. Prometi não contar nada a Ursula sem permissão. Eu não teria, de qualquer maneira, mas minhas garantias, junto com minhas desculpas por falar fora de hora, pareceram acalmar a Dra. Feldman. Aron estava certo, Joanna Feldman detesta a ideia de perder um paciente, e o desamparo a enfurece. Depois que entendi de onde vinha sua atitude, soube como me aproximar dela. Mas então tive que mostrar a ela que não tinha cometido um erro, colocando sua fé em mim. Depois de semanas de reunião com cada um deles, eu finalmente os convenci a ter uma sessão familiar. Isto foi um grande negócio até levar todos eles para a sala comigo ao mesmo tempo, e a Dra. Feldman me disse ontem que ela está planejando estar lá também. Sem pressão.

Aron tira uma foto do nosso jogo inacabado com o telefone dele, como ele sempre faz. — Eu sei. E tenho que verificar alguns resultados de teste. Vou tentar chegar à cafeteria por um momento.

[11] Institutional Review Board

Eu olho para o céu nublado enquanto caminhamos de volta para o hospital e me pergunto se vai chover sempre no Dia das Bruxas. Solto a mão de Aron quando chegamos à praça, já nos preparando mentalmente para o que vem pela frente. Ele beija minha bochecha. — Você vai ser brilhante. — ele murmura, enviando calafrios para os meus dedos do pé. — Boa sorte. — Ele vai na direção dos laboratórios enquanto eu entro no elevador até à unidade onco. Quando saio, meu telefone vibra. É Frank. — Eu sei que você está provavelmente correndo entre as coisas, — diz ele, parecendo sem fôlego e cansado.

— Você parece ser o único que está correndo. Você está bem?

— Estressado sobre a revisão de posse na próxima semana. Mas eu estive mais preocupado sobre você.

— Eu estou... *bem* , na verdade.

Eu ouço o sorriso em sua voz quando ele diz: — Sim? Eu vou ser honesto, não é o que eu esperava que você dissesse depois do que teve que fazer no último mês!

— Bem, eu aceitei o seu conselho. — eu respondo, pensando em Aron, nos nossos jogos de xadrez, do jeito que me sinto quando estou em seus braços, quando posso derramar o peso da minha lista de tarefas e ser apenas. — Estou tomando tempo para viver enquanto vivo, eu acho.

— Isso é maravilhoso. E estou ligando com boas notícias. Falei com o chefe do conselho de revisão e ele concordou em agilizar o processo. Você deve ter aprovação para começar o estudo até à próxima semana.

— Mesmo? Fantástico! Muito obrigada Frank!

Ele ri. — É o meu trabalho. E eu vou te ajudar a recrutar. Meus outros alunos de pós-graduação podem coletar seus dados, vou treiná-los em seu sistema de codificação se você me enviar todas as suas anotações e arquivos. Nós podemos fazer isso, Nessa. Você pode não ter que voltar em tudo. Eu estive pensando sobre isso, e poderia ajudá-la a administrá-lo remotamente.

— Isso é muito trabalho para você. — eu digo. Ele parece tão cansado já.

— Nessa, quando eu te aceitei como minha estudante de pós-graduação, me comprometi a te guiar pelo programa. E você segurou o seu fim a cada passo do caminho. Eu não vou deixar você para baixo tão perto da linha de chegada.

— Sua voz é quente, gentil, e eu me lembro da escolha que fiz, recusando outras ofertas de pós-graduação para ir trabalhar com este professor assistente do primeiro ano em Wisconsin. O programa foi ótimo e fiquei fascinada por sua pesquisa - mas também sabia que iríamos nos dar bem.

— Eu sei que você não vai, — eu digo. — Você nunca o fez.

— Você vai me ouvir na próxima semana, uma vez que tenhamos aprovação.

— Estou ansiosa para isso. — Sorrindo, eu desligo quando as portas da unidade onco se abrem para mim. Espero que seja um presságio, parece que tudo está se encaixando.

Finn está sentado na cama quando olho para ele. Ele parece muito melhor do que quando o conheci, embora ele ainda esteja frágil. Aron diz que duas rodadas de quimioterapia por indução podem ter feito isso, estamos apenas esperando pelos resultados da biópsia da medula óssea.

— Havia um monstro aqui. — Finn diz para mim conforme entro. — Era amigável, no entanto. — Ele segura um esqueleto verde-esmeralda neon, que assumo foi um presente do monstro.

— Legal. Eu aposto que Shawn vai ficar triste por ele ter perdido isso. — Nós conversamos muito sobre Finn, Shawn e seu pai, como eles são um time, cada um deles com posições-chave. Eu conversei com Greg sobre como ele é o gerente, como pode estar presente para seus jogadores e ter certeza de que eles têm o que precisam, mas ele precisa deixá-los jogar e confiar que eles são fortes o suficiente para fazer isso. Uma vez que é fornecido para eles. Nas últimas semanas, parece ter se apoderado deles, a julgar pelo desenho áspero dos três que estão pendurados na janela. Shawn fez isso para Finn no meu último encontro com ele, e quando mostramos para Greg, ele começou a chorar.

Finn sorri e oferece mais evidências de que ele aprecia seu companheiro mais jovem: ele segura um segundo esqueleto mole. — Eu pedi ao monstro para me dar um para Shawn. Papai está trazendo ele esta tarde e eu vou dar para ele.

— Ele vai amar isso. — eu digo, um pouco rouca. Nós conversamos por alguns minutos, e então uma enfermeira vem para fazer algumas coisas de higiene com Finn, então eu saio com a promessa de voltar mais tarde. Verifico o relógio enquanto me levanto para o quarto de Ursula. Estou dois minutos adiantada, mas o Sr. e a Sra. Crandall já estão lá, e a Dra. Feldman também. Ursula está sentada na cama, mas parece que até isso a está esgotando. Ela me dá um sorriso fantasmagórico quando entro. Sua mãe, uma corpulenta mulher de rosto redondo,

agita-se ao lado da cama, usando um enorme sorriso falso para encobrir o que realmente está sentindo. É disso que estamos aqui para falar.

Após os cumprimentos corteses iniciais, a Dra. Feldman diz: — Nessa, você convocou essa reunião, então estávamos todos achando que você iria começar.

Os dedos de Ursula se remexem no lençol enquanto a expressão da Sra. Crandall congela. O Sr. Crandall tira a mão sobre o afinamento da cadeira e coloca o braço ao redor dela.

Meu estômago está em nós, mas eu consigo dizer: — Eu realmente aprecio vocês se encontrando comigo assim. Sei que todos conversamos separadamente, mas como vocês são uma família, parecia que era hora de ficarmos juntos.

— Sempre fomos próximos. — diz Crandall defensivamente. De todos eles, ela é quem confia menos em mim.

— Eu não disse que vocês não eram... — Eu paro, reorganizando meus pensamentos. *Estratégia*, Aron sussurra em minha mente. — Eu acho que isso tem sido parte do problema, na verdade. Vocês todos se amam tanto que não podem suportar pensar em causar a dor uns aos outros. — Dra. Feldman inclina a cabeça. Ursula balança os ombros, como se estivesse tentando se sentar um pouco mais ereta. Sua mãe pega seus esforços imediatamente e a ajuda e eu agarro essa imagem. Eu gesticulo para eles. — Viram? Estou feliz por ver vocês juntos, porque é mais óbvio agora. Sra. Crandall, você percebeu sua necessidade instantaneamente e conheceu isso automaticamente.

A Sra. Crandall pisca. Ela evitou muitas reuniões comigo, provavelmente com medo de criticar sua escolha de não contar a Ursula sobre seu prognóstico. — Eu acho que sempre fiz isso. — diz ela.

— Você fez mamãe. — responde Ursula, com a voz rouca.

— Você também, Ursula. — eu digo.

Ela engole e parece com dores. Mas já falámos sobre isso, como ela tem que dizer a eles o que precisa, mesmo que ache que vai machucá-los.

— Eu faço. — Seu olhar bloqueia com o de seu pai. — Eu sei que vocês não estão me dizendo o quanto é ruim, e eu não tenho lutado com isso. Eu não quero brigar com vocês.

— Nós não queremos isso, querida. — diz ele. — Você precisa focar sua energia em melhorar! — Sua voz saiu esganada e plástica, como sempre acontece quando finge que está tudo bem.

— Eu não acho que vou melhorar. — ela sussurra. Seus olhos disparam para mim e eu aceno. Ela olha para os pais dela. — E não há problema em falar comigo sobre isso. Seria mais fácil para mim se vocês fossem apenas honestos.

— Mas nós *estamos*... — Sr. Crandall começa, mas ele faz uma pausa quando sua esposa coloca a mão em seu braço. A Sra. Crandall está olhando para o rosto da filha como se nunca tivesse visto antes.

— Você parecia tão otimista. — diz ela a Ursula, depois me lança um olhar acusatório.

Como se eu fosse a única a trazer sua filha para baixo. Meu coração está martelando agora. Um movimento errado e eu vou ser culpada por tudo. Eu respiro e deixo sair. — Como mãe, e como filha. — eu digo gentilmente. — E eu quero dizer isso da melhor maneira possível. Vocês se importam tanto que encobrem todo o medo e a dor para se protegerem uma à outra. — Todos os músculos do meu corpo se tensionam enquanto espero a resposta.

A sra. Crandall olha para longe de mim e lentamente pega o rosto da filha nas mãos. — Você está tentando nos proteger? Você não tem que fazer isso! — Ela pisca e uma lágrima desliza por sua bochecha. — Nós não precisamos disso. Tudo o que queremos é que você tenha esperança!

— Eu te amo tanto quanto você me ama. — Ursula chia enquanto lágrimas enchem seus olhos. — Eu quero que você tenha esperança também.

Estou sentindo alguma esperança enquanto a Sra. Crandall abraça sua filha. — Viu como ela é forte? Ser capaz de compartilhar seus medos com você irá torná-la mais forte. É preciso muita energia para se esconder. — Eu pego o olhar do Sr. Crandall. — Isso vale para todos vocês. É natural responder a uma situação como essa com medo e tristeza. Isso significa que vocês são humanos. — eu digo, lembrando o que Aron me disse no dia em que senti tudo desmoronar ao meu redor.

A testa do Sr. Crandall enruga e seus olhos estão cheios de tristeza. Isso não é justo para eles. Para qualquer um deles. Mas talvez eles possam avançar juntos em vez de em bolhas separadas de miséria silenciosa. Com as paredes de fingimento desmoronando, os três se abraçam, um nó de necessidade e sacrifício e carinho. Eu

dou a Dra. Feldman um olhar de soslaio, e ela balança a cabeça. — Eu vou verificar com vocês todos mais tarde. — eu digo baixinho, e então nós saímos do caminho deles.

— Você fez um bom trabalho. — diz ela enquanto caminhamos pelo corredor. — Eles conseguiram ouvi-la, porque você reconheceu o que eles estavam tentando fazer. Eu aprecio sua colaboração comigo sobre isso. — Ela faz uma pausa. — Eu acho que posso ter sido um pouco injusta com você inicialmente.

Eu sorrio para ela. — Estou feliz que você me deu uma chance.

Sua expressão se ergue, o mais perto que ela chega de um sorriso. — Você tem mais do que eu para agradecer por isso. O Dr. Lindstrom me contou que você fez um bom trabalho em um dos casos dele também. Mantenha isso.

Sentindo que estou a pairar no ar, pergunto a Carol se posso trazer-lhe de volta um café, depois vou até à cafeteria e pego uma tigela de sopa. Encontro uma mesa vazia e sento-me para fazer algumas leituras do jornal enquanto espero por Aron. Mas, é claro, tudo que posso fazer é sorrir enquanto penso no que ele tem feito - aparentemente ele resolveu o assunto sozinho quando se trata de combater os rumores negativos sobre mim.

— Ei, Nessa, posso me juntar a você?

Olho para cima e vejo Mark parado lá com sua bandeja. — Claro.

Ele sorri quando vê meu olhar varrer a cafeteria. — Aron ainda está no laboratório de hematologia tentando tirar alguns resultados de testes dos técnicos. Ele vai ficar com ciúmes por eu ter você só para mim.

Eu me inclino enquanto ele se senta com sua salada. — Devemos ter uma conversa fantástica da qual você pode se gabar mais tarde com ele. — eu brinco. — Ou poderíamos criar uma.

Ele aponta o garfo para mim. — Cuidado. Isso soa *exatamente* como do lado intencionalmente cruel.

Foi o mesmo que pensei do perfeito cavalheirismo de Aron - e, sem dúvida, estratégico. — Talvez ele mereça isso. — Eu belisco meu polegar e o indicador juntos. — Só um pouco.

Mark ri. — Aron encontrou seu páreo. — diz baixinho, e não olha para longe quando encontro seus olhos. — É verdade, Nessa. Eu o conheço há quatro anos e... — Ele aperta os lábios, considerando. — Esqueça que eu disse uma palavra. Agora, Aron disse que você está vindo para a festa hoje à noite, mas ele afirma que você está sendo muito tímida sobre o seu traje.

— Acho que nós já estabelecemos que a crueldade não é um problema para mim. — Um grupo de moradores está dando uma festa de Halloween hoje à noite, e Aron e eu estamos indo. *Juntos.* É a nossa primeira vez fazendo algo assim, e depois de semanas de sua lenta provocação, vou pressioná-lo um pouco. Ou pelo menos vou tentar.

Mark revira os olhos. — Bem, eu estou indo como o Homem Invisível, então você provavelmente não vai me ver lá. — Ele olha por cima do meu ombro e acena. — Eu acho que suas orelhas estavam queimando.

Meu coração pula quando olho para trás e vejo Aron se aproximando de nós. Não importa que o tenha visto há apenas algumas horas. Toda vez que o vejo,

todo o meu corpo reage, efervescente com essa mistura feliz de nervosismo, excitação e deleite. De alguma forma, nas últimas oito semanas, ele se tornou essencial para mim e, por um segundo, o medo me atrai como uma ressaca. Ele tem meu coração firmemente em suas mãos agora. E se... — Ei, — eu digo quando ele se aproxima, afastando a ansiedade.

Aron está radiante, o que facilita. — Como foi com a família de Ursula?

Eu giro no meu lugar e fico em pé. — Realmente bem, tendo tudo em consideração. A Dra. Feldman disse que você conversou com ela sobre mim.

Ele encolhe os ombros. — Eu meramente relatei os fatos. E o fato é que você fez um trabalho incrível com Finn e sua família. É por isso que eu precisava te encontrar imediatamente.

— Está tudo bem?

— Ele está em remissão. — ele sussurra. — Obtive os resultados da biópsia. É oficial.

Eu respiro fundo e coloco minha mão sobre o coração, como se pudesse segurar o sentimento.

— Greg sabe disso?

— Eu acabei de falar com ele.

Nós nos encaramos por um minuto, sorrisos estúpidos esticando nossos rostos, e então eu me esqueço completamente e me jogo em seus braços. Ele me pega, me segurando firme e rindo. — Eu sabia que isso significaria muito para você. — diz ele

contra o meu pescoço, enviando arrepios ao longo da minha pele. — Tinha que ver seu rosto quando você recebesse a notícia.

— Obrigada. — eu digo, piscando rápido. Estou tentando não chorar.

— E essa é a minha deixa para sair, — diz Mark atrás de mim. — Bom falar com você, Nessa.

— Vejo você esta noite. — diz Aron, que me coloca de pé, mas segura minha mão.

— Você pode tentar, — diz Mark em uma voz falsa e misteriosa.

— Homem invisível. — digo a Aron enquanto seu amigo se afasta.

— Então... agora que estamos a apenas algumas horas da festa, você vai me dar uma dica sobre *sua* fantasia? — Pergunta Aron com uma sobrancelha arqueada.

Eu imito sua expressão facial. — Só se você me der uma sobre a sua.

Aron franze os lábios. — Eu acho que prefiro te surpreender. — Então ele me puxa perto e sussurra no meu ouvido. — E você está me matando.

Eu aperto a mão dele, inclinando a cabeça para cima, para que meu nariz passe ao longo da cicatriz, a única mancha suave em sua mandíbula áspera.

— O mesmo para você, doutor.

Capítulo Dez

Chego em casa às seis e começo meus preparativos. Nunca estive numa festa de Dia das Bruxas, especialmente na parte de vestir, mas hoje vou fazer a coisa que me assusta. Eu vou usar uma fantasia sexy e vou ficar incrível. Vou fazer o meu lindo encontro babar. Vou fazê-lo doer tanto quanto eu por ele.

Assumindo que eu possa entrar nesse espartilho sozinha.

Depois de pelo menos meia hora de luta, consigo fazê-lo, embora não tenha certeza de que poderei sair dessa coisa sem a ajuda de uma tesoura e, possivelmente, de um pé-de-cabra. Eu vejo o efeito no espelho. Não é ruim. Eu posso não ser alta, mas estou em forma e tenho curvas nos lugares certos. E com a ajuda deste espartilho de couro, essas curvas estão em exibição total. A saia transparente que flutua em tiras sobre meus quadris e coxas fornece uma ilusão ousada sem realmente ameaçar revelar minha calcinha rendada para o mundo. Isso é apenas para os olhos de Aron, mas apenas se ele pedir gentilmente. E bem, quero dizer, estou fantasiando sobre ele implorando. Enquanto de joelhos. E talvez nu. Vamos ver como será.

Tenho botas de couro, um manto e, sim, tenho uma espada. Eu também tenho uma faixa de cabeça com asas pontudas em cada lado que parecem um pouco com orelhas de coelho para mim, mas a senhora na loja de roupas jurou de cima a baixo que parecia bem. Eu sou uma valquíria, uma das mulheres que decidiram quais guerreiros vikings iriam morrer no campo de batalha e escoltá-los para os salões de festas de Valhalla. Espero que Aron entenda a piada.

Às oito em ponto, há uma batida na minha porta. Eu ando até à entrada e espio o olho mágico. E suspiro.

Há um viking no meu corredor.

É evidente que minha observação sobre ele no nosso primeiro encontro também estava em sua mente, porque está vestido com uma túnica que amarra à frente e uma capa forrada de pele. Seu cabelo está bagunçado e sua barba dourada reluz, e eu percebo que ele provavelmente não se barbeou hoje por esse motivo. Ele tem um capacete de couro preto debaixo do braço. Há um cinto pendurado ao redor de seus quadris estreitos. Ele tem uma espada também. Uma grande.

Ele deve me ouvir guinchar por trás da porta, porque se dirige ao olho mágico. — Eu tive alguns olhares assustados no elevador. — diz ele. — Você provavelmente deveria me deixar entrar agora.

Meu coração está batendo tão rápido que mal posso respirar. — Ok, mas não ria.

— Por quê, você está vestida como uma ameba[12] ou algo assim? Confesso que acharia isso decepcionante.

Fecho meus olhos e abro a porta. Eu não sei o que espero, mas não é silêncio. Abro meus olhos para encontrar Aron me encarando com uma expressão levemente dolorida. — Ah não. É tão ruim assim? — Eu pergunto, olhando para mim mesma.

[12] ***Amoeba*** *ou* ***ameba*** é um gênero de protozoários do grupo dos rizópodes ou sarcodíneos. Unicelular como todos os protozoários, possui pseudópodes que auxiliam na locomoção e aquisição de alimento. A Maioria é de vida livre, ou seja, não-parasitas; dulcícolas (água doce), possuindo um vacúolo contrátil ou pulsátil que realiza osmorregulação - eliminando o excesso de água absorvida -, permitindo a vida da célula.

É quando ele começa a rir. — Sim. — ele responde, entrando no meu minúsculo apartamento. — É muito ruim. — Seus olhos permanecem no meu corpo, acendendo um fogo baixo na minha barriga. — Para o meu autocontrole.

A emoção da vitória é ainda mais doce quando o olho de cima a baixo. — Parece que estamos na mesma onda.

Ele inclina a cabeça, ainda me examinando, seu olhar traçando a curva do meu quadril. — Sim, estamos.

Céus. Estou tentado a pedir-lhe para me tocar. Ou… saquear? Ambos soam atraentes no momento.

Ele me puxa para ele e coloca minha mão em seu peito. Seu beijo é mais faminto que o habitual, mas não fora de controle, o que admito, é o que eu esperava. Então, quando ele me solta com um sorriso irônico no rosto, uma onda de desapontamento abala o pequeno e feliz fogo que eu tinha. — Pronta para ir?

Eu pego sua mão. — Como sempre estarei.

A festa é em uma casa a poucos quarteirões da Rittenhouse Square, então vamos a pé. É noite de Halloween, e também é sexta-feira, então as calçadas estão cheias de pessoas fantasiadas. Mesmo assim, Aron faz virar algumas cabeças, e eu mesma viro algumas, o que aumenta minha confiança.

— Finn vai ser dispensado em poucos dias. — diz Aron. — Você vai querer garantir uma chance de dizer adeus.

— Mesmo? Eu pensei que ele tinha que passar pela quimioterapia de consolidação primeiro.

— Ele terá, mas enquanto sua saúde permitir, ele será capaz de vir ao ambulatório em vez de ficar no hospital. — Ele aperta minha mão. — Greg é muito grato a você. Ele me disse esta tarde que você o ajudou a manter sua família unida. Acho que você teve muito a ver com Finn ficando melhor.

— Você teve mais a ver com isso do que eu. — murmuro. Aron é um médico tão atencioso e adoro vê-lo com seus pacientes. Ele sempre arranja tempo para ouvir, até mesmo para os pequeninos e principalmente para os pais. Isso leva a longas horas, pois ele equilibra entre estar à cabeceira dos doentes com seus deveres técnicos, mas é óbvio que isso é o que ele foi feito para fazer.

Ele coloca o braço em volta dos meus ombros enquanto passeamos, dobrando seu manto sobre as minhas costas para um calor extra. — Acho que estivemos muito bem no nosso primeiro caso compartilhado. — diz ele. — Você é uma das melhores estagiárias com quem trabalhei, Nessa.

— Você é parcial porque eu estou usando um espartilho. — eu respondo, incapaz de esconder o meu sorriso.

Ele beija o topo da minha cabeça. — Desta vez *eu vou* concordar.

Nosso destino é um lugar que contém quatro apartamentos diferentes, cada um deles ocupado por moradores. Eles abriram todo o edifício e, a julgar pela multidão, convidaram todos os estagiários do hospital que não tiveram a má sorte de estarem à noite. Aron segura minha mão enquanto subimos os degraus de pedra. Entramos em um vestíbulo escuro, iluminado apenas por velas elétricas em pequenas mesas em cada canto, sobre as quais penduram teias de aranha cobertas de dezenas de aranhas de plástico. É a sua festa básica de Halloween, completa,

com anjos sensuais usando halos de arame e demônios com chifres de plástico espalhados entre trajes mais inteligentes ou totalmente nerds, incluindo um cara vestido de Scrabble e, sim, pelo menos duas amebas. Estes são, afinal de contas, médicos e outros profissionais médicos, por isso não é exactamente uma festa grega, mas é evidente que as pessoas estão soltas e felizes com uma pausa no forte ambiente competitivo do hospital.

A música bate em uma velocidade diferente em cada apartamento, e Aron me leva para o primeiro, onde ele me apresenta a um dos residentes médicos que mora lá, um cara que parece normal, exceto por um de seus dedos, que foi pintado. Ouro. — Sutil. — eu digo, aceitando uma cerveja que ele tirou do enorme caldeirão ao lado de seu sofá.

Ele me olha. — Não é nada sutil. Mas completamente impressionante.

Aron está em um clima fabuloso enquanto me guia, fazendo conversa fiada. Ele parece conhecer todo mundo, e assim nós nos movemos lentamente, e principalmente eu ouço enquanto ele conversa. As pessoas se chocam umas com as outras e ouço pelo menos uma mulher reclamar que suas asas de borboleta ficaram amassadas. Eu fico perto do meu Viking, que é onde quero estar de qualquer jeito. Mesmo rindo com seus colegas e amigos, Aron encontra um jeito de me tocar o tempo todo. E como sempre acontece, até mesmo o mais leve roçar de seus dedos me excita.

No momento em que alguém tira as doses da gelatina, estou desejando que estivessemos sozinhos. Eu pensei nesta noite como um passo à frente, já que estamos em uma festa com nossos colegas e estamos obviamente *juntos*. Mas agora

que estamos aqui, não me importo. Na verdade, parece um pouco desconfortável, em parte porque embora Aron pareça ter muitos amigos, eu levei olhares de pelo menos um dos anjos sexy, uma rainha da beleza e Chapeuzinho Vermelho. Possivelmente uma das amebas também, mas era difícil dizer. Algumas delas pode ser porque eu estou com o cara mais bonito aqui, mas estou disposta a apostar que pelo menos algumas dessas mulheres estiveram com Aron, e o pensamento faz meu estômago doer. Não sei porque não pensei nisso. Mas uma vez, noto a maneira como olham para ele, o modo como se aproximam e sorriem, o olhar suave e líquido em seus olhos enquanto olham para ele.

Nós vagamos em um dos apartamentos onde alguém pendurou uma bola de discoteca.

A sala está escura, exceto por um estroboscópio e luzes de Natal laranja amarradas ao longo das paredes. As pessoas estão dançando, e é por isso que chegamos aqui, mas estou cada vez menos em clima de festa. O estroboscópio[13] está me dando dor de cabeça. Eu puxo a mão de Aron. — Vou procurar o banheiro.

Ele olha para mim, mas não consigo distinguir sua expressão entre flashes. — Você quer que eu pegue outra bebida?

— Água?

— Certo. Encontro você de volta aqui.

[13] O ***estroboscópio*** consiste num dispositivo óptico que permite estudar e registrar o movimento contínuo ou periódico de elevada velocidade de um corpo, com o objetivo de o fazer parecer estacionário. Obtém-se um conjunto de imagens discretas mas que são representativas do percurso que o corpo descreve. Esse efeito é conseguido através da alternância entre a iluminação com uma luz intensa e o bloqueamento dessa luz com um diafragma - lâmpada estroboscópica.

Eu forço meu caminho pelo centro da sala em direção ao corredor iluminado, que tenho que assumir é a localização do banheiro. Há uma fila, então eu me junto a ela, de pé atrás de uma ladra que está batendo no celular dela, a bolsa de saque dela, completa com um cifrão cravejado de strass, pendurada em seu ombro. À medida que avançamos, acidentalmente piso na cauda longa e peluda dela. Quando ela se vira e vê minha bandana alada, sua boca se torce em um sorriso feio. — Você é a garota com Aron, — disse ela. — Ouvi dizer que ele estava de volta à caça.

Eu fico olhando para ela, imaginando se há uma resposta socialmente apropriada a um comentário como esse. — *Oi.* — eu digo, estendendo a mão e olhando-a com força nos olhos. — Eu sou Nessa Cavenaugh. E sim, Aron e eu estamos aqui juntos. Porque nós *estamos* juntos. — Sai mais como um grunhido no final.

A ladra revira os olhos e não aperta minha mão. — Vá em frente e diga a si mesma isso, querida. Eu entendo. Disse a mesma coisa para mim mesma durante as oito horas inteiras que eu estive com ele. — Ela faz um som nauseantemente sedutor. — Ele fez aquela coisa com a língua? Não é incrível? Eu nunca gozei tão forte na minha vida.

Minha boca cai aberta. — Eu... hum. — Eu me viro e volto para a sala escura, meu peito formigando e minha cabeça doendo. Eu forcei os pensamentos de Aron com outras mulheres para longe, mas agora não consigo parar de pensar nele, e em sua língua, e no que ele fez com ela.

Eu finalmente localizo sua cabeça loira perto da porta do apartamento, e quando o faço, algo dentro de mim se afrouxa um pouco. Ele está aqui comigo e

acidentalmente vestimos trajes combinados, e estamos juntos. É assim, e a ladra pode enforcar-se com o rabo fofo.

Aron está de costas para mim, e um sorriso desliza no meu rosto enquanto percorro os foliões na sala de estar, pretendendo se aproximar dele. Mas eu não chego a meio caminho antes de ele se mover um pouco para o lado e eu a vejo, a fada escultural com longos cabelos loiros cuja mão está no braço de Aron. Sua cabeça está curvada sobre a dela, e eles estão em profunda conversa.

Algo dentro de mim racha, como uma fissura ao longo de uma falha. Alguém bate em mim por trás, mas eu não tenho como me mover ou pedir desculpas. Apenas fico lá, enraizada no lugar, observando Aron com outra mulher. Quem está tocando nele? E ele não a está impedindo.

Capítulo Onze

Meus punhos se apertam. De repente, percebo que cometi um erro fatal. Como costumo fazer quando jogamos xadrez, não vejo a armadilha até que já esteja pronta. A sugestão de Aron de irmos devagar me deixou frustrada e meio enlouquecida de desejo, mas também me deu a chance de conhecê-lo e, ao fazê-lo, me apaixonei. Mais profundo do que eu jamais poderia ter se tivesse dormido comigo uma vez e deixar que fosse só isso, não que ele jamais tivesse oferecido... nem mesmo perto, na verdade. Agora eu almejo a única coisa que não acho que quisesse: um relacionamento sério. E enquanto eu o vejo alcançar a mão da menina de fada enquanto ela descansa em seu braço, quando seus dedos se fecham ao redor dela, eu entendo que um relacionamento sério é a última coisa que vou conseguir com ele.

Uma garrafa fria desliza ao longo do meu braço nu sob o meu manto, e eu pulo, arrancando meus olhos de Aron. Um cara vestido da cabeça aos pés de elastano branco, incluindo a cabeça, está me oferecendo uma cerveja. Ele não diz uma palavra, e então me lembro como Mark disse que ele seria o Homem Invisível. Eu dou-lhe um sorriso fraco. — Ei. Muito esperto. Eu não posso te ver de jeito nenhum.

Ele concorda e eu aceito a garrafa e dou um longo trago. Que diabos. Eu moro a uma curta distância. Mark joga um braço em volta dos meus ombros, e ficamos ali por alguns segundos, observando Aron e a garota de fada. Fico feliz que as luzes estejam baixas e piscando. Eu não quero ver o jeito que ele olha para ela. Eu tomo outro gole, miséria e raiva crepitando e acendendo dentro de mim. Mark deve sentir

isso, porque ele me afasta da porta do apartamento. Uma nova faixa começa, e é uma música do K-pop que todo mundo acha que sabe dançar. Mark começa a girar junto com todo mundo, e ele tenta me puxar para o grupo de pessoas pulando para cima e para baixo na sala de estar, mas não estou querendo nada disso.

Eu levanto a cerveja. — Obrigada pela bebida, mas eu estou indo para casa. — Eu termino, sentindo-a cair infeliz no meu estômago.

Mark puxa o capuz de spandex branco do rosto e vejo que não é Mark - é Nick. — Vamos, Ness. — diz ele. — Fique. Dance comigo. — Você precisa de alguém para prestar atenção em você.

Ugh. Ele e eu não falamos mais que cinco palavras nos últimos meses. Eu o tenho ignorado deliberadamente. Tenho certeza de que foi ele quem espalhou esses rumores sobre mim, os que chegaram à Dra. Feldman e sabe Deus quem mais. Eu posso dizer pelo jeito que ele olha para mim, como se ele soubesse algo secreto e terrível sobre mim. A maneira como ele está olhando para mim agora é pior, no entanto. Seu olhar desliza sobre meu peito e espartilho, sobre meus quadris, minhas pernas, e então ele sorri enquanto seus olhos encontram os meus. — Este é um *bom* olhar para você.

— Não me faça esfaquear você, Nick. — Eu ponho minha mão na minha espada de plástico barata e tento dar a volta nele, mas ele bloqueia meu caminho.

— Não vá. — diz ele, inclinando-se perto o suficiente para eu sentir o cheiro da tequila em sua respiração. — Você nunca me deu uma chance, Ness, e você deveria, especialmente agora que você terminou com…

— Com esta conversa. — eu interrompo. Eu me movo para empurrá-lo, mas ele tropeça para trás, os braços girando. Aron tem Nick pela nuca, um punhado de trajes de Nick cerrados com força em seu punho. Ele está segurando uma garrafa de água na outra mão. Sua expressão é de pedra quando ele solta Nick com um empurrão forte o suficiente para fazer Nick cambalear.

Ouço Nick dizer algo que soa suspeitamente como *idiota*, mas Aron o ignora. Seus olhos verdes estão em mim. Eu cerro meus dentes. Ele terminou com a outra garota por agora, eu acho. Mas eu sei, ao meu redor, as outras mulheres com quem ele está, e quem sabe quantas delas têm experiência em primeira mão com a língua mágica de Aron? — Podemos ir? — Eu digo para ele, e ele balança a cabeça como se estivesse prestes a sugerir a mesma coisa.

Segurando firmemente a mão dele, eu atravesso a multidão, deixando minha garrafa de cerveja agora vazia em um vaso de plantas pelas escadas. Aron encontra um lugar similar para a garrafa de água, recupera seu capacete de uma pilha de acessórios de traje descartados no patamar e lidera o caminho quando chegamos às escadas, abrindo um caminho para mim. Estamos na calçada alguns segundos depois.

— Ele tocou em você? — Pergunta Aron, uma vez que estamos livres da multidão e do barulho. — Você está bem?

— Tudo bem. — eu digo, mantendo minha voz leve enquanto a raiva e a dor fervem dentro do meu coração. — Eu poderia ter lidado com ele.

— Eu sei. Mas ele tinha você encurralada, e eu não gostei do olhar em seu rosto. — Eu pressiono meus lábios juntos. Provavelmente parecia assim porque estava pensando sobre Aron entrelaçado com a ladra.

— Você quer ir tomar uma bebida em algum lugar? — Pergunta ele.

Eu sacudo minha cabeça. — Quero voltar para o meu apartamento. — Porque eu decido o que quero, e não há tempo como o presente. Especialmente quando o futuro foi lançado ao inferno.

— Tudo bem. — diz Aron — Mas isso não é exatamente lento.

— Por favor? — Eu digo, me escondendo debaixo do braço dele e colocando o meu ao redor de sua cintura. Ele coloca sua capa em volta de mim novamente. — Claro. — diz ele. Eu abaixo minha cabeça para esconder meu sorriso sombrio com a rouquidão em sua voz.

Caminhamos apressadamente para o meu apartamento e nos aproximamos do elevador. Eu puxo a chave da minha bota e coloco na fechadura, depois abro a porta e pego um punhado de sua túnica, arrastando-o atrás de mim. Ele ri quando eu bato a porta e atiro minha bandana alada atrás de mim, mas fico séria quando o puxo para mim e deslizo minha mão sob a túnica, correndo meus dedos ao longo dos sulcos de seu abdômen, raspando minhas unhas por sua pele quente. Minha cabeça está girando; eu tomei um monte de bebida e uma voz fraca dentro da minha cabeça está me dizendo para parar, mas eu ignoro isso. Se todas aquelas mulheres na festa tiverem Aron, por que eu também não posso tê-lo, pelo menos uma vez, antes que ele perca o interesse e siga em frente? Por que não posso reivindicá-lo por oito horas, assim como a ladra?

Quando minha unha aperta um minúsculo e enrugado mamilo, os olhos de Aron se fecham e seus lábios se separam. Ele enrola a mão em volta do meu pescoço, me segurando para um beijo feroz que me inflama, me derrete, me destrói. Eu tiro minha mão debaixo de sua túnica e puxo-a para a frente. Os laços que a seguram se abrem, revelando os músculos tensos do peito e, antes que ele possa respirar, estou sentindo o gosto de sua pele.

Ele é delicioso, quente, inebriante, masculino e perfeito, embora eu não espere nada menos. Ele coloca as palmas das mãos na parede atrás de mim e se inclina para a frente enquanto sua cabeça está pendurada, deixando-me fazer o que eu quiser. Eu me aproximo, traçando um caminho molhado do peito até ao pescoço, enquanto minhas mãos empurram a túnica para cima, para cima... ele levanta o manto sobre a cabeça e levanta os braços para que eu possa tirar a túnica. E lá está ele, magro, cada músculo esculpido tenso, e quero marcar minha essência em cada centímetro quadrado dele. Eu quero que ele seja meu.

Mas se eu não puder ter isso, vou pegar o que ele me der. Nas profundezas da névoa de desejo que tem sido construída nos últimos dois meses, há um grito de miséria. Eu quero mais do que seu corpo. Eu quero mais do que esta noite. Eu quero mais do que ele deu àquelas outras mulheres.

Quando aperto sua clavícula e pego seu cinto, ele geme. — Nessa, nós deveríamos…

— Sim, — eu digo quando o cinto e a espada atingem o piso de madeira com um barulho. — Deveríamos.

Ele amaldiçoa baixinho e seus braços deslizam em volta de mim, para a fileira de minúsculos ganchos nas minhas costas que seguram meu espartilho fechado. Levei muito tempo para apertar isso, mas ele tira de mim em três segundos. *Ele tem muita experiência com esse tipo de coisa*, sussurra a ladra.

Eu me inclino contra a parede enquanto Aron deixa cair o espartilho e olha para mim no meu sutiã sem alças, saia e botas. Eu ainda estou usando meu manto, e luto contra o impulso automático de puxá-lo ao meu redor, lembrando-me de que não posso ter medo esta noite. Não se eu quiser aproveitar esta oportunidade para o que é. Hesitação vai me matar. Eu me forço a olhar em seus olhos enquanto lentamente levanto o manto sobre a minha cabeça. Eu abro meu próprio cinto de espada. E então chego e solto meu sutiã. Sua mandíbula aperta enquanto balança dos meus dedos, e sua atenção se encaixa nos meus seios. O meu cai no seu pau, lutando contra as calças. O choque simultâneo de nervosismo e triunfo me deixa tonta.

O olhar de Aron me acaricia, e eu pagaria muito para poder ler sua mente. Mas, novamente, talvez eu não queira. Ele está me comparando com todas as outras mulheres com quem ele esteve? Eu estou à altura?

Começo a olhar para mim mesma, mas Aron me assusta caindo de joelhos. Eu observo os ângulos requintados de seu rosto, sua cicatriz em forma crescente, a fome em seus olhos enquanto ele desliza a mão por trás de um dos meus joelhos e remove uma das minhas botas, depois a outra. Com os pés descalços, meu peito está bem no nível do seu rosto, e esse parece ter sido seu objetivo, porque ele passa a mão pela minha espinha e me inclina para a frente. Quando a boca dele se fecha

sobre um dos meus seios, eu grito, não esperando a explosão de sensações que irradia direto através da minha barriga e termina com uma onda de desejo no meu núcleo.

Sua língua gira sobre o bico perolado enquanto seus dedos brincam com o outro. É tudo que posso fazer para ficar de pé. Minhas mãos estão no cabelo dele e minha cabeça está curvada sobre a dele. *Eu te amo*, acho que miseravelmente. Com raiva. Profundamente. *Você me fez apaixonar por você...*

Meus olhos queimam com lágrimas enquanto sua mão desliza pela minha perna, até à minha coxa, debaixo da minha saia. Seus dedos deslizam sob a faixa do quadril da minha calcinha. *É isso. É assim que ele pega o que ele quer. É assim que ele quebra meu coração.*

Ele pega meu mamilo entre os dentes e eu assobio com o prazer repentino e duro disso. Contra a minha vontade, digo o nome dele. Ele beija a mancha bem no meu coração, como se ele soubesse que lhe pertence. Deixo minha cabeça cair para trás e não tento parar a lágrima que cai do canto do meu olho. Ele afunda em seus calcanhares, arrastando sua língua ao longo do meu estômago até o meu umbigo enquanto desliza minha calcinha pelo meu quadril. — Você tem um gosto tão bom quanto eu pensei que você teria. — ele diz em uma voz irregular.

— E você é tão bom com sua língua como ela disse que você era.

Meus olhos se abrem e eu olho para o teto, enquanto o abraço de Aron em mim fica duro. — O que você disse? — Ele pergunta baixinho.

Eu bato a parte de trás da minha cabeça contra a parede. O que há de *errado* comigo? — Se eu disser 'nada', você aceitaria?

Ele puxa minha calcinha de volta para o meu quadril e se senta para trás. — Eu ouvi você direito?

Eu não posso olhar para ele, então continuo a me concentrar na mancha de água ao redor da luz da entrada acima da minha cabeça. — Eu conheci uma menina fantasiada de assaltante na festa. Ela me perguntou se eu tinha experimentado as coisas incríveis que você pode fazer com sua língua. As coisas que deram a ela os melhores orgasmos de sua vida, aparentemente.

Aron esbraveja. — Olhe pra mim, Nessa.

Eu mantenho meus olhos no teto onde eles precisam estar. Devo parecer tão patética, todo o meu metro e sessenta, vestindo apenas uma saia esvoaçante, pálida como um peixe, provavelmente com marcas vermelhas no peito e na cintura por usar um maldito espartilho de couro a noite toda. Não sou nenhuma valquíria, e o deus do sexo viking na minha frente provavelmente vê isso claramente. — Eu queria descobrir por mim mesma. Antes que perdesse minha chance.

— O quê? — Ele soa tão chocado que atrai meu olhar para ele quando ele se levanta. Sua expressão é comprimida, linhas gravadas nos cantos de sua boca. — Do que você está falando?

— Depois que a assaltante me contou sobre sua língua milagrosa, eu vi você com a fada loira alta, — eu digo baixinho. — Ela estava tocando em você, ela, — eu engulo em uma respiração, sufocando em minha mágoa e ciúmes. — Eu vi você tomando a mão dela.

— Você me viu tirando os dedos do meu braço. Você me viu dizendo que não estou disponível, que estou com alguém, que sinto muito se a machuquei.

— Você esteve com ela também, então.

— Nós conversamos sobre isso. — diz ele, dando-me um olhar cheio de aviso. — Eu nunca menti para você.

— Não, mas um alerta sobre todas elas estarem na festa teria sido bom! — Eu tiro minha capa do chão e a aperto no meu peito, outra lágrima escorrendo pelo meu rosto enquanto balanço minha cabeça e tento respirar. — Mas tudo bem. Está bem.

— É *não* está bem. — encaixar Aron, passando a mão pelo cabelo. — Então é isso? É por isso que você está agindo assim? Você está tentando me fazer usar você como eu fiz com outras mulheres, só para ver se isso faz você se sentir tão mal quanto elas se sentem? — Ele agarra meu queixo e levanta meu rosto. — Adivinha? Isso nunca teria funcionado.

Eu estremeço. — Você não tem que esfregar isso na minha cara. Eu sei que não sou tão experiente ou...

— Porra, Nessa! — Ele leva meu rosto inteiro em suas mãos agora e se aproxima, as costas da minha mão roçam seu estômago nu. — Não teria funcionado porque eu sinto mais por você do que nunca senti por ninguém, e qualquer coisa que fizermos juntos não sou eu usando você! — Ele aperta os olhos e coloca a testa na minha. — Sou eu, *entregando*-me a você.

Ele me puxa para seus braços e segura minha cabeça contra seu peito. Sob a minha bochecha manchada de lágrimas, sinto seu coração batendo forte. — Você pensou que isso era um adeus, não é? — Ele diz, soando como se a respiração

tivesse sido nocauteada. — Você ia me deixar ir. Não fazia ideia de que valesse tão pouco para você.

Isso me traz à vida, o som dele magoado, aquelas palavras saindo dele em um sussurro quebrado. Envolvo meus braços ao redor de sua cintura, e nossos peitos estão pressionados juntos, segurando o manto entre nós. — Aron, você não tem ideia de como *tanto* você vale a pena. Isso não é um jogo para mim.

Ele continua parado. — Você está insinuando que é o que eu penso?

Todos os nossos jogos de xadrez voltam para mim, todas as piadas sobre estratégia. — Não sei… é?

— Só no sentido que eu tenho pensado muito em como eu vou levar isso para o final do jogo com você. — Ele me pega pelos ombros. — Mas depois dos últimos dois meses, você é capaz de pensar que tudo que estou a fim é sexo? — Seus olhos se arregalam enquanto ele procura meu rosto, e então sua expressão pisca com raiva. — Eu acho que você é capaz de pensar sim. Ou talvez você esteja jogando um jogo seu. Você está com medo e está tentando se enganar e pensar que isso é sobre mim e outras mulheres. Mas eu não vou deixar você fixar isso em mim. Isso é sobre *você* encontrar desculpas para me afastar. Para alguém que está treinando para ser uma psicóloga, você é uma profissional em auto-engano. — Sua voz está tremendo, e cada centímetro dele está rígido de tensão quando ele começa a se afastar de mim. — Isso *significaria* algo para mim, Nessa, e você estaria fingindo...

— Isso significaria alguma coisa! — Meus dedos se prendem nas presilhas do cinto dele, porque temo que ele vá fugir. — Cada minuto que estamos juntos significou muito. Você está certo, eu não queria, mas não consegui parar. E agora

eu *não posso* te afastar. Não realmente. — Eu olho para ele e dou-lhe o poder de me destruir. — Se você fosse embora agora mesmo, você ainda teria meu coração.

Sua expressão é reservada. — Porque você está tão assustada?

— Porque você poderia me machucar! Nos últimos dois meses, meu tempo com você me manteve à tona e não estou acostumada a precisar disso. Eu nem *sabia* que precisava disso até você aparecer! Mas se eu perder agora... — Faço uma pausa, tentando recuperar o fôlego. — Aron, você é tão lindo que eu sinto que não posso mantê-lo, como se eu não fosse boa o suficiente, — eu finalmente sufoco. — E eu não estou falando sobre como você aparenta. Bem, não é só isso.

Seus dedos se enterram no meu cabelo. — Já ocorreu a você que eu poderia sentir o mesmo?

— Não. — Porque: o quê?

— Deveria ter. — Ele me beija, emoldurando meu rosto com as mãos, me segurando como se eu fosse frágil e preciosa. Eu me movo, e a capa cai entre nós, fazendo nossos peitos encostarem. Nós dois soltamos uma respiração repentina, cedendo um pouco com a sensação incrível e avassaladora de pele na pele. Mas depois de alguns segundos, Aron se afasta. — Eu acho que deveria sair.

Por um momento, quero recuar em minha concha, para colocar minhas paredes protetoras. Mas os últimos minutos me fizeram perceber que eu quero Aron mais do que quero jogar seguro com meu coração. — Eu não quero que você vá.

— Se eu tivesse alguma ideia de que você estava forçando as coisas comigo porque estava chateada, — diz ele, — nunca teria deixado isso chegar tão longe. Eu não quero estar com você desse jeito. — Quando meu rosto cai, ele faz um barulho frustrado. — *Pare com* isso. Estou desesperado para estar com você, Nessa. — Seu polegar desliza sobre meus lábios. — Mas preciso que você entenda uma coisa: quero você completamente. Cérebro, coração e corpo. Não há paredes entre nós. Eu quero que você se entregue a mim, mas primeiro você tem que decidir que está pronta para isso. — Ele me dá um olhar triste. — E tanto quanto eu quero você, esta noite claramente não é a noite.

Agora eu *realmente* não quero que ele vá. — Você ficaria se eu prometesse não pular em seus ossos? — Eu mordo meu lábio e pego sua mão. — Você ficaria e estaria ao meu lado, só porque eu preciso de você por perto?

Ele olha para os meus dedos entrelaçados com os dele. — Bem, quando você coloca dessa maneira... — Um sorriso desliza em seu rosto. — Não tem como eu dizer não.

Capítulo Doze

Eu acordo quando a luz do dia escorre pelas cortinas. Com os olhos fechados, asseguro-me de que minhas lembranças da noite passada são reais, não uma fantasia imaginária. Isso ajuda ao sentir o braço de Aron em volta da minha cintura, seus dedos estendidos possessivamente sobre a minha barriga, o calor do seu corpo nas minhas costas.

Depois que ele concordou em ficar, eu corri dentro do meu apartamento, procurando a escova de dentes extra que recebi da minha última consulta com o dentista. Eu estava tão nervosa que ele mudasse de ideia e fosse embora, mas depois que tomou a decisão, simplesmente sentou na minha cama e me observou com um sorriso perplexo, então me acolheu em seus braços com um suspiro profundo. Nós não falamos muito. Eu, por exemplo, tinha sido balançada em meu interior pela intensidade dos meus próprios sentimentos, e precisava do conforto silencioso de sua proximidade para me recompor. Talvez ele sentisse o mesmo.

De sua respiração e da frouxidão de seus membros, acho que ele ainda está dormindo. Eu não quero acordá-lo. Mas sabendo que ele está aqui, comigo, aconchegou-se debaixo do meu edredom... Estou muito feliz. Eu nunca fui tão feliz. Fecho meus lábios e deixo a lágrima deslizar pela minha bochecha.

A mão de Aron se move pelo meu corpo, me aproximando dele. — Você está acordada? — Ele sussurra em meio ao sono.

Concordo com a cabeça e passo a mão pelo rosto, sentindo-me autoconsciente, depois coloco a mão sobre a dele. Ele se levanta sobre um cotovelo

e se inclina para beijar meu pescoço e, quando o faz, sinto o comprimento duro dele contra o meu traseiro. *Uau.* Meu corpo responde imediatamente, um aperto sutil, meus dedos se enrolando. Eu me contorço para trás, curiosa, e sou recompensada por sua ingestão aguda de ar. Sua mão se fecha no meu quadril.

Eu rio. — Por favor, me diga que significa que você gosta de acordar desse jeito.

Ele geme enquanto eu me movo novamente, e então seus dedos me seguram enquanto ele flexiona seus quadris, pressionando-se ao longo do meu corpo. — Você não tem ideia. — Ele inclina a cabeça e belisca meu pescoço. Sua barba por fazer arranha minha pele, enviando arrepios deliciosos através de mim, e sua mão desliza para o sul enquanto seu tom se torna travesso. — Ou tem?

Do outro lado da sala, meu telefone começa a tocar dentro da minha bolsa, mas eu o ignoro porque as pontas dos dedos estão cavando sob o cós do meu short. Ele para ali mesmo, esperando por mim. Com a sensação do seu eixo contra mim e sua respiração quente deslizando pela minha garganta, minha mão se move sozinha, cobrindo a dele, empurrando-a para baixo. Todo instintiva, eu levanto minha perna e a movo por cima dele, permitindo-lhe acesso enquanto meu coração acelera.

Seus dedos deslizam sob a barreira da minha calcinha, encontrando minhas dobras já escorregadias, concentrando-se no centro sensível do meu clitóris. Suspiro quando a ponta do seu dedo circula.

— Tão molhada. — ele murmura, deslizando o dedo no centro de mim e encontrando a minha abertura. Ele engole meu choro quando o dedo entra em mim

e me beija com movimentos lentos de sua língua que combinam com os movimentos de sua mão.

Meu telefone começa a tocar de novo, mas mal ouço. Eu estou perdida agora, presa no círculo dos braços de Aron quando um segundo dedo se junta ao primeiro e ele mói seus quadris contra mim. Eu sou uma bagunça sem sentido, agarrando seus cabelos e agarrando-o a mim enquanto o prazer percorre meu corpo, subindo pela minha coluna e desce pelos meus membros, levando-me para a completa rendição.

Depois de ficar em silêncio por três segundos, meu telefone toca pela terceira vez. Aron levanta a cabeça enquanto sua mão para. — Alguém realmente quer chegar até você. — diz ele entre respirações. — Você não deveria checar?

Meu primeiro pensamento é INFERNO NÃO, porque eu estou tão perto, tão desesperada, mas como o telefone continua a tocar, eu percebo que pode muito bem ser uma emergência. E se algo aconteceu com minha mãe? E se ela precisar de mim? — Sim— eu digo, consciente de novo quando ele desliza os dedos pelo meu corpo.

Eu saio da cama, tiro meu telefone ainda tocando da minha bolsa, e franzo a testa quando vejo o nome que aparece no identificador de chamadas. É o departamento de psicologia da Universidade de Wisconsin. — Olá?

— Nessa, — diz uma voz acentuada. — É Ranaan Eshkol.

A estranheza de ouvir sua voz saindo do meu celular rouba qualquer palavra educada que eu possa ter. — Hum, oi?

— Peço desculpas por ligar a uma hora tão estranha, mas estou notificando todos os alunos de pós-graduação do Dr. Rush que ele teve um ataque cardíaco na noite passada e...

— O quê? — Sento-me pesadamente, espalhando frio para fora do meu peito. — Você está falando sério? Ele está no hospital? Ele está bem?

— Sinto muito, mas não. Ele faleceu hoje cedo de manhã. — Ele faz uma pausa quando eu suspiro. — Isso foi um choque para todos nós. Bastante repentino e absolutamente trágico. Os serviços funerários serão realizados na terça-feira. Eu entendo que você está em estágio na Filadélfia...

— Eu estarei lá. — eu sussurro.

Meus pensamentos são um caos desordenado. Tudo que eu posso imaginar é Becca e o pequeno Colin... eles devem estar arrasados. Frank se foi. Ele foi *embora*. Eu mal consigo agradecer ao Dr. Eshkol por ligar antes de desligar, meus lábios formigando e entorpecidos quando o choque rola sobre mim. Quando a ligação termina, deixo meu celular cair e inclino a cabeça.

Aron está ao meu lado em um instante, envolvendo seus braços em volta de mim enquanto minhas lágrimas começam a cair. — O que aconteceu? — Ele pergunta, me guiando de volta para a cama.

Entre soluços, eu digo a ele. — Ele acabou de fazer quarenta anos no ano passado! Mas ele estava trabalhando muito. Ele estava me ajudando, fazendo todas essas coisas por mim. E ele estava cansado. Eu ouvi em sua voz. E se ele...

Aron me balança suavemente. — Shh. Se você está sugerindo que você contribuiu para sua condição, você precisa parar. Para alguém da idade dele sofrer um infarto do miocárdio como esse se é o que era, não terá sido resultado do estresse.

Eu me apego a ele, meus dedos pressionando em sua pele. — Eu não posso acreditar que isso está acontecendo.

Aron mantém seu aperto feroz em mim quando eu me perco. Ele me deixa tagarelar sobre os últimos quatro anos e tudo o que Frank fez por mim, como ele se importava comigo e cuidava de mim. — Eu tenho que ir para Wisconsin. — eu finalmente digo. — Eu tenho que ir imediatamente.

— Eu sei. — Ele olha para mim e passa a parte de trás de seus dedos sobre a minha bochecha, afastando uma lágrima. — Quanto tempo você vai ficar fora?

— Não sei. Eu tenho que assistir ao funeral, mas também tenho que resolver um monte de coisas. — Enquanto digo isso, a coisa toda cai em cima de mim. Frank estava administrando tudo para mim e, sem ele, minhas chances de me formar em Agosto estão diminuindo rapidamente. Eu não quero nem pensar nisso agora, mas não tenho escolha.

Aron me aperta e eu deito minha cabeça em seu peito. — Vou sentir sua falta. — diz ele, beijando o topo da minha cabeça.

— Quando eu voltar, quero mais disso. — Eu inclino minha cabeça para cima e desenho meus dedos ao longo de seu pescoço, sua mandíbula.

Seus olhos se fecham com meus toques suaves de plumas, minha exploração silenciosa, e então ele pressiona a palma da minha mão no rosto dele e a segura lá. — Quando você voltar, eu quero mais do que isso. — ele sussurra.

Eu me ergo e puxo sua cabeça para baixo, colocando minha resposta em meu beijo, em respirações gaguejantes contra sua boca. Eu não sei como dizer a ele com palavras, ainda não. Mas enquanto nos abraçamos, enquanto aproveitamos nossos últimos minutos juntos antes que o mundo se feche novamente e nos separe, eu silenciosamente prometo a ele: *Quando eu voltar, vou lhe dar tudo de mim.*

Eu me sento atrás do computador, minhas costas doendo. A última semana e meia foi um festival de miséria. Frank era bem amado por todos os seus alunos, e sua morte foi dolorosamente repentina e muito *errada*. Todo mundo anda por aí como zumbis com olhos vermelhos. Eu também me sinto assim, mas não tive escolha senão ser o Coelhinho Energizador. Como estudante graduada em seu laboratório, eu reuni as tropas. Eu me encontrei com meu comitê e até mesmo com o Dr. Eshkol para ter certeza de que ainda tenho uma chance de terminar no próximo verão. E graças a Frank, eu tenho o aval para começar meu estudo no dia seguinte ao seu funeral. Eu tenho lutado para coletar o resto dos meus dados de dissertação desde então, entrevistando os pais sobre os filhos desenvolvendo identidades de gênero e agendando observações das crianças com seus colegas que alguns dos alunos de pós-graduação mais juniores vão completar para mim no próximo semestre.

Dormi apenas algumas horas por noite – num sofá-cama irregular na sala de estar de outra aluna de graduação, com seu gato de 30 quilos massajando suas

garras no meu traseiro em intervalos aleatórios, só para garantir que não conseguisse nada que se parecesse com o adequado descanso.

Mas daqui a três dias, vou ver Aron novamente. Seus textos e nossos telefonemas noturnos foram a única coisa que me manteve. Nós baixamos um aplicativo de xadrez em nossos telefones e jogamos durante todo o dia, mais uma maneira de ficar conectado. Toda vez que meu telefone vibra, uma pequena emoção passa por mim, porque sei que ele está pensando em mim. Quando nos beijamos no aeroporto, acho que ambos sabíamos que algo havia mudado. Nós silenciosamente concordamos que essa coisa que temos juntos é mais profunda do que encontros casuais, que a lentidão é irrelevante, que vamos chegar ao final do jogo, o que quer que isso aconteça. E em vez de ter medo, mal posso esperar para voltar.

Por enquanto, porém, tenho que codificar e inserir mais duas entrevistas antes de ir embora. Esfrego meus olhos e bocejo e, em seguida, pressiono o play no meu gravador digital. Antes que a mãe na gravação tivesse a chance de dizer como se sentiu quando o garotinho anunciou que queria ser uma garota, meu telefone vibra com uma mensagem de Aron e eu paro.

Como você dormiu?

Um bufo de riso me escapa enquanto digito:

Esqueci o significado do sono. Por favor defina.

Eu pensei que você poderia dizer isso.

Em seguida, minha notificação da caixa de entrada é bipada. Eu viro para isso. — Céus. — eu sussurro. Aron reservou-me um quarto no Hotel RED, um dos hotéis mais bonitos de Madison.

Você é tão doce, mas não posso aceitar.

Já paguei. Pode me fazer feliz? Durma?

Eu olho para o seu texto e, em seguida, digito minha resposta. *Você é meu herói.*

Volto ao trabalho pela tarde e termino às sete, pego minhas coisas no apartamento em que estou hospedada e sigo para o Hotel RED, desesperada por um banho quente e uma noite tranquila e sem gatos. Minha mãe liga quando eu subo o caminho para o estádio, que fica em frente ao hotel. — Ei mãe.

— Eu só queria ver como você está, garota. Sei que tem sido uma semana difícil. — Este é o código para: *Como está seu humor? Não está deprimida, ou está?* Porque nós tivemos essa conversa mil vezes, porque ela dançou em torno dela toda vez, eu sei o que ela precisa ouvir: *Eu não estou indo ao fundo do poço, e não tenho planos de me matar.* Mais ou menos, pelo menos. — Tem sido difícil, mas estou me sentindo esperançosa. Acho que tenho os detalhes resolvidos.

— Você deve estar se esforçando. Está dormindo?

Eu sorrio. — Eu definitivamente vou estar recuperando alguns dias hoje à noite.

— Aron provavelmente está sentindo sua falta. Você falou muito com ele?

— Eu estava me perguntando quando você iria trazê-lo à conversa. — eu digo, mas não há questionamento sobre ele. Eu tentei manter suas expectativas para o nosso relacionamento baixas, mas acho que ela pode dizer como me sinto sobre ele, mesmo quando tento escondê-lo. — Ele é uma das grandes razões pelas quais eu não sou uma bagunça no momento, na verdade.

— Um bom parceiro pode ser uma dádiva de Deus. — ela diz baixinho. — Mas você tem que ser responsável por cuidar de si mesma, certo?

— Primeiro você me diz para obter um sistema de suporte, e agora você me diz que eu tenho que fazer isso sozinha? Você parece tão confusa quanto eu sobre a coisa toda.

— Desculpa. Eu quero os dois para você, eu acho. Eu quero que você tenha tudo. E fique bem.

— Está tudo bem, mãe. Lembra que estou bem sozinha há anos? Eu posso cuidar de mim mesma. Eu só estou... deixando Aron ajudar um pouco.

— É sobre o tempo. — diz ela com uma risada.

Nós gastamos alguns minutos conversando sobre o seu chefe idiota e problemas recentes do quadril da vovó antes de desligar. Passo o resto da minha caminhada até ao hotel com a voz dela pulando nos meus ouvidos. Eu *estou* cuidando de mim mesma? O estresse pode levar a um colapso, e apesar de estar em um programa de doutorado competitivo nos últimos quatro anos, eu nunca estive sob tanta tensão. É o fato de que me sinto muito bem como um sinal de como estou desconectada, ou estou realmente bem? E como não

estaria bem se Aron não estivesse por perto agora, a enorme estrela brilhante no meu céu escuro?

Quando avisto a fachada vermelha e creme do hotel, decido que isso não importa no momento. Depois de fazer o check-in, eu mando uma mensagem para Aron, agradecendo-o novamente e dizendo que ligarei mais tarde. Ele não responde imediatamente, o que me diz que ele provavelmente está com um paciente.

Eu tomo um longo banho quente e saio de pele rosa, pernas nuas e com fome. Apesar do fato de que este quarto é uma suíte, completa com uma pequena cozinha melhor do que a do meu apartamento em Philly, eu faço alarde e peço pizza depois de muitas noites de macarrão instantâneo. Verifico meu telefone e vejo que Aron fez outro movimento em nosso jogo de xadrez em curso para o dia. *Verifique,* a mensagem de acompanhamento diz. *Talvez você deva pensar em se render.*

Eu solto uma gargalhada. — Não brinca. — eu sussurro. Enquanto deslizo sob as cobertas, meu cabelo molhado emaranhado nas minhas costas, o telefone vibra novamente.

Estabelecida?

Sim. Tão feliz. Você é incrível.

Você comeu?

Apenas pedi pizza. Você está fora agora?

Sim. Pizza parece bom.

Eu compartilharia com você se você estivesse aqui.

Mesmo?

Você sabe que sim.

Eu fico lá por alguns minutos, esperando por sua resposta, mas não vem. Dizendo a mim mesma que ele provavelmente está em trânsito e inteligente o bastante para não mandar mensagens e dirigir, percorro os canais e espero meu jantar chegar.

Quando a batida vem, eu pego minha carteira e pulo para a porta em minhas calças de pijama e camiseta. Abro a porta. E congelo.

Há um viking no corredor. Bem. Ele não está fantasiado, mas tem aquele perfeito ar de vinkingl alto e loiro. — Eu espero que você não estivesse brincando sobre compartilhar. — diz ele, olhando-me de cima a baixo com um sorriso perverso. — Porque eu estou morrendo de fome.

Capítulo Treze

— Como você... — é tudo que eu digo antes que ele avance e me leve em seus braços. Seus dedos se enroscam no meu cabelo úmido e sua boca tem gosto de chá e hortelã. Eu agarro o casaco dele, incapaz de acreditar que ele está realmente aqui. Sua mão viaja sob a parte de trás da minha camisa e sobre o declive da minha coluna, simultaneamente me acendendo e me fazendo tremer.

— Eu senti muito a sua falta. — diz ele contra a minha boca. — Não aguentei.

Desabotoo o casaco dele enquanto digo: — Mas eu voltarei em alguns dias.

— E eu vou voltar amanhã de manhã, mas por enquanto, estou aqui para garantir que você tenha uma boa noite de sono. — Ele sorri e morde meu lábio inferior enquanto seu casaco desliza por seus braços.

Eu rio. — Se você acha que sua presença me deixa sonolenta, você não entende o seu efeito sobre mim. Porque eu me sinto bem acordada agora. Elétrica.

Ele pega minha mão enquanto se arrisca no quarto, olhando em volta. — Você gostou disso?

— Você está brincando? — Eu fico na frente dele enquanto ele se senta na cama, nossos dedos entrelaçados. — Quando você decidiu fazer isso?

Ele sorri. — Esta manhã.

Eu fico boquiaberta com ele. — Isso é... hum...

— Isso é um sinal de quanto eu queria fazer isso. — Ele coloca as mãos nos meus quadris e me puxa entre os joelhos. O beijo é tão profundo que minhas pernas começam a tremer. Enrosco meus dedos em seu cabelo e gemo quando sua língua empurra em minha boca. Como sempre, eu sinto em todos os lugares, meu corpo piscando quente, o desejo se acumulando entre as minhas pernas.

Então é claro que é quando há outra batida na porta. Eu levanto minha cabeça e Aron se inclina para trás, respirando com dificuldade. E falando em duro[14]... — Eu acho que deveria atender a porta. — digo, olhando para a protuberância considerável em suas calças.

— Brilhante. — diz ele com uma risada.

Pago a pizza e trago-a para o quarto, colocando-a no balcão da cozinha. Eu não estou exatamente com fome de comida agora, mas Aron disse que estava morrendo de fome, então eu estou pegando um prato quando ele vem atrás de mim e acaricia meu pescoço. — Você vai me fazer quebrar um prato. — eu digo sem fôlego.

Sua mão se fecha sobre a minha e juntos baixamos a placa para o balcão. Mas então a palma da mão desliza pelo meu braço enquanto ele mordisca a junção entre o meu pescoço e ombro. Eu inclino minha cabeça para oferecer-lhe maior acesso e seus dentes raspam contra a minha pele. Sua mão desliza para cima da minha camisa e aperta um dos meus seios enquanto sua língua forja um caminho formigante para o ponto sensível abaixo da minha orelha. — Você é tão linda, Nessa. — ele respira conforme rola um mamilo entre o polegar e o indicador.

[14] Em inglês a palavra ***Hard*** pode significar (entre outras coisas) difícil e duro. Ela fz um trocadilho com o fato de ele estar a respirar com dificuldade (hard) e de estar duro (hard).

Seu comprimento rígido está pressionado contra minhas costas, e eu alcanço seu quadril e o puxo para mais perto.

Todo o resto desaparece quando a outra mão desliza pela minha barriga, abaixo da borda da minha calcinha. Eu solto um ruído indefeso enquanto seus dedos separam minhas dobras e encontram o meu centro molhado e pronto. Aron está ao meu redor, me segurando imóvel enquanto chupa gentilmente meu pescoço. Minhas mãos estão apoiadas no balcão, tentando evitar cair no chão. Ele está sobrecarregando meus sentidos, meu julgamento, mas antes que isso saia do controle, eu preciso entender a situação. Eu me viro dentro de seu aperto. Ele me permite girar e olhar em seus olhos, que estão embaçados e quentes com a necessidade. Engulo em seco. *Deus do sexo viking define isso muito bem*, eu acho, e então eu me dou um tremor mental. — Aron, nós vamos... — Eu mordo meu lábio.

— Estamos fazendo tanto quanto você queira fazer. — diz ele, com a voz rouca. — E eu vou estar tão perto de você quanto você vai me deixar.

— Quão perto você quer estar? — Eu pergunto, tentando recuperar o fôlego. Eu sei o que quero. Eu tenho pensado nisso desde que vim embora, e não há dúvidas em minha mente. Na verdade, até usei os serviços de saúde de baixo custo da clínica da universidade há alguns dias e obtive uma injeção de controle de natalidade. Não é infalível por uma semana, no entanto...

Ele coloca os braços em volta da minha cintura e me puxa contra ele. — Eu quero estar dentro de você. Mas só se for isso que *você* quiser.

Concordo com a cabeça, minhas pálpebras se fechando por um momento enquanto o sinto pressionado entre meus quadris, provocando outra onda de *necessidade*. — Você tem hum, você por acaso trouxe algum…

— Me chame de otimista. — diz ele com um sorriso malicioso.

— Graças a Deus. — eu sussurro, meus dedos já desabotoando sua camisa. É um desses trabalhos sob medida, assim como o que eu quase estraguei no dia em que nos conhecemos. Eu a empurro para descobrir o peito firme dele e passo alguns instantes observando sua pele dourada, não coberta, não pálida, simplesmente perfeita e deliciosa. Ele me observa com os olhos fortemente fechados e deixa seus braços caírem enquanto eu empurro a camisa de seus ombros. Ela cai no chão perto dos nossos pés, mas ele está muito ocupado com a minha camisa para se preocupar com isso. Ele varre sobre a minha cabeça e me deixa ali de pé vestindo nada além das minhas calças de pijama de ovelha sonolenta.

Sim, sério. Ovelhas sonolentas. Não exatamente sexy, mas eu não tentaria dizer isso a Aron agora, porque ele me dá outro daqueles beijos profundos enquanto reclama um dos meus seios, sacudindo o mamilo com o polegar. Então estou em seus braços, sendo levada pelo quarto. — Você não está com fome? — Eu pergunto estupidamente. — Pizza?

— Mais tarde. — diz ele, deitando-me na cama, parecendo que tem um tipo completamente diferente de festa em mente. O conhecimento envia arrepios de êxtase através da minha barriga e dos meus membros. Ele se abaixa para os lençóis ao meu lado e beija meu estômago. Seus dedos acariciam minhas pernas e ele levanta a cabeça. O calor em seu olhar faz minha boca secar. De repente, eu me

sinto tímida, como eu posso estar à altura de todas as mulheres que vieram antes de mim? Como posso me destacar? A menina das fadas era escultural e linda, a ladra parecia confiante e aventureira, e eu sou apenas... eu. Aron deve ler o lampejo de ansiedade em meus olhos, porque ele rasteja pelo meu corpo e pega meu rosto em suas mãos. Ele beija meus lábios e depois a ponta do meu nariz. — Tudo o que eu faço com você é pela primeira vez, Nessa. — Ele vê a minha dúvida e me dá um olhar de dor. — Eu gostaria que você pudesse ler minha mente agora. Você saberia como eu penso em você.

Eu toco seu ombro e sigo sua clavícula. — Eu quero ser o suficiente.

Ele solta um gemido de frustração. — Você pode confiar em mim? Não, olhe para mim. Não podemos fazer isso se você não confia em mim. — Hesito por um momento e ele suspira. — Eu me testei de cima a baixo, só para você saber. Eu estou livre de doenças.

Eu realmente assumi que ele tinha sido testado, considerando tanto sua profissão quanto sua inteligência geral, mas estou feliz em saber disso de qualquer maneira. — Eu também. — eu digo. — Mas também, eu… hum… eu só estive com uma outra pessoa. E isso foi há vários anos. — Eu fecho meus olhos. — Não que você realmente tenha pedido essa informação.

— Pare com isso. — ele murmura, virando meu rosto para trás quando olho para longe. — Eu não gosto quando você tenta se esconder. Lembre-se do que eu disse: eu quero você inteira, não apenas seu corpo.

Estou imóvel pela sinceridade e ternura em seu olhar. — E é isso que estou disposta a dar, porque confio em você. — digo, percebendo que é absolutamente verdade. — Mas isso não é unilateral. Você confia em *mim*? E isso importa?

— Se eu estivesse aqui com outra pessoa, não iria importar. — ele responde francamente, passando o polegar sobre a minha boca. — Com você, significa tudo, porque você segura meu coração em suas mãos.

— Eu vou cuidar bem dele. — eu sussurro, minha ansiedade desaparecendo.

— Eu sei. — diz ele enquanto seus lábios colidem com os meus, com fome e quentes. Ele gira sobre mim, seu joelho entre as minhas pernas enquanto suas mãos vagam pelo meu estômago e empurram o cós da minha calça de pijama. Ele se ajoelha acima de mim e coloca seus dedos sobre o elástico, puxando–o, a minha calcinha passando pelos meus quadris, minhas coxas, meus joelhos, e então estou completamente nua, exposta.

Com o coração martelando, levanto-me até nos cotovelos e vejo seu olhar percorrer minhas pernas até às minhas partes íntimas. Sua expressão é extasiada quando ele gentilmente afasta meus joelhos e sobe meu corpo como um tigre à espreita. — Linda. — é tudo o que ele diz enquanto abaixa a cabeça e beija a parte interna da minha coxa. Sua língua serpenteia fora, me aventurando mais alto, e eu respiro fundo. Parte de mim está gritando para ele continuar, e parte de mim está pirando. Eu nunca fiz isso antes. Matt e eu meio que aderimos ao básico, e isso não fazia parte do seu repertório. A ansiedade começa a se formar novamente, mas antes que ele possa afundar suas garras, os dedos de Aron deslizam no calor úmido de mim. Arqueio para trás enquanto meus pensamentos se despedaçam e se

quebram. Então sua boca se fecha sobre o meu clitóris, e essa língua... oh Deus... ela gira lentamente e depois vai para o sul. A barba em seu queixo raspa minha carne sensível enquanto sua língua substitui seus dedos, e eu caio, minhas coxas acabam em seus ombros. Ele desliza as palmas das mãos embaixo do meu traseiro e me levanta até à boca, enquanto minhas mãos encontram seu cabelo.

Eu não tenho um único pensamento coerente em minha cabeça enquanto ele repete esse padrão várias vezes, girando, deslizando, empurrando, construindo tensão dentro de mim que aumenta cada nova sensação. Estou prestes a gozar, mas não quero que a primeira vez seja assim, porque a ladra ainda sussurra fracamente no meu ouvido. Puxo o cabelo de Aron até ele olhar para mim. — Venha aqui. — eu sussurro, e ele vem, suave e predatório.

Quando nossas bocas chocam, eu sinto meu gosto, e é chocante. Eu não espero mais. Frenética, alcanço seu zíper, desfazendo-o rapidamente. Com meus pés, empurro suas calças para baixo de seus quadris magros e, em seguida, ele puxa sua cueca boxer também. Agora Aron está exposto a mim, de joelhos, e eu olho para o seu corpo, nunca tendo visto nada tão perfeito. Matt é meu único ponto de comparação, mas Aron é... consideravelmente maior. Eu olho para o longo e espesso pau dele enquanto minha respiração se acelera com antecipação e vibra de ansiedade. Mas em vez de hesitar, decido explorar. Quero agradá-lo, deixá-lo louco como ele faz comigo. Corro meus dedos até suas coxas e ao longo de seu comprimento rígido. Aron solta um suspiro entre os dentes. Eu lambo meus lábios e envolvo a base com meus dedos, fascinada pela sensação disso, mão enrolada sobre aço. Quando desenho minha língua ao longo da parte de baixo, a cabeça de Aron cai para trás.

— Espere. — ele rosna, em seguida, praticamente mergulha em toda a cama para pegar sua bolsa de noite. Ele abre o zíper e abre um segundo, com um sorriso triunfante no rosto e um preservativo na mão.

Eu assisto ele colocá-lo com uma vibração nervosa no meu estômago. *Isso está realmente acontecendo.*

Quando ele termina sua tarefa, rasteja de volta para mim. Sua expressão não é mais predatória, mas mais suave de alguma forma. Desloco-me desajeitadamente quando ele se aproxima, não tendo a menor ideia de onde me colocar, que posição ele poderia achar mais atraente. Ele sorri, me observando com os olhos cheios de uma ternura que me faz doer. — A única maneira que eu vou acabar desapontado é se eu não puder fazer você entrar nos meus braços, Nessa.

Suas palavras são tão francas, tão sedutoras que meu medo diminui. Eu o alcanço, puxando sua boca para a minha enquanto me inclino para trás nos travesseiros. Ele está ao meu lado por um momento, acariciando-me, acendendo o fogo da minha necessidade por ele mais uma vez, empurrando meus joelhos mais afastados enquanto minha respiração vem mais e mais rápido. Então ele se coloca sobre mim e se acomoda entre as minhas pernas, a parte de trás dos meus joelhos descansando contra seus antebraços. Estou bem aberta e vulnerável, tremendo, mas ansiosa. A ponta grossa dele bate contra a minha entrada, me fazendo ofegar. — Eu estava querendo dizer uma coisa. — diz ele.

Eu solto uma risada sem ar, lutando contra o desejo de me contorcer enquanto ele me provoca, cutucando meu clitóris, deslizando através do centro liso de mim sem penetrar. — O quê?

Sua cabeça abaixa, então ele está olhando nos meus olhos. — Estou completamente apaixonado por você.

Ele flexiona seus quadris e entra em mim, apenas alguns centímetros, mas a sensação me faz chorar, e minha única âncora são suas palavras. — Eu te amo. — diz ele novamente, retirando-se até que apenas a ponta está dentro de mim. Eu tento me contorcer, desesperada para senti-lo novamente, precisando de mais, mas ele me mantém imóvel e permanece afastado.

Quando olho para ele, sua expressão é brincalhona com um toque de tensão. *Tão lindo,* eu acho. *Tão lindo que dói.* Eu tomo seu rosto em minhas mãos. — Estou feliz em ouvir isso. — eu digo. — Porque eu também te amo.

O sorriso de Aron é a coisa mais perfeita que já vi. Ele olha nos meus olhos com tal adoração que envia uma lágrima escorrendo pelo meu rosto. Ele beija de novo... e então desliza para dentro de mim, penetrando meu corpo completamente. Eu nunca senti nada assim, sendo preenchida além do que posso aguentar, mas ainda querendo mais. Meus dedos seguram os ombros de Aron quando ele sai e empurra novamente, enterrando-se ao máximo. Há uma sensação de dor, mas envolta numa promessa inebriante de arrebatamento, de algo apenas no horizonte, se eu chegar longe o suficiente.

— Está tudo bem? — Ele pergunta, a voz irregular.

— Sim. — sai trêmulo e quieto, mas ele me ouve e começa a se mover, lento no início, deliberado, observando meu rosto enquanto a fricção e o calor me desenrolam peça por peça e momento a momento. Onde nos sobrepomos é o

centro da minha vontade, minha consciência, minha percepção. Tudo o resto se dissipa.

Aron libera uma das minhas pernas enquanto continua a empurrar, e eu a envolvo em torno de seus quadris, instigando-o enquanto a tensão frenética se constrói mais uma vez. Ele ainda tem minha outra perna em cativeiro, espalhando-me, e isso só aumenta o meu prazer quando seu corpo colide com o meu, atingindo meu clitóris toda vez que ele se empurra para o meu limite. A pressão dentro de mim está subindo em espiral, e quando tomo a expressão de Aron, eu sei que deve ser o mesmo para ele. Seu rosto está marcado pela tensão e seus olhos estão fechados. Finalmente ele abaixa a cabeça no meu ombro e geme sem perder o ritmo. — Tão. Apertada. Incrível — ele bufa contra a minha pele. — Te amo.

Envolvo meus braços em volta do seu pescoço e empurro meus calcanhares, e então ele está tão profundo que estremeço com a intensidade, agarrando suas costas, precisando de mais. *Mais.* — Mais. — eu imploro.

Ele pega seu ritmo, liberando minha outra perna para que possa deslizar sua mão debaixo de mim para que possa levantar meus quadris para receber tudo dele. Pontos negros e brancos enchem minha visão enquanto eu arqueio, e arrepios frios explodem no centro do meu peito e se espalham para fora. Estou empurrando também, agora, levantando-me para encontrar toda poderosa incursão do seu corpo no meu. O aperto de Aron no meu corpo é de ferro. E eu não quero que ele me deixe ir.

Quando minhas unhas se afundam na carne de sua parte inferior das costas, ele me recompensa com um beijo contundente que é tudo posse. Ele combina o

ritmo de sua língua com o ritmo de seus quadris, e isso me empurra tão perto do orgasmo que fogos de artifício explodem atrás das minhas pálpebras fechadas, aquele horizonte correndo em minha direção. Apenas quando eu acho que o sentimento não poderia ficar mais intenso, ele torce um pouco seus quadris, e eu choramingo quando ele atinge um novo e incrivelmente sensível ponto.

É o suficiente para me derrubar, e Aron sente isso imediatamente. Ele levanta a cabeça e observa enquanto eu me separo, enquanto o prazer me faz girar e cair no espaço. Minha visão fica negra, cegando-me para tudo, menos a sensação dele enquanto ele mói contra mim, extraindo o êxtase até que eu gozo ao redor dele, agarrando seu corpo enquanto o meu gira fora de controle. Perdida na névoa do meu orgasmo, ouço Aron dizer algo sombrio e gutural, e tenho quase certeza de que está em sueco. Então seus músculos transformam a rocha com força sob minhas mãos, e ele agarra meus quadris e entra em mim mais uma vez. Com um gemido profundo, ele empurra dentro de mim. Seu peito se ergue contra o meu enquanto seu eixo pulsa, enviando tremores de felicidade através do meu núcleo.

Ficamos ali, ofegantes, e me envolvo em torno dele, passando meus dedos pelos cabelos dele. Sua respiração patina quente e úmida contra a minha garganta enquanto ele lentamente desliza para fora de mim, mas não rola de mim ou mesmo se move muito longe. Ele simplesmente abaixa a cabeça no meu peito e ouve o meu coração batendo.

Eu afundo de volta nos travesseiros e deixo passar os minutos, uma frouxidão pesada desenrolando ao longo dos meus membros, mais feliz do que nunca. Meus

dedos se espalham entre suas omoplatas, e meu próprio senso de posse aumenta. *Este é meu*, eu acho. *Ele é meu.* — Meu. — eu respiro.

Ele vira a cabeça para beijar o local bem no meu coração. — Então, *isto* foi o necessário para te levar a gozar.

— Mmm. — eu digo, um lento sorriso crescendo. — Mas eu estou meio esquecida.

Um tremor de risadas rola através de seu corpo. — Nesse caso, eu ficarei feliz em lembrá-la.

E então, lenta e completamente, ele faz exatamente isso.

Capítulo Quatorze

Aron me supera, mas demora um pouco. No começo, estou ocupada demais decorando seu corpo com minha língua, minhas mãos, meus dentes, muito arrebatada pela maneira como ele me toca, como se fosse um ato de adoração, muito cativada pela maneira como sua expressão se contorce de prazer quando ele goza. Mas, eventualmente, meu esgotamento me alcança, e no rescaldo de outro orgasmo destruidor de ossos, adormeço em seus braços.

Eu sou acordada pelo som de panelas barulhentas e água corrente. Piscando, me levanto nos cotovelos e olho a fonte do barulho. Ainda está escuro lá fora, mas o despertador ao lado da cama me diz que é só depois das cinco.

Aron está de pé no balcão da cozinha, usando calças e uma camiseta, picando frutas. E cozinhando ovos. E assando muffins, a julgar pelo cheiro incrível vindo do forno. Eu esfrego meus olhos e aperto os olhos. — Aron?

Ele se vira, com a faca na mão. — Droga. Você estava tão adormecida que eu pensei que poderia conseguir isso sem acordar você. Sinto muito.

— Você dormiu mesmo?

Ele encolhe os ombros. — Eu não estava cansado. Há uma mercearia toda a noite nas proximidades, então eu saí e peguei algumas coisas. Você nunca comeu sua pizza.

Ele está falando muito rápido para eu processar tão cedo de manhã, quando meu cérebro está se movendo na velocidade do caracol. — Eu acho que não... mas você não tem que…

— Eu queria. — diz ele, em seguida pisca seu sorriso perverso. — Depois de cansar você ontem à noite, senti a necessidade de dar-lhe sustento.

Eu movimento e sinto a dor, tanto entre as minhas pernas como o cansaço pesado dos músculos trabalhados de maneiras que eles ainda não estão acostumados. Ele abaixa a faca e vai até à cama, caindo de joelhos ao meu lado. Com ternura em sua expressão, ele afasta meu cabelo emaranhado do meu rosto. — Bom dia. — ele sussurra, roçando os lábios nos meus. — Você não precisa se levantar.

Eu gemo. — Eu preciso, na verdade. Eu queria estar no laboratório antes das sete. Tenho muito a fazer antes da manhã de quinta-feira.

Ele se levanta e volta para os ovos, virando-os e colocando-os em um prato. — Meu voo sai em poucas horas e tenho que devolver o carro alugado primeiro, então não vou atrapalhar. Eu posso levá-la ao campus, no entanto.

Eu o observo por alguns minutos, colocando a fruta em um prato, tirando os bolinhos do forno. Ele tem muita energia e eu me sinto uma lesma. — Eu gostaria que você pudesse ficar. Ou que eu pudesse voltar com você. Ainda não consigo acreditar que você fez isso.

Ele faz um prato para mim e leva para a cama. — Mas você está feliz?

Eu inalo o cheiro de bolinho de mirtilo. — Você está de brincadeira? Foi a noite mais incrível da minha vida, e agora estou acordando para o café da manhã na cama, servido por um deus sexual viking.

Ele ri. — Eu gosto desse título. Você vai me chamar assim de agora em diante?

Eu levanto uma sobrancelha. — Só se você fizer isso.

Ele puxa o lençol, mostrando um dos meus seios. Nunca tirando os olhos dos meus, seu dedo desliza da minha bochecha para o meu pescoço, através da minha clavícula e ao redor de uma das ondas pálidas. Meu corpo aperta como se reconhecesse seu mestre. Então seu toque desaparece. — Eu farei o meu melhor. — diz ele em uma voz divertida. — Agora coma.

Aron verifica seu e-mail enquanto eu tomo banho, mas quando saio, ele dá uma olhada em mim na minha toalha e tira de mim em um segundo. Seus beijos têm gosto de chá verde, como sempre, e sua língua sai da minha boca até à base do meu pescoço. Ele mal se contém em frenesi, e depois de alguns momentos de seus dedos questionadores, eu também. Nós quase esquecemos o preservativo dessa vez. Em poucos segundos de jogá-lo sobre ele, estou me apoiando na cama enquanto ele bate em mim por trás. Eu nunca me senti tão sexy ou selvagem, e com toda essa estimulação, minha dor se transforma em prazer nervoso e, em seguida, arrebatamento imediato. Chego ao clímax rapidamente, e ele segue logo depois, depois cambaleia para trás enquanto passo à frente, sem energia e gasta.

— Meu Deus. — ele diz. — Eu acho que vou estar constantemente duro em sua presença a partir de agora.

— Eu poderia viver com isso. — digo sem fôlego. Eu me viro para vê-lo olhando para mim, o fogo de paixão em seus olhos, suas calças caídas de seus quadris. Ele olha para baixo para si mesmo e levanta um dedo, me pedindo por um momento, então vai para o banheiro enquanto eu deito de costas e fecho os olhos, apreciando os raios de sensação que ainda zumbem ao redor do meu corpo. Eu me assusto quando sinto o pano quente e úmido na minha coxa, depois suspiro de prazer quando Aron gentilmente me limpa.

Nós fazemos os pratos juntos, mas quando começo a arrumar minhas coisas, Aron me interrompe. — Você não precisa fazer isso. Reservei o quarto até à noite de quarta-feira.

— O quê? Aron, isso é demais...

Ele pega meu rosto nas mãos dele. — Faça-me feliz. Ligue-me esta noite e diga-me o que você estaria fazendo comigo se estivesse aqui. Você não pode fazer isso se estiver no apartamento de um amigo, num sofá-cama encaroçado com um gato amassando seu delicioso traseiro, não é?

Eu bufo. — Eu acho que não, mas...

Ele me silencia com um beijo. — Prometa-me que você vai manter o quarto.

— Como eu posso dizer não? — Aparentemente eu tenho o dever de sexo por telefone hoje à noite, e precisarei estar no meu melhor. Eu nunca fiz isso, mas para Aron, estou disposta a fazer praticamente qualquer coisa.

— Garota esperta. — ele murmura. — Agora, deixe-me levá-la ao campus ou eu vou distrair-me novamente e perder meu avião.

Chego em Philly no final da manhã de quinta-feira, descansada e inquieta, ambos graças a Aron. Ele disse que ia me pegar, mas eu não deixei. Ele está compensando o tempo que passou comigo trabalhando alguns dias mais longos e recebendo a chamada de Mark, que cobriu para ele quando saiu tão abruptamente. Eu disse a ele que preferia que ele tivesse a noite e o fim de semana em vez de ficar no meio do dia para agir como meu táxi pessoal. Então, é claro, ele providencia um serviço de limusine para me levar de volta ao meu apartamento. Balanço a cabeça, incrédula, quando vejo o motorista segurando uma placa com o meu nome ao lado da esteira de bagagens. Nós vamos ter que falar, porque nada disso é barato. Ainda assim, quero que ele saiba que sou grata:

Você é incorrigível. Mas também incrível. Obrigada pela carona.

Alguns minutos depois, ele responde:

Eu daria tudo para trocar de lugar com seu motorista, mas nenhum de nós voltaria ao trabalho. Esta noite você é minha.

Envia excitação percorrendo minhas veias. Nos últimos dois dias, trabalhei em um período de catorze horas no laboratório, quebrando apenas para almoçar com os outros alunos e me encontrando com o Dr. Eshkol, que decidiu atuar como meu orientador até eu me formar e prometer que ele me ajudará nos últimos meses. Acho que ele se sente muito culpado por Frank e, embora eu não ache que seja mais culpa dele do que minha, eu aceito qualquer apoio que ele ofereça. À noite, corria de volta ao hotel para tomar um banho quente e fazer uma refeição rápida, e então ligava para Aron, molhada e pronta com o simples pensamento dele. Sua voz transmitia seu desejo através do telefone, direto para a minha

corrente sanguínea. Era tão urgente, desesperado com a necessidade. Eu nunca me senti tão amada, e nunca fui tão sedenta como sou com ele.

Depois de guardar minha bolsa no apartamento, tomo banho, visto minhas roupas profissionais e vou para o hospital. Eu estive fora por quase duas semanas. Todos os meus supervisores entenderam a crise e foram generosos em me deixar ir, mas agora eu usei uma grande parte do meu tempo de férias. Se eu quiser ter todas as horas de estágio necessárias, eu preciso ter um registro de comparecimento quase perfeito a partir de agora, então até perder um meio dia não é bom. Eu envio e-mails para todos os meus supervisores para que eles saibam que eu estou de volta, e agendo reuniões com cada um deles para obter atualizações sobre todos os pacientes que estão cobrindo para mim.

Em seguida, faço minhas rondas, visitando meus clientes de consultoria que ainda estão internados. Ursula não está indo bem, e a Dra. Feldman deu um passo difícil sugerindo chamar a equipe de cuidados paliativos para se concentrar em aliviar sua dor e tornando-a mais confortável. Eu me sento com o Sr. e a Sra. Crandall, ouvindo todos os seus medos, todo o seu medo. Desde a nossa conversa há algumas semanas, eles foram mais honestos com ela, dando-lhe informações que apenas confirmaram sua suspeita de que sua condição era terminal. Mas eles não querem que ela veja como estão com medo, e eu entendo isso completamente. Falamos sobre o que a vida dela significou para eles e como essas coisas nunca vão diminuir, mesmo que ela não consiga. É uma sessão de drenagem que leva toda a minha energia e concentração. Em um atordoamento, eu documentei a consulta e volto para o escritório de estagiário para pegar minhas leituras para o clube de jornal da próxima semana.

Os outros três estagiários estão todos no escritório quando chego lá. Uma pontada de ansiedade se enrola no meu estômago quando vejo Lisa conversando amavelmente com Nick, especialmente quando todos ficam em silêncio quando eu entro. Depois que ligo meu computador, Nick pigarreia e diz: — Ness? Posso falar com você por um minuto no corredor?

Eu olho nervosamente por cima do ombro para Lisa, que me dá um aceno de cabeça, deixando-me saber que ela está aqui. — Ok. — eu digo devagar. — Mas só por um minuto. Eu tenho muito trabalho para fazer.

Ele balança a cabeça e entramos no corredor. — Eu queria me desculpar. — diz ele, em seguida, inclina a cabeça e cruza os braços sobre o peito. — Por muitas coisas, na verdade. Mas mais recentemente, por como eu te tratei na festa. Eu tinha bebido demais, mas não queria incomodar você.

Eu pisco, não tenho certeza se o ouvi direito. — Obrigada.

Ele levanta a cabeça. — Eu sei que as coisas têm sido muito difíceis para você ultimamente. Eu me sinto mal por ter acrescentado isso. Eu sempre fui um idiota, eu acho.

Eu tento suprimir um sorriso. — Bem... o primeiro passo é admitir isso, certo? A recuperação é um processo longo, no entanto.

— Não diga. — Ele esfrega a mão pelo rosto, parecendo cansado.

— Como as coisas estão indo? — Eu pergunto.

Ele encolhe os ombros. — Bem. Eu agendei minha defesa de dissertação e vou para New Haven em Janeiro. E Lindstrom está de bom humor, então a onco não foi

tão infernal quanto eu esperava. Vou ser honesto, depois da festa, eu pensei que ele viria atrás de mim, mas o vi na unidade várias vezes, e é como se alguém tivese dado a ele uma pílula da felicidade.

— Hã. Fico feliz em ouvir isso. — E esperando que tenha algo a ver comigo. — Estou feliz que vocês estão se dando bem.

Ele me observa de perto, surpresa brilhando em seus olhos azuis. — Espera. Você ainda está com ele?

— Por que você está me perguntando isso? — Especialmente com aquela expressão estranha e desagradável.

— Depois de vê-lo com a outra garota na festa, eu assumi que vocês tinham terminado. — Ele parece irritado agora, impaciente. Como o fato de ser legal comigo era inteiramente baseado em sua esperança de que ele tivesse outra chance comigo. — De qualquer forma, eu tenho que ir até à Reabilitação. Até mais tarde. — Ele se vira e segue pelo corredor.

Balançando a cabeça, volto ao escritório interno. Lisa gira em sua cadeira. — Como foi a sua viagem? — Ela pergunta.

— Miserável e, ainda assim, produtiva. — Eu sorrio. — Com alguns pontos brilhantes.

Justin se agita desconfortavelmente em sua cadeira, pega seu caderno e se desculpa, obviamente sentindo o ataque da conversa das garotas. Lisa sorri quando ele fecha a porta atrás dele. — Conte-me sobre os pontos brilhantes.

— Aron me surpreendeu alguns dias atrás. Ele apareceu em Madison. — Os olhos dela se arregalam. — O quê? Você está falando sério? Isso é... *sério.*

— Eu acho que pode ser. — eu digo, incapaz de chamar qualquer outra coisa depois das coisas que Aron me disse na semana passada. Somos como um trem desgovernado e não tenho vontade de pisar no freio.

Ela inclina a cabeça. — Não fique brava comigo por isso, mas você já perguntou a ele sobre o passado dele? Ele quebrou muitos corações, Nessa, e eu me sentiria tão triste se o seu fosse um deles.

— Eu também. — eu respondo, engolindo em seco. — Mas ele disse que era apenas uma fase pela qual ele passou. Como depois de um mês, ele parou.

— Uma fase? — Lisa parece tão cética que eu tenho que me virar e olhar para a tela do meu computador enquanto ela continua a falar. — Ele é um homem adulto, não uma criança. Normalmente, neste ponto, esses tipos de coisas são padrões de comportamento, não de, fases de um mês. — Pelo canto do olho, vejo ela usar citações de ar, e isso faz meus dentes apertarem.

— Eu confio nele, Lisa. Ele não me deu nenhum motivo para não confiar. Ele tem sido honesto e aberto e surpreendente. Ele é parte do motivo pelo qual eu não sou um caso de merda agora. Por que você está sendo tão dura com ele?

Ela franze a testa. — Sinto muito. Eu sempre fui essa amiga, sabe? Sou protetora e quero te ver com um cara realmente bom. E se Aron é esse cara, então estou emocionada, mas ter ouvido sobre suas escapadas me deixa nervosa, especialmente quando ouço esse tipo de explicação estranha para isso.

Concordo com a cabeça e murmuro meus agradecimentos, e conversamos um pouco sobre a recente promoção do marido e suas esperanças de conseguir um pós-doutorado e ficar no hospital no próximo ano. Quando ela retorna ao seu cubículo, eu olho para a tela do meu computador, ainda refletindo sobre suas palavras. A explicação de Aron foi apenas uma fase, algo que eu deveria ter questionado mais? Estou sendo ingênua porque sou tão louca por ele? Permance no meu estômago como uma bola de arame farpado e eu dobro o braço sobre o meio, enquanto a ansiedade tenta criar raízes. Eu não quero duvidar dele. Eu prometi que confiaria nele. Mas e se…

Há uma batida na porta e Lisa a abre. Um enorme buquê de rosas vermelhas está em pé no corredor. Ou, mais precisamente, uma menina pequena e alegre com um anel labial, segurando um buquê que é maior que o tronco dela. — Entrega. — diz ela. — *Por favor,* me diga onde colocar isso.

Nós a conduzimos e a ajudamos a colocá-las em cima de um pequeno arquivo, o único espaço aberto em nosso minúsculo escritório. — Para quem são? — Pergunto, pegando o pequeno cartão.

— Nessa,

Le Bec Fin esta noite? Encontre-me em frente ao hospital às 8. Contando os minutos.

Aron

Lisa lê por cima do meu ombro, o que é fácil para ela, já que ela é alguns centímetros mais alta do que eu. — Whoa. — diz ela quando a entregadora sai. — Ele tem talento, eu vou dar isso a ele.

— Não brinca. — eu sussurro, olhando para o buquê. Duas dúzias de rosas de caule longo em um vaso de cristal. E Le Bec Fin, que eu sei ser o restaurante mais caro da Filadélfia. — Lisa, você tem alguma ideia do quanto os médicos associados ganham? — Eu pergunto enquanto leio o cartão novamente.

— Muito mais do que nós. — diz ela, e eu rio, porque os salários dos estagiários da psicologia mal chegam aos vinte mil. — Mas eu não acho que sejam seis números ou algo assim.

Isso é demais, e eu preciso falar com Aron sobre isso. Ele não estava gastando assim antes, mas de repente, ele comprou as coisas em alta velocidade, e nada disso é necessário. Ele poderia estar quebrado e eu ainda o adoraria. — Isso foi o que eu pensei. Obrigada.

Eu ensaio meu pequeno discurso na minha cabeça, o quanto aprecio as coisas que ele está fazendo, mas como me sentirei melhor se diminuir. Pouco depois das oito, saio da entrada principal do hospital. Eu olho em volta para o Volvo de Aron, mas a única coisa estacionada no meio-fio é uma Mercedes cupê preto, lisa e robusta. As rajadas de vento de Novembro, girando em torno de minhas pernas e ameaçando levantar minha saia. Eu envolvo minha jaqueta ao meu redor e empurro minha saia para baixo, desejando ter escolhido calças justas. Assim que estou prestes a fugir de volta para o átrio do hospital para esperar, a voz de Aron me chama de volta. — Ei! Aqui! — Ele ri.

Eu me viro e o vejo de pé ao lado do Mercedes. — O que você está fazendo?

Ele aponta para o carro. — Você gostou disso?

Os sinos de alarme soam na minha cabeça quando me aproximo do carro. — Hum... isso é um Mercedes.

Ele sorri. — O Volvo havia passado do auge e eu decidi que precisava algo mais legal se eu fosse te tirar daqui.

Eu cubro minha boca com a mão. — Aron...

Seu rosto cai. — Você não gosta disso? Eu posso trocá-lo por outra coisa...

Eu ando rapidamente para a beira da calçada e em seus braços. — Não, é adorável, mas tão caro. Eu não me importaria se tivéssemos que pegar o ônibus e comer manteiga de amendoim em biscoitos, se eu pudesse estar com você, então nada disso é necessário. E não vejo como você possa pagar.

— Eu preciso te dizer uma coisa. — Ele inclina meu rosto para cima, e seus olhos brilham com uma malícia familiar. — Eu não suponho que você saiba quem é Ingvar Kamprad?[15]

— Não.

— Ele é meu *morfar*[16] - meu avô materno. Mas ele também é o fundador da Ikea, e acho que você já ouviu falar *disso*. Ele é um dos homens mais ricos da Suécia e é muito generoso com sua família.

— O quê? Você nunca mencionou isso...

[15] ***Ingvar Kamprad*** **- Feodor Ingvar Kamprad** (Ljungby, 30 de Março de 1926 - Kronoberg, 27 de Janeiro de 2018) foi um empresário sueco de renome internacional, fundador da Maior empresa do mundo no setor da fabricação e venda de móveis, a IKEA: as duas primeiras letras (I e K) correspondem às iniciais do seu nome e apelido (sobrenome) e as duas últimas (E e A) à aldeia onde a empresa foi criada e a povoação onde ele nasceu (Elmtaryd, Agunnaryd).
[16] Avô em sueco.

Ele ri e cutuca meu queixo para fechar minha boca. — Não gosto de divulgar esse fato, mas você me deu um motivo para gastar um pouco. Deixe-me aproveitar isso? Está com fome?

Eu aceno, correndo para acompanhar porque ele está falando tão rápido. Eu entendo, no entanto, porque estou animada em vê-lo também, e sabendo que ele não está falindo, facilita a minha ansiedade, permitindo que a emoção de estar junto a sobrecarregue completamente. — Morrendo de fome. Vamos lá.

Ele abaixa a cabeça e me beija, e enquanto sua língua desliza ao longo da minha, eu sinto, a promessa de que esta vai ser uma noite que não vou esquecer tão cedo.

Capítulo Quinze

Le Bec Fin fica a apenas alguns quilômetros de distância, um tiro direto através da cidade pela Chestnut Street, mas Aron tece o tráfego como se estivesse em uma pista de corrida. O carro ronrona como um tigre quando é colocado em marcha. Quando ele não está mudando de marcha, a mão de Aron encontra meu joelho logo acima do topo das minhas longas botas. Seu polegar acaricia a pele arrepiada da minha coxa. — Eu tenho esperado ansiosamente por esse momento o dia todo. — ele suspira. — Sua pele é a coisa mais perfeita que eu já toquei.

Eu corro meus dedos sobre sua bochecha áspera. Ele parece cansado - aquelas sombras sob seus olhos parecem um pouco mais profundas. — Você já dormiu bem?

Ele encolhe os ombros. — Eu tenho um projeto de pesquisa em uma fase crítica. Mas estou de folga neste fim de semana. — Ele me lança um olhar de soslaio enquanto se vira para a Walnut Street e nos leva a uma parada repentina em frente ao balcão do manobrista do restaurante. Ele se inclina e mordisca meu pescoço, me fazendo tremer. — Eu espero que você não tenha muito o que fazer?

— Vou conseguir arranjar tempo. — eu suspiro quando seus dedos inteligentes deslizam sob a borda da minha saia e provocam a pele sensível da parte interna da minha coxa.

— Brilhante. — ele sussurra, então sai e abre a minha porta para mim.

Ele me leva para o outro lado da rua e para a entrada iluminada de âmbar. De repente eu me sinto constrangida, como se talvez estivesse mal vestida, porque quando olho para Aron, percebo que ele está usando um terno sob o sobretudo, um sob medida de cor carvão com calça estreita e reta. Ele honestamente parece que saiu de uma passarela de moda. *Pelo menos estou usando uma saia,* eu penso enquanto puxo meu casaco por cima do enrugado Eddie Bauer de abotoar. É fofo o suficiente e abraça meu corpo bem, porque eu sabia que veria Aron hoje, mas não é exatamente bonito.

Nós verificamos nossos casacos e o anfitrião nos guia para uma mesa romântica para dois junto à lareira. Aron puxa minha cadeira para mim e então se aproxima. Ele pede o cardápio de degustação com vinho, e eu engulo outra onda de ansiedade quando vejo o quanto isso custa. Quando os pedidos começam a chegar, Aron divertidamente me alimenta enquanto falamos sobre o próximo feriado de Ação de Graças na próxima semana. Mencionei que minha mãe quer conhecê-lo e ele diz que adoraria. Suas mãos vagam enquanto ele fala, escovando meu cabelo para trás do meu ombro, passando a ponta do dedo ao longo da minha garganta. Toda vez que sua pele toca a minha, sinto-a como uma marca, acelerando o fôlego, me puxando com força, me deixando quente. Finalmente eu tenho que capturar sua mão e segurá-la ainda, ou então eu vou pular em seu colo bem aqui.

O olhar de Aron se concentra nos meus lábios entreabertos e suas pupilas se dilatam. — O que você diria sobre levarmos a sobremesa? — Ele diz suavemente. — Vamos dançar.

Eu rio. — Dançar? Vou ser honesta. Não é o que eu esperava que você dissesse.

Seu lábio se curva para cima. — Antecipação é parte da emoção.

O garçom parece ofendido quando dizemos a ele que estamos comendo apenas três quartos do que pedimos, mas quando ele vê a gorjeta que Aron deixa, sua carranca desaparece e ele nos pede para voltar outro dia. Com o braço de Aron em volta da minha cintura e desejo latejando na minha barriga, eu caminho pelo restaurante, não me importando mais se minhas roupas são vistosas o suficiente, agora só pensando em quando eu vou ter a chance de tirá-las.

Aron nos leva ao Medusa Lounge, que está começando a ficar lotado agora que são dez. — *Aqui* é onde você quer dançar? — Eu pergunto, olhando para seu terno e gravata imaculados. Medusa, literalmente, parece um buraco na parede, e eu não estou exatamente em trajes de boate também.

— Eu estive aqui algumas vezes. — diz ele com aquele sorriso perverso, e então ele me puxa para perto. — É bom e escuro.

Com essa promessa, deixamos nossos casacos no carro e ele me leva para o clube. O interior do lugar, paredes, teto, bar é absolutamente coberto com graffiti, e o barman tem tantas tatuagens que ele se mistura com a paisagem. Há um DJ no canto e a música é muito alta para conversar. Aron me puxa para a pista de dança. Eu observo seus quadris enquanto ele começa a dançar, pensando que não deveria me surpreender com sua graça suave, vendo como eu experimentei a maneira como ele move seu corpo em um nível muito íntimo. Com esse pensamento, a necessidade dele passa por mim, endurecendo meus mamilos e escorregando entre as minhas pernas. Ele me vira até minhas costas ficarem contra a sua frente. Sua grande mão serpenteia ao redor da minha cintura e aplaina

possessivamente sobre a minha barriga, atiçando o fogo lá e me forçando a abafar um gemido.

Minha cabeça cai para trás contra seu peito enquanto ele controla a lenta rotação de nossos quadris, apesar do baixo que sacode minhas costelas. As pessoas estão ao nosso redor, girando e pulando, e as luzes piscam através das minhas pálpebras fechadas. Minha cabeça começa a girar com muita sensação. Está vindo de todos os lados, o barulho, as luzes, a sensação de Aron contra minhas costas, poderosas e seguras. Eu enrolo minha mão em seu pescoço e em seu cabelo, e então estamos nos beijando como se estivéssemos de volta ao Hotel RED. Sem parar, me deixando selvagem e carente. Eu quase viro enquanto sua mão se arrasta lentamente sob a minha camisa.

Outro casal bate em nós e me tira do meu transe, e abro meus olhos para ver um cara tatuado sorrir sobre o ombro de sua garota enquanto ele assiste Aron me tocando. Eu suspiro quando Aron puxa meu sutiã rendado e captura um mamilo entre o polegar e o indicador. Minha cabeça bate contra o peito dele enquanto eu me contorço, e os olhos do cara tatuado ficam desfocados enquanto ele observa o show. Puta merda. Eu uso minhas últimas células cerebrais não fritas para girar nos braços de Aron. — Tire-me daqui. — eu digo em seu ouvido. *Me tire daqui antes que eu enlouqueça.*

Ele começa a sacudir a cabeça, então eu faço a única coisa que sei para convencê-lo: eu puxo minha mão ao longo do comprimento grosso dele, apertando suavemente e ritmicamente enquanto olho em seus olhos. — Agora. — eu digo.

Ele fecha os olhos e fica duro contra a minha mão, e eu sei que ele não vai me negar. Ele pega minha mão e praticamente me arrasta para fora do clube. Quando estamos no carro, ele diz: — Seu apartamento ou o meu?

— Eu não me importo. — eu murmuro, incapaz de parar de tocá-lo. Minha mão corre até sua coxa para acariciá-lo novamente, e ele engasga. Mas em vez de puxar a minha mão, ele coloca a palma da mão sobre a minha e me incentiva. Quando ele liga o carro e o motor ruge, belisco seu pescoço. — Leve-me para qualquer lugar que você quiser, mas faça isso rápido.

Ele se afasta do meio-fio como se o relógio estivesse correndo, e eu decido que é hora de virar a mesa neste jogo de provocação que ele teve. Enquanto ele empurra a Mercedes para Chestnut, eu solto o cinto dele e abro o botão, então deslizo o zíper para baixo. A visão dele na escuridão, excitação lutando contra a frente de sua cueca boxer, envia uma dose de puro desejo direto através do meu núcleo. Por impulso, eu liberto seu pau de seus limites e me inclino.

Aron amaldiçoa quando ele sente meus lábios deslizarem sobre a ponta dele. Eu agarro a base e bombeio lentamente, levando-o o mais longe que posso. A cabeça bruta e aveludada bate no céu da boca, depois na parte de trás da garganta. O carro acelera e balança enquanto eu aumento meu ritmo. Aron empurra seus quadris para cima, tentando se aproximar, mas seu cinto de segurança não permite que ele se mova, então seus dedos trêmulos se enroscam no meu cabelo, me mostrando o que ele quer. Eu chupo e provoco enquanto ele dirige pelas ruas de Philly. Seus dedos estocam minhas costelas quando ele faz uma troca brusca de marchas, diminuindo a velocidade e acelerando de novo. Em vez de devolver a mão

ao meu cabelo, ele escorrega pelas minhas costas e puxa minha saia, expondo meu traseiro. Arrepios atingem minha pele no ar frio do carro. Seus dedos mergulham embaixo da minha calcinha, e eu me contorço em antecipação até ele encontrar o que ele está procurando. — Nessa. — ele engasga quando descobre como eu estou molhada.

Ele torce o volante e faz algumas curvas apertadas. Levanto a cabeça para ver que estamos em um trecho escuro de estrada em uma parte da cidade que não reconheço, ao lado de um canteiro de obras. Ele puxa contra o meio-fio embaixo de uma lâmpada de rua queimada e solta o cinto de segurança com violência mal contida.

— Agora, venha aqui. — ele fala quando solta o cinto de segurança também. Antes que eu possa obrigar por conta própria, Aron me arrasta através do carro e me levanta sobre o câmbio de marchas, me puxando para o seu colo. Minha cabeça escova o teto enquanto ele me beija, e eu seguro meus joelhos em ambos os lados de seus quadris. Isso está fora de controle. Eu sei que está. É arriscado e selvagem e louco.

Mas eu quero isso.

Suas mãos deslizam pelas minhas coxas, debaixo da minha saia, até as pontas dos dedos encontrarem a minha calcinha novamente. — Desculpe. — diz ele, e antes que eu possa perguntar por quê, ele a rasga no quadril como se fosse feita de papel. Então ele a empurra para baixo da minha perna e me acaricia, me iluminando com uma fome que eu nunca senti. Nossas línguas se enroscam quando ele me leva

a um frenesi, e suas mãos se fecham sobre meus quadris e me guiam até que minha boceta lisa o cubra. Eu balanço, deslizando ao longo de seu comprimento quente.

— Eu tenho que estar dentro de você. — diz ele contra a minha boca, — não posso esperar. — Ele inclina os quadris e empurra para cima. Meus dedos enrolam nos ombros de seu paletó enquanto ele me enche, me estica, me ajuda a afundar nele centímetro por centímetro enquanto seus dedos encontram meu clitóris e circulam. Eu choramingo e deixo cair a cabeça no ombro dele, então começo a montar nele. É como algo que eu precisei por muito tempo, tanto alívio quanto suprema tortura, perseguindo um sentimento que está fora do meu alcance.

Aron reclina seu assento. Seus dedos encontram minha camisa e a desabotoam, abrindo-a. Enquanto me contorço contra ele, ele puxa as partes do meu sutiã, liberando meus seios para saltar enquanto eu me movo. Abro meus olhos para vê-lo olhando para mim com uma necessidade fodida. Sua boca se fecha em um bico apertado um momento depois, e eu grito. Aron empurra seus quadris para se levantar com cada movimento descendente do meu corpo. Ele cobre minha parte traseira, espalhando-me enquanto ele estabelece um ritmo rápido e brutal que me faz ver estrelas.

O atrito e a pressão se acumulam numa progressão irregular, mais uma vez seguindo a linha entre prazer e dor, e quando Aron me puxa para a frente e morde a junção de meu pescoço e ombro, o orgasmo estilhaça meus pensamentos, rugindo através de mim como uma avalanche. Tenho certeza que grito seu nome, mas não consigo ouvir nada além do zumbido nos meus ouvidos. Eu me agarro a ele, em espasmos, enquanto ele aumenta seu ritmo, me segurando em um aperto

contundente quando bate em mim, batendo a parte de trás da minha cabeça contra o teto do carro algumas vezes. Apenas registrando o impacto, eu seguro firme até que cada um de seus músculos de repente fique rígido. Estou atordoada quando o sinto entrar dentro de mim, um jato de calor latejante, uma sensação que nunca experimentei. Isso quase me faz chegar ao clímax novamente, e quando empurra contra mim, eu realmente gozo, gemendo e ofegando enquanto ele me segura.

Ele afunda de volta no assento, ofegando como se tivesse corrido uma maratona, e eu desmorono em seu peito com ele ainda dentro de mim. Meus dedos acariciam o cabelo úmido de suor em sua testa enquanto pegamos nossas respirações. Nós estamos peito a peito, e seu coração batendo muda o meu ritmo, fazendo-o bater ao mesmo tempo. — Eu te amo. — dizemos em uníssono, e suas mãos enrolam nas minhas costas enquanto ele beija meu cabelo.

Uma batida forte na janela me faz levantar a cabeça, e meu sangue escorre do meu rosto enquanto noto as luzes azuis e vermelhas piscando atrás da Mercedes. — Oh não. — eu sussurro, olhando para o lado. As janelas estão embaçadas, mas há uma figura escura sombreando o lado do motorista. Eu me arrumo no carro, puxando minha saia sobre minhas coxas encharcadas e calcinhas, abotoando minha camisa com os dedos trêmulos. Aron levanta o seu lugar e se fecha em suas calças, em seguida, desliza a janela para baixo enquanto o policial bate novamente. — O que posso fazer por você, policial? — Pergunta Aron.

O policial acende a lanterna no carro. Seu feixe desliza sobre mim, minha camisa desigualmente abotoada, meu cabelo despenteado e o rosto de Aron. — Boa noite senhor. Tudo certo?

Aron ri. — Mais que ok. Esta é uma zona de estacionamento proibido?

O oficial se inclina um pouco mais e as narinas se abrem. Eu amaldiçoo silenciosamente, sem dúvida que ele pode sentir o cheiro do sexo no ar. — Não. — ele diz lentamente, seu olhar deslizando sobre o meu corpo novamente. — Posso ver alguma identificação, senhor?

— Claro. — diz Aron, puxando sua carteira. Eu olho para baixo para ver suas calças cinza de carvão são uma bagunça molhada e lisa. Meus dedos se enroscam na minha saia. Se formos presos por fazer sexo em público, nós dois poderemos ter sérios problemas. Isso conta como uma ofensa sexual? *Eu acho que vou vomitar.*

Aron entrega ao policial uma identidade. — Você é um médico no CHOP[17]? — Pergunta o policial, enquanto olha para o plástico laminado e depois acende a lanterna no rosto de Aron.

— Oncologia pediátrica. — diz Aron. — E eu acabei de parar por um momento para conversar com minha namorada. Vamos seguir em frente agora, se estiver tudo bem com você.

O policial solta um suspiro irritado quando devolve sua identidade a Aron. Ele brilha a lanterna na minha direção. — Você tem alguma identificação?

Eu sigo a liderança de Aron e entrego-lhe meu distintivo de CHOP. Eu não acho que seria útil se ele pensasse que eu sou uma prostituta. Ele olha e me devolve. — Você está bem, senhorita?

[17] ***CHOP*** - Centro Hospitalar Oncologico Psiquiatrico

— Eu estou ótima, oficial. Obrigada pela sua preocupação. — eu digo sem fôlego. Ele revira os olhos. — Algum de vocês esteve bebendo?

— Cada um de nós bebeu um copo de vinho há algumas horas. — Aron diz.

O policial segura a mão na beira do carro e se inclina. — Ok, vocês dois. Vão encontrar um lugar mais privado, entendem? A indecência pública é uma ofensa exigível.

— Obrigado, policial. — nós dois dizemos.

O policial balança a cabeça e caminha de volta para o carro, mas fica no carro até que nos afastamos do meio-fio, depois nos segue até que Aron entra na garagem do complexo de apartamentos dele. Passamos os minutos em silêncio tenso, mas quando Aron dirige sua nova Mercedes para seu lugar reservado, ele começa a rir.

— Por favor, não me diga que você achou isso engraçado!. O que seu diretor de programa pensaria se você fosse preso?

— Você está de brincadeira? Isso foi incrível! Eu nunca tive problemas com a lei. — diz ele. — Foi divertido.

Eu gemo. — Não é meu tipo de diversão.

Ele se vira para mim, deixando seu olhar se mover ao longo de seu colo e até o meu. — Mas o que aconteceu antes... esse foi o seu tipo de diversão?

Meus lábios se contraem enquanto tento não sorrir. — Eu ainda estou tentando decidir.

— Venha até o meu apartamento e deixe-me convencê-la. — Ele abre a porta e sai, tirando o paletó.

Eu saio consideravelmente mais devagar, sentindo-me machucada e abalada. Minhas coxas estão pegajosas e pingando, e quando me levanto, minha calcinha rasgada desliza pela minha perna e envolve o tornozelo da minha bota. Aron contorna o carro e observa a vista. — Você está uma bagunça. — diz ele, batendo a língua, praticamente saltando em seus calcanhares.

— Você não. — eu digo em aborrecimento simulado, pegando sua gravata e camisa sob medida. A única coisa sobre ele que não está perfeita é o ponto escuro e úmido na frente de suas calças, e a maior parte disso veio de mim.

Com um sorriso irônico, ele se inclina e puxa minha calcinha da minha bota, em seguida, coloca-a no bolso. Ele joga o casaco sobre meus ombros. — Isso não assustou você em tudo? — Eu pergunto enquanto ele me leva para o elevador.

Ele balança a cabeça e me puxa para o peito. — Foi realmente uma corrida. — ele murmura, acariciando meu pescoço. É quando eu sei: estamos apenas começando.

Eu acordo na cama de Aron ao som de batidas silenciosas. Minha cabeça latejando, eu relutantemente forço um olho a abrir. — Que horas são? — Eu pergunto, minha voz grossa de sono.

— Três. — Sem desviar o olhar da tela do laptop, ele estende a mão e acaricia minha bochecha. — Volte a dormir.

Eu sei, mas quando acordo de novo, Aron se foi. Franzindo a testa, eu envolvo o lençol em volta de mim e vou para o seu corredor. Há uma luz acesa na sala de estar, com vista para o rio Schuylkill. Ele está no décimo andar e tem uma vista incrível de sua varanda. Sufoco um sorriso triste quando me lembro de como passamos vários longos e hipnóticos minutos ao ar livre na noite passada. Apesar do frio vento de Novembro, eu não estava com frio porque Aron estava atrás de mim enquanto me inclinava para a sacada, me segurando forte, me aquecendo de dentro para fora, deixando meus joelhos fracos. E quando terminamos, ele me levou de volta para dentro, pisando em pilhas de livros e papéis. Quando eu vim antes, o apartamento dele estava extremamente arrumado, tudo em seu lugar, mas parece que as últimas duas semanas foram difíceis para ele, porque agora é uma bagunça desordenada.

Daqui, eu posso ouvir o arrastar de papel e Aron murmurando para si mesmo. Eu passo na ponta dos pés pela porta da frente e pelo banheiro, onde tomamos uma ducha longa e quente, derretendo os ossos juntos. Meu corpo ainda parece vacilante e solto, um pouco dolorido, mas na maior parte agradavelmente relaxado no rescaldo das atenções bastante intensas de Aron. Mas agora, quando saio para a sala de estar, fica claro que não teve o mesmo efeito no próprio Aron. Ele está debruçado sobre sua mesa de café, vestindo nada além de cueca boxers, seu laptop no sofá ao lado dele. Quando chego atrás dele, ouço-o mencionar agentes alquilantes e antimetabólitos, que reconheço, nas rondas de oncologia, como tipos de drogas quimioterápicas.

— Você está bem? — Eu pergunto baixinho.

Aron pula e gira, com os olhos arregalados. Ele está segurando seus papéis em cada mão, e eles estão amassando dentro de seu aperto. — Você me assustou. — diz ele desnecessariamente, porque é óbvio pela sua postura tensa. — Eu pensei que você estava dormindo. Está tudo bem?

Eu chego na beira do sofá e Aron me encontra no meio. — Eu estaria melhor se você estivesse na cama comigo. — eu digo, deslizando meus braços ao redor dele e beijando seu peito. — Você deve estar exausto.

Ele acaricia meu cabelo e beija o topo da minha cabeça. — Estou bem. Eu preciso terminar isso, e então eu vou entrar.

— O que é isso?

— Pesquisa. — E então ele lança em uma explicação tão complexa que ele me perde em segundos. Eu sei que ele está falando sobre uma nova maneira de tratar a leucemia mielóide aguda, e eu reconheço palavras como *citarabina, contagem de células brancas*, *medula*, *indução* e *sistema imunológico*, mas quase todo o resto navega sobre minha cabeça. Meu olhar percorre os papéis, cheio de fórmulas químicas rabiscadas e impressões de resultados de laboratório.

Eu rio quando ele finalmente faz uma pausa para respirar. — Ok, é óbvio que você está animado com isso.

— Vai mudar tudo. — diz ele, olhando com carinho para seus papéis. — Eu tenho que fazer isso para que eu possa apresentá-lo ao meu mentor amanhã.

Eu acaricio sua bochecha, correndo meus dedos pelos belos ângulos de seu rosto. — Não me deixe te parar, então. Torne o mundo mais justo.

Ele sorri e me beija. — Eu te amo, Nessa. — ele respira. — Eu sabia que você entenderia. Eu estarei com você daqui a pouco.

Eu sorrio sonolenta e tropeço de volta para a cama. No começo, tento ficar acordada, esperando que ele deslize entre os lençóis e envolva seus braços em volta de mim. Mas quando meu alarme dispara às seis horas, a percepção me impressiona: ele não chegou a vir.

Capítulo Dezesseis

Aron não está no apartamento. Eu me aventuro na sala de estar e a acho ainda mais bagunçada do que na noite anterior. Vou até à geladeira, meu estômago roncando e acho que está praticamente vazio. — O que você tem comido? — Eu murmuro enquanto checo o freezer e o encontro similarmente vazio.

Volto ao seu quarto para me vestir, pensando em tudo o que aconteceu entre nós. Tem sido uma semana louca, mas ao longo de tudo isso, Aron foi como um sonho que se tornou realidade. E eu... eu me inclino contra a parede enquanto percebo como as coisas estavam fora de controle na noite passada. Nós não usamos proteção uma única vez. E foram várias vezes. Eu mordo minha mão e rezo para que o controle de natalidade que comecei já tenha começado a funcionar, imaginando a minha súbita incapacidade de pensar em algo tão básico. Mas então novamente... permitindo que ele me tocasse na frente de um bando de frequentadores de clube... dando-lhe um boquete enquanto ele dirigia pela cidade... fazendo sexo com ele em seu carro... eu suspiro. Eu não tenho pensado em nada nas últimas vinte e quatro horas, aparentemente. Tenho sorte de não ter sido presa ou de fazer com que Aron nos levasse para o lado de um prédio.

Uma onda de desconforto me atinge quando percebo que meu comportamento impulsivo me lembra um pouco do meu pai. Não que eu estivesse a par de sua vida sexual ou algo tão assustador não, é a sensação de jogar cautela ao vento, uma sensação de estar na beira de um penhasco com meus braços abertos,

desafiando uma rajada para me carregar, mesmo *querendo* isso... é assim que meu pai era às vezes. Quando ele era maníaco.

Mastigando meu lábio, atravesso o quarto de novo e finalmente noto uma nota na beira da cama. — *Recebi um email de Mark ontem à noite - Finn foi readmitido. Pode ver Greg hoje?*

Meu coração se contrai no meu peito enquanto olho para o rabisco bagunçado e apressado, diferente da caligrafia normalmente arrumada de Aron. Ele provavelmente já está no hospital. Porque se Finn estiver de volta, não pode ser bom. Amaldiçoando, eu coloco minhas roupas da noite passada e caminho de volta para o meu apartamento, que fica a apenas seis quarteirões da casa de Aron. O mais rápido que posso, tomo banho e me preparo para o trabalho. Eu não posso tirar Aron da minha cabeça. Ele ficou tão chateado depois que Davonte morreu, e pelo pouco que eu entendo, esse garoto estava no mesmo estágio de tratamento que Finn. E Greg... meu estômago se agita enquanto entro no bonde pelo rio em direção ao hospital.

Eu estou na unidade de oncologia antes das nove, mas a enfermeira me diz que Finn foi levado para uma punção lombar e Greg está com ele. Ela diz que Finn foi internado com febre neutropênica e possível sepse[18], e me diz que Aron já esteve a vê-lo. Agradeço e vou visitar meus outros pacientes de consulta. Eu tento chamar Aron, mas depois que recebo o correio de voz dele algumas vezes, percebo que está ocupado com a pesquisa dele, a apresentação e provavelmente precisa que eu pare de incomodá-lo.

[18] ***Sepse*** - é uma resposta do corpo a algum tipo de infecção sanguínea.

Greg está sentado no quarto de Finn quando volto para a unidade logo depois da hora do almoço. Finn está dormindo, e ele foi ligado a dois IVs - agulhas intravenosas - diferentes. Bandagens cruzam seus braços magricelas.

— Oi, Nessa. — diz Greg, que parece que não dormiu em dias. Ele aponta para a cadeira na sala, me convidando para sentar. — Obrigado por ter vindo.

— Como ele está? — Eu pergunto.

Greg sacode a cabeça. — Ele ficou doente tão rápido. Quero dizer, ele está doente, mas a febre... eu o trouxe e pude ver pelos olhares deles que era ruim. — Ele enterra o rosto nas mãos. — Eu gostaria que ele acordasse e fosse o mesmo. — Ele solta um grunhido de riso. — Inferno, eu gostaria que ele acordasse e fosse teimoso. Qualquer coisa. Mas ele está tão grogue e confuso.

Minha garganta aperta. — E isso assusta você. — Eu sei que isso me assusta.

Ele balança a cabeça sem levantar a cabeça. — Estou tentando ser forte para ele, deixando-o saber que estou aqui.

— E isso significa tudo. — eu digo, minha voz tensa. — Você é o chão debaixo de seus pés. Se você é sólido, ele tem um lugar para ficar.

Ele acena novamente. Eu me inclino para a frente. — O que significa, Greg, que você tem que pensar em como cuidar de si mesmo.

Enquanto falamos sobre o que o sustenta, o que o renova e o que o mantém unido, meus olhos continuam se dirigindo para o garotinho na cama, tão imóvel sob o lençol, tão pálido. Eu me pergunto onde está Aron, se ele estava pensando em Finn na noite passada enquanto trabalhava febrilmente para qualquer descoberta

que ele estivesse tão certo de fazer. Espero que a apresentação dele ao seu mentor tenha corrido bem e que ele me ligue logo com boas notícias. Eu termino com Greg e digo a ele que vou checar amanhã, mesmo que seja sábado.

Enquanto eu ando até à porta, ele pergunta: — Ei, você falou com o Dr. Lindstrom?

— Ainda não hoje.

— Ele estava muito animado esta manhã. — Greg me dá um sorriso tímido. — Ele estava falando tão rápido que eu não conseguia acompanhar o que ele estava dizendo, mas ele parecia otimista. Ele disse que voltaria mais tarde com um novo tratamento que queria tentar. Você sabe se ele tem algum procedimento ou algo planejado? As enfermeiras não tinham certeza.

— Vou tentar verificar com ele. — eu prometo. — Mas eu sei que Finn está em sua mente. — O sorriso permanece em seu rosto enquanto ele balança a cabeça. — Ele é um ótimo homem.

— Ele se preocupa com Finn e com você. — eu digo, então deixo-o ao lado de seu filho dormindo.

Eu entro com minhas notas de consulta no registro eletrônico de Finn e, em seguida, verifico a seção médica geral para ver se Aron entrou em novas ordens de medicação ou procedimentos, mas não há nenhuma indicação de que ele viu Finn esta manhã. Eu verifico e dou uma checada, porque Aron é geralmente preciso e completo em sua documentação, mas não há nada. Quando fecho o arquivo com uma pontada de desconforto, olho para cima e vejo Joanna Feldman parada ali. — Oi. — eu digo. — Por acaso você viu o doutor Lindstrom hoje de manhã?

Ela franze a testa e pequenas rugas seguram sua boca. — Por quê?

— Um pai estava perguntando.

— Mandei-o para casa por hoje. — diz ela, olhando para o relógio.

— Oh. — Eu pulo do banquinho. — Ele estava bem? — Ele estava cheio de energia na noite passada, mas eu sei que não dormiu.

— Lindstrom está sobrecarregado. Está afetando seu trabalho e sua saúde. Eu pensei que você poderia ter notado.

— Eu?

— Estou bem ciente de que você está envolvida com ele, Sra. Cavenaugh. — Por um momento, sua expressão suaviza, transformando-se em quase... maternal? — Naquela primeira vez que vi vocês dois juntos, eu percebi que ele gostava de você e, dado seu comportamento passado, eu o aconselhei a manter as coisas profissionais com você.

Isso explica por que ela parecia tão infeliz naquele dia em círculos, eu pensei que ela estava chateada comigo, mas talvez ela estivesse preocupada comigo? Mas sua expressão endurece novamente quando ela diz: — Então fui informada sobre *seu* comportamento passado. No entanto, não é estritamente contra quaisquer regras, e sua conduta profissional melhorou significativamente. Mas então Aron veio a mim no início desta semana para me informar que ele estava cancelando todos os seus compromissos, pulando clínica, entregando de plantão para o Dr. Kwan, e demorando quase dois dias para ir ver você em Wisconsin. Naquela época, ele revelou a natureza exata de seu relacionamento com

você. Ele era bastante… efusivo sobre isso, na verdade. E desde o seu retorno, ele tem sido errático. Esta manhã ele estava completamente fora de ordem, a ponto de eu decidir que ele não deveria estar na unidade. Mandei-o para casa descansar um pouco e disse-lhe para voltar segunda-feira com a cabeça reta. Eu confio que você não fará nada para distraí-lo disso. Não tenho ideia do que está acontecendo com ele, mas preciso que esteja no seu melhor.

— Claro. — murmuro. — Eu sei que ele tem trabalhado muito duro em um projeto de pesquisa.

— Não estou ciente do trabalho dele nessa área. Seu mentor de pesquisa é o Dr. Portman.

— Oh. Mas ele também pode estar estressado com um dos seus casos, um de seus pacientes foi readmitido...

— Finn Beeman. Febre neutropênica e sepse. Eu estou cobrindo.

— Tudo bem... eu sei que o Sr. Beeman estava esperando ver Aron, quero dizer, Dr. Lindstrom, novamente hoje... algo sobre um novo tratamento?

Ela se inclina um pouco para frente, meio impaciente. — E como eu disse, estou cobrindo e sou responsável por todas as decisões de tratamento neste momento.

Eu sinto seu olhar como um laser entre os olhos, cheio de julgamento, como se eu fosse parte do estresse de Aron. — Obrigada por me avisar, e por cuidar do Dr. Lindstrom.

Ela me dá um olhar que diz que *pelo menos uma de nós está*.

Volto para o escritório interno em transe. Algo não está certo, e estou começando a me preocupar com Aron... e me pergunto se sou a causa desses problemas ou se algo está acontecendo. Meu telefone toca, e eu quase esbarro em uma parede enquanto me atrapalho com a minha bolsa, tentando chegar até ela. Não é Aron, no entanto. É a minha mãe. E, estranhamente, preciso ouvir a voz dela agora. — Ei mãe.

— Oi, garota, eu estava ligando para perguntar quando você queria ser pega na próxima quinta-feira. Sua avó tem falado sobre fazer sua própria torta de nozes, já que ela sabe que você gosta tanto. Eles estão muito animados em conhecer Aron. Você perguntou se ele poderia vir? Ele traria você?

— Oh... oh sim... ele disse que iria.

— O que há de errado?

— Como você pode dizer que algo está errado?

— Sua voz, Nessa. Está tremendo. Você parece estar prestes a chorar.

Eu me inclino contra a parede. — Eu não sei, mãe. Eu estou apenas... Deus, eu não sei. As coisas estão loucas agora.

— Defina loucas. — diz ela, qualquer brincadeira escapando.

— Eu acho que... eu estou me sentindo um pouco fora de controle.

— Ok, agora eu vou ser franca: como está o seu humor?

Eu quase rio. Eu acho que ela acabou de girar em torno da questão, o que me diz o quanto eu devo pensar. — Está tudo bem, eu acho.

— Expansiva? Exaltada? Eufórica?

— Na verdade não. Quero dizer, eu tenho meus momentos. — Como quando estou com Aron… que tem estado incrivelmente bem ultimamente. *Como se alguém lhe desse uma pílula feliz,* Nick sussurra.

— Fez algo arriscado?

Desta vez eu rio. — Posso invocar a Quinta Emenda ou algo do tipo?

— O que foi - sexo, drogas?

Bom Deus. Ela está correndo com os sintomas da mania[19]. Em algum lugar ao longo da linha, ela parece ter memorizado os critérios diagnósticos para o transtorno bipolar, provavelmente esperando o dia em que ela teria que usar esse conhecimento em mim. Eu toco junto, porque estou tão de dentro agora que preciso de alguém para me dizer que as coisas estão bem. — Sem drogas, mas Aron e eu... não importa. — Minhas bochechas estão praticamente derretendo no meu rosto agora, quando penso no que Aron e eu temos feito em conjunto. *Ele tem sido muito insaciável e eu tenho mantido o ritmo...*

— E sobre gastos?

— O quê? — Em algum lugar dentro de mim, um verme insidioso de túneis de medo correm através da minha médula. — Não, eu não fiz nenhuma série de gastos... — *Mas Aron fez.*

— Que tal dormir?

— Agora que penso nisso, estou dormindo bem... — *Mas Aron não está.*

[19] Mania faz parte do ***Transtorno Bipolar ou Doença Maníaco-depressiva.***

— Bem, você não parece excessivamente faladora. Seus pensamentos estão correndo?

Eu deslizo para o chão. — Não. — eu sussurro. *Mas Aron sim.* Quantas vezes nos últimos dias tenho notado isso e relevado? — Mãe, eu tenho que ir.

— Nessa, eu vou ser honesta, você está me assustando um pouco.

— Não tenha medo. — eu digo. — Estou bem. — *Mas estou começando a pensar que Aron não está.* Eu fecho meus olhos e cerro os dentes, segurando o grito.

Eu desligo com ela, balançando a cabeça. — Não, — eu sussurro para mim mesma. — Não, ele está bem. Ele está apenas trabalhando muito duro.

— Nessa? — Eu levanto minha cabeça para ver Mark caminhando em direção a mim da direção da unidade de oncologia, uma carranca em seu rosto bonito. — Você falou com Aron hoje? — Ele para na minha frente e estende as mãos, oferecendo-se para me puxar para cima. — E você está bem?

Seu aperto é quente e firme. Eu sinto falta quando ele solta. — Estou preocupada com Aron. — Minha voz racha quando digo isso. Eu olho nos olhos castanhos de Mark, buscando segurança.

— Eu também. — diz ele, quebrando minha esperança de conforto. — Dr. Portman disse que Aron chegou ao seu escritório esta manhã sem um compromisso, e que ele estava agitado. Tipo, falando uma milha por minuto sobre algum avanço, mas não fazia o menor sentido.

— Oh, não. — eu sussurro, realização fazendo meu mundo desabar. — Aron está com ele agora?

Mark balança a cabeça. — E eu tenho tentado ligar, mas ele não está respondendo. Ele não está no laboratório ou na unidade.

— A Dra. Feldman disse que o mandou para casa, mas...

— Quem sabe se é para onde ele foi? — Mark termina para mim.

— Ele já esteve assim antes?

— Como o quê? Confuso e delirante? Não definitivamente NÃO.

— Não é só isso. Ele não está dormindo, não está comendo. Ele está agindo como louco. Ele está... hum... — Eu suspiro, sabendo que meu rosto está vermelho brilhante. — Acredito que 'hipersexual' é o termo clínico.

— Isso me lembra o tempo do passado semestre... — Ele me dá um olhar cauteloso.

— Você quer dizer quando ele dormiu com metade das mulheres na cidade.

Ele estremece. — Bem, não é que era ruim, mas sim. Ele se sentiu muito mal com isso depois. Ele ficou abatido por um tempo, lamentando-se totalmente, completamente deprimido. Ele só saiu disso no final do verão. — Sua boca se curva em um sorriso. — Então ele conheceu você.

Suas palavras só me fazem sentir pior. De repente, a explicação de *apenas uma fase* de Aron faz todo o sentido. Exceto que não era uma fase em tudo; era um *episódio*. E depois, estou apostando que quando estava mais do que deprimido, ele provavelmente estava passando por um tipo completamente diferente de episódio.

A ascensão e o acidente.

A invencibilidade e a euforia da obsessão, seguidas pela terrível e irregular dor da depressão.

Eu respiro, me preparando. — Mark, por acaso você sabe alguma coisa sobre a família de Aron?

Sua testa franze. — Sim. Eu os conheci quando eles vieram ver a pós-graduação de Aron de residência médica.

Eu engulo o nó na garganta. — E ele mencionou, talvez, ser rico? Como super-ricos?

— Hã? Quero dizer, os pais de Aron são médicos muito bem sucedidos, mas não são...

— Relacionado ao fundador da Ikea?

— O quê? — Ele diz com uma risada. Quando ele vê o olhar no meu rosto, ele fica sério rápido. — Ele lhe contou isso?

A pior parte: acho que ele realmente acreditou. — Aron precisa de ajuda. — eu sussurro. Mark acena com a cabeça como se estivesse decidindo alguma coisa. Então ele olha para o telefone e faz uma careta. — Eu não posso ir procurá-lo, Nessa. Não agora, pelo menos. Eu tenho um procedimento em alguns minutos e não vou terminar por uma hora.

— Eu irei. Não tenho nada marcado. — E neste momento, não consigo me concentrar. Não consigo pensar. Eu não posso fazer nada além de me preocupar com Aron. — Dê-me seu número? — Nós trocamos números de telefone e eu saio com a promessa de atualizá-lo se eu encontrar Aron, e ele diz que vai me avisar se

Aron aparecer no hospital. Meus pensamentos fraturando e girando em um milhão de direções, eu ando até à parada do bonde. Como perdi os sinais? Eu estou treinando para ser uma psicóloga. Eu me sabotei em todos os critérios diagnósticos para cada desordem antes dos meus exames de qualificação. Eu deveria saber reconhecer mania. Especialmente porque eu morava com um homem que subia e descia algumas vezes por ano, por semanas a fio. Foi diferente, talvez porque eu fosse criança, talvez porque meu pai fosse pintor e não um médico.

Ou talvez porque eu estava muito cega pelos meus sentimentos por Aron para ver o que estava acontecendo com ele.

Mas agora tenho quase certeza. Aron tem quase todos os sintomas do livro, mas pior que isso: acho que ele está perdendo contato com a realidade. À medida que a mania aumenta, ele acredita em coisas que não são verdadeiras, como estar relacionado a um bilionário. Se eu não o parar, ele pode se quebrar. Mas pior que isso, ele pode se machucar. *Ou se matar,* minha mãe sussurra. Ainda me lembro do som de seus gritos quando a polícia apareceu na porta para nos dizer que meu pai havia dirigido seu carro pelos trilhos para encontrar um trem que se aproximava.

Enquanto ando de bonde pela Chestnut e saio a alguns quarteirões do apartamento de Aron, mais uma vez tento me convencer de que posso estar errada, que estou exagerando por causa do que aconteceu com meu pai, porque estou vivendo anos sob o olhar atento de minha mãe, vendo o transtorno bipolar sob cada pedra, em todas as sombras escuras. Talvez eu esteja fabricando outra crise porque meus sentimentos por Aron são tão intensos, porque os sinto tão fora de controle. Porque eu nunca conheci alguém como ele, apaixonado e brilhante, tão

disposto a se entregar a alguém que ama. Talvez eu esteja apenas com medo de novo. Talvez eu esteja presa em uma gaiola de minha própria criação e esta é a minha maneira de tentar escapar.

Eu puxo meu casaco em volta de mim e tremo, sabendo que não é tão simples desta vez. Aron já estava nas garras da mania quando veio para Madison. É provavelmente o que o levou a reservar a viagem em primeiro lugar. É por isso que ele comprou a passagem, pagou pelo quarto, fez amor comigo a noite toda, e então saiu em busca de comida para cozinhar para mim, nunca parando para descansar. Ele já estava em apuros, e eu nem percebi isso.

E se o amor dele por mim é apenas parte de sua doença?

Com aquele pensamento horrível latejando no meu cérebro, aceno para o porteiro, que me reconhece e me dirijo ao elevador. Meus punhos estão tão cerrados que meus dedos se destacam em pequenos picos afiados. Meu coração está batendo tão rápido que estou sufocando.

Eu bato na porta dele, fazendo uma lista mental de todos os lugares que vou procurar por ele, se ele não estiver em casa. — Aron? Sou e...

Aron abre a porta, sorrindo. — Nessa. — diz ele enquanto me puxa em seus braços. — Eu sinto muito por ter que sair cedo esta manhã. Tive que pegar algumas amostras do laboratório para cruzar com o soro de compatibilidade que eu criei aqui e então eu tive que calcular o... — Ele sai e me beija avidamente, chutando a porta e me apoiando contra a parede. — Não importa, não importa, não importa, porque você está aqui e eu queria que você viesse.

— Aron. — eu sussurro, lágrimas ardendo nos meus olhos. Ele não se barbeou desde ontem e seu cabelo está em pé. Seus olhos estão brilhantes, mas os círculos sob eles são profundos e escuros. Como eu não vi isso? Como eu não percebi? Envolvo meus braços em volta do pescoço e noto um cheiro químico estranho e adstringente agarrado à sua pele. — Eu te amo. — *E você está escapando do meu alcance.*

— Eu também te amo muito. — diz ele, acariciando meu pescoço, suas mãos vagando sobre o meu corpo. Vinte e quatro horas atrás, ele teria me acendido, me derretido mas agora isso me destrói, porque eu tenho que me perguntar se cada palavra da boca de Aron é um subproduto da doença que afundou suas garras profundamente em sua mente. Ele inclina a boca sobre a minha e me dá um beijo possessivo, e eu não o detenho nem luto contra ele. Eu tenho que levá-lo para vir comigo para o hospital para que ele possa fazer uma avaliação psiquiátrica de emergência. E eu tenho que fazer isso antes de ele...

Aron se ajoelha e puxa uma pequena caixa preta do bolso. Ele olha para mim com a expressão mais doce em seu lindo rosto e estende a caixa, abrindo-a com o polegar. Dentro há um anel de diamante, brilhando na luz. A pedra é maior que uma ervilha, absolutamente requintada e obviamente muito real. — Nessa Cavenaugh, — diz Aron, com a emoção tremendo em sua voz, — quer se casar comigo?

Capítulo Dezessete

Eu olho para ele enquanto uma lágrima vaza do meu olho. — Oh, Aron, — eu sussurro. — Vamos conversar sobre isso, ok? Podemos entrar na sala e conversar?

O rosto de Aron cai. — Você não gostou do anel? Vou pegar outro para você. Eu não sabia o que você gostaria, mas podemos ir agora e você pode escolher o que quiser. Eu juro que vou comprar toda a loja se você disser.

Eu balanço minha cabeça, seu discurso pressionado, rápido , fazendo minha cabeça girar. — Não, é lindo. Não se preocupe com isso. — Eu puxo sua mão, fazendo-o se levantar.

Ele parece confuso, olhando para a frente e para trás entre o anel e meu rosto. — Você... você não quer se casar comigo?

Eu envolvo meus braços em volta de sua cintura e aperto, engolindo um soluço. — Eu não acho que este seja o momento certo, mas uma vez que as coisas se acalmem, podemos falar sobre isso de novo, ok?

Ele pula em seus calcanhares enquanto acaricia meu cabelo. Todo o seu corpo está vibrando com essa energia, como um foguete indo a toda velocidade pouco antes de se separar. — Claro que você está sob tanta tensão que devemos nos afastar, deixe-me levá-la para a Suécia, para Estocolmo você pode conhecer minha família, eles vão te amar e eu vou te mostrar tudo.

O telefone de Aron começa a tocar da sala e um grunhido frustrado rola de sua garganta. — Eles continuam ligando, eu juro que não vão me deixar em paz. Eu disse a eles que ficaria pronto esta tarde, mas eles são tão impacientes.

— Quem, Aron?

Eu o sigo até à sala de estar, o que envia outra onda de medo através de mim. A mesa e a mesa de café estão cobertas de papéis, páginas recortadas de livros, revistas e periódicos. Impressões de resultados de laboratório, página após página de anotações manuscritas. Todos espalhados, colados nas paredes, nas cadeiras, no controle deslizante da sacada. Aron conectou certos números e imagens com um marcador vermelho. Seus balcões de cozinha estão cheios de garrafas de vários produtos de limpeza e copos de água cheios de líquidos azuis e verdes que deixam claro por que ele cheira como o armário de um zelador.

Ele pega o telefone e depois joga de novo. — Joanna. E o NIH. Companhias farmaceuticas. O FBI e o DEA. Todos eles querem saber o que eu descobri. — Ele acena com a cabeça para a coleção de copos, para a saboneteira e o limpador de vaso sanitário e para Windex, que ele obviamente acredita ser uma cura miraculosa para o câncer.

Eu cubro minha boca para segurar o gemido. Aron não é apenas maníaco - sua mente escorregou dos laços da realidade e está espiralando no espaço, perdida. — Aron, eu quero que você venha comigo em um lugar.

Ele sorri. — Onde você quer ir? Eu vou te levar a qualquer lugar.

Eu pego sua mão, entrelaçando seus dedos com os meus. — Eu quero que você venha comigo para Jefferson. — Eu pesquisei no caminho até aqui, apenas no caso. É o hospital mais próximo e tem serviços de psiquiatria para adultos.

Sua testa franze. — Por quê? Você está doente? Por que você está apertando minha mão com tanta força?

— Vem comigo? — Eu pergunto, puxando-o para a porta.

— Não, realmente, Nessa, você está doente? Você está bem? Eu poderia te ajudar. — Ele pega meu rosto em suas mãos, preocupação gravada em suas feições. — Eu morreria se alguma coisa acontecesse com você. Conte-me.

— Eu estou bem, Aron. — eu digo, colocando minhas mãos sobre as dele e tentando não gritar. — Eu só preciso que você venha comigo. — É tudo o que posso fazer para não implorar a ele que me ajude a descobrir isso. Eu preciso de Aron para me ajudar a criar estratégias, para me tranquilizar... mas, Aron não está aqui agora.

Ele franze a testa e inclina a cabeça. — Você quer que eu vá até Jeff com você, mas você não está doente? Espere, *eles* te mandaram aqui? Eles te disseram para... — Os lábios dele se apertam e ele balança a cabeça. — Não, eu tenho que ficar aqui e terminar isso e então tenho que chegar ao CHOP. Greg vai ficar tão feliz quando Finn se levantar e sair do hospital.

Ele me deixa ir e abre caminho através de seus papéis, em seguida, debruça-se sobre a bolsa do computador e passa por ela. Eu dou alguns passos para trás, olhando horrorizada. Se ele for ao CHOP, eles podem pará-lo, especialmente se eu ligar para eles e pedir que eles tomem conta dele. Mas assustaria as pessoas, e Aron

ficaria com muitos problemas, mais problemas do que já está. E se ele falasse, poderia acabar machucando um de seus pacientes.

E isso iria matá-lo. Eu sei que iria. Em seu juízo perfeito, Aron é um médico cuidadoso. Eu mesmo vi, testemunhei dezenas de vezes, escutei ele apresentar seus casos em rondas, sentei ao lado dele enquanto lia artigo após artigo sobre as últimas pesquisas em oncologia pediátrica. Ele foi feito para fazer isso e está prestes a perder tudo. Eu puxo meu telefone do bolso e envio um texto rápido para Mark. *No apartamento do Aron. Venha assim que terminar?*

Terminei agora. Ele está ok?

Não. Aron precisa de um status psicológico.

Estou a caminho.

— O que você está fazendo? — Aron pergunta bruscamente, e eu olho para cima para vê-lo segurando um maço de papéis, me observando de perto.

— Eu estava mandando mensagens para minha mãe. — Minha voz está tremendo. — Ela está prestes a sair do trabalho.

— Eu quase fiz o mesmo hoje. Joanna estava sendo tão cruel. Mas ela finalmente me disse para voltar aqui e trabalhar nisso. Ela está esperando por isso. Eu preciso ir em breve. Tenho que me trocar. Você vai esperar?

Eu aceno com a cabeça, tremendo quando o pavor frio brota dentro de mim. — Eu vou esperar.

Assim que ele desapareceu em seu quarto, eu tenho meu telefone no ouvido. Marcando as respostas imediatamente. — Quão perto você está? — Eu pergunto. — Porque ele está prestes a sair. Ele quer voltar ao CHOP.

— Por quê?

Eu aperto meus olhos fechados. — Porque ele quer curar magicamente todos os seus pacientes de câncer com uma mistura de Windex e Tide. — eu sufoco. — Mark, ele está psicótico. Não tenho nenhuma dúvida em minha mente. Ele acha que o FBI está atrás dele.

— Merda. Eu não posso acreditar que isso está acontecendo. Eu não estarei aí por pelo menos mais dez minutos, Nessa. Ele está operacional? Ele iria para um teste psicológico sozinho?

— Não. — eu sussurro. — Eu tentei.

— Você precisa chamar o resgate. Eles vão levá-lo ao hospital. Eu estarei lá assim que puder, ok? E tenha cuidado. Saia daí se ele ficar muito agitado. Aron nunca se perdoaria se ele te machucasse. — Ele desliga.

Sabendo que eu nunca poderia deixar Aron sozinho quando ele está assim, eu disco 911. Quando eles me perguntam qual é a minha emergência, eu explico que meu namorado é maníaco com características psicóticas, e que ele precisa de uma avaliação psiquiátrica de emergência e possivelmente setenta e duas horas involuntária de internamento porque ele é um perigo para si mesmo e para os outros. Eu digo-lhes que ele tem um metro e noventa e está em forma, então eles precisam se preparar para lidar com ele, e que ele está determinado a ir ao CHOP para ver seus pacientes, o que seria uma ideia perigosa neste momento. Enquanto

eu falo, caminho na ponta dos pés pelo corredor e deslizo a chave da fechadura para que a porta da frente esteja aberta apenas uma fresta.

— Senhora, você está segura? — O operador pergunta.

— O quê? — Eu digo em voz baixa enquanto corro de volta para a sala de estar. — Ele ameaçou você?

— Ele me pediu para casar com ele. — eu digo, minha voz embargada quando afundo no sofá. Daqui, vejo o anel em sua caixa no balcão, uma versão distorcida de minhas próprias frágeis fantasias mal formadas para o futuro. — Quando eles vão chegar?

— A unidade está a caminho, senhora.

A porta do quarto de Aron se abre e eu desligo e deixo o telefone cair nas almofadas. O socorro estará aqui em breve. Eu simplesmente tenho que mantê-lo calmo e neste apartamento até que isso aconteça. Ele está vestido para o trabalho, e uma emoção de medo corre pela minha espinha. Além da selvageria em seus olhos e seu cabelo bagunçado, ele se parece com o Dr. Lindstrom, um cara que os pais confiam para ajudar seus filhos a sobreviver, um cara que quer tornar o mundo mais justo. E em algum lugar lá, ele é exatamente essa pessoa. Mas não tenho ideia de como chegar a esse Aron agora. — Você vem? — Pergunta ele.

— Em um minuto. — eu digo. — Você poderia, nós poderíamos conversar um pouco?

— Eu não sei, Nessa, eu realmente preciso ir...

Eu tiro meu casaco e suéter dos meus ombros e me viro para encará-lo em minha blusa sem mangas, odiando que eu esteja fazendo isso, por muitas razões.

— Cinco minutos? — Seu olhar desliza para os meus seios. — O que você tem em mente? — Ele diz, um sorriso perverso brincando em seus lábios.

— Vamos dar um passo de cada vez. — sugiro, aliviada por ele estar distraído e que ele me queira. Sento-me no sofá e coloco meu telefone no chão ao lado, de fácil acesso.

Aron se senta ao meu lado, o calor queimando em seus olhos. Ele me puxa para o seu colo, montando-o. Com ele tão perto, a barba por fazer arranhando minhas palmas, suas mãos deslizando sob a minha camisa, é tentador esquecer tudo, fingir que, se eu o segurar apertado o suficiente, ele voltará para si mesmo. E quando ele me beija, eu dou a ele tudo de mim, porque é isso que eu quero que ele tenha. Eu quero que ele saiba o quanto o amo, para plantar o entendimento tão firmemente em sua mente que ele nunca se solta, não importa o quanto ele esteja confuso.

Quando a batida na porta vem, eu sei que chegamos ao final do jogo, embora não seja nada como eu esperava que fosse. — Está aberta. — eu grito tremulamente, e Aron congela.

Dois paramédicos corpulentos entram na sala, e um deles tem um kit médico nas mãos. Aron me empurra para fora do seu colo e se vira para encará-los. — Saiam do meu apartamento. — ele grita.

Eu pego a mão dele. — Aron, eles estão aqui para ajudá-lo.

Ele tira a mão e olha para mim com olhos verdes que transbordam de terrível percepção. — Você fez isso? — Ele faz uma careta como se tivesse sido atingido por um golpe físico. — Você fez isso. Eu pensei que você me amava.

— Eu amo você. E quero que você esteja em segurança.

Os paramédicos avançam devagar, os olhos examinando a sala, absorvendo a bagunça, os produtos de limpeza e Aron. — Senhor, se você pudesse vir conosco para o transporte, podemos preencher alguns papéis e conversar.

— Não. — diz Aron, dando alguns passos para trás, mais fundo no apartamento, em direção ao slider para a varanda.

— Joanna colocou você nisso? Ela fez, não foi? Eu sabia que ela me venderia para o FBI. Afaste-se disso! — ele grita freneticamente enquanto um dos paramédicos passa pelo balcão da cozinha.

— Senhor, não vamos tocar em sua propriedade. Tudo o que queremos é que você tenha uma conversa conosco no andar de baixo— diz o paramédico de cabelos escuros que parece ter visto tudo sob o sol. Ele é bem durão, mas sua voz é calma quando fala com Aron. — Só venha com a gente lá embaixo.

Aron o ignora e se vira para mim. — E você está ajudando eles. Eu confiei em você, Nessa! — Ele grita. — Eu teria lhe dado qualquer coisa. Eu confiei em você com *tudo*, e é isso que você faz? Você está tentando me arruinar e destruir minha reputação! Você está espalhando mentiras sobre mim! — Ele dá um passo em minha direção e os paramédicos se movem rapidamente, interceptando.

— Senhorita, eu quero que você se afaste dele. — diz o paramédico cujo cabelo ruivo é cortado com cinza. — Lentamente.

A porta da frente faz barulho e todos nós nos viramos para ver Mark coçando a cabeça. — Aron. — diz ele, parecendo aliviado. — Eu queria ver como você estava. — Ele lança-me um olhar nervoso, olhando-me como se precisasse ter certeza de que eu estava aqui.

— Como eu estou, Mark? Ou o que eu estou trabalhando? — Aron pergunta, recuando novamente até que esteja ao alcance do braço do controle deslizante para a varanda. Ele fixa o paramédico ruivo com um olhar ameaçador. — Eu não vou com você. — diz ele em voz baixa. No momento em que ele olha por cima do ombro para a sacada, vejo o que ele está planejando fazer e atira pura adrenalina em minhas veias.

Aron se lança para o controle deslizante e eu me jogo contra suas pernas, o desespero me deixando forte. Ele perde o equilíbrio e bate no homem, que cai mas não cede, então Aron começa a bater nele, gritando no alto de seus pulmões que ele vai pular, que ele nunca deixará que eles o levem. Eu seguro suas pernas enquanto os paramédicos tentam controlar seus braços e puxá-lo de volta para o sofá.

Aron luta como um homem selvagem, frenético e feroz. Meus braços e pernas estão enrolados em torno de suas panturrilhas e joelhos, mas os paramédicos estão tendo problemas para controlar o resto dele. Ele é um cara forte, para começar, mas agora ele está lutando por sua vida, sentindo nenhuma dor, quase sobre-humano em sua força quando bate com um dos paramédicos na parede e abre a porta

deslizante assim que seu braço está livre. O vento chicoteia meu cabelo enquanto Aron se inclina para o limiar da sacada, estendendo-se para alcançar o corrimão. O paramédico de cabelos escuros que bateu na parede grita que eles vão precisar de contenção química. — Droperidol cinco miligramas!

Com o canto do olho, vejo Mark empurrar o kit médico para o paramédico de cabelos escuros. Quando o cara pega o kit e o resto de nós luta para não ser arrastado para a varanda, Aron muda de repente e solta a perna. Seu joelho bate no lado da minha cabeça e minha visão fica preta. Meu mundo vira de lado. Meus pensamentos ficam embotados. Eu bato no chão, nervosa e machucada. Em algum lugar, ouço o grito de Aron e o chocalhar de vidro, e os homens latindo ordens. Em algum lugar, vejo figuras escuras emaranhadas, e vejo-as caírem juntas, prendendo Aron ao chão, mas ele se sente estranhamente desconectado. Enquanto Mark está do outro lado das pernas de Aron e o paramédico de cabelos escuros o agarra com os braços, o ruivo esfaqueia uma seringa na coxa de Aron. Os três o seguram enquanto ele continua lutando. — Dê um minuto. — o paramédico ruivo bufa, balançando a cabeça.

Como se fosse uma vergonha.

Aron vira a cabeça e olha para mim, sua boca abrindo e fechando, ainda lutando, mas seus movimentos estão diminuindo, se soltando. Uma lágrima escorrega do canto do olho e cai no chão. No momento em que o atinge, sinto uma dor aguda e dilacerante no peito. Meu coração, partindo por ele.

Alguns momentos depois, braços me envolvem e me viram. — Ele bateu em você com tanta força. — diz Mark, acariciando meu cabelo longe do meu rosto e

estremecendo. — Isso foi um solavanco desagradável. — Ele inclina meu rosto para a luz e arregala os olhos, verificando minhas pupilas.

— Ela também precisará de transporte? — o paramédico ruivo pergunta enquanto se levanta. — Teríamos que chamar outra unidade, porque esse cara precisa ir sozinho.

— Eu vou cuidar dela. Sou médico e, se ela precisar de um exame, vou me certificar de que receba um.

O paramédico de cabelos escuros se inclina para trás, aproximando-se de Aron, que ainda está me observando, embora agora seu olhar esteja desfocado. — Ela não deveria ter tentado impedi-lo. — diz o paramédico. — Tem sorte por não ter sido pior.

Os braços de Mark ficam tensos em volta de mim. — Ele poderia ter conseguido entrar na varanda se ela não tivesse agido tão rápido quanto agiu. Então... *não fale.*

O paramédico levanta as mãos em sinal de rendição enquanto seu parceiro joga uma maca no quarto. Eles a guardaram no corredor, talvez esperando que não precisassem. Colocam Aron sobre ela e cuidadosamente o prendem, incluindo laços em seus pulsos e envolvem seus joelhos, quadris e peito. Mark me ajuda a ficar em pé e me estabiliza quando a sala se inclina. Com ele no meu cotovelo e com a cabeça latejando, ando insegura até Aron. Eles estão preparando-o para o transporte, enfiando um cobertor sobre o corpo para que ninguém possa ver que ele está amarrado. Eu pego sua mão, que está flácida ao meu alcance. — Eu sinto muito, Aron. Mas isso é o que você precisa. Eu estarei lá por você a cada passo...

— Não, — diz Aron, tentando freneticamente puxar os dedos dos meus. Parece levar toda a força que ele tem para se concentrar em mim. — Nessa. — ele sussurra com voz rouca.

Eu me inclino perto, esforçando-me para ouvi-lo. — O que é?

— Eu nunca mais quero vê-la.

As mãos de Mark se fecham ao redor dos meus ombros e me impedem de cair. Então os dois paramédicos empurram a maca para o corredor, levando meu amor para longe de mim.

Capítulo Dezoito

A areia range sob as solas dos meus tênis enquanto eu me aproximo da água. O sol é uma leve faixa laranja ao longe, apenas uma promessa de luz. Uma rajada de vento cobre meu cabelo, e eu puxo o cobertor para mais perto do meu pescoço e ombros enquanto afundo em um pedaço de praia seca logo após a doca.

Faz sete dias desde que Aron foi tirado de mim. Mas eu sei, até os meus ossos, eu o perdi antes disso, possivelmente por causa do meu próprio esquecimento e inércia. Porque eu estava me afogando em uma fantasia dele, de nós juntos, do amor que me abalou profundamente, e não percebi que ele já estava escorregando sob as ondas. Eu não estendi a mão a tempo para pegar sua mão. Meu segredo, medo sombrio: — E se eu o empurrasse para baixo?

Eu nem tenho certeza de onde ele está. Depois que a ambulância se afastou com ele amarrado atrás, Mark me levou para Jefferson. Enquanto eu me sentava na sala de espera do departamento de emergência, com a cabeça doendo, manchas pretas atrapalhando minha visão, ele tentou descobrir se Aron estava lá. Mas é claro, porque nós não éramos parentes dele, porque eu não era sua esposa, eles não podiam confirmar nem negar que ele tinha sido admitido para avaliação. Mesma coisa no Fairmount. E em Friends, Girard e o Hospital da Universidade da Pensilvânia. Finalmente, Mark se recusou a me levar para qualquer outro lugar. Ele estava preocupado que eu tivesse uma concussão e insistiu que eu recebesse atenção médica, o que confirmou que ele estava certo. Ele prometeu fazer uso de

todos os seus contatos para encontrar Aron. Ele prometeu que me manteria informada.

Eu zumbi pelos dias seguintes, e apesar de uma dor de cabeça prolongada, voltei a trabalhar na segunda-feira. A notícia na unidade de oncologia era de que Aron estava fora com uma doença não revelada. Eu tentei perguntar à Dra. Feldman se ela tinha ouvido alguma coisa, mas ela era, sem surpresa, brusca e apertada com qualquer informação. Parte de mim queria agradecer-lhe por ser tão protetora dele, e parte de mim queria sacudi-la e gritar em seu rosto. *Eu o amo,* silenciosamente gritei quando ela se afastou de mim. Mas então percebi que meu amor não tinha feito nada por ele. Logo depois disso, meus temores secretos sibilaram: poderia ter piorado as coisas. E então parei de perguntar sobre ele, porque entendi que talvez não tivesse o direito de saber.

A Dra. Feldman organizou uma cobertura contínua para todos os pacientes de Aron, incluindo Finn, que passou por alguns dias difíceis. Passei tempo com Greg e ele todas as tardes. Eles foram os únicos pontos brilhantes da semana passada. Tempos com meus pacientes permitiram que eu me concentrasse em algo diferente de minha própria tristeza e culpa.

Mas agora é o feriado de Ação de Graças e estou em queda livre. Passei o Dia de Ação de Graças com minha mãe e avós, tias e tios, me escondendo atrás de um sorriso de plástico e acenando para perguntas sobre minha saúde e bem-estar trazidas pelas sombras sob meus olhos e o prato intocado que vovó acumulou com todas as minhas coisas favoritas. Eu me escondi na cozinha, lavando pratos e limpando e varrendo e limpando coisas que já estavam limpas, qualquer coisa para

evitar ter que vomitar mentiras sobre o quão bem minha vida está, como eu estou prestes a ter tudo que trabalhei por anos para alcançar. Qualquer coisa para evitar perguntas sobre o meu amigo médico, aquele sobre o qual minha mãe tinha falado muito.

Abraço meus joelhos junto ao peito e olho para as ondas. O sol é uma unha brilhante no horizonte agora, amarelo, rosa e laranja sangrando no céu e no mar. É lindo e perfeito. A solidão fica como uma pedra no meu peito, tornando difícil respirar. Aron deveria estar aqui. Foi o que planejamos. Eu também o levaria diretamente a este lugar. Eu teria sentado entre os joelhos dele e sentiria seus braços ao meu redor, seu calor nas minhas costas enquanto assistíamos ao nascer do sol juntos. Teríamos rido da estranha coleção de meias do meu avô e da insistência do meu tio Randall em mostrar sua proeza de malabarismo. Nós poderíamos ter falado sobre o futuro. Nós poderíamos ter nos escondido na cabana dos meus avós e feito amor debaixo da pesada colcha, segurando as palmas das mãos sobre a boca um do outro para abafar o barulho.

Mas em vez disso, ele está em algum lugar onde não posso alcançá-lo, e suas palavras de despedida para mim tocam em minha cabeça, me esvaziando.

— Você me deu um susto quando acordei e encontrei você fora. — minha mãe diz atrás de mim.

Viro-me para vê-la andando devagar pela areia, carregando duas canecas grandes e isotérmicas. Ela está vestindo um casaco e calças de moletom, e tem um chapéu apertado sobre o seu cabelo. Alguns fios de prata sopram como teias de aranha em volta das orelhas. Ela é uma coisa tão pequena, mais baixa até do que

eu. Eu percebi há muito tempo que ela parece mais frágil do que ela realmente é, mas ainda sinto a necessidade de protegê-la. — Desculpa. Eu estava acordada de qualquer maneira, então pensei em vir assistir o sol nascer.

— Eu acho que te conheço bem. — Ela afunda no chão ao meu lado e oferece uma das canecas.

Envolvo meus dedos gelados em torno de sua superfície e a coloco perto do meu peito, desejando que pudesse aquecer meu coração tão bem quanto minhas mãos. — Obrigada.

— Estou preocupada com você.

— Você está sempre preocupada comigo, mãe.

— Talvez. Eu nunca vi você assim, no entanto. Você fez uma cara muito corajosa ontem, mas acho que isso me preocupou ainda mais. Eu sei que você está triste porque perdeu seu conselheiro, e que as últimas semanas foram muito difíceis para você. — Seu ombro cutuca o meu. — Mas admito: não esperava que você viesse sozinha, e estou pensando se isso tem algo a ver com isso.

Inclino minha cabeça, apertando meus olhos para segurar um soluço. Na verdade, eu não consegui chorar nos últimos dias, mas está sempre lá, e temo que, se eu deixar, não seja capaz de guardar novamente. — Nós... nós decidimos dar um tempo. — eu digo com a voz embargada. Não consigo me imaginar contando o que aconteceu. Eu não quero ter que lidar com a reação dela, não quando estou tão perto do limite.

— Oh, querida. — diz ela, colocando o braço sobre meus ombros. — Eu sinto muito. Foi ideia dele?

Eu aperto meus lábios e aceno. — Estou bem. Ele precisava de tempo e eu daria para ele. — Eu queria que fosse assim tão simples.

— Você se preocupa muito com ele.

— É mais do que isso. — Enquanto as lágrimas forçam seu caminho para a superfície, eu faço uma careta e inclino minha cabeça em seu ombro, grata por tê-la perto, por ter seu amor. Ela coloca sua caneca na areia e envolve seus braços em meu redor, segurando-me enquanto os soluços dolorosos agitam meu corpo. Ela é meu porto seguro, o único que me resta, e me agarro a ela enquanto o vendaval gira ao meu redor. Ela não pergunta por que estou tão perturbada, não pergunta sobre o meu humor. Ocorre-me que ela entende esse tipo de tristeza melhor do que qualquer outra coisa. Ela sabe o que é perder alguém e que o luto não é uma doença.

Minha mãe me balança, sussurra para mim, acaricia meu cabelo enquanto eu desabo, e ela não solta enquanto minhas lágrimas secam e eu me sento, ainda segurando firme, com medo que eu possa girar na escuridão novamente. Porque agora eu não quero voltar para a Filadélfia. Eu não quero voltar ao CHOP. Eu não quero enfrentar nada disso, não sem Aron. Eu quero ficar aqui na praia até que eu desapareça, até que meu corpo esteja desgastado pela areia movediça, levada pela maré. Então minha mãe murmura no meu ouvido: — Você é forte o suficiente para passar por isso, Nessa. Você é forte o suficiente para superar qualquer coisa.

Eu não sei se ela está certa. Mas eu sei disso: não quero voltar, mas vou. Eu quero sentar aqui e apodrecer e esquecer, mas não vou. Eu levanto minha cabeça e beijo sua bochecha. — Eu adquiri isso de você, mãe.

Juntas, levantamo-nos, sacudimos a poeira e voltamos para a cabana dos meus avós a alguns quarteirões de distância. Eu tomo um longo banho quente e imagino a miséria descascando e se dissolvendo na água, espiralando pelo ralo. É uma ilusão temporária, mas vai me fazer passar hoje.

Quando volto ao minúsculo quarto de hóspedes, verifico meu telefone. E afundo na cama. Há um texto de Mark:

O paciente Aron está internado no Jefferson.

Meus dedos tremem quando bato no número de retorno. — Ele ligou para você? — Eu pergunto quando ele atende, meu coração batendo contra as minhas costelas.

— Não, a mãe dele ligou. Seus pais voaram de Estocolmo e estão em Filadélfia. Eu acho que eles já chegaram aqui há alguns dias.

— Ela disse como ele está?

Ele fica quieto por um momento, mas depois diz: — A semana passada foi dura, aparentemente. Ele tem sido muito pouco cooperativo, e eles tiveram que dar estabilizadores de humor e antipsicóticos para tentar controlar a doença. Ele os acusou de tentar envenená-lo.

— Pobre Aron. — eu sussurro. — Ele deve ter ficado apavorado.

— Sua mãe disse que ele virou outro no último dia, no entanto. Eu perguntei se estaria tudo bem para alguns de seus amigos o visitarem, e ela pensou que poderia dar tudo certo.

Eu me levanto, uma semente de esperança brotando dentro de mim. — Posso ir com você?

— Sim, eu pensei que você poderia querer. Quando pode estar aqui?

— Menos de duas horas. Estou a caminho.

Duas horas depois, Mark me pega do lado de fora do meu apartamento. Minha mãe me levou de volta com um mínimo de barulho e perguntas, pelo que fiquei incrivelmente grata. Prometi ligar antes do fim de semana, e isso pareceu satisfazê-la. Enquanto subo no carro de Mark, pergunto: — Você estava com a família ontem? — Ele alisa a mão sobre o cabelo preto espetado e balança a cabeça. Seu sorriso é triste. — Eu liguei para um dos moradores. É a desculpa perfeita.

— Depois disso, não faço mais perguntas pessoais. — Então, a mãe de Aron ligou para você?

Ele concorda. — Eu os conheci há alguns meses e eles encontraram meu número em seus contatos.

Uma sensação de desconforto dispara através de mim. — Eles passaram por seu telefone. — murmuro. Isso significa que eles teriam visto meu número também. Uma e outra vez, se eles se importassem em olhar para o registro de chamadas.

Mark encontra um lugar para estacionar e nós entramos no hospital, entramos na recepção e viajamos para a unidade de internação de psiquiatria. Meu coração está batendo como se eu estivesse correndo, e é exatamente isso que eu sinto vontade de fazer. Aron está perto, ao meu alcance, e posso vê-lo novamente em alguns minutos. Talvez no espaço de uma semana, com a ajuda dos medicamentos, ele perceba que não quis dizer o que me disse antes de ser levado embora. Ele vai lembrar de tudo que veio antes. Talvez ele esteja esperando, até mesmo, esperando que eu vá, me perguntando por que ainda não o fiz.

Quando entramos na área da recepção, sento-me e Mark vai falar com a enfermeira na recepção. Poucos minutos depois, uma mulher alta e magra, com seus cinquenta e poucos anos, talvez, o cabelo loiro pálido puxado para trás em um coque apertado na base do seu pescoço, sai pelas portas trancadas que levam à unidade. Seus olhos azuis cobrem a sala de espera até encontrarem Mark, e ela sorri e caminha na direção dele. Eu me levanto com as pernas bambas. Isso tem que ser a mãe de Aron. Ela aperta a mão de Mark e ele gesticula em minha direção. Eu o ouço dizer meu nome, e no momento em que ele o faz, seu sorriso congela, tornando-se raivoso. Ela fala algo que eu não entendo, e Mark me lança um olhar alarmado enquanto ela se aproxima de mim.

Eu estendo minha mão. — Sra. Lindstrom. Eu sou Nessa...

— Eu sei quem você é. — diz ela, ignorando a minha mão estendida. O inglês dela é perfeito. Preciso. E seu tom é igual ao de Aron quando está furioso: tão frio que arde. — Eu li todas as suas mensagens de texto para o meu filho. Por que você veio aqui?

Minha boca se abre por um segundo enquanto penso nas centenas de textos que Aron e eu trocamos, mensagens íntimas, brincalhonas e às vezes sexuais, destinadas apenas aos olhos um do outro. E esta mulher viu todas elas.

Mark tenta vir em meu socorro. — Você disse que seria bom para Aron ver seus amigos...

Ela balança a cabeça, com um movimento de cabeça. — Sim. Amigos dele. Pelo que entendi, — ela diz, seu olhar se encontrando com o meu, — você não é *amiga* dele. — Seu tom freneticamente enojado me diz o que ela pensa que eu realmente sou. Um brinquedo. Uma puta. Um pedaço de lixo.

— Nessa foi a pessoa que percebeu que ele precisava de ajuda. — diz Mark, sua voz assumindo uma vantagem quando ele caminha para o meu lado. — Ela foi fundamental para garantir que ele chegasse ao hospital, Katerin, e ele lhe deu uma concussão no processo. Aron poderia ter pulado da varanda se ela não tivesse se movido tão rápido. Eu vi acontecer.

A expressão de Katerin Lindstrom suaviza-se ligeiramente. — E por isso, seu pai e eu somos gratos. — Ela inclina a cabeça. — Quero dizer, sem ofensa, mocinha, mas deve entender que meu filho sempre foi um jovem apaixonado e intenso, e agora está sofrendo de uma grave doença mental. Pelo que posso dizer, suas interações com você são parte dessa doença, e acho que seria melhor se o deixasse sozinho. Ele precisa se curar em paz.

Suas palavras calmas e tranquilas são como um milhão de agulhas, fazendo pequenos buracos no meu coração. Com uma eu teria sobrevivido, mas juntas, elas são mortais. Porque ela está falando meus piores medos em voz alta.

— Eles ficaram juntos por alguns meses antes que isso acontecesse. — diz Mark. A boca de Katerin aperta.

— Seja como for, não acho que seria bom para Aron ver você. — ela diz para mim.

— Muitas de suas ilusões estavam centradas em você. Muito do que ele gastou foi em você, e você claramente se beneficiou de sua generosidade. Estamos atualmente revendo suas finanças, e há muito trabalho a ser feito para salvá-lo de graves dificuldades financeiras. Suas contas de cartão de crédito são astronômicas e o carro, o *anel*...

— Eu não pedi a ele para fazer *nada* disso para mim. — eu digo com voz rouca. — Eu disse a ele que não era necessário.

— E ainda assim você não o *impediu* de fazer nada disso. — Ela me lança um olhar penetrante. — Perdoe-me por ser indelicada, mas devo perguntar, já que estamos no assunto de limpar a bagunça que Aron fez: você está grávida? Porque nós vamos pagar por um aborto e qualquer assistência médica que você precisar. Aron não pode ser sobrecarregado com esse tipo de coisa, então eu certamente espero...

— Ei, isso é totalmente... — Mark começa, com seus punhos cerrados.

— Não, eu não estou. — eu sussurro. A chegada do meu período mestrual na quarta-feira foi um grande alívio.

Seus ombros relaxam um pouco. — Estou feliz em ouvir isso. Agora, Mark, se você vier comigo. — Ela inclina a cabeça em direção à unidade.

— Você pode pelo menos me dizer como ele está? — Eu pergunto, minha voz cheia de lágrimas que eu me *recuso* a derramar na frente desta mulher fria e sem coração. Ela é obviamente muito protetora de seu filho, o que eu admiro, mas agora eu quero empurrá-la para fora do caminho. Em vez disso, digo: — Por favor, Sra. Lindstrom. O que quer que você pense a meu respeito, eu amo o seu filho. — Eu engulo em seco, sabendo que estou fazendo papel de boba, mas esperando que a sinceridade na minha voz derreta um pouco do seu gelo. — Eu me preocupo com ele profundamente e quero que ele fique bem. Ele se importava comigo também. Isso não foi uma ilusão. Outro medo sombrio e secreto encontra sua voz e sussurra: *Tem certeza?*

Ela me dá um olhar de pena. — A mente de Aron é frágil agora. Ele tem sido mais calmo e cooperativo no último dia, mas ele tem um longo caminho a percorrer antes de ficar estável. Seu pai e eu estamos determinados a garantir que ele esteja bem novamente. Já organizamos os cuidados dele em Estocolmo e...

— Espere. — diz Mark. — Você está levando-o de volta para a Suécia?

Ela acena com a cabeça. — Aron concordou. Ele será dispensado aos nossos cuidados em poucos dias e reservamos nossa viagem. Ele vai ter os serviços psiquiátricos de que precisa e vai estar com pessoas que sabem como cuidar dele.

Eu quero discutir com ela. Quero atravessar as portas trancadas e encontrá-lo. Mas não consigo encontrar as palavras ou a vontade, porque a única coisa na minha cabeça é a compreensão de que em breve haverá um oceano entre mim e Aron. Eu fico lá em silêncio enquanto Mark argumenta que Aron precisa ficar aqui,

que ele viveu na Filadélfia nos últimos oito anos, que esta é sua casa, que ele ama isso aqui e tem amigos.

Katerin faz uma careta quando diz: — E, no entanto, ele foi capaz de ficar completamente fora de controle sem ninguém para detê –lo. Na verdade, parece que ele foi estimulado!

Ela acena o braço para mim e depois se vira para Mark. — Mas obrigada por tornar suas opiniões sobre esse assunto tão claras, Mark. Aron não está em um estado de espírito para lidar com opiniões conflitantes agora, então eu sei que você vai entender quando eu disser que não terá permissão para visitá-lo, também.

— Não faça isso, Katerin. Não é bom para ele. Não é o que ele quer.

Seu sorriso é fantasmagórico. — Pelo contrário, Mark. Ele já concordou com isso. Nós não o estamos forçando.

— Posso dizer adeus? — Eu pergunto.

Ela me olha com total desprezo. — Isso está fora de questão. Ele não quer ver você de qualquer maneira. Se eu soubesse que Mark te traria, eu teria me assegurado de que você não perderia seu tempo. Por favor, saibam que qualquer tentativa de contato com meu filho será bloqueada. Você não receberá mais nada dele, então peço que não tente. Nós controlamos a lista de visitantes aprovados, bem como suas contas de telefone celular e e-mail. E seu email profissional foi suspenso. Deixe-o ir, senhorita Cavenaugh. É o melhor para ele.

Eu mordo o interior da minha bochecha e gosto de sangue. Eu não vou chorar. *Eu não vou chorar.* — Então você vai lhe dizer algo por mim? Por favor.

Ela revira os olhos. — Como eu disse, Aron não precisa ouvir como você se sente...

— Não. — eu digo. — Diga a ele que Finn conseguiu passar. Por favor. É importante.

Pela primeira vez, ela parece ser pega de surpresa. Ela olha para mim por vários longos segundos. — Muito bem. — ela diz baixinho. — Eu vou transmitir a mensagem.

Então ela se vira. A recepcionista abre as portas trancadas por ela, e eu as vejo fechar com força. Aron está do outro lado, mas ele já está fora do meu alcance.

Capítulo Dezenove

É o melhor. Durante cinco meses, insiro essas palavras em minha mente, tornando-as meu novo mantra, a primeira coisa que penso ao acordar e a última coisa que digo a mim mesma antes de adormecer. *Eu escapei do pior. É melhor que ele tenha ido embora. Nosso relacionamento estava condenado desde o começo.* — Eu realmente gostaria de estar com alguém que tenha a mesma desordem que tirou meu pai de mim? Eu iria querer viver da maneira que minha mãe vivia, constantemente observando-o, esperando pelo próximo pico? — *Não, estou melhor sozinha.*

Acordo cedo todas as manhãs e faço ginástica. Passei longos dias no hospital, fazendo consultas extras, participando de comitês e participando de todos os seminários e palestras. Eu mergulho profundamente na supervisão, pensando constantemente sobre meus pacientes, o que está conduzindo seus problemas e como ajudá-los a melhorar e lidar com suas doenças. Eu recebo os pais de Ursula durante as longas semanas antes de sua morte tranquila e pacífica em um dia de neve no início de Março, e fico sentada com eles por horas depois, enquanto choram. Eu vejo Greg e Finn em cada um de seus atendimentos ambulatoriais, celebrando com eles enquanto seu cabelo cresce e sua energia retorna. Eu aceito clientes extras conforme as referências do aumento do departamento onco. Garanto que minhas anotações e relatórios sejam meticulosos e completos. Eu chego tarde em casa todas as noites e passo algumas horas na minha

dissertação. É uma rotina brutal e relaxante. Não há tempo para me lamentar. Ou chorar.

Tudo está indo bem. Perfeito, na verdade. Assim como nos velhos tempos. Nada dói. Tudo machuca.

Não é como era antes, porque Aron mudou a forma do meu coração. Se eu diminuo a velocidade, mesmo que por um momento, as lembranças dele surgem, me afogando. Seus olhos verdes brilhando de malícia. Sua testa pressionando a minha. Sua mão nas minhas costas. Seus braços em volta de mim, seus dedos emaranhados no meu cabelo. Sua voz sussurrando no meu ouvido. Horas passadas lado a lado, lendo na biblioteca médica, jogando xadrez no lago, conversando com xícaras fumegantes de chá verde no Au Bon Pain[20], na praça do hospital. Essas são as lembranças que me afundam, as coisas que tínhamos antes de tudo virar de cabeça para baixo, o jeito que ele me fez viver enquanto eu morria. Sem ele, até mesmo o pensamento daquelas coisas é mortal, e sempre que elas se aproximam de mim, eu pego meu salva-vidas, qualquer que seja a tarefa que eu possa usar para me manter à tona. E é desse jeito que eu continuo indo.

Porque Aron se foi. Ninguém ouviu falar dele. Se a Dra. Feldman sabe onde ele está ou o que está acontecendo com ele, ela não diz. E quando o clima começa a aquecer e pequenos brotos verdes brotam de árvores desordenadas e ressequidas, sua ausência é um dado adquirido. Como se ele tivesse sido apagado. A única evidência que ele já esteve aqui é a triste referência que eu recebo de Mark quando ocasionalmente passamos pelo corredor.

[20] ***Au Bon Pain*** **-** é uma rede casual rápida de restaurantes, padarias e cafés, com sede em Boston, Massachusetts, com mais de 200 locais nos Estados Unidos, Índia e Tailândia.

Em Abril, o fim está à vista. Todos os estagiários de psicologia, inclusive eu, estamos lutando para terminar nossas dissertações e garantir posições para o próximo ano. Eu me inscrevo para vários pós-doutorados em outros hospitais pediátricos em todo o país e sou convidada para entrevistas em Seattle, Chicago e Providence. Estou sentada no meu computador, reservando um voo para minha entrevista final, quando Lisa entra no escritório e deixa sua bolsa de tricô escorregar de seu ombro. — Estou tão cansada hoje. — ela diz enquanto afunda na cadeira.

Eu olho sua postura flácida enquanto ela varre a juba de cabelo do rosto. Até as sardas dela parecem pálidas. — Você está se sentindo bem?

Ela faz um gesto de mais ou menos. — Aguentando. Terminei minha dissertação ontem à noite. Estou enviando para a minha comissão depois de ler mais uma vez.

— Lisa, isso é demais! Você é incrível.

Ela ri. — Você não é tão ruim também. Justin e Nick começaram a se referir a você como o robô.

— Isso é um elogio? Eu não sei dizer.

— A partir deles, é. — Ela gira em seu assento e olha para mim. — Mas acho que você faz parecer mais fácil do que realmente é. Eu sei que os últimos meses foram difíceis para você...

Eu enfrento meu computador. Lisa só me perguntou sobre Aron uma vez, no começo de Dezembro, enquanto os corredores do hospital rodopiavam com fofocas sobre o que poderia ter acontecido com ele e para onde foi. Suas palavras

preocupadas puxaram minhas paredes frágeis e acabei soluçando no banheiro, depois tendo que tirar o dia. Desde então, ela não perguntou sobre Aron. Não o mencionou. Mas, como agora, ela aproveita todas as oportunidades para me dar aberturas, para me deixar saber que está disposta a ouvir se eu quiser falar.

Eu não falo. *Não posso*. — Hum. Claro. Tem sido difícil para todos nós.

Ela suspira baixinho. — Claro.

Estou tentando pensar em uma maneira de transformar nossa conversa em algo casual e inofensivo quando Phaedra Truax liga para o telefone interno e me pede para ir ao seu escritório.

Subo as escadas até ao Departamento de Psicologia, esperando não estar em apuros. Em Dezembro, tomei a decisão de fazer um segundo semestre em oncologia, em vez de mudar para uma rotação diferente. Apesar da pontada no peito toda vez que entrei na unidade, não queria deixar a família de Ursula ou qualquer um dos meus outros clientes. Phaedra e eu desenvolvemos um bom relacionamento nos últimos meses, mas às vezes ela olha para mim como se soubesse que não estou tão bem quanto tento fingir que estou.

— Sente-se. — diz Phaedra enquanto eu entro em seu escritório. Está decorada com fotos de seu marido e filhos, sorrindo, crianças de bochechas redondas que herdaram seus cachos loiros esvoaçantes.

— Está tudo bem? — Eu pergunto. Não estamos programadas para nos reunirmos para supervisão até o final desta semana.

Ela acena com a cabeça. — Eu queria falar com você sobre pós-doutorado.

— Oh. — Eu me sento em uma poltrona de pelúcia em frente a sua mesa. — Eu tenho algumas possibilidades. Tenho uma entrevista na Lurie Children's em Chicago em uma semana. E acho que vou ouvir propostas em breve dos outros onde já fui entrevistada.

Ela olha para mim por um longo tempo, seus grandes olhos cinzentos se demoram no meu rosto. — Mas você não solicitou o pós-doutorado em oncologia disponível aqui.

Eu fecho minha boca.

— Dra. Feldman perguntou especificamente se você tinha. — acrescenta ela.

— Eu sei que Nick colocou em seu aplicativo. — eu respondo. — Ele me disse que era a sua melhor escolha. É uma posição de dois anos, e a esperança é sempre que possa haver uma posição permanente como psicólogo assistente depois que você conseguir.

Phaedra torce os anéis em seus dedos delgados. — Sim, existem outras aplicações, mas o seu trabalho nesta rotação foi verdadeiramente excepcional, Nessa. Você tem um dom para ver o que está por baixo das palavras e comportamentos desagradáveis das pessoas, para entender seu medo e sua dor, e isso ajuda a descobrir como ajudar de maneira eficaz. A equipe médica reconheceu isso e não quer perder você. Nossos pedidos de consultoria aumentaram significativamente nos últimos meses e acredito que você seja o motivo.

Eu olho para a superfície desordenada de sua mesa. — Eu amo estar na unidade. — murmuro. — Eu amo... mas não tenho certeza se posso... ficar.

— Por quê? — Phaedra pergunta.

Porque, conforme o tempo passa, não importa o quanto eu trabalhe, a dor da ausência de Aron não está desaparecendo. Não está ficando mais fácil, está ficando mais difícil. Mas eu não posso dizer isso a Phaedra. — É, hum... estressante.

Sua sobrancelha arqueia. — Isso pode ser verdade, mas você acabou de me dizer que ama isso. Me fale sobre *isso.*

Agora, isso é algo que eu posso ser honesta. — É uma batalha de vida ou morte todos os dias, e a admiração que sinto por essas crianças, suas famílias e os médicos e enfermeiros que lutam ao lado deles é interminável. Ser parte disso me dá propósito e foco.

Phaedra sabe quando ficar em silêncio. Ela fica absolutamente imóvel, esperando.

Eu respiro fundo. — Eu sinto que estou fazendo o mundo mais justo. — Basta dizer isso e faz meus olhos arderem. A voz de Aron ecoa na minha cabeça, repetindo essas palavras, e eu tenho que curvar minha cabeça e apertar minha mandíbula para segurar o soluço. Ela acha que eu sou um presente, mas foi Aron quem me ajudou a pensar assim.

— Se você me dissesse que queria essa posição, eu daria a você. — diz Phaedra baixinho. — Você poderia ter um longo futuro aqui. Eu sei que é trabalho duro, mas é um privilégio especial estar com essas famílias. E acho que você entende isso muito bem.

Eu aceno sem olhar para cima. Eu entendo. Não me candidatei ao pós-doutorado aqui porque estou com medo. Tenho medo de sentir tanto a falta de Aron, que ela finalmente me sufocará e me arrastará para baixo. Eu não sei se sou forte o suficiente para me manter firme. Mas se isso significasse ser capaz de ajudar famílias como os Beeman, ou como os pais de Ursula, se eu pudesse fazer o bem, se eu pudesse tornar o mundo mais justo, é realmente correto evitar essa responsabilidade porque eu quero evitar a dor? Estou mais uma vez presa em uma gaiola criada por mim?

Levanto a cabeça, as respostas a essas perguntas me afastam da minha hesitação e covardia. — Sim. Eu vou pensar nisso.

Phaedra sorri. — Eu estava esperando que você dissesse isso. Nós fazemos nossas propostas finais na próxima semana.

Agradeço a ela e volto ao escritório de estagiário, imaginando se devo cancelar minha entrevista em Chicago, já que ela nem tem uma especialização em consulta oncológica. Nick está em sua mesa quando eu entro. Ele sorri quando me vê. — Respondi a uma entrevista oficialmente para o pós com Phaedra esta manhã. Acertou em cheio.

Eu me sento na minha mesa, silenciosamente me encolhendo. Ela deve ter chamado para se encontrar comigo logo depois que falou com Nick. — Estou feliz que você se sinta bem com isso. Eu sei que você quer.

— Sem brincadeiras. Eu sei que haverão algumas posições permanentes surgindo nos próximos anos, e esses locais pagam muito melhor do que os

empregos na universidade. Os benefícios aqui são impressionantes também. Se eu não tivesse que lidar com os médicos, seria perfeito.

Eu franzi a testa. — Isso é uma grande parte disso, não é?

Ele encolhe os ombros. — Todo trabalho tem suas desvantagens. Como vão as suas entrevistas? Onde você acha que vai acabar?

Eu olho em seus claros olhos azuis, dentro dos quais brilha algo frio e inacessível, não que eu queira tentar saber. — Eu não sei ainda. — digo. — Estou avaliando minhas opções.

— Pena que eles não têm duas vagas na onco, certo? Você poderia ter ficado. — Ele me dá um olhar com o qual me acostumei, essa fome, um desejo de uma vez. Costumava me dar arrepios, mas agora é simplesmente irritante.

— Sim, muito ruim. — eu respondo, levantando com meu notebook em minhas mãos. — Estou indo ver alguns dos meus pacientes.

— Divirta-se. Dê a Joanna o dedo por mim.

Eu vou para a porta, desejando que eu possa lhe dar o dedo. Joanna respeita o trabalho duro. Ela gosta de documentação completa, uma justificativa clara para o tratamento, seja médico ou psicológico e boa comunicação. Ela encaminhou alguns pacientes para Nick no final do ano passado, logo depois que Aron foi embora, e eu me perguntei se era porque ela me culpava. Mas está claro agora que ela não gosta de Nick, porque parou de se referir a ele e voltou a me pedir especificamente. Eu acho que às vezes a antipatia dele vaza para os pacientes, o que faz com que ela trabalhe mais, em vez de mais fácil. É uma má dinâmica, e enquanto

ela não seja fácil, ele nem parece reconhecer que é uma parte importante do problema.

Quando a porta do escritório interno se fecha, eu o tiro da cabeça e deixo meus pensamentos se voltarem para o futuro se eu ficasse no CHOP. Eu poderia fazer uma vida aqui, mas eu teria que deixar Aron ir de verdade, não mais fingir. Eu não sei como fazer isso, porque em todos os lugares que eu olho, há lembretes dele, se outras pessoas os vêem ou não. Os livros que ele passou os dedos na biblioteca. O banco na cabine de registros médicos em que torci meu tornozelo e primeiro colocou meu rosto em contato com o seu peito. Toda vez que vejo essas coisas, toda vez que eu as toco, sinto-o ao meu lado, e me pergunto onde ele está agora, o que está fazendo, se está bem... e se ele pensa em mim.

As portas da unidade de oncologia estão bem abertas, e eu entro, olhando para ela com nova perspectiva. Este pode ser o lugar onde passarei meus dias, as pessoas com quem trabalharei, a vida que escolherei. Eu só tenho que decidir se vale a pena a dor, vale a pena o risco de que Aron nunca tenha sumido completamente do meu coração.

Passo alguns minutos na recepção conversando com Carol, que me diz que vai fazer uma festa de aniversário no próximo sábado. Ela me diz para ir, e eu prometo-lhe que vou aparecer, então desço o corredor para checar um de meus novos pacientes, um de 14 anos chamado Rohan. Ele tem sido combativo e verbalmente abusivo com a equipe que tenta administrar tratamentos que precisa para se manter vivo. Meu telefone toca na minha bolsa enquanto considero minha

estratégia para nossa primeira conversa. Estou pegando meu celular quando uma figura alta faz a curva e avança pelo corredor.

Meus passos gaguejam quando uma onda de descrença toma conta de mim. — Aron? — Eu digo, minha voz embargada. Seu cabelo está um pouco mais comprido e os ângulos de seu rosto são um pouco mais suaves, como se ele ganhasse alguns quilos. Ele está usando calças escuras e um blusão sob medida, e com uma torção no meu peito percebo que é o que sujei com café e batom no primeiro dia que nos conhecemos.

Ele ainda é o homem mais bonito que eu já vi de perto.

Ele olha por cima de seu telefone e faz um duplo olhar quando me vê, a mistura estranha de emoções brincando em seu rosto enquanto ele lentamente me olha. Mas sua expressão é suave quando ele encontra meus olhos. — Nessa. Eu pensei que você teria terminado essa rotação.

Eu tensiono meus músculos para evitar de cambalear quando suas palavras frias me atingem. — Eu decidi fazer um segundo semestre... — Eu perco minha linha de pensamento sob seu olhar distante e gelado. Ele nunca me olhou assim antes. — Você voltou. — eu digo fracamente.

Sua postura endurece. — Eu só tirei uma licença. Entrei em contato com Joanna há algumas semanas para avisá-la que estava pronto para voltar. — Seu sotaque parece um pouco mais pesado, e percebo que provavelmente foi porque passou os últimos meses falando sueco e não conseguiu voltar para o inglês nativo.

— Como você está? — Eu sussurro, caminhando para a frente. Meus dedos se agarram ao meu notebook enquanto tento me impedir de jogar meus braços ao

redor de sua cintura e irromper em lágrimas. Eu não posso acreditar que ele está aqui. Parte de mim se pergunta se estou alucinando.

Ele me dá um olhar cauteloso. — Estou bem. — Ele olha para o telefone e limpa a garganta. — E estou atrasado. Desculpe.

Então ele passa por mim e vai embora.

Sabendo que não posso ficar na unidade e manter a calma, eu fujo para o banheiro feminino e fico lá, olhando para o espelho e tentando recuperar o fôlego, até ter certeza de que não vou desmaiar ou gritar ou chorar. E então eu olho um pouco mais, me perguntando o que ele viu quando olhou para mim, o que sentiu. Porque... não parecia que ele tivesse sentido alguma coisa. Em absoluto.

Eu pisco as lágrimas e finalmente checo meu telefone. É um texto do Mark.

Atenção. Ele voltou.

Com os dedos tremendo, eu respondo.

Queria que você tivesse enviado isso antes. Podemos conversar?

Cafeteria em dez minutos?

Enxugo os olhos e baixo a cabeça, e quando vejo Mark esperando por mim em uma das mesas, quase corro para ele. Ele me dá um café. — Ei, Nessa. — diz ele, parecendo exausto, seu cabelo preto em pé. — Eu o vi em turnos de hematologia, mas tive que ir direto para outra reunião. Você correu para ele, não foi? Eu posso dizer olhando para você. Me desculpe por não ter chegado antes.

— Tudo bem. — eu digo, agradecidamente tomando um gole de café e deixando-o queimar minha garganta, esperando que isso dissolva o caroço que está alojado lá. — Você falou com ele?

Ele sacode a cabeça. — Ele me cumprimentou, mas estava muito distante. — Ele esfrega a parte de trás do seu pescoço, franzindo a testa. — Eu esperava que ele me ligasse assim que voltasse para a cidade. Mas acho... não sei o que fazer ou o que ele precisa. Eu não quero estressá-lo.

Aperto meus lábios e vejo os dedos de Mark brincando com a tampa de plástico em sua xícara de café. — Nós mal trocamos algumas palavras. — eu finalmente digo. — É como se ele… como se ele não quisesse falar comigo. Como se quisesse ficar longe de mim o mais rápido possível.

— Eu não acho que isso seja verdade. — diz Mark, mas ouço a dúvida em sua voz.

— Era como se tudo o que ele sentia por mim estivesse... acabado. — Eu faço uma careta, a dor assumindo.

Mark sai da cadeira e dá a volta na mesa para se sentar ao meu lado. Ele coloca o braço sobre meus ombros e aperta. — Não, Nessa. Shhh. Ele passou por muita coisa. Pode demorar um pouco para se sentir confortável em voltar.

Eu concordo. — Mas eu não acho que esse é o problema. — Mark me dá um olhar interrogativo, e eu falo minha devastação em voz alta. — Eu acho que seus sentimentos por mim podem ter sido parte da mania.

Mark se afasta de mim para poder ver meu rosto e então seus olhos se arregalam. — Meu Deus, você realmente acredita nisso, não é? — Suas sobrancelhas baixaram. — Eu lhe daria mais crédito do que isso.

— Sua mãe achava que isso era verdade. Você a ouviu. — eu sussurro.

— Sim, mas a mãe dele estava procurando alguém para culpar pelos problemas do filho dela. Nessa, lembro-me claramente da manhã depois que ele conheceu você. Nós estávamos levantando pesos, e em vez de falar sobre o último artigo do jornal que ele leu ou perguntando como foi meu último procedimento, ele estava tagarelando sobre essa estagiária adorável que quase arruinou sua camisa, e como ele estava feliz por ter uma desculpa para falar com você novamente. Eu nunca o tinha visto assim.

— Eu não fui exatamente a primeira garota com quem ele esteve. — murmuro.

— E aquelas mulheres significavam muito pouco para ele. Tudo o que ele sentia por elas *era* apenas um produto de sua mania. Mas ele era o seu eu normal quando se apaixonou por você. O cara com quem você estava no Outono era Aron. Ele estava tão determinado a conseguir o relacionamento com você. Ele se aproximou como se ele fosse atrás de qualquer outra coisa que realmente quisesse, com foco total.

— Como ganhar no xadrez.

Ele solta uma risada seca. — Sim, mas é assim que ele pensa, a maneira como persegue as coisas que são importantes para ele. E ele era assim com você. Ele pode não ter me dado todos os detalhes, mas era tão óbvio. Não me diga que você era tão sem noção. Você tinha que ser capaz de ver isso.

A maneira como ele está olhando para mim está me fazendo sentir estúpida. — Ele estava louco quando me disse que me amava. Eu sei que ele estava.

— Isso não significa que não fosse real. Pense nisso, ele estava com mais alguém desta vez? Ele enganou você?

Eu dou de ombros. — Eu sinceramente não sei. Mas nós estávamos no telefone por horas a cada noite e juntos quando voltei. Acho que não.

— Então ele se comportou de maneira totalmente diferente, e acho que é porque ele ama você.

Eu olho diretamente nos olhos dele. — Ele *pode* me amar. Mas você pode me garantir que ele ainda sente o mesmo?

Mark não evita meu olhar, e eu sei sua resposta antes que ele diga isso. — Eu sinto muito, Nessa. Eu queria poder.

Capítulo Vinte

Eu vou para Cape May para o fim de semana. Eu preciso sair da cidade. Preciso me sentar ao lado do oceano e clarear a cabeça depois de passar vários dias passando por Aron nos corredores, procurando o seu olhar enquanto ele evita o meu.

Minha mãe me dá espaço por algumas horas, abstendo-se de fazer perguntas sobre a viagem de Philly e não dizer uma palavra quando anuncio que vou dar uma volta. Mas quando volto para a cabana, arenosa e levada pelo vento, ela tem sopa e sanduíches esperando. — Você está muito magra. — ela diz enquanto coloca um prato cheio na minha frente.

— Apenas ocupada. — eu digo, olhando para o rosto desgastado pelo cuidado. Minha mãe é uma mulher adorável, mas os anos e a dor se gravaram em sua pele. E ainda assim, de alguma forma, ela nunca cedeu, nunca quebrou. — Mãe?

Ela olha para cima de sua tigela de sopa. — O quê?

— Diga-me como era estar com o papai.

A cor escoa um pouco do seu rosto, e eu quase peço desculpas e faço a pergunta de volta, mas quando os momentos passam, sua expressão se suaviza. — Quais partes?

— Depois de seus episódios.

— Ah, o pós explosão. — ela murmura.

— O *quê*?

Mamãe ri. — Foi exatamente isso que chamei. Era como a impressão de todas as coisas que ele fez, todas as coisas que fizemos juntas, queimadas nos dias que vieram depois. Eu realmente não sei como descrever isso. — diz ela enquanto suas bochechas escurecem. — Quando ele estava de volta ao equilíbrio, depois de estar muito alto ou muito baixo, tudo parecia meio chamuscado e frágil. Sempre demorou um pouco para superar, perdoar e seguir em frente. — Ela balança a cabeça com alguma lembrança. — Algumas coisas demoraram mais que outras.

— Como era?

Ela coloca a colher no chão. — Era… era como andar em cascas de ovos.

— Porque você estava com medo de soltá-lo?

Ela sacode a cabeça. — Porque eu não queria perdê-lo. E naquelas tardes, ele estava sempre tão perto de ir embora.

— Por quê?

Seus olhos encontram os meus. — Ele se sentia culpado, Nessa. Sobre as coisas que disse, as coisas que fez, o dinheiro que gastou. Nós protegemos você de tudo disso. Mas muitas vezes ele me disse que achava que deveria partir. Não porque quisesse, mas porque queria nos proteger das tempestades de seu humor.

Eu mordo meu lábio, meu coração palpitando. — Como você conseguiu que ele ficasse?

Mamãe sorri. — Foi como pegar um animal selvagem para comer da minha mão. Atraindo ele de volta sempre foi um exercício de paciência. Porque às vezes eu queria sacudi-lo, sabe? Era como se ele não acreditasse que nos merecia, e eu

sempre tinha que convencê-lo a abrir os olhos e olhar para mim de novo. — Ela se levanta para pegar um lenço de papel no balcão. — Assim que ele o fazia, eu sabia que o tinha de volta. — Ela enxuga os olhos e assoa o nariz. — Sempre foi agridoce, porque eu sabia que era temporário. Depois de alguns anos, soube que sempre haveria uma próxima vez e que provavelmente seria pior. Mas era parte de estar com ele. E quando você ama alguém como eu amava seu pai, você está disposto a andar pelo inferno com essa pessoa, porque vale a pena. — Ela solta uma risada chorosa. — Você deve pensar que eu estou sendo boba.

Eu não, não mesmo. Esperanças indesejadas estão se enraizando em meu coração, e eu tento abafá-las. — Mas você já se perguntou se valia a pena? Eu sei que foi difícil para você, mãe. Você pode pensar que me protegeu de todas essas coisas, mas eu vi mais do que você queria.

Ela pega minha mão. — Eu sei, e conforme você ficou mais velha e ele ficou mais imprevisível, eu me perguntei se deixá-lo seria melhor para você, e talvez até para mim. Eu o amava, mas às vezes ficava assustador. A noite em que ele morreu não foi a primeira vez que tinha tentado se machucar.

Eu me forço a continuar olhando para ela, mas as tentativas frenéticas de Aron de passar pela sacada estão passando pela tela da minha mente. — Se o papai ainda estivesse vivo, você acha que estaria com ele?

Ela inspira longamente e aperta minha mão. — Se ele ainda estivesse vivo, gosto de pensar que teríamos descoberto o que estava acontecendo agora. Seu pai nunca foi diagnosticado ou medicado, Nessa, e você sabe o quanto isso faz diferença.

Eu pisco, não sei por que não pensei nessa distinção antes. Meu pai nunca foi tratado de transtorno bipolar. Ele desvendou-se ao longo dos anos, mas nunca tomou medicação, além do álcool que ele usava para se automedicar, percebemos mais tarde. Se ele tivesse sido tratado, quão diferente as coisas poderiam ter sido? E Aron... Aron *deve* estar tomando medicação. Não tem como ele voltar ao hospital se não estivesse recebendo algum tipo de tratamento psiquiátrico.

Mas ele ainda tem que lidar com o após, as consequências das coisas que ele fez, as coisas que fizemos juntos. A esperança brota da camada de terra estéril ao redor do meu coração. Poderia ser por isso que ele não olhou para mim? Ele se sente culpado? É possível atraí-lo de volta? E se for, eu quero arriscar meu coração de novo?

Eu chego à academia na manhã de segunda-feira, voltando à minha rotina brutal por pura necessidade. Estou exausta de estar nas últimas duas noites, as palavras de minha mãe se repetindo na minha cabeça, mas esta será uma semana intensa, e não tenho tempo para descansar. Eu chego ao hospital às oito e meia e Nick me alcança quando eu destranco o escritório interno. Sua expressão é uma nuvem tempestuosa, escura e sinistra. — Você poderia me dizer. — ele rosna, — por que você nunca se incomodou em mencionar que você se inscreveu para o pós doutorado na onco? Por que eu descobri isso de Joanna, de todas as pessoas do caralho?

Eu me afasto enquanto ele se eleva sobre mim. — Desculpe, Nick. — eu digo, rapidamente destrancando a porta e puxando-a para ele enquanto permaneço no corredor. Não me sinto segura lá com ele agora, porque ele parece mais zangado do

que eu já o vi, como se ele quisesse me machucar. — Surgiu muito rapidamente e não tive chance.

Seus olhos se estreitam. — Surgiu *rapidamente*? — Ele respira, se aproximando. — Não, eu acho que você foi uma vadia rancorosa e manipuladora desde o primeiro dia. Você já contou a Phaedra como conseguiu obter todas as consultas deles? Ela sabe que você desossou os documentos, primeiro Lindstrom, e agora aquele cara chinês? Eu te vi na cafeteria no outro dia.

Raiva aquece minha pele. — Ele é coreano, é meu amigo e você é um idiota autoproclamado. Talvez *seja* por isso que eu tenho as referências.

A raiva se inflama nos olhos de Nick. — Sim. — ele rosna. — Phaedra sabe sobre ele? E quanto a Lindstrom? O que ela diria se soubesse sobre suas extracurriculares?

Ele está abrindo a boca para dizer algo mais quando Lisa entra no porão. Ela congela, olhando-o inclinado sobre mim. — Bom... dia. — ela diz.

— Eu estou indo para o café. — Nick diz, dando um passo para trás e me dando um sorriso desagradável. — E depois eu tenho supervisão com Phaedra. Muitos tópicos importantes para discutir. — Ele se afasta e bate a porta do porão atrás dele.

Eu encosto contra a parede, meu coração martelando. — Você está bem? — Lisa pergunta.

— Acho que sim.

— Ele me disse que você se inscreveu para o onco pós-doutorado, — diz ela, perceptível como sempre. — Eu acho que ele sabe que você é forte candidata.

— Talvez não. — murmuro, imaginando como diabos eu vou lidar com essa nova ameaça, esperando que Nick seja vítima de um infeliz acidente enquanto busca seu café. — Tenho que ir para a oncologia.

— Eu ouvi que Aron estava de volta. Se comenta em todo o hospital. — ela diz baixinho.

Eu agarro a alça da minha bolsa um pouco mais apertado. — Sim. Mas… hum… não posso falar sobre isso agora, tudo bem? — Eu saio rapidamente quando ela concorda. É muito estranho, triste demais, complicado demais para eu enfrentar no começo de um dia agitado, não se eu quiser fazer alguma coisa e lidar com qualquer porcaria que Nick esteja planejando lançar em minha direção. Então eu me coloco no meu trabalho, vendo Rohan, que tem um procedimento agendado para quinta-feira que precisamos ajudá-lo e conhecer a mãe deprimida de Cally, uma adolescente com dezoito meses com neuroblastoma. No final da manhã, minha cabeça está doendo de cansaço, mas me forço a sentar na frente do computador na cabine de registros para inserir minhas notas de consulta. Se eu quiser ser uma psicóloga aqui, preciso fazer um bom trabalho. Escrevo minhas anotações para Rohan, depois clico na nota de Cally e documento o plano que fiz para fazer sessões diádicas com a criança atrasada no desenvolvimento e a mãe dela para facilitar um vínculo mais forte entre elas.

Estou tão imersa na minha nota que pulo quando ouço uma tosse silenciosa atrás de mim. Olho por cima do meu ombro para ver Aron de pé a poucos metros de

distância. Não faço ideia de quanto tempo ele esteve lá. — Oi. — eu digo, aproveitando a oportunidade para olhá-lo. Ele tem uma garrafa de água em uma mão e seu telefone na outra. Ele está bem barbeado e cortou o cabelo. Cheira incrível, aquele cheiro de grama e limpo, e traz de volta um bilhão de lembranças deliciosas e indesejáveis.

— Oi. — diz ele, parecendo tímido. Enfia o celular de volta no bolso. — Eu não queria incomodar você...

— Você pode me incomodar. — eu digo.

— Quero encaminhar um dos meus pacientes para você. Você pode pegar o caso? — A garrafa de água crepita em seu aperto.

— Você *quer que* eu pegue? — pergunto, observando seu rosto.

O canto da boca dele se contorce. — Você vai me fazer implorar?

— Não, desculpe. Me conte um pouco sobre isso.

Ele conta. O paciente é um menino de seis anos de idade com pais divorciados que está tendo birras em massa e repetidamente tentou retirar sua IV. Aron me dá um leve sorriso. — Eu preciso de ajuda com este, e, como se vê, você é altamente recomendada.

Pela primeira vez desde o seu retorno, o olhar de Aron acaricia meu rosto daquele jeito divertido e afetuoso que costumava fazer, e me tira o fôlego, embora desapareça rapidamente. Isso me lembra o que minha mãe disse sobre atrair meu pai de volta. Como ter um animal selvagem e nervoso para comer da palma da sua mão. E quando olho para Aron, é *exatamente* isso que quero fazer. Olhando para o

rosto dele, lembrando como estávamos juntos... isso esmagou minhas dúvidas. Esqueça o risco para o meu coração, eu quero oferecê-lo a ele agora mesmo. Eu não deveria estar pensando assim. Não deveria ser tão fácil decidir, especialmente depois de morar com meu pai, depois de ver o que minha mãe passou. Com ele na minha frente, porém, torna-se difícil lembrar de todas as razões pelas quais devo ter cuidado.*O jogo de abertura é sobre se preparar para a vitória futura,* o Aron do Outono sussurra para mim. — Eu ficaria feliz em ajudar. — eu digo.

Seu sorriso cresce, ainda pequeno, mas quente, e isso me faz querer tocá-lo, me faz perceber quanto tempo tem sido desde que eu realmente tenho estado assim. — Bom. Joanna me disse que você se candidatou para o pós-doutorado. — ele diz suavemente.

— Eu tenho outras opções. Não é uma coisa certa.

Ele balança a cabeça, depois abre a garrafa de água e toma um gole, parecendo desconfortável. Não exatamente a reação que eu estava esperando, mas provavelmente é cedo demais para esperar que ele caia de joelhos e implore para eu ficar no CHOP. — Eu imagino que você vai ter que decidir logo, no entanto. — diz ele quando aperta a tampa de volta.

— Sim. — A ameaça de Nick desta manhã se assemelha a uma pedra no meu estômago. — Assumindo que eles oferecem a posição para mim.

As sobrancelhas de Aron franzem. — Por que eles não fariam?

Eu inclino minha cabeça. — Apenas… hum. Não é nada. Eu não sou a única candidata e é competitivo.

Eu olho para cima para ver Aron franzindo a testa para mim como se eu tivesse começado a falar uma língua estrangeira que ele não consegue traduzir. Faz meu coração pular, então eu pergunto:— Você precisa do computador?

Ele olha para mim por um momento, então acena e espera enquanto eu clico de volta para o prontuário médico de Cally. Assim que o faço, a mão de Aron se fecha sobre o meu ombro. — Espere um minuto. — diz ele bruscamente, inclinando-se para a frente e apertando os olhos para a tela. — Essa dosagem não pode estar certa.

Eu franzo a testa, olhando para uma longa lista de remédios e doses. — Qual?

Aron balança a cabeça. — Eu preciso encontrar Kimble. Ele deveria ter sido mais cuidadoso quando entrou nisso. Vejo você mais tarde?

Ele se afasta rapidamente e sinto um pouco de pesar pelo Dr. Kimble, o residente que está trabalhando nesse caso. Mas o resto de mim está se regozijando, porque o que eu acabei de ver... era Aron, como ele deveria ser. Preciso, intenso, dedicado. Ele está de volta e vou lutar por ele.

Phaedra me chama em seu escritório na manhã seguinte, e eu posso dizer pelo olhar em seu rosto enquanto entro que isso vai ser desagradável. Ela gesticula para eu me sentar, e uma vez que estou pronta, ela fecha a porta e senta na beirada da mesa na minha frente. — Várias pessoas vieram até mim sobre você nas últimas vinte e quatro horas.

Meu estômago se revolve. — Várias?

Ela acena com a cabeça. — Nessa, eu preciso que você seja honesta comigo agora. Você pode fazer isso?

Eu olho em seus olhos, engolindo meu medo. — Claro.

— Algum dos seus colegas está assediando ou ameaçando você?

Eu pisco. — O quê? — Porque isso não é o que eu esperava que ela dissesse.

Seu cabelo loiro-cinzento enlaça a cabeça e balança enquanto ela fala. — Lisa veio até mim ontem e disse que achava que Nick estava tentando intimidá-la. Então Nick veio a mim para apresentar algumas alegações bastante desconcertantes. Depois disso, a Dra. Feldman me ligou para expressar sua confiança em você, dizendo que estava falando por todo o departamento onco, e então o Dr. Lindstrom ligou para dizer como ele apreciava sua disposição em levar um caso difícil com ele, apesar de seu volume de trabalho já completo. Ele especificamente disse que esperava que sua aplicação de pós-doutorado estivesse sendo seriamente considerada. — Ela solta uma mecha errante de cabelo do rosto. — Eu serei franca. Tem sido um pouco estranho.

Minha cabeça está girando. — Eu não pedi aos médicos para chamá-la. — murmuro, ainda processando o que ela disse sobre Aron. Certamente ele não teria feito isso se quisesse que eu fosse embora? — E eu posso lidar com Nick. Nós nunca nos demos bem, mas isso não significa que não possamos coexistir. — Eu poderia não gostar dele, mas não seria bom contar sobre ele para Phaedra assim, não quando ele e eu estamos competindo para a mesma posição. — E quanto às alegações, não tenho certeza do que são, por isso vou ser sincera como você pediu, e você pode tirar suas próprias conclusões.

Eu respiro fundo. — Eu estive envolvida com Aron Lindstrom por alguns meses no Outono. — Olho para as minhas mãos, meus dedos torcendo juntos no colo. — Ele tirou uma licença, e isso encerrou nosso relacionamento. Seu amigo, Mark Kwan, me apoiou durante esse tempo, que foi, admito, duro. Mas Mark e eu somos apenas amigos. Nick o viu me confortando na cafeteria depois que descobri que Aron estava de volta. E é isso. Eu não durmo com o pessoal da onco.

Phaedra começa a rir. — Eu não te chamei aqui para discutir as alegações de Nick, Nessa. Eu queria falar com você porque estava preocupada com você e como Nick tratou você. — Ela se inclina para a frente. — Mas agradeço sua franqueza. Seu relacionamento com o Dr. Lindstrom não era um segredo, embora sua abrupta licença no Outono tenha sido um pouco estranha e, infelizmente, se tornou motivo de rumores.

— Rumores? — A raiva queima dentro de mim, pura e protetora. Eu odeio a ideia de que as pessoas possam estar sussurrando sobre Aron, que diriam coisas que poderiam machucá-lo.

Ela me dá um olhar de conhecimento, como se meus sentimentos por Aron estivessem escritos na minha testa em tinta indelével. — Enquanto seus atendimentos estiverem satisfeitos com seu trabalho, o resto desaparecerá com o tempo. Esse tipo de coisa é sempre mais barulho do que substância, eu acho. — Ela coloca a mão no meu ombro. — Mas toda essa informação certamente me ajudou a tomar minha decisão em relação a quem oferecer a posição de pós-doutorado. É sua... se você quiser?

Um sorriso se espalha no meu rosto. Parece estranho, e eu percebo que é a primeira vez que eu realmente sorrio há um bom tempo. — Obrigada, Dra. Truax. Eu aceito.

Capítulo Vinte e Um

Limpo a pressão no ombro e me movo para o peito inclinado. Minha aula da academia foi cancelada esta manhã porque a professora disse estar doente no último minuto, então estou sozinha e desajeitada na melhor das hipóteses. Eu puxo o pino para ajustar o peso, mas ele está preso. Depois de um minuto estou com o rosto vermelho de frustração e constrangimento, porque há uma mulher de meia-idade que está esperando por sua vez.

Uma mão passa por cima do meu ombro, gira o alfinete levemente e desliza para fora do buraco. E eu reconheceria esses dedos em qualquer lugar, dada a frequência com que tenho estado obcecada por eles. — Obrigada. — eu digo para Aron, virando o banco da máquina de peso para olhar para ele.

Ele está de short e uma camiseta velha da Penn, e seu cabelo e rosto estão suados. Está segurando uma garrafa de água grande e meio vazia. Ele devia estar na esquina, nas escadas rolantes. — De nada. — ele responde, e eu não acho que estou imaginando a maneira apreciativa como seus olhos voam sobre o meu corpo.

A senhora de meia-idade limpa a garganta e Aron lhe dá um olhar de desculpas e caminha até os pesos livres. Eu termino a prensa de peito enquanto o debate se começa em minha cabeça. Eu poderia ir falar com ele ou poderia deixá-lo. Eu poderia permitir que esses brotos frágeis de esperança crescessem, ou eu poderia sufocá-los e ir embora.

Aron mudou, e não há maneira de contornar isso. Eu o vi perder a cabeça e não faço ideia do que aconteceu desde então. Ele é como um estranho, alguém que

poderia, sozinho, rasgar todas as minhas camadas protetoras e me deixar nua e magoada de novo. Eu sei como o transtorno bipolar imprevisível pode ser, quanto sofrimento ele pode causar. Não é como se houvesse alguma cura fácil e permanente. Ele estará vivendo com isso pelo resto de sua vida. E estou *tão perto* de atingir meus objetivos, por que deixaria alguém me atrasar ou afundar quando trabalhei tanto?

Mas… os últimos cinco meses não fizeram nada para afrouxar o aperto no meu coração, e certamente isso significa alguma coisa? Eu nunca fui mais feliz do que quando estava com Aron. Eu nunca me senti tão viva e conectada, tão saudável ou completa, tão capaz de me oferecer e me envolver com as pessoas que poderiam precisar de mim. Eu nunca deixei ninguém ter tudo de mim, nunca quis me entregar completamente a ninguém além dele. Eu nunca conheci alguém como ele, e duvido que volte a conhecer. Sim, ele tem transtorno bipolar, mas ainda é *Aron*. Como eu poderia deixá-lo ir sem tentar nada?

Eu não estou me comprometendo com nada aqui. Estou apenas explorando uma possibilidade. Quando termino, limpo a estação e vou até Aron, que está fazendo bíceps. — Você ficou em forma. — eu digo, esperando que isso não pareça condescendente ou estúpido, porque é verdade. Músculos amarram seus braços e panturrilhas, e mesmo que ganhe alguns quilos, ele ainda é magro.

Ele abaixa o haltere e se endireita, pegando sua garrafa de água. — Se eu não fizesse, teria me expandido como um balão. — Ele se senta em um banco. — O lítio provoca aumento de peso. — Ele me observa como se estivesse esperando por uma reação horrorizada. Então sento ao lado dele.

— Eu li que isso deixa as pessoas sedentas também. — eu digo, acenando para a água dele. — Mas ajuda?

Ele concorda. — O suficiente para que eu não tenha que tomar mais nada, não mais. — Agora ele não está encontrando meus olhos, e eu empurro para baixo uma onda de decepção.

— Você vem para a festa de Carol no sábado à noite? — Eu pergunto. Seu olhar permanece fixo em seus sapatos. — Não, eu não acho que vá.

Eu quero tanto tocá-lo. Para sacudi-lo. Para fazê-lo olhar para mim. *Animal selvagem e nervoso,* minha mãe sussurra. *Seja gentil.* — Eu acho que as pessoas podem ficar felizes em ver você lá.

— Eu acho que pode ser o oposto. — Ele esfrega a mão sobre o rosto e se levanta. — Ou talvez eu não queira vê-los. Ou como eles olham para mim, pelo menos.

Eu também me levanto, não querendo deixá-lo escapar tão cedo. — Se você se sente assim, por que decidiu voltar?

Em seus profundos olhos verdes há um desejo desesperado e triste. — Eu nunca quis sair em primeiro lugar. Mas senti que precisava. Todas essas coisas em que eu acreditava, quando percebi que não eram reais, era muito doloroso, muito humilhante, e eu não queria machucar ninguém aqui, não mais.

Suas palavras levantam esse espectro de novo, meu medo de que seu amor por mim possa ter sido uma das coisas que não eram reais. Mas eu me forço a não me concentrar agora. — Foi bom estar de volta à Suécia?

Ele solta um riso parecido com o de não-Aron. — Foi bom para me lembrar de todas as razões que deixei em primeiro lugar. Depois de alguns meses de ser tratado como um inválido, eu percebi que ia ficar louco *de novo* se eu não voltasse ao trabalho. Mandei um email para Joanna, expliquei a situação e fiz um plano. Eu amo minha mãe, mas ela pode ser... *hmm.*

Agora eu rio. — Sim, não brinca.

Aron endurece. — Como você sabe como ela é?

— Eu a conheci. No Hospital Jefferson.

— O quê? Quando?

Parece que estou de repente caminhando em gelo muito fino. — Quando você estava lá.

— Você veio me ver?

Eu tento decifrar sua expressão atordoada. — Assim que soube que você estava lá. Mark também.

Suas mãos tremem quando ele alcança sua garrafa de água novamente. — Você veio. — ele murmura.

— Eu sei que você disse que não queria mais me ver de novo, mas eu estava preocupada com você. Sinto muito...

Ele sacode a cabeça. — Não. Você não tem nada para se desculpar. — ele rosna. — Mas minha mãe tem.

— Ela estava tentando proteger você.

— Eu sei, mas isso não é desculpa. — Ele está praticamente vibrando com a tensão. — *Pedi a* ela que ligasse para você. Ela disse que sim e que você se recusou a vir. Foi quando ela me disse que eu deveria te deixar em paz.

— Ela disse o mesmo para mim. Mas você... queria me ver?

Ele dá alguns passos para trás, parecendo cauteloso, como se deixasse algo escapar. *Esquisito*, minha mãe me lembra. Embora eu queira pegar sua mão e puxá-lo de volta para mim, eu deixo-o ir quando ele murmura algo sobre como chegar ao trabalho. Mas antes de chegar ao vestiário, ele se vira, com um sorriso frágil mas corajoso passando pelo rosto. — Nessa? Vou tentar ir à festa da Carol.

A festa de Carol é neste divertido barzinho no Center City, um pub com madeira escura de mogno e essas incríveis nozes cristalizadas e picantes em cada mesa. Com muita esperança, passo o sábado de manhã comprando um vestido e sapatos fofos, fantasiando como Aron vai dar uma olhada em mim e decidir por ele. Com minhas sandálias de tiras de salto alto e meu pequeno vestido, ajustado no corpete com uma saia plissada que roça minhas coxas, caminho até ao bar, já percebendo que os sapatos nunca foram feitos para caminhadas e me perguntando se tenho dinheiro suficiente para um táxi. Há várias pessoas que reconheço no bar e, por isso, dou um abraço em Carol, pego uma bebida e me sento em um dos bancos acolchoados em torno da borda da sala de reunião para conversar com alguns dos médicos e enfermeiros. Claro, meu olhar desliza repetidamente para a porta, imaginando quando Aron chegará.

Há uma banda tocando, e Carol tenta ensinar um monte de pessoas a fazer um passo. É francamente hilário até que ela me puxa para o círculo, e então eu só estou

tentando acompanhar sem quebrar meus tornozelos. Nós giramos ao redor, e quando ela solta minhas mãos, eu perco o equilíbrio em meus novos saltos e tropeço, mas as mãos firmes fecham em torno dos meus quadris e me mantêm firme.

É Nick. Eu me viro e vou para a beira da pista de dança, desapontada e irritada, e ele me segue. — Parabéns pela sua nova posição. — diz Nick em voz alta, sua voz carregando a música. — Eu não tinha ideia de que sua boceta mágica funcionava com mulheres também.

Eu rolo meus olhos, afastando-me dele enquanto ele se aproxima de mim. Algumas pessoas me dão olhares preocupados, mas ninguém interfere. — Você tem bebido, não tem?

Ele me apoia em um canto e pega meu bíceps. — Você se candidatou apenas para me irritar, não foi? Essa posição era minha até que você a roubou de mim.

Eu tento arrancar meu braço do aperto dele, mas ele aperta mais forte. — Solte-me! Phaedra me pediu para me candidatar!

— Por que você dormiu com ela também? — Ele grita.

— Deixe-a ir. — diz Aron, que apareceu ao meu lado.

Nick toma seu tempo obedecendo, seus olhos brilhando de maneira desagradável. — Ei, Aron. Fico feliz em ver você de volta, cara. — Sua voz é tão alta, logo abaixo de um grito, para que todos ao seu redor possam ouvir quando ele diz: — Como foi a ala psiquiátrica? Você sente falta?

A expressão de Aron se torna glacial, ele olha para mim e depois para Nick, e percebo imediatamente o que ele está pensando: que contei a Nick sobre o que aconteceu no Outono. Aron dá um passo para trás.

Cheirando sangue na água como um tubarão, Nick avança sobre ele. — Você não tem medo de enlouquecer de novo e colocar em risco seus pacientes?

Aron dá outro passo para trás, olhando por cima do ombro, procurando a porta.

— Nick, pare com isso! — Eu grito, mas ele me ignora. Eu tento chegar a Aron, mas a moldura larga de Nick está bloqueando meu caminho.

— Você parece um pouco instável lá. — estimula Nick. — Devemos fazer um exame de estado mental? Devo chamar o resgate? — Ele cutuca Aron no ombro. — Você se sentiria mais confortável em um estreito...

O punho de Aron bate no rosto de Nick. A cabeça de Nick se encaixa de volta. Seus ombros me pegam e nós caímos no chão, levando pelo menos duas outras pessoas conosco. Um emaranhado de braços e pernas respingados com bebidas misturadas e espalhadas com nozes, lutamos para ficar de pé. O nariz de Nick está jorrando, e eu nunca estive tão feliz em ver alguém sangrar em toda a minha vida. Mas no momento em que me afasto do grupo de pessoas ao nosso redor, Aron se foi.

De jeito nenhum eu vou deixar ele sair assim.

Eu abro caminho através da multidão, meu tornozelo doendo e as solas dos meus pés gritando. Aron também não está fora do bar. E ele provavelmente

dirigiu. Seu apartamento fica a dez quarteirões daqui, mas estou muito louca e impaciente para esperar o ônibus, então saio andando mancando pela rua, cheirando a gin, tônica e nozes temperadas. Meu ex-cabelo bonito está pendurado em uma confusão emaranhada na parte de trás da minha cabeça, e minha maquiagem provavelmente está borrada. Mas não me importo.

Quando chego ao complexo de Aron, mal consigo andar, e o porteiro me interrompe, obviamente alarmado, provavelmente pensando que sou uma ex-namorada psicótica, que, de certo modo, acho que sou. — Diga a ele que estou aqui e não vou embora até que ele fale comigo. — eu digo estridente, sem dúvida adicionando a sua impressão geral de mim como desequilibrada.

Mas um momento depois, ele me acena. — Ele está no segundo andar agora, senhorita. — diz ele.

Eu pego o elevador de qualquer maneira, porque eu não tenho os meios para subir as escadas, e Aron está no corredor quando eu saio, parecendo cauteloso... e irritado. A porta do apartamento dele está aberta, e ele fica lá e me deixa entrar, sua expressão de pedra. Ele fecha a porta e se vira para mim. — Eu não tenho certeza porque você está aqui, mas não preciso de uma explicação.

— Eu não disse a Nick o que aconteceu com você. — eu digo, com muita dor para ser gentil agora.

— Então quem foi? — Ele pergunta, sua voz tão gelada quanto seu olhar.

— Não tenho nenhuma ideia! Aron, pense em quantas pessoas você interagiu no último dia em que esteve no CHOP. Era óbvio que havia algo errado. Mas obrigada por assumir o pior de mim. Eu aprecio isso. — Minha garganta está tão

apertada que mal posso cuspir as palavras. Eu vim aqui para dar apoio, mas agora estou furiosa.

Aron cruza os braços sobre o peito, apertando os bíceps com tanta força que seus dedos estão sem sangue. — Eu não voltei para ser ridicularizado. Já é bastante difícil sem isso! Você tem alguma ideia do que eu tive que passar para poder voltar para minha bolsa, Nessa? Qualquer ideia?

Quando eu balanço minha cabeça, ele começa a marcar as coisas em seus dedos. — Eu faço check-in por telefone com minha psiquiatra todos os dias. Eu a vejo pessoalmente uma vez por semana. Eu também vejo um terapeuta, porque um profissional de saúde mental nunca é suficiente. — ele diz amargamente. — Joanna verifica novamente todo o meu trabalho, e ela me aceita de volta ao programa na condição de que eu assine um comunicado para que ela possa contatar meu psiquiatra se tiver alguma preocupação.

— Eu tomo o lítio como prescrito. Eu bebo alguns litros de água por dia porque isso me deixa com muita sede. — Ele levanta as mãos enquanto sua voz se eleva. — Ainda bem que não estou treinando para ser cirurgião, porque minha carreira terminaria! Minhas mãos tremem constantemente! Mas eu tenho que estar nisso agora, porque quando eles tentaram me afastar em Janeiro, fiquei tão deprimido que não queria viver, muito menos sair da cama. Minha mente está *quebrada*, Nessa. — ele grita, lágrimas brilhando em seus olhos. — Eu posso não ter perdido tudo, mas sinto que me perdi.

Sua cicatriz em forma de crescente é branca enquanto ele aperta a mandíbula e tenta se controlar. E quando ele fala de novo, é quieto, mas feroz. — Vale a pena o

incômodo, vale os efeitos colaterais, vale a pena, mesmo sendo tratado como uma criança, se isso significa que posso fazer o meu trabalho. Eu posso sobreviver se eu ainda puder ser um médico. — Sua expressão se ilumina com raiva. — Ou, pelo menos, eu achava que sim. Mas sabendo que as pessoas estão me chamando de louco pelas minhas costas... sabendo que eles acham que eu poderia machucar meus pacientes... sabendo que será jogado na minha cara... — Ele balança a cabeça e caminha de volta para a porta. — Não foi uma boa ideia você vir. Sinto muito por dar um soco no Nick. Vou pedir desculpas a ele pessoalmente na próxima semana, supondo que ele não apresente as acusações de agressão antes disso. Tenho certeza de que meu comportamento apenas reforçou a ideia de todos de que sou louco, então pelo menos ele pode reivindicar essa vitória. E agora *todo mundo* vai estar espalhando rumores, o que significa que você está fora do caso. — Ele aponta o dedo para mim.

— Eu *não* disse a *ninguém* sobre você! — Eu o sigo até à porta, a dor subindo por minhas pernas a cada passo. — Todos se perguntaram para onde você foi, e Mark e eu éramos os únicos que sabíamos! Os únicos que assistiram o que aconteceu com você, como você podia estar com medo. E você foi *embora*! — Eu grito. — Eu estava louca de preocupação por você, você quase morreu bem na minha frente! Não se atreva a pensar que você é o único que sofreu, Aron. Você pode ter se perdido, mas eu também te perdi.

Eu tropeço para a frente e meus punhos atingem seu peito enquanto minhas lágrimas se soltam. — Como você pôde desaparecer assim? Eu te amava muito e você tinha que saber que meus sentimentos, pelo menos, eram reais! Eu não tinha ideia de onde você estava ou o que estava acontecendo com você. — Os soluços

rolam para fora de mim, todo o pensamento, preocupação e desejo, toda a tristeza e dor. — E você nem sequer tentou me deixar saber que você estava bem. Nenhuma chamada, um email. Nada.

As mãos de Aron fecham em volta dos meus braços, muito mais suaves que as de Nick. — Nessa. — ele diz baixinho.

Mas não posso parar e não posso deixar passar. Coloco minha testa em seu peito enquanto meu corpo estremece e minhas mãos tremem. — Eu *mal* sobrevivi a isso, Aron. Todo mundo acha que estou indo tão bem, mas é tudo fingimento. Quando você saiu, fez um buraco que nunca poderia ser preenchido, e eu...

Aron se inclina e agarra minhas pernas, me pegando em seus braços. — Seus pés estão sangrando. — diz ele asperamente, e leva-me ao banheiro. Estar perto dele novamente me deixa em silêncio. Ele me coloca na tampa do vaso fechado e me vira, então meus pés estão sobre a banheira. — E seu tornozelo está inchado.

Ele se ajoelha e liga a água, então tira os meus sapatos com cuidado. — Me desculpe, eu não deixei você saber como eu estava indo. — diz ele, com as mãos e a voz mais firmes agora que encontraram um propósito. Eu assobio quando a água bate nas minhas bolhas, e ele ajusta a temperatura até que a água esteja quente e reconfortante. — No começo eu estava tão fora de controle que não consegui. E uma vez que me senti um pouco mais como eu, queria falar com você, pelo menos para me desculpar, e me disseram que você não queria me ver. — Ele me lança um olhar tímido. — Eu assumi que você me odiava, que você não *queria* ouvir nada de mim e que eu tinha que deixar você ir.

Uma onda de pavor me faz levar a mão em meu estômago. — Me conte algo? Eu preciso ouvir isso de você. — Eu olho em seus olhos. — Quanto do que você sentiu por mim foi a mania, e quanto foi real? É por isso que você queria se desculpar? Por dizer que você me amava quando não quis dizer isso?

A dor brilha em sua expressão. — Eu quis dizer tudo o que eu disse quando disse isso. E foi tão bom, tão vívido e perfeito. Eles foram os melhores momentos da minha vida, até que tudo desmoronou. Mas muito antes disso, Nessa, você era especial para mim. Desde o dia em que te conheci, tive a sensação de que você seria, mas acabou significando mais para mim do que eu esperava. É por isso que o resto dói tanto. Eu arruinei algo precioso.

Seu rosto está perto do meu quando ele se senta na beirada da banheira, limpando meus pés danificados com uma toalha macia. Suas mãos na minha pele são gentis, cuidadosas e cautelosas, mas me ilumina do mesmo jeito.

— Eles foram os melhores momentos da minha vida também, Aron. E a única coisa que me machucou foi ver você com medo e em sofrimento. — murmuro.

— Isso não é verdade. Eu lembro o que eu fiz. — Ele toca o local na minha testa, onde seu joelho colidiu com o meu crânio.

Eu coloquei minha mão sobre a dele, segurando-a contra o meu rosto. — Isso foi um acidente. Você não estava tentando me machucar.

— Não, eu estava tentando pular de uma varanda. — diz ele com desgosto, puxando a mão para longe de mim. — Por que você está aqui, Nessa? Eu entendo porque você estava comigo antes, mas não entendo porque você gostaria de estar aqui agora.

— Eu me preocupo com você.

O canto da boca dele se ergue. — Você se importa com todo mundo. É uma das coisas que sempre admirei em você.

Meus dedos se enroscam na minha saia, apertando em frustração. — Eu te amo, então! — Eu digo antes que eu possa pensar melhor. — Isso faz mais sentido?

Ele abaixa a cabeça. — Nessa, eu preciso que você entenda que eu não sou o mesmo que era antes. — Ele faz uma pausa, então continua, sua voz plana e sem emoção. — Eu não sinto o mesmo. Nem sobre mim, nem sobre você.

É como se ele tivesse tirado o ar de dentro de mim. — Oh. — eu sussurro.

Esvaziada, eu tento puxar meus pés de seu colo, mas suas mãos se fecham sobre minhas panturrilhas e me seguram ainda. — Vou enfaixar as bolhas que se abriram. — ele me diz.

Eu fico onde ele me deixa, embora tudo que eu queira fazer seja escapar. Mas eu acabei de jogar a rainha do drama. Estou envergonhada por ter feito isso. Então, deixo que ele fique em silêncio enquanto a verdade destrói meu coração. Eu o amo e ele não me ama, e agora nós dois sabemos onde estamos. Eu observo suas mãos elegantes enquanto elas se movem sobre meus tornozelos, meus calcanhares, meus dedos dos pés. Eu fico olhando até minha visão embaçar, mas não choro. Eu não vou fazer isso mais difícil para ele, não vou fazer nada para fazê-lo se sentir culpado. Não é culpa dele, não é problema dele. Deus sabe que ele já tem o suficiente desse sentimento.

Quando termina, ele insiste em me levar para casa e, novamente, eu não luto contra ele. Cerro meus dentes e coloco meus sapatos de volta. Eu ando devagar até ao elevador e olho direto para a frente. Ele está de pé a um metro de distância, mas parecem milhas. Ele é completamente educado, mas nunca encontra meus olhos. Eu escuto em silêncio enquanto ele me diz para gelar meu tornozelo. Agradeço quando ele me deixa na calçada em frente ao meu prédio. Peço desculpas por entrar em seu apartamento.

— Está tudo bem. — diz ele em voz baixa. — Estou feliz que não foi você quem espalhou os rumores. Sinto muito por pensar que era.

Eu garanto a ele que está tudo bem. Então saio do carro, pela aparência dele, o mesmo Volvo que tinha antes e digo a ele que vou vê-lo por perto. Ele me lembra que precisaremos nos reunir para discutir nosso caso compartilhado na próxima semana. Eu aceno e sorrio para ele, embora ele não veja, porque não olha para o meu rosto. Isso provavelmente é bom. Se eu olhar para aqueles profundos olhos verdes, vou desmoronar.

Do jeito que está, a perda está me levando a dividir tijolo por tijolo, mas não deixo que isso me acerte até ficar sozinha no meu minúsculo apartamento. Assim que fecho a porta, desmorono no chão e enrolo-me em uma bola, cada parte de mim doendo.

Eu não me levanto até que deixo de chorar.

Capítulo Vinte e Dois

Sento-me à mesa de piquenique, embalando um café gelado, deixando a condensação escorregar em meus dedos e esfriar minha pele. Folhas de esmeralda brilhantes farfalham acima de mim, e as passarelas ao redor da lagoa estão cheias de pequenos botões, amarelos e roxos e azuis e brancos. Lindos, brilhantes, novos.

Frágil e temporário.

Não sei por que vim aqui. Todos aqueles meses em que Aron esteve longe, eu nunca vim. Eu sabia que me mataria estar aqui sem ele. Este era o nosso lugar, nosso olho da tempestade. Talvez eu sempre esperasse que ele voltasse, que voltássemos juntos quando tudo estivesse bem de novo. Agora eu sei que isso não vai acontecer, então acho que vim me despedir.

Eu tenho que enfrentá-lo em algumas horas. Estamos nos reunindo para falar sobre o caso que ele me referenciou, porque nós temos que apresentá-lo em rondas e Aron quer ter certeza de que vai bem. Eu também. Eu quero que ele encontre seu rumo novamente.

Olho para a água marrom-esverdeada do lago, a superfície lisa, ondulada por rajadas de vento antes de virar vítrea novamente, e então tiro a carta. É uma oferta formal da Brown University School of Medicine. Eles têm um ótimo programa de pós-doutoramento lá. E embora eu tenha aceitado o pós-doutorado aqui no CHOP, estou reconsiderando a sabedoria dessa decisão. Eu fiz isso precipitadamente, quando era ingênua o suficiente para pensar que tudo iria voltar ao jeito que estava no Outono.

Eu dobro a carta e coloco de volta na minha bolsa, depois volto a olhar para a lagoa. Brown não é um ótimo ajuste. Não é como o CHOP. Mas acho que não posso ficar. Já era ruim quando Aron não estava. Eu passei todos os dias na fortaleza do meu trabalho e da minha ocupação, recuando para os meus velhos hábitos, embora eu tivesse um gostinho de como as coisas poderiam ser diferentes. Agora que ele está de volta, no entanto, um lindo lembrete visual da vida que eu tive, a felicidade apesar das ocupações, agora que eu tenho que vê-lo todos os dias e sei que ele não quer compartilhar isso comigo... eu posso ir.

Abro a caixa de peças de xadrez na minha mesa e coloco-as distraidamente em posição. — Um último jogo. — eu sussurro.

— Você está esperando alguém? — Aron pergunta, me fazendo pular. Eu me viro para vê-lo de pé atrás de mim, seguindo o caminho que leva da rua.

— Não. — eu digo, rapidamente varrendo as peças do tabuleiro para a caixa delas. Ele está segurando um copo de papel com uma tampa de plástico, e há uma etiqueta reveladora pendurada no topo. Seu chá verde favorito. — Eu não esperava ver você aqui.

Eu não posso parar o riso amargo quando sai da minha boca. — Obviamente. — Levanto-me rapidamente, alisando minha saia e colocando minha bolsa no ombro.

Aron me interrompe com uma mão no meu braço. — Não é uma surpresa ruim.

Eu olho para ele, surpresa pelo seu toque e pelo calor suave em suas palavras. Ele encontra meus olhos, mas desvia o olhar rapidamente. — Fico feliz. — eu digo. — Mas sei que você vem aqui para ficar sozinho, então eu vou deixar você.

— Podemos conversar? — Pergunta ele.

— Certo. Eu não tenho minhas anotações sobre o caso comigo.

Ele balança a cabeça. — Não sobre isso.

— Oh. — Eu mexo com a alça da minha bolsa. Estou tão ferida, tudo tão perto da superfície. — Sobre o quê, então?

Ele coloca a xícara na mesa e se dobra no banco. — Senta-se comigo? — Quando eu sento, ele diz:— Eu estive pensando muito sobre o que aconteceu no sábado. O que eu disse para você.

Eu enxugo a condensação no meu copo. — Eu também. Estou feliz que você tenha sido sincero. Mesmo que isso tenha quebrado meu coração de novo.

Ele suspira. — Eu fui honesto, mas não… não disse tudo. E eu preciso falar.

Fecho os olhos e inclino a cabeça, esforçando-me para não perdê-la. — Eu acho que você disse o suficiente, Aron. Está tudo bem. — Eu aplaino minhas palmas na mesa para me empurrar de volta. Isso é uma tortura.

Ele pressiona a palma da mão sobre a minha mão. — Não. *Por favor.* — A tensão em sua voz é o suficiente para me segurar no lugar, e eu abro meus olhos quando sinto seus dedos enrolarem ao redor dos meus. — Eu te amei antes, quando sabia quem eu era. — ele começa. — Quando eu tinha certeza absoluta de onde estava indo e o que poderia fazer. Quando eu sabia o que poderia te oferecer e sabia que era bom. Quando eu confiava em mim mesmo. Mas tudo isso se foi. — Ele engole. — Agora eu tenho que descobrir isso de novo. Eu me sinto como um potro de pernas bambas, como se eu pudesse cair a qualquer momento. — Ele encontra

meus olhos brevemente. — E se eu fosse te arrastar para baixo, isso acabaria comigo, Nessa. Eu já me sinto tão mal com o que aconteceu que mal posso olhar para você.

Ficamos em silêncio por alguns momentos, olhando nossas mãos unidas. — Mas, ao mesmo tempo, — ele finalmente diz: — Eu *quero* olhar para você.

Eu não me movo, não respiro, com medo que este momento evapore e me deixe sem nada.

— Eu senti tanto a sua falta— ele sussurra, e eu olho para cima para ver seus olhos brilhando com lágrimas que não vêm. — Senti falta de falar com você, brincar com você, tocar você e ver você sorrir. Eu senti falta de apenas... sentar ao seu lado. Eu nunca senti falta de alguém ou de qualquer coisa assim.

— Eu entendo isso. — Eu coloco minha outra mão na dele, acariciando seus dedos. — Eu já te disse como me sinto.

Reforça o aperto nos meus dedos. — Mas eu não entendo como você pode se sentir assim.

— Você é a mesma pessoa, Aron.

— Não, eu não sou.

— Você *mudou*. Eu não vou discutir com você sobre isso. Mas você ainda é você mesmo. Você é a pessoa que me ensinou a viver enquanto eu me perdia. Você é lindo e brilhante e... — Eu tiro meu olhar do dele. Por que estou dizendo isso? Eu tomei minha decisão. — Você vale a pena, Aron. — Eu puxo minhas mãos dele e dobro meus braços sobre o meu peito. — E eu sempre ficarei feliz por ter feito isso.

Ele fica tenso. — Por que você está falando comigo como se isso fosse um adeus?

— Eu vou fazer um pós-doutorado no Brown.

Seu rosto empalidece. — Por minha causa?

— Não me faça responder a isso, ok? — Eu tento fazer com que pareça leve, mas sai rouco. Eu começo a me levantar e ele agarra meu braço novamente.

Ele está olhando duro em meus olhos agora, sem evitar mais. — Tome a posição na Brown se for melhor para você, Nessa. Eu quero que você seja feliz. Mas... quero que você entenda... eu não quero que você vá embora.

— Mas você quer que eu fique? — Eu pergunto, meu coração pulando.

— Só se isso for o melhor para sua carreira. Só se... — Ele amaldiçoa em voz baixa. — Você não tem ideia de como eu me sinto egoísta agora. — Sua mandíbula está cerrada, deixando sua cicatriz branca. O olhar em seus olhos está me derretendo. — Sim, eu quero que você fique.

— Por que isso é egoísmo?

Ele olha para a mão no meu braço, observa seus dedos enrolar em volta do meu bíceps. — Porque não tenho certeza se sou bom para você ou bom o *suficiente* para você. A medicação parece estar funcionando, mas isso não é uma garantia para sempre. Meu psiquiatra me informou que a taxa de recaída é incrivelmente alta. Eu quero fazer promessas que vou ficar estável, que vou ficar bem, que vou ser o que você precisa, mas eu não posso fazer isso. — Ele me solta.

— Você quer estar comigo?

Lentamente, como se ele estivesse me tocando pela primeira vez, pega meu rosto em suas mãos. E como sempre, a sensação de sua pele na minha me paralisa. Seus polegares acariciam minhas bochechas enquanto seu olhar permanece na minha boca. — Querer não é uma palavra forte o suficiente.

Quando nossos lábios colidem, estou perdida. O gosto dele, o cheiro, a sensação de sua pele contra a minha, tudo isso me domina. A esperança floresce dentro de mim, embora eu saiba que poderia ser destruída a qualquer momento. Eu sou fraca por pensar em ficar em Philly... ou eu estava fraca em considerar aceitar o pós-doutorado em Providence apenas para evitar colocar meu coração na linha novamente?

Aron se afasta, deixando-me sem fôlego. — Isso não é justo para você. Isso não muda o que está acontecendo comigo.

— Nunca há garantias na vida. — eu digo, deslizando as costas da minha mão ao longo de sua mandíbula, maravilhada por tocá-lo novamente. — E sempre há riscos para qualquer relacionamento.

— Mas você tem que admitir, eu deveria vir com a minha própria etiqueta de aviso. — Suas mãos caem em seu colo.

Eu sei melhor do que a maioria do que essa etiqueta de aviso pode ter. — Meu pai tinha transtorno bipolar, Aron. Ele nunca foi medicado.

Aron se vira para mim, choque no rosto. — Você me disse que ele se matou…

— Achamos que ele era maníaco na época, então ele poderia ter acreditado que era invencível. Nós nunca saberemos se foi intencional ou não.

— Você não mencionou essa parte.

— Você e eu estávamos indo devagar. Eu pensei que tivesse tempo.

Ele abaixa a cabeça. — Você sabe, então. Você sabe como isso poderia ser. Quão ruim isso poderia ser.

— Eu sei que não estou disposta a perder outra pessoa em minha vida para esta desordem. Eu odeio tanto quanto eu odeio câncer. Talvez tanto quanto *você* odeia câncer. — Considero minhas próximas palavras com cuidado, porque quero que ele tenha certeza de que estou falando sério. — Se você me quer com você, Aron, não vou me afastar por causa disso.

Seu olhar se dirige para o lago. — Eu não posso acreditar que eu te pedi isso. Temo que você se arrependa de ficar.

— Olhe para mim. — Eu espero até que ele olhe. — Eu *sei* que vou me arrepender se for embora. — Conforme digo isso, eu sei que minha decisão está tomada, e parece... *bom*. Assustador, mas bom. — Então eu tenho uma sugestão. — Ele levanta as sobrancelhas, e eu me inclino para a frente, beijando a ponta do seu nariz. — Vamos levar isso devagar. — Eu coloco um beijo suave em sua bochecha. Seus olhos se fecham. — Vamos nos conhecer como somos *agora*. E vamos ver até onde vai.

Seus dedos se enroscam no meu joelho e sua respiração ofega contra minha garganta. — Nessa...

Eu avanço e beijo sua boca, apenas uma passagem por seus lábios. — Eu não estou pedindo para você se casar comigo. — eu brinco. — Poderíamos começar com alguns jogos de xadrez. E talvez jantar.

Sua testa toca a minha. — Estou com medo de te desapontar. — ele sussurra.

— Estou com medo de muitas coisas. Isso não é motivo para não tentar.

Ele abre os olhos, mas não se afasta. — Então eu vou tentar.

Os dias passam, sento-me ao lado de Aron nas rondas e juntos apresentamos Kai Uchenna, o menino de seis anos com violentas birras. A sala está cheia de residentes, atendentes e outros funcionários médicos, mas Nick não está aqui. Provavelmente porque está com duplos olhos negros de seu encontro com Aron no sábado. Ele não vai dar queixa, no entanto. Eu não digo a Aron, mas liguei para Nick no domingo de manhã e assegurei que, se ele agisse contra Aron, eu mostraria aos nossos supervisores as fotos das contusões que Nick deixava no meu braço, e eu relataria como falou comigo, como me intimidou fisicamente, como ele me assediava, e eu pessoalmente me certificaria de que suas chances de conseguir qualquer pós-doutorado fossem disparadas para o inferno. Felizmente, ninguém mais incomodou Aron no sábado. Eu acho que as pessoas estavam felizes por alguém finalmente socar Nick na cara.

Com minha insistência, Aron convidou Mark para almoçar. Assim como eu, Aron estava tão envergonhado de seu comportamento que estava evitando seu melhor amigo. Mas eu sei que Aron precisa de pessoas ao seu redor que o entendam se ele vai ficar bem, se ele vai encontrar seu caminho

novamente. Quando Aron me manda uma mensagem com um simples *agradecimento*, abraço meu telefone.

Aron e eu levamos as coisas muito devagar nas semanas seguintes, mas é diferente de antes. Mais cuidadoso, mais carinhoso, mais íntimo. Nós trabalhamos juntos na maioria das manhãs. Mesmo que eu não queira sair da cama para correr e levantar pesos, eu sempre quero vê-lo, então é uma grande motivação. Nós encontramos uma maneira de fazer pausas durante o dia e esgueirar-nos para a lagoa, e jogamos xadrez lá e em nossos telefones. Eu estou ficando melhor, mas ele ainda chuta minha bunda cada *único* tempo. Nós gastamos menos noites saindo para restaurantes e mais noites enroladas em seu sofá, assistindo a filmes e comendo pipoca. Eu preparo chá verde para ele e o incomodo para encher sua garrafa de água. Ele me traz café e tira sarro dos meus sapatos pouco práticos... mas se oferece para me carregar nas costas enquanto me leva de volta ao meu apartamento à noite. E não há nada melhor do que cochilar com Aron, quando eu posso observar seu rosto enquanto ele dorme, quando posso sentir a quietude de seu corpo e sei que ele está relaxado e descansando, quando estou sozinha com meus pensamentos e completamente com ele ao mesmo tempo.

É uma maneira pacífica, hesitante e silenciosa de crescer juntos novamente, e sou grata por cada minuto disso. Eu não considero nada disso garantido, e também não acho que ele o faça. Ele é mais reservado do que antes, mas pode ser porque ele é incerto, porque não confia em si mesmo ainda. Eu o pego me observando às vezes, no entanto é um olhar aquecido que eu sinto como uma ponta do dedo deslizando ao longo da minha pele. Mas assim que percebe que estou ciente disso,

ele olha para o outro lado. Eu digo a mim mesma que a única cura para isso é o tempo.

Eu me reúno com a mãe de Kai Uchenna quase todos os dias, e com seu pai também, embora seu horário de trabalho signifique que ele não está no hospital com tanta frequência. O que é uma coisa boa, porque ele e sua ex-mulher parecem genuinamente se odiar. Mas eles amam seu filho e estão devastados por sua doença, um linfoma que deve ser tratado, em parte, com quimioterapia. Basicamente, Aron tem que administrar os remédios diretamente no líquido espinhal de Kai usando um procedimento de punção lombar. Da última vez, Kai teve uma enorme birra antes do procedimento, e seus pais acabaram gritando um com o outro no corredor. Aron fez o que podia para impedir que eles entrassem em uma briga, quando o que ele precisava era tratar o câncer desse garoto.

No início de Maio, Phaedra me chama em seu escritório e me diz que ela estava planejando apresentar em círculos psicossociais naquela semana, mas seu tio morreu e ela teria que ir a DC para o funeral. Ela me pergunta se Aron e eu estaríamos dispostos a nos apresentar, talvez em colaboração entre médicos e psicólogos em casos difíceis como o de Kai. Nervosamente, pergunto a Aron sobre isso, mas ele aceita sem hesitação. Na verdade, ele parece meio animado com isso. Passamos as próximas noites em seu apartamento, juntamos nossos slides e discutimos o que incluir e quem apresentará o quê. Eu fico ansiosa na frente do público, mas Aron me empurra para assumir a liderança.

— Os médicos querem ver o que você está oferecendo, então eles devem ouvir de você — ele diz na noite anterior à apresentação, sentando-se e colocando os pés

em cima da mesa de café depois de salvar a versão final de nossos slides. Quando minha sobrancelha arqueia, ele sorri. — Somos criaturas muito práticas. Se você é útil, nós queremos você em todos os casos. Se você é um desperdício de tempo, não nos incomodaremos em nos referir a todos. É um trabalho bastante difícil como é.

Eu coloco minhas pernas para baixo e cutuco-o nas costelas. — Você não pode simplesmente dizer a eles o quão incrível eu sou?

Ele empurra meu cabelo para trás e eu me emociono com o toque dele. — Eu poderia, e quereria dizer cada palavra — diz ele enquanto seu olhar permanece no meu rosto, — mas neste momento, todo mundo sabe que eu sou horrivelmente tendencioso.

Seus dedos se enroscam no meu cabelo e ele me beija de um jeito que me lembra uma queda, sua língua deslizando ao longo da minha e me puxando com força e desejo. Quando finalmente recuamos, meu coração está batendo e minhas mãos estão tremendo. — É melhor eu ir. — murmuro. É quase uma e eu tenho que estar no hospital cedo.

— Eu vou levá-la para casa — diz ele.

Nós nos beijamos despedindo à minha porta e, novamente, há um calor lá que me faz querer arrastá-lo para o meu apartamento e deixá-lo nu. Ele se afasta com um sorriso travesso que eu não vejo há muito tempo, praticamente pulando em seus calcanhares.

Eu vou para o meu apartamento, meu corpo doendo de necessidade, meus pensamentos girando de felicidade. Meus sonhos naquela noite são dele, e como

podemos nos unir novamente, como passaria minhas mãos por seu corpo, como eu o deixaria louco. Acordei desesperada para vê-lo.

Quando chego à sala de conferências para a nossa apresentação, Aron já está lá. Ele tem o computador ligado ao projetor e está pronto para rolar. — Você está linda — ele diz para mim, caminhando para a frente enquanto coloco minha bolsa em uma das cadeiras.

— Você também. — eu respondo.

Ele coloca seus dedos nos meus e ri. — Suas mãos estão tremendo mais do que as minhas.

— Eu não amo falar em público. — murmuro. — Eu te falei isso.

Ele se aproxima e espalha meus dedos trêmulos em seu peito. — Eu vou sentar na frente, e quando for a sua vez de apresentar, você pode me imaginar nu. As pessoas não dizem que esse tipo de coisa ajuda?

Eu dou risada. — A única coisa que faria é me fazer desejar estar sozinha com você. Eu apressaria a apresentação e me recusaria a responder as perguntas.

Ele desliza minha mão até seu estômago. — Isso está soando como uma ideia cada vez melhor.

Nós nos afastamos um do outro rapidamente quando as pessoas começam a entrar. Nick entra com um toque amargo na boca. Seus olhos negros passaram para sombras, mas ele olha para Aron como se estivesse morrendo de vontade de pegá-lo desprevenido, e isso faz meu estômago revirar. Eu pego seu olho e toco meu

braço, o lugar onde ele deixou as impressões de seus dedos naquela noite na festa, e Nick aperta sua mandíbula e olha pela janela.

A apresentação corre bem. Eu faço aa minhas partes sem me envergonhar, e Aron é um líder, apresentando com charme e humor, respondendo a perguntas de maneiras que desencadeiam uma discussão animada. Nick tenta argumentar comigo sobre um dos artigos que citei, e começo a me explicar, mas Aron intervém e o esmaga tão rápido que é ridículo, deixando Nick com o rosto vermelho e gaguejando.

Depois, aperto a mão de Aron e digo que vou falar com ele mais tarde, depois saio para minha tarde consultando pacientes.

Eu não estou na metade do corredor quando um braço serpenteia ao redor da minha cintura e me empurra para um quarto de hospital vazio. Aron fecha a porta atrás de mim e me puxa de novo em seus braços. — Venha aqui, — diz ele, empurrando a alça da minha bolsa do meu ombro. — Eu não parabenizei você corretamente. — Ele abaixa a cabeça e esfrega o meu pescoço, em seguida, me faz ofegar quando morde a pele sensível da minha garganta.

Ao som, seu aperto em mim aperta. — Eu senti sua falta. — ele sussurra, sua mão deslizando sobre a minha camisa para segurar meu peito.

Entrelaço meus dedos em seus cabelos, desejo e desconforto na guerra dentro de mim. Quando a boca de Aron toca na minha, os pensamentos começam a me incomodar, como o quão alto é o seu nível de energia. E quão rápido ele estava falando durante a apresentação. — Aron?

— Hmm? — Ele me levanta no balcão e empurra meus joelhos para que ele possa ficar entre minhas pernas.

— Talvez não devêssemos...

Suas mãos acariciam minhas coxas e enviam arrepios de necessidade direto para o meu núcleo, espalhando meus pensamentos. Eu agarro sua cintura e envolvo minhas pernas ao redor de seus quadris estreitos. Quando sinto o comprimento duro e insistente dele contra mim, quase gemo. Faz tanto tempo. E isso é tão bom. Especialmente quando seus dedos deslizam entre nós para me acariciar pelas minhas roupas. — Eu gostaria que você tivesse usado uma saia hoje. — ele murmura contra a minha garganta.

— Eu também. — eu digo, descendo para explorá-lo. Mas assim que o faço, ele me puxa abruptamente para fora do balcão e me vira para que o calor do seu corpo rígido esteja nas minhas costas. Antes que eu possa reunir as células do cérebro para protestar, ele desabotoa minhas calças e desliza sua mão pela minha barriga. Dois dos seus longos dedos deslizam para dentro de mim um segundo depois, puxando um gemido sufocado da minha garganta. Eu estou tão molhada que meu corpo não oferece resistência alguma, e ele bombeia seus dedos rapidamente, me transformando em uma confusão ofegante enquanto pressiona seus quadris contra o meu traseiro. Ele coloca a outra mão sobre a minha boca, sufocando meus gritos, deixando-me gemer contra sua palma enquanto seu dedo circunda meu clitóris. Isso torna minha visão sombria e obscurece meus pensamentos, deixando-me tonta e sem fôlego.

Mas então ele começa a empurrar minhas calças para fora dos meus quadris, dizendo: — Eu quero ter você aqui mesmo. Fiquei acordado a noite toda desejando que você tivesse ficado. — E meus medos se encaixam, encontrando sua forma: Aron está com tesão. Ele tem estado cheio de energia nos últimos dias. Ele não está dormindo. E agora ele quer fazer sexo desprotegido comigo em uma sala destrancada no meio do departamento de oncologia.

Eu pego seu pulso e puxo sua mão do meu corpo. — Aron, você está tomando seu remédio?

Ele continua contra mim. — Sim... todas as noites... — diz ele lentamente.

— Mas você não dormiu nada ontem à noite?

Ele puxa a mão para longe de mim e recua rapidamente. Eu mordo o interior da minha bochecha e coloco minhas calças ao som de Aron xingando baixinho enquanto ele lava as mãos na pia. Com as bochechas ardentes e um coração batendo, eu me volto para ele. Ele está respirando fundo pelo nariz, como se estivesse tentando se acalmar. — Não, não, não. — diz ele enquanto passa a mão molhada pelo cabelo.

— Está tudo bem, mas talvez pudéssemos…

— Não. — Ele me olha, como se estivesse se certificando de que eu esteja decente, então abre a porta. — Sinto muito. — ele sussurra, e então se foi.

Uma hora depois, após três mensagens minhas perguntando onde ele está e se ele está seguro, ele responde. *No psiquiatra. Fazendo plano. Desculpe por assustar você.*

Eu respondo*: você vai para casa depois?*

Sim.

Posso passar por aí?

Há alguns minutos de pausa e depois: *Não.*

Eu engulo o medo e a frustração. *Por favor.*

Eu liguei para Mark. Ele cuida disso.

Eu bato meu pé, fazendo Lisa me dar um olhar questionador do seu cubículo. Cerro os dentes e giro minha cadeira para que ela não possa ver meu rosto. *Me liga mais tarde?*

Se eu puder.

Eu me levanto, querendo gritar, antes de sair do escritório e começar a andar. Eu sei que Aron está seguro, ele deve ter ido direto ao psiquiatra depois do nosso encontro acalorado. E isso por si só deveria me fazer feliz, porque mostra que ele está em seu perfeito juízo e tendo bom senso. Assim que percebeu o que estava acontecendo, agiu e procurou ajuda em vez de deixá-lo derrubá-lo ou, mais precisamente, de novo.

Mas ele está me excluindo.

E isso machuca. Como uma faca no coração.

Preciso me livrar disso, vou para a unidade de oncologia e espio Rohan. Ele está olhando para a televisão de uma forma que me diz que ele não está realmente assistindo. Ele tem o linfoma da Fase III, e seu tratamento tem sido um esquema de

quimioterapia bastante brutal, mas agora Mark está conversando com o supervisor sobre um transplante de medula óssea. Rohan tem estado tão doente, e o fato de ele ser realmente não-complacente e hostil não ajuda.

Seus pais o visitam uma ou duas vezes por semana, mas ambos trabalham em dois empregos e parecem irritados e infelizes. É difícil culpá-los, já que Rohan os trata como inimigos quando aparecem. A última vez que seu pai esteve aqui, Rohan jogou seu jarro de água nele, e as enfermeiras quase tiveram que chamar a segurança.

Ele também não é legal comigo, mas eu não dou a ele muita dificuldade, e essa é provavelmente a única razão pela qual ele me deixa perto dele. Há um truque que aprendi este ano, em parte com Aron quando ele me ajudou a entender o que estava provocando a raiva de Joanna. Pensei nessa lição com todos os médicos com quem trabalhei e com todos os pacientes que tive desde aquele dia. Se eu não me concentrar nas palavras que saem da boca de Rohan, se eu não levar para o lado pessoal quando ele gritar ou me chamar de idiota e puta, se eu ficar com ele e escutar o que está acontecendo *embaixo de* suas palavras... então eu posso chegar a algum lugar. Mais longe do que eu conseguiria se exigisse algo.

E debaixo das duras palavras de Rohan está: *Estou com medo dessa merda.*

Entro na sala e me sento na cadeira ao lado de sua cama. — Ei. Alguma coisa boa? — Gesticulo para a TV.

Ele clica. — Nunca há.

— Dr. Kwan me disse que você estava programado para outro procedimento de medula óssea na próxima semana.

Ele sacode a cabeça. — De jeito nenhum eu vou deixar aquele idiota perto de mim novamente. Eu disse a ele esta manhã. Vocês nunca conversam um com o outro?

Eu dou de ombros. — Eu vi em suas anotações. E achei que você poderia se recusar a passar por isso novamente.

— Por quê?

— Não há nada pior do que estar sozinho naquela mesa, não é? Tanto tempo para esses pensamentos sorrateiros atacarem.

— Você é a psiquiatra, Nessa.

Eu rio. — É por isso que eles me pagam as quantias chorudas, Rohan. — Mas estou falando sério. Eu sei uma coisa ou duas sobre pensamentos sorrateiros. — Como agora, eles estão sussurrando que *Aron não quer você. Você não pode ajudá-lo.*

— O que diabos é um 'pensamento sorrateiro'? Eu não sou louco, se é isso que você está dizendo.

— Todos nós os temos, cara. Até você. O truque é reconhecê-los e chutá-los para o meio-fio, em vez de deixá-los enganar você, acreditando que eles falam a verdade, e isso requer sérias habilidades.

Seu queixo levanta, como se ele estivesse me desafiando a dizer que não é inteligente. Mas ele é muito inseguro para realmente fazer isso. E com muito medo, é verdade. O que não é Rohan é afiado e tem muita luta. Eu olho em seus olhos cinzentos brilhando com desafio. — Se você pudesse encontrar o inimigo certo, —

digo a ele, — você poderia totalmente chutar o traseiro. É difícil quando o inimigo não é uma pessoa. — Eu quase rio. Eu poderia muito bem estar falando sobre minha própria vida. — E é ainda mais difícil do que quando esse inimigo se instala em sua própria cabeça. Muito mais fácil lutar contra as pessoas, não é?

Ele revira os olhos. — Cale a boca. — Ele cai de volta na cama.

— Tudo bem, eu calo. Não vou brigar com você. O céu sabe que eu não venceria. Mas eu adoraria lutar do seu lado, porque eu *gosto de* ganhar.

— Se você acha que eu estou ganhando, você realmente é uma psicopata.

— Mesmo alguém tão forte quanto você tem que escolher suas batalhas. Agora você está lutando em muitas frentes. Isso deixaria alguém de fora.

— Tanto faz. — Ele olha para a tela preta da TV. Mas ele não liga de volta.

— Justo o suficiente, lutar contra as pessoas é mais fácil, mas você está desperdiçando sua energia. Especialmente quando esses pensamentos sorrateiros são inimigos muito mais perigosos e poderosos. Você teria que ser um ninja virtual para lidar com eles.

— Você é uma idiota. — Ele me dá aquele olhar desafiador de medo novamente.

— Eu sou uma idiota com treinamento ninja. — digo a ele. — Então tem isso. Você quer que eu saia?

Ele brinca com o controle remoto. — Eu não me importo com o que você faz.

Meu coração sofre por esse garoto. Ele é tão solitário e irritado, mas ele *quer* estar com as pessoas. Ele não é um daqueles garotos que se isola, embora

seu comportamento afaste as pessoas. Eu me inclino para trás e coloco meu tornozelo sobre o joelho. — Legal. Vou ficar um pouco.

E fico, sentada em silêncio e simplesmente estando lá, até que a respiração de Rohan se equilibra e eu sei que ele está dormindo. Escrevo-lhe uma nota e deixo-a na mesa de cabeceira. *Eu volto amanhã para ver se você quer começar o treinamento ninja.*

Eu verifico meu telefone enquanto saio da unidade. São quase seis e tenho um novo texto de Mark. *Eu estou com ele e ele está bem. Pensei que você poderia querer saber.*

Eu ligo para ele e ele pega rapidamente. — Ei, Nessa.

— Você está no apartamento dele?

— Sim. — diz ele em voz baixa. — Ele está dormindo.

— O quê? — Não exatamente o que eu esperava ouvir, dado o quão ferido ele estava antes.

— A Dra. Gershon lhe deu Clonazepam para derrubá-lo, e ele acabou de dormir. Ela disse que era hipomania, que ele não era totalmente maníaco, mas estava preocupada o suficiente para lhe dar algo para que não piorasse. Ela também aumentou seu lítio.

— Como ele está?

Mark suspira. — Muito chateado. Fiquei feliz por ele ter me ligado.

— Ele me disse que não me queria lá. — eu digo baixinho, deixando a dor sangrar em minha voz.

— Mas você sabe porquê, Nessa. Ele não se sente tão no controle em torno de você, e ele não quer estragar as coisas.

— Eu quero estar lá para ele, Mark, mas ele não está me deixando.

— Dê-lhe tempo. Eu não sei mais o que te dizer. Seja paciente com ele?

— Estou tentando.

Ele me diz que vai dormir no sofá de Aron essa noite, no caso de Aron acordar e precisar de alguma coisa. Eu agradeço a ele, grata que alguém está lá por Aron, o tempo todo desejando que pudesse ser eu. Volto para o escritório interno e converso com Lisa, fingindo que nada está errado. Não falo sobre como meu namorado está em uma batalha por sua sanidade, pelo controle sobre sua brilhante e preciosa mente. Não digo a ela como me sinto impotente. Não menciono a dor ou o terror. Mantenho meu medo de que eu seja parte do problema para mim mesma. Na verdade, sorrio e rio. Eu a elogio em seu último projeto de tricô, um cobertor de bebê para uma amiga dela que está esperando. Eu a acompanho até o trem.

E então vou para casa e passo o resto da noite sozinha, lutando contra os pensamentos sorrateiros que estão tentando me separar do interior.

Capítulo Vinte e Três

Na manhã seguinte, tendo lutado contra os inimigos em minha própria cabeça e saído ferida, mas vitoriosa no momento, eu pego pães, café para Mark e chá verde para Aron, e vou para seu apartamento. Mark atende a porta, parecendo desalinhado com jeans e camiseta, com uma barba grossa e irregular no queixo e nas bochechas. Ele aceita o café com um olhar de pura gratidão.

— Como foi a noite?

— Quieta.

Eu olho nos olhos dele. — Devo deixar isso ou ficar?

— Você pode ficar. — diz Aron baixinho enquanto sai da cozinha. Ele tomou banho e se barbeou; seu cabelo está molhado e desgrenhado. Ele está vestindo um suéter.

— Eu estava prestes a sair de qualquer maneira. — diz Mark, pegando sua bolsa da sala e, em seguida, enfiando a mão no saco e tomando um mirtilo para ir. — Até mais, cara. — ele diz para Aron, que acena quando Mark sai pela porta.

Entrego o chá verde a Aron e ofereço-lhe o saco, que ele põe no balcão.

— Como você está?

— Ainda um pouco sonolento, mas é melhor do que ficar nervoso. Sinto muito por ontem. — ele diz, suas bochechas suadas de rosa.

Eu passo minha mão por seu braço, e ele endurece um pouco. — Aron, você não precisa se desculpar. Ou se envergonhar. Eu estava lá com você, lembra?

Ele afasta o braço do meu aperto e esfrega a mão na parte de trás do seu pescoço. — Eu avisei no trabalho hoje, que faltaria, mas voltarei amanhã.

— Você quer falar sobre as mudanças dos medicamentos? Você está bem com eles? — Sua mandíbula flexiona. — Eu tenho que ficar, não tenho? Aparentemente, seiscentos miligramas não é uma dose alta o suficiente para me manter em equilíbrio. Vamos ver o quanto minhas mãos tremem com oitocentos, eu acho. — Ele olha para as palmas abertas, os dedos trêmulos.

Estou morrendo de vontade de levá-lo em meus braços, mas não sei se ele quer que eu o faça. — Sinto muito que isso esteja acontecendo com você.

Ele deixa as mãos caírem para os lados. — Poderia ser pior. — diz ele, dando-me um sorriso triste. — Essas crianças na unidade têm mais dificuldades do que eu, então não sei por que estou choramingando.

Você é tão corajoso, acho que meus olhos ardem de lágrimas. — Você pode lamentar. Eu escutaria.

Ele solta uma gargalhada. — Eu sei que você faria. Mas não sei por que você gostaria.

— Por favor, não me afaste. — eu falo.

Ele franze a testa quando vê a minha expressão, em seguida, lentamente estende a mão e tira meu cabelo da minha bochecha. Ele cai sobre os nós dos dedos instantaneamente, e eu fecho meus olhos e memorizo a sensação de seus dedos,

com medo de que esta seja a última vez que ele me toca. — Venha aqui, Nessa. — ele sussurra na minha escuridão. Ele me enfia no peito e beija o topo da minha cabeça. — Eu só preciso manter as coisas lentas. Ontem foi... — Ele para, e meu cérebro preenche todas as palavras possíveis: *assustador, incrível, aterrorizante, louco, horrível, fora de controle.*

— Aron, isso vai embora, do jeito que você precisa. Estou com você e não vou a lugar nenhum.

Ele não diz nada, mas não me deixa ir também. Na verdade, ele aperta os braços em volta de mim como se tivesse medo de desaparecer. Ficamos lá por mais tempo, segurando um ao outro, agarrando-nos à vida.

No dia seguinte, Kai Uchenna tem outra rodada de quimioterapia intratecal programada para a próxima segunda-feira, e estou determinada, para o bem de todos os envolvidos, a ajudar as coisas da maneira mais tranquila possível. Vai acontecer em uma sala de tratamento, então Kai não associa o que está acontecendo com sua cama, onde ele deveria descansar. Eu treinei ambos os pais sobre como falar com o filho deles. Kai e eu fizemos uma história social sobre o que vai acontecer, e todas as maneiras que ele pode mostrar como é corajoso a cada passo. Ele decidiu chamá-lo de Livro Valente.

Naquela manhã, fico com Brenda, a mãe de Kai, enquanto uma enfermeira o prepara. O pai de Kai, Louis, está do lado de fora, andando de um lado para o outro. Foi uma discussão intensa sobre qual deles estaria com Kai para o procedimento, mas isso tinha que acontecer, porque não havia como Aron permitir que ambos estivessem presentes enquanto ele trabalhava. Então, Louis aceitou e

concordou em esperar do lado de fora enquanto Brenda entrasse. Tivemos que ter uma sessão inteira sobre isso, sobre como, apesar de seu ódio por Brenda, ela ainda é capaz de sustentar seu filho, e se é bom para Kai, vale a pena tolerar.

Aron entra com Samuel Kimble, um residente que parece que ainda pertence ao ensino médio. Eles estão ambos mascarados e enluvados. Kimble vai fazer o procedimento com a supervisão de Aron, porque as mãos de Aron são muito instáveis para ele fazer isso sozinho. Ele me disse que estava bem com isso, mas eu podia ver que estava incomodando.

É a primeira vez que vejo Aron hoje, porque ele me mandou uma mensagem esta manhã para dizer que estava um pouco abaixo do clima e não se sentia preparado, então eu o observo de perto. Seus olhos verdes varrem a sala, provavelmente garantindo que não haja uma guerra acontecendo. Quando ele vê Kai deitado em silêncio na mesa com sua mãe lendo o Livro Valente para ele, o alívio inunda sua expressão, e olha para mim como se eu merecesse todo o crédito. Eu sorrio, mas hesito quando percebo o quão pálido Aron está. Tentando não me preocupar muito, dou um tapinha na perna de Kai e faço minha saída, prometendo que não vou longe.

Eu me junto a Louis no corredor. — Kai está ótimo. Eles estavam lendo o livro dele. Até aqui tudo bem, e eles estão prestes a começar.

Louis assente com a cabeça. — Brenda está fazendo tudo o que ela disse que faria? Você sabe que ela nem sempre segue em frente.

— Ela está fazendo exatamente o que discutimos, porque ela ama Kai, e sabe que ele está contando com ela.

Louis passa a mão pela cabeleira recoberta. — Quanto tempo vai demorar o procedimento?

— Eu acho que o Dr. Lindstrom disse cerca de vinte minutos. Tempo suficiente para você pegar uma xícara de café. — Eu me inclino para a frente, olhando para os punhos cerrados e batendo os dedos dos pés. — Eu me lembro da nossa conversa sobre como caminhar ajuda a manter a calma.

Ele olha para os pés e ri. — OK. Mas você tem meu número? Eu serei chamado se acontecer alguma coisa?

— Absolutamente. E Louis? Eu sei que você está com raiva de Brenda, mas lembre-se de como falamos sobre ofertas pacíficas? Ela está aqui desde muito cedo esta manhã, e ela pode gostar de um café quando sair. Apenas um dinheirinho no refeitório, mas valeria mais do que isso. Confie em mim.

Ele balança a cabeça solenemente e sai para uma rápida viagem ao refeitório. Eu fico no corredor, esperando que Kai esteja calmo e que sua mãe também esteja. Quando Louis retorna cerca de dez minutos depois, ele tem duas xícaras de café em suas mãos. — Tudo está bem. — eu digo baixinho. — Eu acho...

— Chame a Dra. Feldman para assumir agora que está dentro. — Aron está dizendo para a enfermeira enquanto ele sai rapidamente da sala de procedimentos.

— Dr. Lindstrom? — Eu digo, porque estamos na frente dos pacientes, mas ele não me reconhece. Ele caminha hesitante pelo corredor e em torno de uma esquina, seu ombro batendo na parede quando ele se vira. Eu fico lá por um segundo, congelada pela confusão, mas estou em ação quando ouço o som inconfundível de vômitos. — Louis, o Dr. Kimble e as enfermeiras são capazes de lidar com isso muito

bem, e o médico assistente vai estar aqui a qualquer segundo, então Kai está realmente em boas mãos. Eu tenho que ir e ajudar o outro médico agora. — Eu tranco os olhos com ele enquanto meu coração acelera. — Lembre-se de quão importante é para Kai ter um tempo de recuperação pacífico? Não brigando ou gritando? Você pode fazer isso acontecer, certo?

As sobrancelhas de Louis estão quase à sua altura do cabelo enquanto ele ouve o som do médico de seu filho vomitando apenas um corredor de distância, mas ele balança a cabeça. Assim que ele acena, eu digo a ele que vou checar mais tarde e corro atrás de Aron. Ele está no corredor da equipe e estava claramente tentando chegar ao banheiro quando se sentiu mal.

Quando chego a ele, ele está encostado na parede, a máscara pendurada em uma orelha, parecendo que está prestes a cair na poça de vômito a seus pés. Eu envolvo meus braços ao redor de seu peito para mantê-lo em pé.

Sua têmpora roça meu queixo e é fria e úmida e faz meu coração doer por ele. — Oh Deus. Desculpe. — ele geme.

— Posso ter um médico, por favor? — Eu grito pelo corredor, e Dr. Poehler, um dos assistentes, abre a porta do escritório e põe a cabeça para fora.

— Deixe-me pedir uma limpeza, — diz ele quando vê a bagunça. — Aron, quer entrar e sentar?

Eu ajudo Aron a chegar à porta, e ele se segura contra isso. — Tonto. — diz ele, segurando-me como se eu fosse sua tábua de salvação. Eu o ajudo a sentar em uma das cadeiras em frente à mesa do Dr. Poehler. Ele está pálido como um fantasma e parece tão aturdido. O medo por ele floresce no meu peito. Ele coloca os cotovelos

nos joelhos, mas se inclina para mim quando acaricio seus cabelos, descansando a cabeça contra o meu quadril.

— Você vai vomitar de novo? Eu poderia pegar uma bacia e um pouco de água... — Eu olho para ele. Seus olhos estão fechados enquanto ele inspira profundamente pelo nariz. Isso pode ser um vírus estomacal, mas... — Aron,você verificou o nível de lítio desde que seu psiquiatra aumentou a dosagem? — pergunto em voz baixa.

Ele concorda. — Quando exatamente?

— Ano passado. Semana passada. Amanhã. Eu não sei.

Meu estômago se aperta de medo. Ele está confuso. Tonto. E doente. O Dr. Poehler volta para a sala com um copo de água. — Como estamos indo? Você pegou aquele vírus que está circulando por aí?

— Eu não acho que seja isso. — eu digo, batendo meu pânico porque não vai ajudar nada agora. — Eu acho que pode ser envenenamento por lítio.

As sobrancelhas de Dr. Poehler se levantam. — Aron? É isso que você pensa que está acontecendo?

— Eu não sei, — murmura Aron. — Eu me sinto mal.

Enquanto seguro a cabeça de Aron, recordo os sintomas para o Dr. Poehler e explico a recente mudança de dosagem. O fato de que Aron está resmungando em sueco o tempo todo me ajuda a fazer o meu caso. Poehler parece intrigado por eu saber tanto sobre a toxicidade do lítio, mas quando o seu namorado tem transtorno bipolar, pesquisar os efeitos colaterais de seus remédios com cuidado obsessivo vai

ao encontro do território. O que quer que Poehler pense, ele parece acreditar que eu posso ter razão. Ele verifica a pressão sanguínea de Aron e ouve seu coração. Ele me garante que Aron não está em perigo de vida neste momento, mas ele concorda que Aron precisa de tratamento imediato e chama a equipe médica de emergência.

Quando Aron vê o paramédico entrar na sala, ele se levanta e cambaleia, e Poehler e eu o pegamos para evitar que ele caia. A expressão é de medo.

A última vez que ele enfrentou a emergência, não foi bem.

— Aron, tudo bem. Tudo bem. — eu digo quando o colocamos em uma cadeira novamente. Ele está tremendo, mas não posso dizer se é porque está chateado ou por causa do lítio. Enquanto Poehler responde às perguntas dos paramédicos sobre os sinais vitais de Aron, tomo seu rosto em minhas mãos e tento fazê-lo olhar para mim. — Aron. Você está doente e vai piorar se não formos ao hospital. Por favor. Não é o mesmo da última vez. De modo nenhum.

Ele está piscando, tentando colocar meu rosto em foco talvez. — Nós terminamos? Eu terminei?

Eu mordo meu lábio e passo meus dedos pelos cabelos dele. — Sim, você terminou. E agora estamos indo, ok?

— OK. Leve-me para casa, Nessa. *Jag vill åka hem* (Eu quero ir para casa). — Ele agarra meus braços e tenta se levantar, e porque os paramédicos estão lá, eu o ajudo. Ele se inclina pesadamente em mim e dá alguns passos vacilantes até à porta.

— Vamos para casa, Aron, mas primeiro temos que levar você ao médico. — Eu chamo a atenção de um dos paramédicos. — Eu preciso ficar com ele, por favor. Ele

não tem família aqui e está confuso. Ele não deveria ter que ficar sozinho. Não há como eu deixá-lo ir sem mim. Estou com medo de perdê-lo novamente.

— Você pode andar na frente. — diz o paramédico, olhando para Aron. — Tudo bem com você, doutor?

— Nessa. — diz Aron, apertando meus braços. — Eu não me sinto bem. — Ele começa a escorregar no chão, mas os paramédicos o pegam e nós meio que o levamos para a maca no corredor. Aron mal luta. Ele está ocupado demais tentando não vomitar, ele parece quase verde. Os paramédicos rapidamente conectam uma solução na IV, enquanto Poehler explica que é isso que Aron mais precisa - fluidos que ajudarão o acúmulo de lítio a limpar seu sistema. Aron fica parado, com os olhos fechados, o rosto pálido. Mas quando eles começam a mover a maca, seus olhos se abrem e seu olhar pousa em mim.

— Eu vou com você. — eu digo a ele. — Eu vou estar lá.

— Ok. — ele sussurra, seus olhos se fechando novamente. — Obrigado.

Aron é admitido no hospital com um nível de lítio no soro de 1,9. Eu sei pela pesquisa do meu efeito colateral que o nível terapêutico está entre 0,7 e 1,2, então é assustador ver o que acontece quando há muito no sistema de Aron. Com o tratamento, sua confusão desaparece rapidamente. Mark liga para mim depois de visitar Aron na tarde seguinte, mas eu o vejo assim que entro em seu quarto naquela noite, depois de um longo dia no CHOP que incluiu uma sessão vespertina de treinamento de mente ninja com Rohan que eu provavelmente precisava tanto quanto ele.

Aron está sentado na cama, com a IV presa ao braço, vestindo uma camiseta gasta e moletom. Há uma caneta na mão e um jornal de oncologia aberto em seu colo. — Hey. — diz ele enquanto eu entro.

— Ei. — eu respondo, atravessando o quarto e me inclinando para beijar sua bochecha. Mas ele se inclina um pouco. — Como foi seu dia? — Pergunta ele.

Eu me endireito, lembrando-me que ele passou por muita coisa, o que não tira a sua rejeição silenciosa. — Longo. E o seu? Você falou com sua psiquiatra?

Ele vira o rosto para a janela. — Sim. Estou fora do medicamento por agora, mas ela disse que eu poderia começar a tomar de novo quando tiver alta. Ela baixou bastante a dose e adicionou Abilify. Ela disse que perdi um pouco de peso e que, com o aumento da dose e o fato de não estar suficientemente hidratado, foi o que aconteceu.

— Tudo bem... e como você está se sentindo? — Seu rosto é inexpressivo e sua voz é monótona, e está me assustando pra caramba.

— Melhor. Ainda nauseado, mas eu comi um pouco. Meu nível de lítio caiu para 1.5. Eles querem abaixo de um.

— Você sabe quando vai ser dispensado?

— Na sexta-feira, eles acham. — ele diz baixinho.

— Bem, bom. Noite de filme? Sua casa? — Minha voz soa irritantemente animada, até para mim.

— Nessa, acho que preciso de algum tempo. E acho que você também pode precisar. Isso não pode ser bom para você. — Ele finalmente se vira para mim, e há

dor em seus olhos verdes. — Não acredito que lhe pedi para ficar em Filadélfia por mim. Você não precisa disso em sua vida.

— Você não é a única razão pela qual eu fiquei, e por 'isso', você quer dizer... o quê? — Ele faz uma careta e gesticula ao redor da sala.

— Isso. Eu. Tudo isso.

— Não. — eu digo. — Não se atreva. Você disse que tentaria. E eu acreditei em você.

— Eu estou tentando.

— Como você pode dizer isso? — Eu pergunto, minha voz tremendo. — Você me afasta toda vez que uma coisinha dá errado.

Aron revira os olhos. — *Uma coisinha*'? Nessa. Por que você gostaria de estar com um cara que perde sua mente e seu almoço quando ele não bebe água suficiente? Você gosta de andar em ambulâncias? Que tal afastar meus avanços inapropriados quando não tenho remédios suficientes a bordo? E se não for a pior coisa que eu faço? — Sua voz se quebra e ele olha para o diário em seu colo. — Você deveria estar correndo para o outro lado.

Eu quero sacudi-lo, mas ao invés disso digo:— Você me respeita, Aron? Não, olhe para mim. Você disse que não gostou quando tentei me esconder, mas você está fazendo a mesma coisa para mim. — Ele lentamente levanta o olhar para o meu. — Obrigada. Agora, você me respeita?

— Você sabe que sim. É exatamente por isso que eu estou...

— Cale-se. Então você me respeita. Impressionante. Você confia em mim? — Ele suspira. — Nessa… sim, confio em você. É em mim mesmo que não...

— Pare. *Acima.* Eu entendo que você não confia em si mesmo. Eu entendo que isso é assustador. Estou com medo também, e não vou me esconder disso antes de te conhecer. Mas você acabou de dizer que me respeita e confia em mim. Excelente. Eu tenho mais uma pergunta. Você me quer? Como você costumava, quero dizer. Cérebro, coração e corpo. Não há paredes entre nós, compartilhando tudo.

Seu olhar cai, enviando uma onda fria de medo sobre mim. Mas, de alguma forma, consigo ficar muito quieta e silenciosa enquanto espero a resposta dele. Finalmente, ele murmura algo inaudível.

— O quê?

— Eu disse *sim*! — Ele grita, ganhando vida, apertando os punhos. — Sim! Eu quero você. *Toda* você. Tanto que dói. Mas você merece melhor que isso!

Eu fecho a distância entre nós em um instante e tomo seu rosto em minhas mãos. — Mas quando eu digo que você é quem eu quero, e se esse tipo de coisa vem junto com isso, então eu estou bem com isso. — eu digo enquanto lágrimas inundam meus olhos, — se você confiar em mim, você acreditará que isso é verdade. E se você me respeitar, você saberá que eu tenho o direito de tomar essa decisão, e que você não precisa fazer isso por mim. E se você me quer bem, isso deve facilitar, porque eu sou sua.

Eu o beijo forte, e depois de um momento de hesitação, ele me beija de volta, seu braço livre enrolando em volta da minha cintura e me puxando para perto. — Eu

não quero que você esteja aqui porque você sente que tem que estar, — diz ele, sua voz abafada quando ele enfia a cabeça no meu pescoço, escondendo o rosto de mim. — Eu não quero que você se sinta presa porque sente pena de mim.

Dolorida por ele, eu chuto meus sapatos e subo na cama. Quando coloco minha mão em seu peito, sinto seu coração acelerado. — Estou aqui *por causa* de você, Aron, não por pena de você. Porque eu confio em você se você faz ou não. E eu respeito e admiro você mais do que qualquer outra pessoa neste mundo. Não há outro lugar onde eu queira estar.

— *Eu* quero estar em outro lugar. — ele murmura. Mas então ele coloca o diário e a caneta na mesinha lateral, permitindo que eu me aproxime ainda mais.

Eu me aconchego quando ele levanta o braço e me deixa descansar dentro da curva de seu ombro. Eu me encaixo com seu corpo longo e magro, e pressiono meu rosto em sua garganta, cansada de estar com medo, cansada dele tentando me afastar. Ele tem tudo de mim, cérebro, coração, corpo. Mas eu não tenho tudo dele. Ainda não. — Onde você estaria então, se você pudesse estar em qualquer lugar?

Ele encosta a bochecha na minha testa. — Eu estaria no *Kungsleden*, eu acho.

— E o que é isso?

— Fica no norte da Suécia. É todo o deserto, essa longa trilha pelos vales, lagos, montanhas por toda parte. Às vezes, ele passa pelo pântano e, nesses trechos, são apenas pranchas estreitas sobre o pântano, que se estendem por quilômetros. Nenhum prédio, nenhum hospital. Você pode ir lá e ficar totalmente sozinho, se quiser.

— Uma fuga.

— Sim.

— Isso soa bem. — Eu viro minha cabeça e beijo seu peito. — E… você gostaria de estar? Totalmente sozinho, quero dizer.

Ele fica quieto por alguns momentos. E então. — Bem, talvez não *totalmente* sozinho. Você tem um par de botas de caminhada?

Eu o aperto. É suficiente. Nem tudo que eu quero, mas considerando o que nós passamos, eu vou riscar isso como uma vitória.

Capítulo Vinte e Quatro

Eu assisto Aron como um falcão pelas semanas seguintes, pronta para ele correr ou se afastar, mas algo sobre a nossa conversa no hospital parece tê-lo acalmado um pouco. Voltamos à nossa rotina, fazemos o Kai passar por outro procedimento, vamos com calma. Bem, mais ou menos. Minha defesa de dissertação está se aproximando, e eu tenho que terminar o esboço e enviá-lo ao comitê, depois preparar minha apresentação. Apenas o pensamento de trabalhar nisso me deixa enjoada.

Então, claro, eu evito isso. Não é como se eu não tivesse outras coisas para fazer. Eu tenho um monte de casos dos pacientes. Estou em um monte de comissões hospitalares. E se Aron estiver livre, eu estou com ele, porque não há nada melhor do que segurar a mão dele, andar pelas ruas do centro da cidade, sair no lago e observar as tartarugas enquanto ele me bate no xadrez, ou sentada em sua varanda com a brisa agitando nossos cabelos. Os dias passam, e apesar de Aron ter ficado abalado com o que aconteceu, ele está trabalhando duro como sempre e se dando bem com a nova medicação. Melhor que bem, na verdade. Todos os dias, ele parece um pouco mais confiante. A maioria dos residentes tem pavor dele, não porque ele seja mesquinho, mas porque ele exige precisão e perfeição bem como gentileza e consideração por seus pacientes e ele é frio quando não tem isso.

Lisa entra no escritório interno em uma manhã de segunda-feira no final de Maio, absolutamente brilhante. — Parece que a defesa da dissertação correu bem. — comento.

Ela se curva. — Acabei de voltar na noite passada. Meu voo de Richmond atrasou, mas eu mal me importei! É um alívio tão grande, Nessa. Quando você se defende?

Meu estômago aperta. — Em cerca de um mês.

— Por que você parece estar precisando urgentemente de uma bacia? Você não enviou sua dissertação para a sua comissão?

— Estou chegando lá. Está quase pronta.

Sua testa franze. — Pratiquei minha defesa por um mês depois que enviei o rascunho final para a comissão.

Eu aceno minhas mãos. — Mude de assunto ou eu realmente vou ficar doente.

Ela fecha a porta do escritório, com uma expressão alegremente conspiratória no rosto. — Ok, que tal isso? Estou grávida.

— Oh, Lisa! Oh! — Eu pulo e a abraço. — Então, isso não é apenas o brilho do triunfo intelectual.

Ela ri. — Não, eu acho que não, — diz ela quando nos afastamos e sentamos. — Eu não contei a mais ninguém ainda. Mas estou na verdade quase três meses. Nasce em Dezembro.

— Fantástico! Mas, como é que vai afetar o seu pós-doutorado? — Ela aceitou uma bolsa para trabalhar em um projeto de pesquisa com mães de bebês de alto risco na UTIN, o que parece ser o ajuste perfeito para ela.

— Espero que eles me ajudem a trabalhar. — diz ela. — Parece que eles entenderiam, mas eu sei que é difícil para algumas daquelas mães cujos bebês são

tão pequenos e doentes verem outra mulher que está realmente grávida, talvez mais além do que eles conseguiram.

— Isso assusta você, vendo todos aqueles bebês assim?

Ela encolhe os ombros. — Talvez um pouco. Mas tudo está indo bem até agora, e eu vou levar isso um dia de cada vez. — Ela me dá um olhar cauteloso. — Então, agora que você está decidida e tem o seu pós-doutorado tudo planejado, você e Aron falaram sobre o futuro?

Eu torço meus dedos juntos no meu colo. — Estamos vivendo o momento.

— É isso que você quer?

— Bem, eu não posso reclamar, ele é o mais cavalheiro de todos os peixes no mar, afinal de contas. — E mais uma vez, é meio que me matar. Especialmente porque, desta vez, não é porque ele está me provocando. Ele não está pronto para me dar tudo dele porque tem medo de que não seja bom, nem durável ou forte, não o suficiente. — Ele está recuperando sua confiança. Está demorando um pouco.

O que aconteceu com Aron no Outono é uma espécie de segredo aberto neste momento. Nick, que aparentemente ouviu isso de um dos residentes que ouviu de uma enfermeira que ouviu isso de Jefferson, certificou-se disso. Fiquei muito feliz quando a única oferta de pós-doutoramento que Nick conseguiu foi em Sante Fe, então, em Setembro, nunca mais o verei.

— É compreensível que Aron possa se sentir um pouco instável. — A cadeira de Lisa guincha quando ela desloca seu peso. — Mas você está recebendo o

que *você* precisa, Nessa? Você é tão carinhosa, mas não pode cuidar de alguém o tempo todo, especialmente com tudo o mais para se preocupar.

Eu levanto a cabeça e olho para ela, percebendo o que ela está dizendo.

— Você acha que meu relacionamento com Aron é unilateral?

Ela levanta as mãos. — Eu só estou perguntando, quem cuida de *você* ?

— Eu sei. — eu digo.

Ela balança a cabeça e pega seu caderno. — Bem, então lembre-se de terminar sua dissertação, ok? Porque alguém precisa se certificar de que você faça aquilo.

Quando o fim de semana chega, as palavras de Lisa se infiltram no meu cérebro. Ela está certa talvez não sobre tudo, mas eu preciso terminar minha dissertação ou, mesmo depois de todo esse trabalho, eu posso dar adeus à ideia de me formar em Agosto. Minha comissão espera um rascunho finalizado em exatamente nove dias. Então eu me levanto cedo no sábado, ligo o computador e lanço pilhas de artigos de referência debaixo da minha cama. Eu torço por aí, encontro os que eu preciso, citando na minha seção de discussão, abro meu arquivo de dissertação e sento-me lá, mãos no teclado.

Encarando.

Depois de um tempo, levanto-me e faço farinha de aveia, depois volto ao computador e escrevo algumas palavras. Então vou tomar um banho. Com o cabelo molhado pelas costas, sento-me e escrevo um parágrafo. Eu verifico meu e-mail, falo com minha mãe no telefone e depois apago o parágrafo porque não faz sentido. Eu passo três horas desse jeito e acabo com duas frases inteiras.

E então Aron me manda uma mensagem: o filme que você mencionou no outro dia está passando na Bourse em 1 hora.

Você está me convidando para sair?

Opa, desculpe, eu queria mandar uma mensagem para outra pessoa. Por isso você me deve pipoca. E doces.

E as negociações estão em andamento. Te pego em dez? Eu terei minha lista de demandas prontas.

Eu corro para o banheiro, chio quando vejo o jeito que meu cabelo está seco, e o puxo em um rabo de cavalo, desejando ter pedido trinta em vez de dez. Mas quando a batida de Aron chega, estou na porta, abrindo-a com a escova de dentes na mão. Aron ri quando vê minha aparência desconcertada. — Você dormiu até tarde? — Ele pergunta enquanto entra.

Eu dou de ombros e levanto o dedo, apontando para a minha boca espumosa, em seguida, corro para o banheiro. Quando saio, Aron está de pé na minha cama, franzindo a testa. — Você estava trabalhando.

— Oh. Sim. Mas isso pode esperar.

Ele pega um dos artigos e lê o título. — Isso não é nada para o CHOP. Isto é para sua dissertação.

Eu me junto a ele ao lado da cama, mal conseguindo ver a dispersão de artigos pelo edredom. Antes desta manhã, fazia semanas desde que trabalhei na minha dissertação. Na verdade... tem sido desde antes de Aron e eu voltarmos juntos. E agora eu estou tão atrás disso sempre que eu me sento para terminar a maldita

coisa, a ansiedade é como um choroso guinchar de gatos ferozes na minha cabeça, tornando muito difícil me concentrar. Convenientemente, os gatos ficam em silêncio quando eu começo a fazer qualquer *outra* coisa *além* de trabalhar em minha dissertação.

Aron me dá um olhar preocupado. — Você não me disse na semana passada que tinha reservado sua passagem para Madison no final de Junho?

Eu concordo. E engulo. Duro.

Seus olhos se estreitam. — Quando é a apresentação final devido à sua comissão?

Eu cruzo meus braços sobre o peito. — Uma semana. — murmuro.

— O quê? — Sua voz fica afiada.

— Uma semana. Mas tudo ficará bem. Eu só tenho que sair da seção Discussão. Podemos ir? — Eu pego sua mão e começo a puxá-lo para a porta.

Ele solta uma gargalhada. — Você está brincando, certo? — Ele inclina a cabeça. — Estagiária Cavenaugh, você está me usando para procrastinar?

Eu mordo meu lábio. — Não, eu estou usando você para pipoca. E um filme e doces.

— Boa tentativa. Nós não vamos a lugar nenhum. *Você* vai trabalhar na sua dissertação.

Eu me sento em direção a ele e deslizo meus braços ao redor de sua cintura. — Mas... doce.

Ele puxa meus braços para longe de seu corpo, sua expressão séria me dizendo que não está nem um pouco divertido com as minhas tentativas adoráveis de distraí-lo. — Essa não é você, Nessa. O que está acontecendo?

Eu caio na cama. — Eu tenho adiado isso, e agora, toda vez que abro o arquivo, meu estômago tenta se virar do avesso.

— Obrigado por esse visual evocativo. — Ele se ajoelha na minha frente, parecendo um pouco como ele faz quando fala com um residente que o desapontou. — Por que você não me disse que isso estava acontecendo? Eu estava supondo que você tinha acabado. Você não mencionou uma vez. No Outono, foi sua maior prioridade. Lembro-me de me preocupar que você fosse terminar comigo porque eu estava tomando muito do seu tempo.

Eu roço meus dedos ao longo de sua bochecha. — E você me mostrou o quanto eu precisava de outras coisas além do trabalho na minha vida. — Eu me inclino para a frente e toco meus lábios nos dele. — E você estava certo.

Ele me leva pelos ombros para criar distância entre nós. — Mas isso era ter equilíbrio entre trabalho e vida, não abandonar um em favor do outro. Você não pode colocar isso em mim, eu nunca tentei te afastar do seu trabalho. Eu entendo como é importante. — O canto da boca dele levanta. — E como você é boa nisso.

Olho pela janela. — Eu tenho estado meio preocupada ultimamente.

— Comigo, você quer dizer. Com tudo que eu coloquei em você, — diz ele em uma voz oca.

— Não. Foi mais fácil quando você se foi, na verdade. Eu era super produtiva, porque era a única maneira de não desmoronar. Mas agora eu tenho você de volta e...

— Você foi longe demais na outra direção. Você precisa descobrir como ser produtiva quando estou por perto. — Ele captura meu queixo e vira meu rosto para o dele. — Ou eu não vou estar por perto. Não há como eu segurar você.

— Eu prefiro passar um tempo com você. — eu digo baixinho. — Isso é tudo. No Outono, não estava preocupada que você desaparecesse. Mas agora, às vezes eu tenho medo de que cada hora com você seja a última. É assim que me sinto em alguns dias, Aron. Então aproveito cada momento que posso conseguir.

Seus olhos pesquisam os meus. — Entendo. — ele finalmente diz. — Só uma coisa a fazer, então. — Ele se levanta, se inclina para beijar minha testa, se dirige para a porta e se vai.

Eu sento na minha cama, olhando para ele, meu coração afundando, tentando não surtar. Eu ainda estou sentada lá alguns minutos depois, pensando em se começo a chorar ou pego um pouco de álcool, quando ele me manda uma mensagem. — *Twizzlers, Raisinets ou Junior Mints?*

Minha boca cai aberta. *...? Twizzlers?*

Escreva uma página e me ligue.

Eu olho para a tela do meu celular enquanto um sorriso se espalha pelo meu rosto.

Está bem.

Não pense que você pode enganar. Você vai ler para mim pelo telefone antes de eu voltar.

Meu sorriso se torna um sorriso.

Sim senhor.

Eu me jogo na minha cadeira e pego alguns artigos recém-energizados. O uivo do coro do gato selvagem ainda está lá, mas quando começo a digitar, não percebo muito. Demoro uma hora e depois ligo para Aron e leio a página para ele.

— Excelente. — diz ele, depois desliga.

Ele está na minha porta dez minutos depois, carregando um enorme pacote de Twizzlers, com sua mochila pendurada no ombro.

— Eu te amo. — eu sussurro quando ele me entrega o doce.

Ele me deixa abraçá-lo e depois se afasta. — Se você quer que eu fique, é melhor continuar trabalhando. No momento em que você parar, eu vou embora.

Eu choramingo, e ele pisa alegremente em direção à porta, então eu pego um punhado de sua camisa. — OK! Eu aceito seus termos!

Ele abaixa a cabeça enquanto eu me levanto na ponta dos pés. — Tudo bem. — Ele recompensa o meu cumprimento com um gosto de seus lábios antes de colocar as mãos nos meus ombros, virando-me, e me guiando de volta para a minha cadeira. Ele recolhe meus artigos espalhados e os empilha ao meu lado, pega um copo de água da cozinha e se acomoda na minha cama, tirando alguns jornais de dentro da bolsa. — Se eu tiver a sensação de que estou distraindo você...

Eu levanto minhas mãos. — Eu sei. Você irá embora.

Ele sorri. — Estou feliz que tenhamos um entendimento.

Eu começo a digitar, mas também estou sorrindo. E, ansiosa para mantê-lo onde ele está, eu me envolvo no trabalho, escrevendo sobre as implicações da minha pesquisa, as limitações dos estudos e futuros experimentos que podem expandir as descobertas. Aron me faz café enquanto eu mastigo meus Twizzlers, que têm um gosto particularmente bom hoje. Ele adormece no meio da tarde, um jornal aberto em seu peito, e eu paro por alguns minutos, observando seu lindo rosto e imaginando a dor profunda e macia dentro de mim. Mas então volto para minha tarefa.

— Hora de um relatório de progresso. — ele murmura por volta das cinco, levantando-se e indo até à mesa. Seus dedos deslizam pelo meu pescoço e fazem cócegas na minha clavícula, e eu fecho meus olhos e saboreio a sensação de sua pele contra a minha. — Até onde você chegou?

— Hmm? — Eu pergunto, inclinando a cabeça para trás até que repousa em seu estômago, que treme de riso.

— Você é altamente distraída. — diz ele, e começa a puxar as mãos do meu corpo.

— Não! — Eu capturo suas mãos, colocando-as sobre o ombro e a garganta. — Eu preciso de contato físico em troca das informações que você solicitou.

Ele solta um suspiro exagerado. — Muito bem. — Ele começa a massagear meus ombros, seus polegares cavando os músculos tensos em ambos os lados da minha espinha. — Você pode ter minhas mãos se você me ler o que escreveu até agora.

Eu gemo enquanto ele amassa um ponto dolorido com habilidade surpreendente. Minha cabeça cai para a frente, mas ele diz:— Não, respeite os termos, Sra. Cavenaugh.

— Logo vai ser Dra. Cavenaugh. — eu resmungo.

— Só se você respeitar os termos. — diz ele com uma risada. — Agora leia.

E eu faço. Quando termino, ele faz perguntas ridiculamente inteligentes que me dão algumas ideias para as coisas que preciso adicionar. Então ele diz:

— Acho que você ganhou uma recompensa.

Ele inclina a boca sobre a minha, e eu deslizo minha mão em seu cabelo e corro minha língua ao longo de sua boca, buscando mais, desesperadamente com fome depois de semanas de beijos cuidadosos e silenciosos. Ele enrijece por um momento, mas então seus dedos se fecham suavemente sobre a minha garganta e ele se abre para mim com um gemido abafado. Eu arqueio minha cabeça para trás, desejando que sua mão deslizasse para baixo, desejando seu toque, desejando sua língua, desejando.

Ele puxa para trás, mordiscando meu lábio inferior como um pedido de desculpas.

— Por um trabalho bem feito. — diz ele suavemente, em seguida, emoldura meu rosto com as mãos e beija minha testa.

Eu me viro na cadeira e coloco meus braços ao redor de sua cintura. — Obrigada por hoje. Não acredito que escrevi tanto.

— Você ainda não terminou.

— Ugh. Por favor, me diga que você não espera que eu faça mais. Estou tão cansada.

Ele me puxa para cima e em seus braços. — Não, não esta noite. Acontece que há outra exibição do seu filme às sete. Pronta?

Eu pressiono meu rosto no peito dele. — Sim. Mas eu não acho que precise de mais doces. Comi meio quilo de Twizzlers esta tarde.

— Você teria que ganhar de qualquer maneira. E por falar nisso, dadas as circunstâncias, acredito que mereço pipoca. E possivelmente nachos. Estou faminto.

Eu dou risada. — Eu também.

Eu me preparo e saímos. Enquanto andamos até ao ponto de ônibus, minha mão na dele, penso na minha conversa com Lisa no início desta semana. *Quem cuida de você?* Sua voz sussurra na minha cabeça.

Ficamos no ar quente da noite, e olho para Aron, seu cabelo dourado bagunçado, seu rosto angular e sua mandíbula firme, seus olhos em mim. E, enquanto um caloroso sentimento de admiração se espalha através de mim, eu penso: *ele cuida.*

Capítulo Vinte e Cinco

Aron me salva. Ele aparece no domingo e fica comigo o dia todo, trazendo-me comida, me recompensando com beijos doloridos e massagens longas enquanto trabalho febrilmente para terminar minha dissertação. Ele faz o mesmo no fim de semana seguinte e, tarde da noite de domingo, eu o envio para a minha comissão bem a tempo. Então eu preparo minha apresentação, e Aron pacientemente me escuta praticar. Ele até reserva a sala de conferências do departamento de Onco, numa tarde de quinta-feira à tarde, e leva Mark, Lisa e alguns dos residentes para ouvir um teste subornando-os com pizza. No final de junho, bem preparada, saio para Madison para a defesa da minha tese. Aron não aparece e me tira do chão, mas ele me escreve uma carta e coloca na minha bolsa quando não estou olhando.

Querida Nessa,

Eu não sei quando você estará lendo isso, seja nos minutos nervosos antes de sua defesa ou nas horas triunfais depois. Eu simplesmente queria te dizer como estou orgulhoso de conhecê-la. Se você duvida de si mesma, minha prescrição seria reler esta carta, porque vou lhe contar o que vejo quando olho para você: uma mulher tão bela que me faz doer, tão adorável que não posso deixar de sorrir ante o pensamento dela, tão brilhante que ela pode atirar-me no chão, tão compassiva que ela me faz querer ser uma pessoa melhor, tão feroz que eu estou bastante convencido de que ela poderia me derrubar, e tão paciente que ela me faz sentir como se eu tivesse terra firme debaixo dos meus pés. Às vezes é difícil colocar tudo

isso em palavras e sei que não consegui dar tudo que você precisa. Mas eu quero e estou tentando, porque você merece isso e muito mais.

Seu, Aron

Só descubro a carta depois da defesa, e é uma coisa boa também, porque levo muito tempo para parar de chorar.

Em julho, eu ligo para minha mãe e falo sobre Aron e o que está acontecendo com ele. Ela começa a rir. — Tudo faz sentido agora, — diz ela. — Como ele está?

— Já se passaram seis meses desde sua última luta com depressão e oito desde a mania, e ele está estável em seus remédios atuais por mais de dois meses, então eu diria que estamos bem.

— Eu percebo o seu uso de 'nós', garota.

— Eu não tenho certeza se Aron se sente assim ainda. — eu digo baixinho. — Mas eu espero. — Nós crescemos mais perto a cada dia, mas ainda estamos nessa pista lenta e agonizante porque é onde Aron precisa estar.

— Foi da mesma maneira com seu pai. A pessoa com os problemas vai ter mais dificuldade em aceitar a parte 'nós', porque *você* sempre pode ir embora a partir dele. Ele, a doença, o aborrecimento, as limitações, tudo isso. E ele não pode. Ele está preso com isso.

— Eu não tinha pensado nisso dessa maneira. Quero dizer, ele cuida de mim tanto quanto eu cuido dele. Você já encontrou um jeito de convencer o pai?

— Não tenho certeza. Mas todos os dias ele acordava e me encontrava ao lado dele ajudando.

Eu mordo meu lábio. Nós ainda não estamos acordando juntos, embora esteja ficando cada vez mais difícil lembrar por que eu deveria partir quando é hora de dizer boa noite. — Você parece tão calma, mãe. Eu pensei que você estaria chateada.

— Nessa, você é tão inteligente, e tão forte, que eu não tenho certeza se alguém poderia tirar você da sua ideia, mesmo desta. Mesmo assim, posso *finalmente* conhecê-lo?

— Eu estava esperando que você dissesse isso.

Ela dirige até Philly no fim de semana seguinte e leva-me e a Aron para fora para um dia em Chinatown. Em um ponto, eu me desculpo para ir para o banheiro feminino, e enquanto passo pelo cavernoso restaurante de volta à nossa mesa, vejo minha mãe e Aron conversando. Ou talvez argumentando. É tão intenso. Eu fico lá por um tempo, observando-os, imaginando se Aron precisa ser resgatado, mas ele parece estar se segurando. E então ele olha para cima, como se estivesse se perguntando por que estou demorando tanto, e me vê ali de pé. Sua sobrancelha arqueia e sou pega.

Volto para a mesa, e os dois agem como se conversassem sobre o clima o tempo todo que eu estava fora. Com um sorriso de satisfação no rosto, mamãe paga a conta e nos leva de volta ao apartamento de Aron. Mas quando eu beijo sua bochecha e digo adeus, ela sussurra: — Eu acho que ele vale muito a pena ser um *nós*.

Quando entramos em seu prédio, eu finalmente não aguento mais. — Você me viu vendo vocês falarem, e você me conhece bem o suficiente para saber que está me deixando louca.

Aron coloca o braço em volta dos meus ombros e me dá um sorriso malicioso e dolorosamente familiar, que eu vejo cada vez mais nos dias de hoje. — Mesmo? Você parece muito relaxada para mim. — Ele ri enquanto eu dou uma cotovelada. — Depois de conversar com sua mãe, vejo de onde você tira a coragem.

Entramos em seu apartamento e nos acomodamos no sofá, nosso local preferido para dormir. Eu relaxo quando sinto as linhas firmes de seu corpo ao lado das minhas, enquanto minha cabeça encontra seu lugar em seu ombro, enquanto seu braço se enrola em volta de mim, mantendo-me perto. — Sério, você não vai me dizer o que vocês estavam falando?

Sua boca se ergue. — Seria mais divertido se você adivinhasse.

— Ela contou sobre meu pai?

— Ele assenti.

Meus dedos enrolam em sua camisa. — Ela perguntou você sobre seus remédios e tratamento?

— Perguntou. Você pode culpá-la?

— Ela foi legal sobre isso, pelo menos?

Ele corre a ponta do dedo pela minha bochecha. — Ela foi, na maior parte. Ela queria saber que eu estava assumindo a responsabilidade por mim mesmo e não

esperando que você cuidasse de mim o tempo todo. Ela queria ter certeza de que eu conseguiria segurar o final das coisas, por assim dizer.

Eu fecho meus olhos. — Ugh. Desculpa.

— Foi uma pergunta justa. — diz ele gentilmente. — Eu disse a ela que era importante para mim também, e não algo que eu tomei de ânimo leve.

— E ela disse a você que eu poderia acabar com o mesmo distúrbio? É provavelmente por isso que ela disse metade das coisas que disse.

— Ela realmente não mencionou isso, mas é um dado, já que existem fatores genéticos. O risco não é grande, no entanto. — Ele afasta o cabelo do meu rosto. — Isso assusta você?

— Claro que sim, mas não me debruço sobre isso. Ela faz isso por mim.

— Bem, as mães tendem a fazer isso. — diz ele com tristeza. — Mas ela sabe o quão forte você é, Nessa. — Ele inclina a cabeça e escova os lábios sobre os meus, e é tão doce que faz meus dedos enrolarem. — É difícil perder.

— E se eu não quiser ser forte o tempo todo?

— Eu não tenho certeza se você pode evitar. É simplesmente parte de você. Mas você não precisa agir se não estiver sentindo. — Ele sorri, e é ao mesmo tempo travesso e desejoso. — Isso pode me fazer sentir um pouco mais forte, se eu fosse o único resgatando *você* às vezes.

— Você está falando sério? Você percebe que é exatamente o que você fez, certo? Mesmo que você queira descartar tudo o que fez por mim no Outono, o que você *não* deveria, você *não* pode deixar de lado o que fez nos últimos meses. Eu

provavelmente não teria terminado minha dissertação se você não tivesse me ajudado. — Eu capturo seus dedos e os entrelaço com os meus. — Você é tão forte, Aron. Você só não reconheceu ainda. — Beijo sua cicatriz, sua garganta. — Mas eu vejo isso claramente.

— Obrigado. — ele sussurra, fechando os olhos enquanto eu provo sua pele. Então ele inclina minha cabeça e me beija profundamente, me colocando em chamas. Sua mão desliza pelo meu lado e pelas minhas costas, e eu coloco a minha perna sobre a dele, tão cheia de necessidade que sinto que vou sair como um foguete se ele me tocar no lugar certo. Seus dedos estão ansiosos enquanto se arrastam ao longo da borda do meu sutiã, e quando me pressiono mais perto, posso sentir o quanto ele me quer. Mas, como já fez tantas vezes antes, ele desacelera depois de alguns minutos, recua com um suspiro, e esse é o sinal. Hoje não. Agora não. Não está pronto para confiar em si mesmo. Não está pronto para me dar tudo dele.

E está tudo bem. Eu posso esperar, mesmo que doa. Eu coloco minha cabeça em seu peito e ele emaranha seus dedos no meu cabelo, e passamos o resto da tarde assim.

Em Agosto, me formei. Minha mãe e eu voamos para Madison e temos um fim de semana para meninas. É agridoce, me formar sem Frank para me ajudar a colocar o doutorado, e não posso evitar as lágrimas que surgem quando olho para a multidão e desejo que ele estivesse aqui para ver isso. Mas quando saio do palco, me impressiona: eu sou oficialmente a Dra. Nessa Cavenaugh, PhD. Ninguém pode tirar isso de mim, não importa o que aconteça. Eu jogo meus braços para o alto e

deixo sair um grito muito alto, enquanto minha mãe e o resto dos alunos do Dr. Rush gritam e comemoram. A única coisa que teria feito o momento melhor era se Aron estivesse lá.

Então, quando ele me pega no aeroporto, estou mais do que pronta para comemorar. Ele me dá um abraço apertado e um beijo longo, coloca minha bolsa no porta-malas e me leva direto de volta ao seu lugar.

— Nós não estamos saindo? — Eu pergunto conforme ele puxa para a garagem.

— Estou meio cansado. Você se importaria se apenas pedíssemos uma pizza?

— Não. — eu digo, socando uma pequena vibração de decepção. Eu estava esperando que pudéssemos sair, o que não fazemos com muita frequência porque ele administra seu dinheiro com muito cuidado hoje em dia. — Está tudo bem. — E está. Mesmo. Porque eu estarei com ele.

Ele sobe devagar as escadas e segue pelo corredor até ao apartamento, mexendo no celular no bolso. Ele parece tão distraído e está começando a me deixar nervosa. — Você está bem, Aron?

— Hmm? Sim. Eu estou bem. — Ele se atrapalha com as chaves, que balançam alto contra a fechadura na porta. Suas mãos estão tremendo, o que elas sempre fazem, mas parece pior hoje.

— Bebeu água suficiente?

Ele solta uma gargalhada enquanto desliza a chave na fechadura para casa, as mãos subitamente mais firmes. — Sim, Nessa. — Ele desliza o braço em volta de

mim e me beija com força, em seguida, puxa para trás e olha nos meus olhos com um sorriso divertido. — Mas obrigada por cuidar de mim. — Ele abre a porta e me guia para dentro do apartamento escuro, depois acende a luz.

— SURPRESA! — Vem o coro de vozes da sala de estar. Eu olho, minha boca aberta. Há seriamente quarenta pessoas espremidas no apartamento de Aron. Mark. Justin. Lisa e seu marido, Josh. Carol e várias outras enfermeiras onco. Phaedra e dois dos meus outros supervisores. Joanna Feldman e alguns outros assistentes com quem trabalhei este ano. Pelo menos uma dúzia de residentes - incluindo Samuel Kimble juntamente com especialistas em vida infantil e assistentes sociais que estiveram em equipes de tratamento comigo. Minha mãe e meus avós junto com alguns tios e tias. Há um sinal gigante na parede de Aron que diz:

PARABÉNS DRA. CAVENAUGH

— Oh meu Deus. — murmuro, lágrimas ardendo nos meus olhos enquanto os braços de Aron enrolam em volta da minha cintura.

— Eu vou te pegar se você cair. — ele sussurra no meu ouvido quando a música começa.

É uma festa incrível. Todo mundo trouxe um prato para compartilhar, então é como se fosse um banquete eclético. Com champanhe. E um bolo incrível que parece um livro de psicologia empilhado com um diploma enrolado no topo. Eu estou tonta e sorrindo constantemente, tanto que minhas bochechas doem. Tantas

pessoas com quem me importo estão aqui para compartilhar esse sucesso comigo, e eu velejo pela noite com Aron ao meu lado.

— Isso foi parte do que vocês estavam falando naquele dia no restaurante, não foi? — Pergunto a ele enquanto puxamos mais algumas garrafas de champanhe de sua geladeira. Ele não bebe, não com sua medicação, então estamos tentando ter certeza de que tudo está disponível.

— Eu estava tentando convencê-la de que estava à altura da tarefa. — diz ele.

— Ha! Ele estava me dizendo que eu tinha que encontrar uma maneira de conseguir sete pessoas aqui de Cape May. — minha mãe interrompe, colocando as mãos para fora para pegar duas das garrafas. — E que eu tinha que agendar meu voo para poder chegar aqui de Madison sem você saber. Ele foi muito agressivo. — Ela revira os olhos, mas seu sorriso diz que ela aprova. — Comportamento médico típico.

Aron encolhe os ombros, reconhecendo que ela está certa. Eu não o vejo tão feliz ou relaxado há muito tempo. Só isso faz a festa para mim.

Quando tudo começa a diminuir, as pessoas ajudam a limpar, recusando-se a deixar Aron com todo o trabalho, o que agradeço. Dizemos adeus com abraços e *vemo-nos-amanhã*, já que é domingo à noite, e amanhã eu começo meu pós-doutorado. Depois que todo mundo se foi, Aron me leva de volta ao meu apartamento pela Rittenhouse Square, carregando-me pela calçada porque meus pés, como de costume, estão doendo.

Quando chegamos à porta do meu apartamento, coloco minha mão em seu peito, sonolenta, feliz, e desejando aos céus que ele pedisse para entrar. Eu deixo

minha cabeça cair para trás e sorrio para ele. — Posso te dizer o quão incrível você é? — Pergunto.

— Não, você deve manter essas coisas para si mesma. — diz Aron enquanto passa suas juntas na minha bochecha. — Você teve um bom tempo?

— Um momento *incrível.*

— Isso é tudo que eu queria. — Ele coloca a mão em volta da minha nuca e me beija, deslizando a língua na minha boca de uma maneira sensual que me faz gemer. Seu polegar acaricia minha garganta enquanto a outra mão se fecha no meu cabelo. Acende aquele fogo baixo na minha barriga, um que parece estar constantemente latente nos dias de hoje. Eu coloco minhas mãos em seus quadris e tento aproximá-lo, mas ele permanece firme e mantém nossas bocas o ponto principal de contato, deixando o resto de mim à beira da combustão espontânea. Finalmente, ele levanta a cabeça, paixão ardente em seus olhos. Meu coração dispara, esperando por suas próximas palavras, esperando que seja assim, na noite em que ele pergunta se pode ficar. Mas então ele diz: — Até amanhã?

Eu suspiro internamente. — Sim. Te vejo amanhã.

Ele concorda. Me beija mais uma vez. E sai.

Entro no meu apartamento, pronta para bater a cabeça contra a parede. Em vez disso, tomo um longo banho quente, imaginando se devo investir em um vibrador. Estou de pijama e só percebendo que deixei minha bolsa que contém minha escova de dentes no porta-malas de Aron quando a batida chega à porta. Cautelosamente, ando até o olho mágico.

Há um viking no meu corredor. Bem, novamente, ele não está usando uma fantasia, mas parece que saiu de uma das minhas fantasias. E ele está carregando a mala em questão. Eu puxo a porta aberta. — Você voltou.

— Eu voltei. — Ele coloca a mala na minha porta de entrada. — E parece que você está indo para a cama.

— É isso que costumo fazer nas primeiras horas da manhã, quando tenho trabalho no dia seguinte. — Meu coração está batendo muito rápido. — Mas você quer entrar?

— Eu quero, na verdade. — diz ele, mas parece um pouco nervoso. Não tem certeza de si mesmo.

— O que está acontecendo? — Eu pergunto.

— Eu te amo. — ele deixa escapar.

Eu pisco. É a primeira vez que ele fala isso para mim desde Novembro passado. Mas... — Eu sei, Aron.

Suas sobrancelhas sobem. — Você sabe?

— Sim. — eu digo, aquela sensação de admiração e calor florescendo no meu peito. — Eu sinto. O tempo todo. Toda vez que você me toca ou diz meu nome. Toda vez que você se agita sobre meus pés. Quando você me forçou a escrever minha dissertação. Quando você colocou essa carta na minha bagagem. Esta noite, com a festa. Eu sei.

Aron pega minha mão. — Eu nunca parei de te amar. Mas eu não me senti forte ou digno o suficiente para apoiá-la, se isso faz sentido. Você merece muito, Nessa.

Aperto seus dedos. — Mas você me *dá* muito. Mais do que você imagina.

Ele encolhe os ombros, passando o polegar sobre as costas da minha mão. — Não tanto quanto eu quero.

— E quanto é isso? — Eu pergunto. Nós trancamos os olhos.

— Tudo de mim. — diz ele, e então me dá um sorriso tímido. — Cérebro, coração… e corpo. Sem paredes entre nós.

Eu limpo minha garganta. — E... há implicações que devemos discutir? — Porque meu corpo está praticamente pulsando agora que ele está de volta, parecendo mais quente do que é realmente justo, *se oferecendo para mim.*

— Pode haver, dependendo de como você se sente sobre isso. — Ele me puxa contra seu corpo.

— Eu me sinto muito entusiasmada. — eu digo, respirando com força enquanto seus dedos deslizam sob o meu cós.

Esse sorriso perverso aparece. — Então talvez devêssemos negociar os termos de sua rendição.

Eu deslizo minha mão sob sua camisa, sobre oseu abdômen e peito. — Eu diria algo sobre uma barganha difícil, mas isso parece óbvio demais.

Ele ri. E então puxa a camisa pela minha cabeça.

Tudo parece diferente desta vez. Não é frenético. Tomamos nosso tempo despindo um ao outro e subimos na minha cama nus e ansiosos, mas também incertos. Já faz meses desde que fizemos isso, mas parecem anos, como se tivesse acontecido em um mundo distante. O Aron que está aqui agora é diferente. Mais velho, mais triste, mais forte, mesmo que muitas vezes se sinta mal. E eu o amo mais do que o amava então. Eu o amo por quem ele era e por quem ele se tornou, pelo que ele sobreviveu e por todas as coisas que não mudaram nada.

Depois de tantos meses e dias separados, mapeamos um ao outro com a língua, dentes e dedos, até que ficamos tremendo e ofegando. Ele me beija como ele entende 'nós' e aceita. Ele finalmente recupera um pequeno pacote de preservativos do bolso do jeans. — Eu voltei preparado. — ele murmura.

Eu arranco-o da mão dele. — Permita-me. — eu digo, estendendo a mão para ele. E quando termino, ele se deita de costas e me puxa para cima dele. A sensação de seu eixo duro embaixo de mim é quase demais, e quando ele segura meu traseiro e puxa minhas pernas para o lado, eu sussurro: — Por favor, esteja dentro de mim, Aron.

— Eu aceito seus termos. — diz ele, e eu rio, mas termina em um suspiro quando ele encontra a minha abertura e empurra para cima. A sensação é esmagadora, e nós dois paramos por um momento e nos encaramos. O olhar nos olhos de Aron é apenas para mim, como voltar para casa depois de uma batalha longa e dura , alívio, ternura e uma necessidade feroz. Com as mãos no peito dele e as dele nos meus quadris, nos movemos devagar, com força, segurando firme e tremendo. Nenhum de nós olha para o outro lado, porque as paredes se

foram. Eu quero ver tudo, e eu quero que ele veja o que faz comigo, como o nosso atrito me desenrola, como a sensação dele dentro de mim me desmonta. E ele faz, observando meu rosto, inclinando meu corpo, empurrando-se profundamente. Eu caio para frente quando me desfaz e ele me pega, abafando meus gritos de êxtase com seus beijos.

Com meus membros soltos e meu corpo ainda em espasmos ao redor dele, Aron me rola e flexiona seus quadris, prendendo-me no colchão. Minhas pernas se abrem quando ele se dirige para dentro de mim, sacudindo a cama inteira. Eu me apoio contra a parede enquanto ele se entrega ao prazer, enquanto ele se perde em mim. Eu olho para o rosto dele até que sua cabeça cai no meu ombro. Quando ele morde o ponto sensível na base do meu pescoço, eu grito novamente, segurando enquanto solto a parede e coloco minhas unhas na parte inferior das costas. Com um gemido rouco, ele bate em mim e seu corpo fica rígido, e eu grudo contra ele para torcer cada arrepio de sensação de nós dois.

Enquanto ele cai sobre mim, eu o seguro, envolvendo minhas pernas sobre seus quadris, meus braços ao redor de seu pescoço, querendo que este momento seja meu para sempre. Aron volta para suas costas novamente, deitado comigo em seu peito. Suas mãos percorrem minha espinha enquanto seu coração bate forte contra meus seios. — Eu quero isso. — ele diz suavemente. — Todo dia.

— O sexo? Feito.

Ele ri. — Mais do que isso, Nessa. — Seus dedos se espalharam entre o meu pescoço. — Tudo.

— Eu aceito seus termos. — eu respondo, beijando um ponto bem sobre o seu coração, que eu sei que é meu.

— Mas e se eu... — Ele suspira. — Deixa pra lá.

Eu olho para ele. — Posso responder a sua resposta 'e se' com 'eu estarei lá'? Isso seria suficiente?

— Esqueça o suficiente. Temo que seja demais.

Eu subo e beijo sua mandíbula. Ele vai ter que superar isso. Mas então eu lembro que minha mãe me contou como acordar ao lado do meu pai todos os dias o ajudou a confiar um pouco mais. — E se eu respondesse com 'eu estarei com você amanhã' e nós o levaremos dia após dia?

— Isso soa mais realista.

— Ok. — eu digo, apoiando-me em um cotovelo para que meu rosto fique sobre o dele. — Eu te amo, Aron, e estou te oferecendo amanhã. Vamos discutir uma continuação desses termos na época. — Beijo-o, mordiscando de brincadeira seu lábio inferior.

Seus olhos fechados, ele sorri. — Muito bem. Eu te amo, Nessa, e aceito seu amanhã. — Ele abre os olhos e, quando fala de novo, sua voz está cheia de emoção. — E, em troca, darei tudo o que tenho para oferecer, cérebro, coração e corpo.

Lágrimas caem sob minhas pálpebras enquanto eu o beijo, pegando esse presente pelo que é. Eu prometeria a ele todos os meus amanhãs agora se ele me deixasse. Mas *isso*, eu percebo, o voto de um dia de cada vez, é o que temos. Parece mais assustador, porque a ilusão de segurança se foi, mas também parece mais real,

menos sobrecarregada pela pressão de *para sempre*. Nós provamos um ao outro agora, nós tocamos e acariciamos, nós sussurramos nossa adoração, e nos abraçamos hoje. E então, libertados de uma gaiola de nossa própria vida, adormecemos nos braços um do outro.

FIM

Sobre o transtorno bipolar:

O transtorno bipolar, também conhecido como doença maníaco-depressiva, é um transtorno cerebral que causa mudanças incomuns no humor, na energia, nos níveis de atividade e na capacidade de realizar as tarefas do dia-a-dia.

O transtorno bipolar atinge cerca de 4% das pessoas em idade adulta. O número de pessoas diagnosticadas com este quadro pode chegar a 6 milhões de pessoas no Brasil.

Existem quatro tipos básicos de transtorno bipolar. Todos eles envolvem mudanças claras no humor, na energia e nos níveis de atividade. Esses estados de humor variam de períodos de comportamento extremamente "ascendente", exaltado e energizado (conhecido como episódios maníacos) a períodos muito tristes, "baixos" ou sem esperança (conhecidos como episódios depressivos). Os períodos maníacos menos severos são conhecidos como episódios hipomaníacos.

Fonte: https://www.vittude.com/blog/transtorno-bipolar/